



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Qualidade de Vida em Tempos da Pandemia COVID-19:

Casa, Trabalho e Equidade de Gênero

Isabel Luiza de Oliveira Rangel

Brasília

2024



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Qualidade de Vida em Tempos da Pandemia COVID-19:

Casa, Trabalho e Equidade de Gênero

Isabel Luiza de Oliveira Rangel

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,
do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO/UnB)
como requisito parcial para obtenção do título de
mestre.

Professor-Orientador: Dr. Hartmut Günther

Brasília

2024



Qualidade de Vida em Tempos da Pandemia COVID-19:

Casa, Trabalho e Equidade de Gênero

Isabel Luiza de Oliveira Rangel

Dissertação de Mestrado defendida em 8 de fevereiro de 2024 e avaliada
por banca examinadora constituída por:

Prof. Dr. Hartmut Günther

Universidade de Brasília

Presidente

Prof. Dr. Mário César Ferreira

Universidade de Brasília

Membro Titular

Profa. Dra. Ingrid Luiza Neto

Universidade Católica de Brasília

Membro Titular

Profa. Dra. Elaine Rabelo Neiva

Universidade de Brasília

Membro Suplente

*Nenhum sujeito se define imediata e
espontaneamente como o inessencial;
não é o Outro que se definindo define o Um; ele é
posto como Outro pelo Um definindo-se como Um.
Mas para que o Outro não se transforme no Um é
preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio.
De onde vem essa submissão na mulher?*

*(...) No momento em que as mulheres começam a
tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo
é ainda um mundo que pertence aos homens.*

Eles bem o sabem, elas mal duvidam.

*(...) O drama da mulher é esse conflito entre a
reivindicação fundamental de todo sujeito que se
põe sempre como o essencial e as exigências de
uma situação que a constitui como inessencial.*

*Como pode realizar-se um ser humano dentro da
condição feminina? Que caminhos lhe são
abertos?*

*(...) Poucas tarefas são mais parecidas com a
tortura de Sísifo do que o trabalho doméstico, com
sua repetição sem fim: a limpeza se torna sujeira,
a sujeira é limpeza, uma e outra vez, dia após dia.
A dona de casa se desgasta com o passar do
tempo: ela não faz nada, apenas perpetua o
presente. Comendo, dormindo, limpando..., os
anos já não se levantam para o céu, eles se
espalham adiante, cinzas e idênticos. A batalha
contra a poeira e a sujeira nunca é vencida.*

Simone de Beauvoir

*Digam ao povo brasileiro,
que meu sonho era ser escritora.
Mas eu não tinha dinheiro, para pagar a editora.
(...) Eu não entrei no mundo pela sala de visitas.
Entre pelo quintal.*

Carolina Maria de Jesus

Agradecimentos

Ser genuinamente grato nos blinda com humildade e contentamento. A oportunidade de reconhecer e a escolha de retribuir à Vida e às pessoas todo amor que recebemos é, na nossa visão, o melhor caminho para compartilharmos ciclos de graça e abundância, um catalisador da plenitude.

Ao meu Deus. Pelo dom da vida, porque em Ti está o manancial da vida.

Ao meu filho. Pelo amor incondicional. E por dar sentido à minha vida.

À família De-Oliveira-Rangel. Pelo porto seguro de sempre, que me transborda com coragem para ir e motivos para voltar.

Aos meus amigos. Pelo companheirismo e ajuda-mútua durante essa jornada pessoal, profissional e acadêmica.

À Ciência. Pela saúde, completo e complexo compromisso de bem-estar físico, mental e social. Pela sistematização do caminho entre as perguntas e as respostas das mentes inquietas que viabilizam o progresso através dos anos.

Aos participantes dessa pesquisa. Pelo tempo dedicado em meio às demandas de uma crise pandêmica e pelos aprendizados compartilhados em cada interação.

Ao meu orientador. Pela confiança no meu potencial e humanidade de seu acolhimento. Pela flexibilidade na escolha do tema em meio aos desafios da pandemia. E pelas (muitas) reflexões.

À equipe do Laboratório de Psicologia Ambiental. Pelas ideias, confraternizações e revisões acadêmicas. Por serem suporte e certeza de que nada se faz só, por compartilharem apreensões e fôlego de desenvolvimento.

À Universidade de Brasília (UnB). Pelos alunos de Psicologia Ambiental que me fizeram descobrir a professora que habita em mim. E, em especial, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO/UnB). Pela dedicação, disponibilidade e excelência dos professores em meio às aulas remotas. Pela troca virtual constante de informações com os colegas de mestrado, cada um com a sua pesquisa única, mas, todos unidos pelo sonho comum de avançar na trajetória acadêmica. Pela secretaria do programa em seus direcionamentos e por todos os seus colaboradores.

Dedicatória

Admiração. À memória da minha avó e heroína Maria Antonieta, matriarca doce, feroz e incansável em sua sabedoria de vida, por sua força e escolhas que me conduziram e impulsionaram a ser como sou.

Reconhecimento. À Edina, por ser meu pilar e farol, por todo trabalho invisível e por cada momento de dedicação que viabilizaram concluirmos essa etapa.

Gratidão. Ao Irineu, por me ensinar o caminho do amor e da justiça.

Carinho. Ao Thiago, pelo suporte para o que der e vier, pelos sorrisos e incentivo contumaz.

Inspiração. À Débora, pela garra, pelo exemplo acadêmico e por todo crescimento compartilhado.

Afeto. Ao Daniel Rangel, pelo amor verdadeiro. Para que tenha a clareza, a liberdade nas opções e escolha seus próprios caminhos na educação, no trabalho e em todas as relações da vida.

Ternura. À Maria Luiza, pela leveza e alegria vívida que desperta para as inúmeras possibilidades de um futuro pleno.

Sumário

1. Resumo	13
2. Abstract	14
3. Qualidade de Vida em Tempos da Pandemia COVID-19: Casa, Trabalho e Equidade de Gênero	15
3.1 Advento da Pandemia SARS-COV-2: Breve Histórico	22
3.2 Efeitos da Pandemia na Sociedade	26
3.3 O Espaço de Vida Doméstico em Função da Pandemia	37
4. Referencial Teórico	44
4.1 As Relações Pessoa-Ambiente	44
4.2 Qualidade de Vida e Qualidade de Vida no Teletrabalho	54
4.3 Equidade e a Posição da Mulher	58
5. Objetivos da Pesquisa	73
5.1 Objetivo Geral	73
5.2 Objetivos Específicos	73
5.3 Considerações Éticas	74
6. Estudo 1: Relação entre Qualidade de Vida, Satisfação com a Vida e Qualidade de Vida no Teletrabalho	75
6.1 Método	75
6.1.1 Participantes	75
6.1.2 Instrumentos	75
6.1.2.1 Escala Breve de Qualidade de Vida da OMS (WHOQOL_BREF 26)	76
6.1.2.2 Escala de Satisfação com a Vida (Satisfaction with Life Scale; SWLS)	76
6.1.2.3 Escala de Qualidade de Vida no Teletrabalho (QVT)	76
6.1.2.4 Informações Sócio Demográficas	77
6.1.3 Procedimentos	77

6.2 Resultados	79
6.3 Discussão	83
7. Estudo 2: Redistribuição das Tarefas Domésticas	86
7.1 Método	86
7.1.1 Participantes	86
7.1.1.1 Pré-Análise	86
7.1.2 Instrumentos	87
7.1.3 Procedimentos	88
7.2 Resultados	89
7.2.1 Sistematização dos Resultados	89
7.2.1.1 Categoria I - Doméstico e Laboral no Mesmo Lugar: Reordenação do Ambiente	91
7.2.1.2 Categoria II – Percepção de Equidade nas Práticas Laborais Domésticas	101
7.2.1.3 Categoria III – Modificações na Dinâmica do Núcleo Familiar vs. Diferentes Significados de Qualidade de Vida	113
7.2.1.4 Relação Entre as Categorias I, II e III	128
7.3 Discussão	128
7.3.1 Categoria I - Doméstico e Laboral no Mesmo Lugar: Reordenação do Ambiente	128
7.3.2 Categoria II - Percepção de Equidade nas Práticas Laborais Domésticas	129
7.3.3 Categoria III - Modificações na Dinâmica do Núcleo Familiar vs. Diferentes Significados de Qualidade de Vida	133
7.3.4 Discussão das Categorias	137
8. Estudo 3: Modificações na Dinâmica dos Núcleos Familiares	143
8.1 Método	143
8.1.1 Procedimentos	143
8.1.2 Análise dos Dados	143
8.2 Resultados	145

8.2.1 Resultados Quantitativos das Temáticas	148
8.3 Discussão	149
8.3.1 Aspectos Gerais por Dimensão	153
9. Estudo 4: Estudo de Caso	176
9.1 Método	176
9.1.1 Procedimentos	176
9.1.2 Análise dos Dados	177
9.2 Resultados	177
9.2.1 Seleção da entrevista para o Estudo de Caso	177
9.2.2 Análise da Entrevista com base nas Temáticas Centrais	179
9.3 Discussão	184
10. Discussão Geral	190
11. Considerações Finais	202
Sugestões de Novas Pesquisas	203
12. Referências	205
13. Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	223
14. Anexo B – Instrumentos	225
Escala de Satisfação com a Vida – Brazilian-Portuguese Version of the Satisfaction With Life Scale (SWLS-BP)	225
Escala Breve de Qualidade de Vida (WHOQOL-BREF)	225
Escala de Qualidade de Vida no Teletrabalho (QVT)	228
Roteiro Entrevista Semiestruturada	230
15. Anexo C – Análise Fatorial Confirmatória	233
16. Anexo D – Recortes Contextuais das Entrevistas	235
Categoria I - Doméstico e Laboral no Mesmo Lugar: Reordenação do Ambiente	235
Perda da Privacidade	235

<i>Adequação da Infraestrutura</i> _____	236
Categoria II – Percepção de Equidade nas Práticas Laborais Domésticas _____	241
<i>Aumento na Demanda Doméstica</i> _____	241
<i>Doméstico Ainda é Inato e Predominantemente do Feminino: Não Participação pelo Masculino do Espaço Doméstico</i> _____	245
<i>Aporte Financeiro vs. Atividades Domésticas</i> _____	253
Categoria III – Modificações na Dinâmica do Núcleo Familiar vs. Diferentes Significados de Qualidade de Vida _____	255
<i>Impactos Positivos e Negativos da Pandemia</i> _____	255
<i>Aprendizados em Relacionamentos</i> _____	266
<i>Qualidade De Vida: Aspecto Físico (Saúde e Bem-Estar), Aspecto Relacional (Família e Laços Sociais – Trabalho/Amigos) e Aspecto Ambiental (Infraestrutura e Segurança)</i> _____	271
<i>Investimento em Si Mesmo</i> _____	272
<i>Mudanças para o Pós-Pandemia</i> _____	273

Lista de Figuras

Modelo proposto para regressão múltipla.....	79
Gráfico de perfis para WHOQOL.....	81
Gráfico de perfis para QVT	82
Ambiente de trabalho no quarto de dormir.....	92
Ambiente de trabalho em apartamento tipo kitnet.....	93
Ambiente de trabalho na sala de estar	94
Ambiente de trabalho no estúdio de música	96
Ambiente de trabalho compartilhado com ateliê de costura	97
Ambiente de trabalho com baixa luminosidade	98
Ambiente de trabalho em adaptação.....	100
Adequação da infraestrutura e aumento na demanda doméstica, necessidade de três ambientes de trabalho distintos em casa.....	102
Ambiente de teletrabalho da esposa na sala de jantar, do marido no quarto de serviço e ambiente projetado para estudos da filha	103
Ambiente de trabalho no espaço dos animais domésticos.....	105
Brinquedos embaixo da mesa, local onde a filha costuma ficar enquanto a participante trabalha ...	108
Ambiente de trabalho móvel, alternado com a esposa entre o vão da escada e o cômodo fechado	116
Elementos da vida pessoal e profissional compartilham o mesmo ambiente físico.....	119
Ambiente de trabalho compartilhado no quarto de dormir customizado para jogos	121
Ambiente de trabalho “encaixado” entre a cama e o armário	122
Alteração/adequação de ambiente provisório para “um novo provisório” devido à extensão do prazo em teletrabalho e barulho externo	123
Etapas de reforma para adequação ao ambiente de teletrabalho no quarto de dormir.....	126
Ambiente de teletrabalho do marido (a direita) e da esposa (a esquerda), no vão entre o quarto de dormir do casal e o quarto do bebê.....	178

Lista de Tabelas

Matriz de correlações de Pearson entre as variáveis de interesse.....	80
Matriz de correlações de Pearson entre as variáveis de interesse para sexo	80
Resultados da regressão linear múltipla.	81
Síntese da frequência total, por sexo e suas especificidades para categorias e subcategorias de análise	90
Matriz da frequência de participantes que apresentaram relatos em múltiplas subcategorias.....	91
Comparação dos escores da amostra com os entrevistados exemplificados na Categoria I	101
Comparação dos escores da amostra com os entrevistados exemplificados na Categoria II	113
Comparação dos escores da amostra com os entrevistados exemplificados na Categoria III	127
Média e desvio-padrão das 11 subcategorias nas variáveis quantitativas	144
Matriz de cruzamento das subcategorias selecionadas para análise.....	145
Média e desvio-padrão para os dados quantitativos de cada domínio (fusão de duas subcategorias)	148

1. Resumo

A adesão ao teletrabalho acelerada pela pandemia COVID-19 impactou sobremaneira a relação casa-trabalho e lançou luz sobre relações de poder na família e o papel das mulheres frente à invisibilidade do trabalho doméstico. Com o objetivo de identificar os principais impactos da pandemia no cotidiano de trabalhadores, baseada na associação entre níveis de satisfação com a vida (SWLS) e de qualidade de vida (WHOQOL-Bref) e a percepção de equidade nas práticas laborais domésticas, a pesquisa trata da equidade (ou sua falta) nas relações familiares. No Estudo 1 realizamos análise quantitativa das escalas SWLS, WHOQOL-Bref e Qualidade de Vida no Teletrabalho (QVT): Análise Fatorial Confirmatória, Análise de Correlação, Análise de Regressão Múltipla e Análise de Perfil por sexo. No Estudo 2 realizamos análise de conteúdo por Laurence Bardin para entrevistas semiestruturadas. No Estudo 3 integramos as análises quantitativa e qualitativa em temáticas (Privacidade, Infraestrutura, Demanda Doméstica, Impactos da Pandemia, Conflitos em contexto familiar, Qualidade de Vida e Perspectivas de Futuro) e estudo de caso. Os principais impactos da pandemia no cotidiano de trabalhadores estão relacionados à fusão da vida pessoal e profissional no ambiente doméstico, aumento na demanda doméstica, perda de privacidade, adequação da infraestrutura, impactos na saúde mental e consolidação do teletrabalho. A maioria das mulheres e homens entrevistados não atenta à equidade na repartição de tarefas cotidianas embora haja equidade em seus discursos. Reforçamos a relevância da promoção da igualdade de gênero, atenção à saúde mental, às adequações nos ambientes doméstico-laborais e demais implicações da consolidação do teletrabalho.

Palavras-chave: teletrabalho; ambiente domiciliar; perspectiva de gênero; equidade

2. Abstract

The adoption of teleworking accelerated by the COVID-19 pandemic had a major impact on the home-work relationship and shed light on power relations in the family and the role of women in the face of the invisibility of domestic work. With the aim of identifying the main impacts of the pandemic on the daily lives of workers based on the association between levels of satisfaction with life (SWLS) and quality of life (WHOQOL-Bref) and the perception of equity in domestic work practices, the research deals with equity (or lack thereof) in family relationships. In Study 1, we carried out a quantitative analysis of the SWLS, WHOQOL-Bref and Quality of Life in Teleworking (QWL) scales: Confirmatory Factor Analysis, Correlation Analysis, Multiple Regression Analysis and Profile Analysis by sex. In Study 2 we performed content analysis by Laurence Bardin for semi-structured interviews. In Study 3, we integrated quantitative and qualitative analyses into themes (Privacy, Infrastructure, Domestic Demand, Impacts of the Pandemic, Conflicts in the family context, Quality of Life and Future Perspectives) and case study. The main impacts of the pandemic on workers' daily lives are related to the merger of personal and professional life in the home environment, increased domestic demand, loss of privacy, infrastructure adequacy, impacts on mental health and consolidation of teleworking. The majority of women and men interviewed do not pay attention to equity in the distribution of daily tasks, although there is equity in their discourses. We reinforce the relevance of promoting gender equity, attention to mental health, adjustments in home-work environments and other implications of consolidating teleworking.

Keywords: teleworking; home environment; gender perspective; equity

3. Qualidade de Vida em Tempos da Pandemia COVID-19: Casa, Trabalho e Equidade de Gênero

Tempo e espaço condicionam a existência humana, sendo cada pessoa necessariamente um ator social em um dado ambiente. Na trama entre indivíduos e cenários físicos (objeto de estudo da Psicologia Ambiental), trocas recíprocas modificam ambiente, comportamento e experiência, de maneira paralela e inter-relacionada (Günther, 2003; Günther & Rozestraten, 1993).

Os cenários físicos mundialmente experienciam os efeitos de uma emergência em saúde pública global, vivenciada a datar de março de 2020, o novo coronavírus (Organização Pan-Americana da Saúde [OPAS], n.d.). Um vírus de elevado grau de contágio e potencial letalidade levou a Organização Mundial de Saúde (OMS) a decretar uma pandemia e, a fim de conter a propagação do vírus, autoridades sanitárias e cientistas recomendaram as práticas de isolamento e distanciamento social (Conselho Nacional de Saúde, 2020). Com isso, houve intensa e abrupta alteração no comportamento e experiência dos indivíduos que, por conseguinte ao diferente cenário social, tiveram que alterar seus ambientes físicos para darem conta de novas demandas.

A prática de medidas restritivas como toque de recolher e *lockdown*, e, fatores como o temor do contágio próprio ou de entes queridos pelo vírus SARS-CoV-2 implicaram em reclusão nos lares. Acrescenta-se à limitação da operacionalização do direito de ir e vir, o confinamento e aglutinação no ambiente doméstico. O lar, dito “refúgio” ou “abrigo inviolável”, recebeu as atividades de descanso, trabalho/estudo e lazer por todos os membros de um mesmo núcleo familiar.

Um inimigo comum a toda humanidade se apresenta e, ao invés de ser debelado cara a cara, obriga a todos a recuarem e esconderem-se em casa. As mudanças aceleradas pela pandemia no âmbito da moradia redimensionaram questões sociais, espaciais e temporais da díade habitação-trabalho como a incorporação do trabalho remoto. Houve a ruptura da diferenciação entre jornada de trabalho e tempo de lazer ou descanso enquanto a função mobilidade foi (ainda que provisoriamente) restrita pelo isolamento social para a conter a propagação do vírus. Assim, houve

uma significativa e abrupta reorganização da experiência de vida, impactando até mesmo nas funções básicas da cidade.

Se por um lado a sociedade experienciava o isolamento social enquanto alternativa para conter a disseminação da pandemia, por outro, a necessidade de evitar um colapso na economia fez com que governantes e empreendedores passassem a garantir somente trabalhadores essenciais nas ruas e trabalho remoto aos demais. A dualidade posta forçou trabalhadores a adaptarem-se às exigências de aumento na produção enquanto justificativa para permanência em casa. Não foram poucos os que perderam seus empregos ou tiveram que se reinventar nesse processo brusco e de adaptação imposta. Em que pesem os auxílios assistencialistas do governo brasileiro, muitas vezes, para os menos favorecidos, a escolha foi entre o risco de morrer pela pandemia ou a consequência de ver a família em casa morrer de fome. Observa-se que, quanto à atual relação capital-trabalho, o uso de aparatos tecnológicos objetiva comprimir cada vez mais o tempo e as distâncias. Assim, corrobora o aumento da produção (e consumo), para contemplar as necessidades do sistema econômico vigente, que, em circunstâncias de isolamento social enquanto sobrevivência, imprimiu práxis dicotômicas entre postos de trabalho demandados economicamente em detrimento das necessidades sociais (Silveira et al., 2020).

De modo a prevenir o SARS-CoV-2, atribuições e demandas foram acrescentadas ao ambiente doméstico em um curto espaço de tempo. Tal ambiente, até então, era utilizado majoritariamente como sinônimo de dormitório para muitas famílias. O tempo que as pessoas ficavam juntas no ambiente doméstico também foi ampliado, intensificando o convívio de moradores de um mesmo lar, uma vez que as medidas restritivas alcançaram a todos: crianças em idade escolar, universitários, trabalhadores de atividades com possibilidade de desempenho remoto ou não, idosos, entre outros.

Todos em casa, ao mesmo tempo e sem qualquer previsão de saída. A densidade das residências (medida objetiva do número de pessoas por unidade de espaço) evidenciou nesse contexto o abismo social entre as classes, que varia de intenso apinhamento nas comunidades

carentes a relativo conforto espacial intramuros nas zonas nobres. Ou seja, em escala maior ou menor, a sociedade como um todo teve que se reconstruir frente ao novo cenário imposto.

A materialização da ideologia predominante no construto “Fique em casa” (Spink, 2020), corroborou a ideia de que as demandas da cidade terão que ser resolvidas alicerçadas na casa. O slogan “evite aglomerações, fique em casa” foi pertinente e comum no início da pandemia, com a intenção de apontar às pessoas o risco e necessidade de evitarem o sentimento interno de estresse e a motivação para deixar um contexto subjetivamente percebido como denso, além do carecimento da população permanecer na segurança de suas casas. O que se observou foi a priorização da estadia no espaço privado em detrimento do público, com vistas à contenção da propagação/disseminação do vírus, e, por conseguinte, o reforço do isolamento intrafamiliar que também se expressou na translocação de algumas funções da cidade ao ambiente intramuros: a casa.

As restrições impostas à mobilidade impeliram a uma migração massiva de atividades e práticas rotineiras para o ambiente virtual, como diversão e trabalho, aumentando o acesso a plataformas de streaming e a prática de teletrabalho, *home office* ou *anywhere office*. Nesse sentido, em tais plataformas a tecnologia tanto é uma aliada na transmissão do conteúdo de entretenimento como beneficia os trabalhadores que mantiveram seus empregos apesar das restrições de circulação, por realizarem suas atividades remotamente de suas casas.

A casa, que era sinônimo de habitação, em tempos pandêmicos e de circulação estreitada, assumiu também as funcionalidades de trabalho e recreação, conceitos funcionais da cidade (Günther & Günther, 2018; Oliveira & Melnick, 2017). Tal como a funcionalidade das cidades extrapola os aspectos arquitetônicos e urbanísticos, englobando em sua essência indubitavelmente aspectos correlatos ao bem-estar dos cidadãos, ao refletir sobre essa habitação que está recebendo o novo papel advindo do contexto pandêmico, é impossível não considerar a qualidade de vida dos familiares e demais integrantes do núcleo familiar, que estão imersos em um novo contexto de desafios.

Não se podia imaginar que um fenômeno sem precedentes como a pandemia deixaria as pessoas ainda mais conectadas. As pessoas foram impelidas à conexão de dentro de suas casas, pois, muitas vezes era a única forma de contato com a vida lá fora, por uma questão de sobrevivência. Pode-se dizer que o mundo experienciou crises dentro da crise já que além da tensão e sobressalto típicos da circunstância de agravo sanitário, as pessoas também estiveram preocupadas com o acúmulo de papéis das suas casas. Tais funções tangenciam aspectos como mobilidade (restrições, sobrevivência e segurança intramuros), entretenimento (até as áreas de lazer dos condomínios precisaram ser fechadas), trabalho (de um dia pra outro, muitos perderam seus empregos, tiveram suas jornadas reduzidas ou iniciaram adaptações em suas casas para jornadas integrais em *home-office*) e a própria função “habitação” (abrigo para todos os moradores em convívio ininterrupto nas 24h do dia). Assim, a problemática ora apresentada permite inferir que, além da vivência em tempos pandêmicos carecer de um olhar atento em termos de saúde física e mental, devido a forma abrupta e sem precedentes com que se instalou, a pandemia de COVID-19 impôs novos papéis à vivência domiciliar e ao ambiente doméstico, requerendo, portanto, novos cuidados no trato quanto à obrigatoriedade de interações mais próximas e prolongadas entre familiares que por vezes só conviviam parcialmente à noite, a suspensão do direito de ir e vir pela cidade, a entrada do escritório/escola em casa e/ou alteração na duração da jornada laboral e direito à desconexão, afastamento de profissionais de apoio como diaristas e babás, tudo isso em um cenário de medo do contágio e incertezas inúmeras quanto ao futuro. Por outro lado, foram elencados benefícios como as horas de deslocamento/trânsito economizadas e a possibilidade de passar mais tempo de qualidade com a família. Vale, portanto, a reflexão acerca das percepções sobre a qualidade de vida e satisfação com a vida em tal contexto.

Análises preliminares apontam alteração da relação entre o controle de acesso a si ou a seu grupo, a privacidade (Cavalcante & Pinheiro, 2018), e o espaço pessoal (Sommer, 2018), que fisicamente circunda e acompanha a pessoa na medida dos seus deslocamentos. Ao espaço pessoal foi, há algum tempo, adicionada uma nova “célula”, o celular (e suas câmeras), que em seu fluxo

contínuo de informações provenientes e remetidas via Internet delinea novas possibilidades a cada instante, seja no entorno imediato seja em escala global, o que pode ocorrer sem total aquiescência de seu usuário. Somada à conectividade irrestrita do celular, o notebook pessoal tornou-se a parte móvel de escritórios, havendo um estreitamento ainda maior dos limites cada vez mais tênues entre espaço de trabalho e espaço total de vida. Na maioria das vezes foi demandada tal entrada de trabalho e/ou estudo nas residências e, como consequência, houve a necessidade de adequação espacial, por vezes com reorganização de mobiliário para criação de um ambiente propício ao desenvolvimento de tais atividades laborais ou estudantis, o que levou a novas demarcações de território (Higuchi & Theodorovitz, 2018).

Soma-se a isto a problemática imbricada na questão dos transportes públicos. Houve redução nas frotas em meio a pandemia, com ampla divulgação na mídia das taxas de deslocamento, objetivando reduzir a circulação pelas ruas. Assim, a própria possibilidade de se movimentar acabou restrita e a aceitação de um transporte compartilhado implicava alto risco de contágio pelo aumento da densidade e a redução do espaço pessoal na viagem em coletivos lotados, menor privacidade já que não se tinha controle sobre a quantidade e tipo de contato que seriam encontrados durante o trajeto, e, o não controle quanto ao próprio território em meios de transporte públicos.

Também o lazer sustenta, adicionado à tríade habitação-trabalho-mobilidade, o quadripé das funções básicas das cidades, conforme preconizado pela Carta de Atenas de 1933, e, é inerente à vida de todos. O isolamento social intensificou por meio da tecnologia formas de lazer como jogos online, visitas online a museus ao redor do mundo, amplo consumo de conteúdos de streaming, e *lives-show*.

A perda do controle seletivo da aproximação a si mesmo ou ao seu clã, isto é, perda da privacidade, materializou nesse momento de isolamento/distanciamento e profusão de múltiplos estímulos advindos da Internet, um antagônico aumento da sensação de densidade real ou percebida. “Fique em casa”, mais do que mobilidade reduzida, diz respeito a redefinições de espaço, provocando novas ordem e/ou desordens nos contextos de lazer, habitação, trabalho e circulação. O

que, conseqüentemente, denota uma infinidade de fenômenos sociais em rearranjo, incluindo os próprios eixos precípuos ao indivíduo, da percepção de qualidade de vida, satisfação com a vida e equidade, na dinâmica dos núcleos familiares.

Distanciamento e isolamento social impostos pela pandemia condicionaram alterações no modo de viver das pessoas e na forma como essas avaliavam suas experiências de vida. Pode-se destacar que, em termos práticos, a satisfação com a vida costuma ser um indicador de avaliação dos conceitos de bem-estar, saúde e qualidade de vida, que, apesar de não serem sinônimos, podem ser elencados sob um mesmo guarda-chuva. Nesse sentido, já em 1986, a Carta de Ottawa marcava o início de um movimento de saúde pública mundial. Entre seus campos de ação destaca-se a criação de ambientes favoráveis à saúde. Identificar fatores subjetivos e objetivos que determinam o bem-estar também subsidia a elaboração de políticas públicas bem como a compreensão de suas conseqüências (Bittencourt et al., 2018).

O isolamento social não se restringiu a pessoas ficarem dentro de suas casas, antes porém, limitou o acesso ao espaço urbano (espaço público), abrindo possibilidade para questionamentos acerca de que infraestrutura citadina é disponibilizada e a quem. Observa-se que o exíguo convívio social público (sem o consumo como impulsionador) está a cada dia mais raro, ficando as casas muradas e gradeadas ou famílias associam-se cercadas em condomínios fechados (espaços privados). Assim como há infraestrutura privada para alguns, há carência para outros tantos. Durante a pandemia, muitos foram impelidos ao espaço público pela falta de infraestrutura própria ou até mesmo pela necessidade de desempenhar atividades presenciais como entregadores e profissionais de saúde.

Nesse sentido, as condições de moradia podem se tornar pré-requisitos para conquista ou manutenção de vínculos empregatícios e impactar as condições de qualidade de vida da camada assalariada da população. Torna-se difícil dissociar os modos de trabalho e formas de moradia, imbricados no mesmo espaço físico vital e colaborando em uníssono para o aumento da produção, a despeito da saúde do trabalhador envolvido. Se por um lado a pandemia descortinou as nuances da

desigualdade social, por outro lado foi igualitária quanto às necessidades de adoção de medidas restritivas visando a sobrevivência.

Todo ser é um ser relacional que se vincula a uma dada rede de conexões que viabilizam sua sobrevivência. Em tal contexto de propagação fora de controle de um vírus potencialmente letal, foi inegável que as redes se tornaram incompletas pois algum ente ou conhecido pode não ter resistido ao ser acometido pela doença. Impossível passar imune ao luto coletivo experienciado e ao medo vinculado: de contágio, de falta de disponibilidade de leitos em hospitais com ou sem plano privado de saúde, de inaccessos a bens essenciais para alimentação, medicamentos, transporte. Assim, a necessidade de ações para contenção da mobilidade social como as recomendações e/ou determinações de isolamento social com algum tipo de restrição de circulação ou acesso a serviços foi uma realidade imposta ao mundo inteiro, mas, certamente percebida e elaborada de maneiras distintas nos diferentes contextos culturais. Em uma cultura latina, com frequentes trocas físicas como apertos de mão, abraços e beijos, a percepção de distanciamento físico pode concentrar sensações de aprisionamento e tristeza já que nem mesmo os sorrisos podem ser vistos devido ao tecido duplo das máscaras. Além do risco de adoecimento físico, o período foi caracterizado por sofrimento e angústia, o que pode alterar as percepções de satisfação com a vida e qualidade de vida do indivíduo.

A díade saúde-doença é complexa, imbricada por múltiplos fatores e com um forte componente social, podendo ser qualificada pelas relações dos seres humanos com a natureza (habitat) e com outros seres humanos (por meio do trabalho e das relações sociais, culturais e políticas) em determinado espaço e tempo. Enquanto direito fundamental assegurado pela Constituição, a saúde supera o reducionismo de ausência de doença e firma-se no rol de deveres do Estado brasileiro. Durante a pandemia, no entanto, além de constatar-se a precariedade do serviço de saúde corroborando uma situação que beirou o caos com a falta de estrutura mínima para o seu enfrentamento, houve um cenário de comprometimento da saúde mental da sociedade como um todo, devido às pressões mentais experienciadas coletivamente. Ou seja, houve uma crise dentro da

crise, que, para além da fragilidade física chegando ao ápice da falta de oxigênio para pacientes intubados em hospitais, também foi acirrada a questão da sobrecarga mental que englobou a pandemia como um todo, por ser um evento grave que impeliu ao estado de alerta contínuo, devido às restrições severas de mobilidade ou reclusão nos lares, a vivência do luto coletivo, a reorganização sócio espacial dos lares passando a comportar todos os membros da família e sem o apoio costumaz dos serviços de faxineiras, babás e auxiliares em geral. A não observância das recomendações de isolamento e distanciamento, trouxe riscos tanto para patrões quanto para empregados. E, tal demanda de serviços domésticos, antes terceirizados, foi repentinamente imposta aos “donos” da casa, que, também precisavam de individualidade, além de trabalharem, além de supervisionarem a escola das crianças, além de provisionarem alimentos, medicamentos e todo aparato básico de subsistência em meio ao caos intramuros (e extramuros) que de repente se instalou.

Soma-se ao rearranjo das tarefas do espaço casa, impulsionado pela pandemia, o predomínio cultural da responsabilização do feminino pelo doméstico. Assim, evidencia-se a relevância de estudos que, tal como este, se proponham a produzir conhecimento sobre a diáde percepção de equidade nas práticas laborais domésticas e satisfação com a vida no período pandêmico.

3.1 Advento da Pandemia SARS-COV-2: Breve Histórico

O mundo inteiro experiencia os efeitos de uma emergência em saúde pública global vivenciada a começar em dezembro de 2019, quando, na cidade chinesa de Wuhan, foram relatados casos humanos de COVID-19. Grande parte dos primeiros casos da doença coronavírus, causada por SARS-CoV-2, foram hipoteticamente originados e disseminados a começar do Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Huanan tanto por serem diagnosticados primeiramente em funcionários do mercado, proprietários de barracas ou frequentadores regulares do estabelecimento como por amostras ambientais de tal local terem testado positivo, o que levou ao fechamento do mercado para limpeza e desinfecção no início de janeiro de 2020 (Qiu, 2022).

Em 30 de janeiro já havia casos em 19 países e a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que o surto da doença constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância

Internacional (ESPII), o que está previsto no Regulamento Sanitário Internacional como mais alto nível de alerta da Organização. Devido à existência de surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo, em 11 de março de 2020 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia (OPAS, n.d.).

No Brasil, em 07 de fevereiro de 2020 foi publicada a Lei 13.979 (2020), que, ficaria vigente enquanto perdurasse o estado de emergência internacional pelo coronavírus responsável pelo surto de 2019, prevendo regras de isolamento, quarentena e fechamento de portos, rodovias e aeroportos para entrada e saída do país. Foi registrado em 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo, o primeiro caso importado por um morador que havia viajado à trabalho para região da Lombardia na Itália no período de 9 a 21 de fevereiro (Ascom SE/UNA-SUS, 2020).

Não havia tratamento para a doença e novos casos surgiam espalhando-se pelo território nacional, evidenciando a precariedade do sistema de saúde. Então, no final do mês de março de 2020, as autoridades sanitárias brasileiras, optaram por adotar paulatinamente o distanciamento social. Tal medida foi descentralizada, ocorrendo de maneira não uniforme nas regiões do país, municípios e estados, mas, consolidando restrições de acesso a estabelecimentos e serviços. As tarefas relacionadas às atividades funcionais de empregados da rede pública e privada, em sua maioria, foram abruptamente remodeladas para execução remota, baseando-se em suas casas, local onde todos foram orientados a permanecer. Assim, surgiu um “novo normal” com novos cenários (falta de vagas em hospitais das redes pública e privada, falta de respiradores/oxigênio, escolha entre vida e morte), novas palavras típicas (*lockdown*, máscaras n95, intubação, isolamento e distanciamento seguro, entre outras) e novos hábitos (amplo acesso a frascos de álcool em gel para higienização das mãos, compras prioritariamente por aplicativos/sites na internet com higienização de sacolas e pacotes, troca de roupas e sapatos ao entrar/sair de casa, mudança de paradigma de visitação/socialização).

Mesmo diante de tal cenário, os números de casos (e óbitos) foram crescentes a cada dia dos longos meses que se seguiram. De maneira a conter a propagação do vírus e prover o “achatamento da curva” de pico de incidência da doença, a medida recomendada foi a de uso de máscara facial

cobrindo boca e nariz, e, distanciamento social mínimo de 1,5m de distância entre pessoas, além de isolamento social total para todos os trabalhadores não-essenciais, estudantes e idosos, ou seja, isolamento da grande maioria da população (Conselho Nacional de Secretários de Saúde et al., 2020). Não houve a aplicação de testes em massa no Brasil, protocolo bem-sucedido na identificação, rastreamento e isolamento específico de casos confirmado em outros países. E, por conta da pulverização da decisão quanto a abertura/fechamento das ruas no país, os estados e cidades tiveram políticas de restrição diferentes conforme a doença se agravava ou retroagia em cada localidade, o que minimizou o impacto econômico de um possível *lockdown* integral de todo país por um período ora inespecífico e maior que o esperado.

Nesse novo contexto, houve a reorganização das funções da casa, do trabalho e do lazer no cotidiano das pessoas dada a interrupção na mobilidade, então, novos hábitos formaram-se gradativamente constituindo o chamado “novo normal”: trabalho, diversão, educação e convívio familiar simultâneos no ambiente único de convivência doméstica, durante um quadro social, econômico e sanitário nefasto no Brasil e no mundo. O impacto econômico levou muitos trabalhadores a perderem seus empregos, outros tiveram suas jornadas de trabalho reduzidas ou suspensas compulsoriamente. Foram necessários sucessivos meses de auxílio emergencial ao povo sem renda.

Em meio ao caos coletivo no contexto pandêmico, se por um lado insurgiram-se negacionistas minimizando a gravidade da doença e suas sequelas sociais, assim como foi percebido o estabelecimento de uma verdadeira guerra política quanto a premência das políticas públicas a serem implementadas, por outro lado, houve valorização nos laços familiares, nas vizinhanças observou-se a solidariedade quanto aos grupos de maior risco como idosos, o cuidado com a coletividade, as cotizações para assistência social. Existiam os casos assintomáticos - que nem por isso deixavam de transmitir a doença - e, os casos sintomáticos, cujos sintomas iniciais, em geral, em muito assemelhavam-se aos de uma gripe comum, mas as complicações respiratórias podiam incluir mudança na frequência respiratória, infiltração pulmonar e síndrome respiratória aguda, além das

sequelas ainda não totalmente mapeadas aos recuperados. E, assim, as grandes cidades que estavam bastante esvaziadas foram timidamente sendo tomadas por pessoas usando máscaras, principalmente após o início da vacinação. Saúde e preservação da vida tornavam-se prioridades, apesar das sequelas físicas dos recuperados, e, das sequelas psicológicas e emocionais de todos, em um mundo impactado por milhões de perdas irreparáveis - vidas humanas.

Ao experienciar o luto coletivo mundial, cada vez tornavam-se mais nítidos os impactos percebidos no bem-estar dos cidadãos, ou seja, em sua satisfação com a vida e qualidade de vida, tanto em termos objetivos (se relacionado racionalmente a aspectos sociais e econômicos) quanto em termos subjetivos (ligados à experiência de vida). Em paralelo a isto, houve a necessária luta pela manutenção da Saúde. O estado de completo bem-estar com não só o corpo físico, mas também a mente e a vida social saudáveis, em muito ultrapassa o mero controle de sintomas ou diminuição das taxas de óbito.

Nesse sentido, a Qualidade de Vida, embora por sua complexidade não seja contemplada por uma definição conceitual única entre os autores, é marcada por sua subjetividade e preconizada como a percepção do indivíduo sobre sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais se insere, ligados aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Abrange, portanto, questões a serem analisadas a começar da percepção individual de cada pessoa, acerca das condições de vida, físicas e psicológicas, assim como de cunho contextual como mobilidade, lazer, habitação, relações interpessoais, finanças, segurança, satisfação com determinados aspectos da vida, entre outros.

Do ponto de vista médico, é inegável a contribuição da saúde para qualidade de vida dos indivíduos e das populações em geral ao tratarmos de saúde pública, o que urge em tempos de Coronavírus. Há de se pesar nessa seara que devem haver políticas públicas adequadas, uma articulação intersetorial bem orquestrada do poder público e uma mobilização populacional ordenada, como para efetivação da campanha de vacinação que, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) foi nacionalmente implementada sem maiores contratempos (apesar dos escândalos e

investigações de desvios de verba - infeliz e inapropriadamente - peculiares às grandes compras brasileiras).

Por outro lado, fugindo do reducionismo biomédico, a concepção mais ampla de Qualidade de Vida pode ser abordada pela criação de uma representação social com base em parâmetros subjetivos e objetivos, de satisfação das necessidades básicas e das necessidades criadas pelo grau de desenvolvimento social e econômico da população em voga, com o fito de bem-estar, felicidade, amor, prazer e realização pessoal (Minayo et al., 2000).

3.2 Efeitos da Pandemia na Sociedade

Muito além de um olhar centrado no vírus de alta letalidade e rápida propagação que, após parar Ásia e Europa, transformou o Brasil com desafios significativos e ainda não dimensionados por completo, o cenário demanda análises multicêntricas. Os impactos da pandemia na sociedade devem ser compreendidos em sua totalidade, para além da repercussão física do vírus no corpo ou da sobrecarga ao Sistema de Saúde. O refletir sobre o fenômeno social multifacetado Pandemia, não se limita a aspectos sanitários, mas atinge diferentemente a sociedade, tangenciando também aspectos da saúde mental e condições de trabalho, entre outros. Envolve questões socioeconômicas, políticas, culturais, éticas e científicas, além de abranger desigualdades históricas e estruturais. Os grupos na sociedade, frente aos desafios impostos pela pandemia, vão se reestruturando a medida em que o próprio contexto pandêmico vai se desenhando, no bojo das descobertas científicas e estratégias de enfrentamento traçadas. Alguns grupos são naturalmente mais vulneráveis e outros não têm os recursos necessários para se proteger (Machado, 2021).

Antes mesmo da oficialização do estado mundial de pandemia, alguns impactos culturais já puderam ser observados. Em 23 de janeiro de 2020, Pequim cancelou as populares festas que seguem o calendário lunar, o Ano Novo chinês, com o objetivo de frear novos casos de infecção pulmonar naquele país. Já eram registradas 17 mortes e além dos parques e espaços públicos que não poderiam comportar as aglomerações para assistir aos tradicionais bailes do leão e do dragão, o movimento de viagens pelo continente asiático para aproveitamento do feriado também preocupava

as autoridades. Então, a China suspendeu a circulação de trens e transportes de massa no epicentro do surto, Wuhan, e, em outros municípios num raio superior a 70Km (G1, 2020a).

Gradativamente, contudo em intervalo temporal exíguo, as dimensões da propagação do “novo vírus” extrapolaram as fronteiras chinesas e asiáticas alcançando outros continentes e alterando as dinâmicas sociais. A OMS elevou o estado de contaminação para pandemia em 11 de março de 2020, justificando tal feito não pela gravidade da doença em si mas por sua disseminação - cerca de 118mil notificações de casos e 4.291 mortes espalhadas por 114 nações. Além disso, também se definiu em embasamento para a caracterização do vírus enquanto enfermidade epidêmica amplamente disseminada, a necessidade da intensificação de mecanismos emergenciais de respostas, buscando ativamente casos suspeitos, isolando e tratando os casos confirmados e os seus contactantes, de jeito a reduzir o ciclo de transmissão e potencializar as descobertas sobre a nova doença. Movimento que visava a inovação para o tratamento e para o manejo sistêmico da situação.

O primeiro caso fora da China foi relatado na Tailândia, e, na sequência, ainda em março de 2020, o epicentro mundial da pandemia se deslocou para a Europa. A Itália pode ser citada enquanto um dos países, que naquele momento, mais sofreu com a gravidade dessa emergência em saúde pública. Registrou significativa taxa de transmissibilidade e o maior número de mortos vítimas da pandemia no mundo à época. A magnitude do problema acarretou a adoção de medidas extremas de restrição de contato social por parte das entidades governamentais competentes. Por força de normativo jurídico foi estabelecido *lockdown* emergencial no Brasil, visando prevenir a mobilidade de pessoas, e, por conseguinte conter a ameaça de risco iminente à vida por adoecimento de seres humanos. Todos deveriam permanecer em suas casas, ficando fechados bares, restaurantes, escolas, museus, teatros, cinemas e escritórios. Funcionamento garantido somente aos serviços essenciais, supermercados e farmácias (rfi.fr, 2020a). De uma forma singular os Italianos chamaram atenção do mundo inteiro pela experiência social única de medo frente ao desconhecido e reclusão em seus lares. Como forma de minimizar as repercussões da privação das interações sociais, caracterizadas

pela reclusão ao espaço da casa, o povo italiano foi às sacadas ou às suas janelas para cantar em um movimento de interação social, visando o suplantar da reclusão física, e o alcance de uma conexão ao grupo, enquanto reação ao cenário desolador enfrentado, em intento de apoio e forças aos compatriotas. Foi iniciado um movimento nas redes sociais de convocação para a cantoria conjunta, retomando a ação dos chineses que gritavam mensagens de apoio de suas janelas (rfi.fr, 2020b).

Outro exemplo das repercussões na sociedade do advento pandemia se deu em relação à própria dimensão cultural e esportiva. Considerando a cronologia dos fatos, em 23 de março de 2020, o Comitê Olímpico Internacional anunciou adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio previstos para julho de 2020 por um ano. Este foi um evento inédito na história. Milhões de ingressos já haviam sido vendidos e foram reembolsados. Apesar da redução de casos advinda do início da vacinação em massa em diversos territórios, a realização de tais jogos em julho/agosto de 2021 ocorreu cercada de cuidados especiais (Russo et al., 2022)

Após o vírus comprometer a Europa, principalmente Itália e Espanha, os Estados Unidos tornaram-se o novo epicentro da doença em abril de 2020, em meio a mensagens truncadas e de minimização de sua gravidade pelo então presidente americano Donald Trump. Além do hiato entre o discurso da liderança política e o da gestão pública, o país sofreu com os impactos da falha na testagem em massa, o que contribuiu para propagação maciça da COVID-19.

Diferentemente da realidade brasileira que conta com o SUS, nos Estados Unidos cada estado tem sua própria infraestrutura de saúde pública e há agências nacionais como o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês). Assim, embora o vírus não respeite fronteiras, as estratégias de enfrentamento, muitas vezes, foram estruturadas de maneira circunscrita aos limites geográficos, ou seja, pensadas sob enfoque local. Por exemplo, a cidade de Nova York, famosa por sua atratividade turística, optou, entre outras estratégias de controle do vírus, pela adoção de hospitais de campanha. Houve a chegada de navio militar à ilha de Manhattan com mil novos leitos e a construção de um hospital destinado ao exclusivo tratamento de pessoas infectadas pelo COVID no Central Park.

Assim como em outros países, os cidadãos americanos também foram colocados sob alguma forma de confinamento (aproximadamente, três em cada quatro) sendo que quase dois terços dos Estados emitiram diretrizes nesse sentido, apenas permitindo saídas para comprar remédios ou bens essenciais, ou para formas limitadas de exercício (Gil, 2020).

Em maio de 2020 a América do Sul tornou-se o novo epicentro da doença. O número de casos e mortes no Brasil, liderado por São Paulo, seguia em ascensão e especialistas brasileiros, além da OMS/ OPAS, criticaram a recomendação do governo brasileiro quanto ao uso de cloroquina e hidroxicloroquina para o combate à COVID-19 já que os estudos científicos não comprovaram a eficácia das mesmas (G1, 2020b).

A exemplo do ocorrido nos EUA, houve a descentralização das decisões no Brasil, e, dia após dia novas descobertas redirecionavam os desdobramentos da pandemia implicando em novos cenários e circunstâncias outras que por vezes deixavam os indivíduos perdidos, sem saber por onde andar. Alguns locais tradicionais de circulação pública pelo mundo tornaram-se praticamente desertos em horários de *rush* e houve proibição de acesso ou permanência em áreas públicas como parques (Simonetti et al., 2022) e praias (O Povo, 2021) por todo o litoral brasileiro.

A comunidade científica em todo planeta engendrou esforços visando consolidar maior robustez de conhecimento científico voltado para o manejo, tratamento e controle da propagação da doença. Contudo, tamanho dinamismo de informações na atualização de dados, em meio ao surgimento constante de novas informações, verídicas ou não, dificultou sobremaneira o acompanhamento e entendimento acerca das descobertas sobre doença, tratamento e evolução dos casos. Alguns optaram pela desconexão, ignorando a real situação epidemiológica global e local. As informações que se mantiveram estáveis ao cidadão leigo e que, a despeito das Fake News, atravessaram o período como núcleo central de aprendizado da sociedade, como uma base comum de recomendações instrutivas foram 1) importância do uso de máscara, 2) evitar aglomerações e, 3) dentro do possível, ficar em casa.

A introdução do vírus SARS-CoV-2 em novos territórios ocorre por importação e sua propagação guarda forte ligação com a transmissão durante o período de incubação e com os casos assintomáticos. Alguns países adotaram a testagem diagnóstica em massa para identificação de casos antes mesmo do início das manifestações clínicas nas pessoas e, assim, contiveram a propagação por meio da soma de estratégias no controle da doença. No Brasil, os testes eram inicialmente exíguos e alguns hospitais de campanha nunca entraram em funcionamento efetivo, seja por falta de pessoal qualificado e disposto a atuar na área de saúde em meio a pandemia, seja pela falta de infraestrutura física. A mídia veiculou a possibilidade de subnotificação dos registros de mortes por apenas Síndrome Respiratória ou Pneumonia, por forma que as desigualdades sociais foram ainda mais evidenciadas durante o período, vide a situação dos moradores das periferias agravada pela escassez de acesso a recursos básicos, tanto no geral como de saúde.

Um dos dilemas enfrentados pelos profissionais da área de saúde na luta contra a doença dizia respeito ao resguardo de suas próprias vidas e das vidas de seus familiares, já que a maior exposição ao vírus e, por vezes, a escassez ou falta de equipamentos de proteção, fez crescer a incidência da doença nesse grupo, transformando os profissionais da linha de frente em vetores de transmissão/vítimas com risco de óbito, principalmente entre profissionais do grupo de risco como idosos ou portadores de comorbidades. Assim, evidenciaram-se conflitos de papéis entre vida pessoal e vida profissional desembocando em um estado de alerta contínuo e uma fragilidade emocional ainda mais intensificada por escolhas duras como a priorização de certas vidas em detrimento de outras. Seja por falta de equipamentos, falta de espaço físico adequado ou falta de profissionais especializados, como foi enfrentado nos picos das ondas de COVID-19 por cidades como Manaus, Fortaleza e São Paulo, tal processo de escolha vida-morte contribui para degradação da estrutura psíquica dos profissionais envolvidos. No Brasil tal cenário é um reflexo generalizado e intensificado da realidade cotidiana de escassez de recursos.

Nesse sentido, em um país de dimensões continentais como o Brasil, a relevância do SUS para o combate à COVID-19 e demais questões de saúde coletiva se entremeia também à relevância das

instituições de ensino e pesquisa que contribuem para formação de profissionais alinhados às diretrizes e valores da saúde pública. Assim, concorrem para integralidade de um atendimento satisfatório a toda população com a finalidade de suportar e agilizar as estratégias epidemiológicas adotadas para a gestão da pandemia em âmbito local e nacional. Em que pese a inexistência de uma centralidade de gestão das tratativas relacionadas a COVID-19 para realização de testes em massa que anteviessem e delimitassem a frente de atuação e combate ao vírus, os governos assumiram localmente o papel de gestores de seus respectivos territórios. Em um contexto de ações coletivas e individuais, somam-se às estruturas vinculadas à Administração Pública outros segmentos como instituições do mercado, religiosas, científicas e da sociedade civil, bem como, os cidadãos comuns que podem ser chamados à responsabilidade moral e cívica quanto a execução das medidas de prevenção e controle amplamente divulgadas. Destacam-se as iniciativas de atuação do Instituto Butantan e da Fundação Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz quando das tratativas relativas à vacinação.

Se há a necessidade de responsabilização às decisões políticas tomadas por agentes do Estado em seus possíveis crimes cometidos, quer seja por ação ou omissão durante a pandemia, existem pessoas que decidiram conscientemente não cumprir as medidas de isolamento ou que se recusam a tomar a vacina por convicções filosóficas e/ou religiosas. Embora a imunização não possa ser realizada à força, o Supremo Tribunal Federal decidiu que os Estados e Distrito Federal podem, em caso de recusa à vacina, impor medidas previstas em Lei (Supremo Tribunal Federal, 2020).

Ao debater a repercussão do momento pandêmico faz-se necessário considerar não apenas a doença em si pois os aspectos relacionados a questões socioeconômicas são interdependentes. Em que pese a saúde ser um direito básico essencial ao desenvolvimento econômico, também é inegável que sua ausência possa implicar em carências diversas, como o déficit educacional, principalmente quando experienciado na primeira idade. Além dos que não têm acesso à internet, uma parcela significativa da população, como bebês e crianças, não foi contemplada com a solução encontrada de realização de aulas remotas. As mães e demais responsáveis, porém, precisaram continuar suas demandas laborais. Famílias com um ou mais filhos puderam, hipoteticamente, revezar o cuidado

entre os pais ou filhos mais velhos, mas para as mães-solo ou famílias com muitos filhos, a diferença foi gritante. A pandemia desnudou o abismo entre as classes, um contínuo da miséria absoluta aos socialites, onde todos são igualmente vulneráveis à enfermidade, mas em circunstâncias e com preocupações díspares. Nesse sentido, as desigualdades históricas e inequidades estruturais da sociedade brasileiras tecem um panorama que se agrava em suscetibilidade das populações em situação de vulnerabilidade social.

Com o objetivo de minimizar os impactos da crise no contexto econômico interno do Brasil, foi distribuído pelo Governo Federal benefício emergencial. Destinado a trabalhadores informais/desempregados impossibilitados de trabalhar devido ao isolamento social e com Cadastro de Pessoa Física (CPF) regular mais cadastro do cidadão realizado em plataforma na internet. Popularmente conhecido como “*corona-voucher*”, o auxílio foi inicialmente previsto para os meses de abril, maio e junho de 2020, com valor base estipulado em R\$600,00 mensais sendo pago o dobro para mulheres chefes de família monoparental (R\$1.200,00 mensais). Foi prorrogado integralmente até setembro de 2020 e novamente prorrogado, no valor de R\$300,00 até dezembro de 2020. Interrompido nos meses de janeiro a março de 2021, foram disponibilizadas quatro parcelas nos meses de abril a julho de 2021, desde que a família continuasse a atender aos critérios de seleção do Auxílio que passou a variar conforme a composição da família (uma pessoa, R\$ 150,00 por mês; mais de uma pessoa, R\$ 250,00 por mês; família chefiada por mulher sem cônjuge ou companheiro, com pelo menos uma pessoa menor de dezoito anos de idade, R\$ 375,00 por mês). Foi possível regularizar o CPF presencialmente nas unidades da Receita Federal do Brasil para pleitear o benefício que deveria ser sacado em uma das agências da Caixa Econômica, o que resultou em filas e aglomerações diversas nas unidades de ambas, por todo o país. Questiona-se a demora para tomada da decisão de pagar o auxílio e o uso de tecnologias digitais para uma parcela da população desprovida de acesso, o que por vezes constituiu-se como empecilho para efetivação da subsistência básica, além de outros entraves como aglomeração nas filas para cadastramento do benefício, dificuldades na regularização

dos CPFs, precariedade do suporte em termos de recursos humanos e problemas de ineficiência horizontal e vertical (Marins et al., 2021).

As atividades escolares presenciais precisaram ser interrompidas em meados de março de 2020 por todo país, tanto na rede pública quanto na rede privada. Dependendo da faixa etária e da escola/universidade, aulas remotas foram amplamente adotadas, porém, uma parcela da população não tem acesso à internet ou computadores suficientes para todos os membros da família, que devido ao isolamento social lida com todos os seus integrantes em casa. Alguns municípios disponibilizaram material impresso para crianças sem acesso à internet, houve distribuição de chips para acesso à internet de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica matriculados em universidades e institutos federais, e, um movimento amplo para renegociação de mensalidades na rede particular de ensino. Questões em relação à qualidade do ensino e aprendizagem emergem juntamente com tópicos relativos à igualdade de condições entre os diferentes públicos que estarão sendo submetidos a exames únicos como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para acesso às universidades no país. O tema da redação do ENEM 2023 parece ter emergido da crise: “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil” (G1, 2023, p.1)

Em 11 de março de 2020, mesmo dia em que a OMS declarou o surto de COVID como pandemia, o Distrito Federal suspendeu a realização de eventos com grande número de pessoas. O grau de restrição se ampliou principalmente em São Paulo. O estado de Santa Catarina decretou quarentena em 18 de março de 2020, seguido pelo Rio de Janeiro (após o carnaval). Embasados na recomendação da OMS pelo isolamento social de todos aqueles que pudessem estar em casa, os estados e municípios brasileiros foram decretando localmente medidas restritivas. Assim, houve o fechamento de comércio, academias, templos e igrejas, transporte coletivo, parques e espaços públicos, de jeito mais ou menos flexível, em todo o país.

Medidas de isolamento social impostas podem desconsiderar aqueles que não têm infraestrutura básica como água, luz, saneamento, estrutura física da casa para passar as 24 horas do

dia ou ausência de outras condições para o confinamento ininterrupto como espaço físico suficiente, condições psíquicas, ou ainda a necessidade de deslocamento ao trabalhar para prover subsistência. Ao desconsiderar o contexto específico de cada realidade, a ação mostra-se desigual e até discriminatória posto que o direito de ir e vir do cidadão também se contrapõe a necessidade de diminuir a propagação do vírus, uma questão de saúde pública, principalmente quanto ao trânsito de pessoas sabidamente contaminadas. É uma questão moral a decisão pelo cuidado para com os outros principalmente porque as pessoas têm necessidades distintas.

Uma das ações adotadas no intuito de promover a diminuição da circulação das pessoas foi a divulgação pela grande mídia das taxas de deslocamento provenientes do rastreamento de celulares para localização em tempo real de aglomerações. Surgiram questionamentos acerca do direito à privacidade, dado que não houve a solicitação prévia de autorização do uso de dados dos usuários. Especialistas afirmavam que no Brasil o desenvolvimento do sistema não permite identificação individual ou acesso ao número de telefone dos transeuntes, mas o sistema de vigilância usado fez emergir um questionamento acerca de até onde as medidas de interesse coletivo podem avançar ou influenciar o interesse individual. Embora o direito à privacidade individual possa ser minimizado em razão de um benefício a um número maior de indivíduos em meio a uma pandemia, foi notória a repercussão social quanto até que ponto recursos de monitoramento similares a esse podem ser entendidos e usados como precedentes para outras ações de cerceamento da autonomia e liberdade do cidadão (Santos, 2020).

Como existem diversos questionamentos ainda não respondidos pela comunidade científica, a pressão psicológica causada pela pandemia parecia aumentar devido à falta de controle experienciada. No contexto de incertezas e insegurança, coube aos indivíduos a busca por estratégias de enfrentamento como solidariedade nas vizinhanças, psicoterapia por videochamada e telemedicina. Tais estratégias, estão imbricadas em um contexto de pressão midiática que amplamente divulgava notícias (por vezes contraditórias) com número de casos, mortes, percentual de vacinados e tendências diversas, locais e mundiais, gerando por vezes mais estresse que benefícios

ao indivíduo e à coletividade. Assim, há de se destacar a quebra de rotina, a abstenção de atividades de socialização ou prazerosas, a vulnerabilidade psicossocial e o impacto mental decorrente da crise pandêmica que assolaram a população com sintomas de ansiedade e depressão, de modo a fomentar a criação de redes de apoio psicossocial que atenuassem esses agravos (Silva et al., 2020a).

A abstenção de atividades de socialização nesse contexto inclui o trabalho presencial que foi amplamente atingido. Ao contrário das recessões anteriores, os trabalhadores informais foram mais atingidos que os formais, na proporção de três para um, ou seja, em que pese a redução do emprego formal em 2020 ter sido acentuada (-4,2%), a queda no emprego informal foi três vezes mais expressiva (-12,6%; Veloso, 2021).

Os trabalhadores com maior risco de perderem sua ocupação foram os do setor informal da economia e alguns dos impossibilitados de trabalhar remotamente. O aumento das atividades domésticas e de cuidados, bem como a migração do ensino presencial para a modalidade educação a distância, afetou de maneira diferenciada as mulheres. Os efeitos dessa crise sobre o mercado de trabalho foram imediatos e afetaram de jeito diferenciado os trabalhadores. Os mais afetados em termos de perda de ocupação foram as mulheres, os mais jovens, os negros e os com menor nível de escolaridade. No que diz respeito aos postos de trabalho, destacaram-se os trabalhadores com jornada parcial, informais e com menores salários entre os que tiveram perdas significativas (Barbosa et al., 2020).

Nesse cenário, as empresas precisaram engendrar esforços imediatos para manterem suas atividades, então, os trabalhadores que puderam, passaram a trabalhar de casa para manterem sua empregabilidade em tempos de isolamento social. Quanto ao trabalho realizado fora da “fábrica” (propriedade do empregador usada como local de trabalho), ou especificamente em casa, a literatura aponta diferentes nomenclaturas e propostas conceituais/vocabulares. Na presente pesquisa optou-se pelo uso do termo teletrabalho, conforme definido por Nilles (1976), o trabalho que viabiliza, por meio de tecnologia da informação como computadores e telecomunicação, atingir os resultados

esperados sem a movimentação física dos trabalhadores: “Possibilidade de enviar o trabalho ao trabalhador em lugar de enviar o trabalhador ao trabalho” (Nilles, 1976, p. 87).

Tal forma de emprego flexível, propiciou a realização do trabalho fora da empresa contratante, tendo sido introduzido no arcabouço jurídico brasileiro antes mesmo da pandemia, pela Reforma Trabalhista de 2017. E assim, regulamentou o teletrabalho enquanto trabalho intermitente, forma contratual que permite admissão do funcionário para trabalho eventual com remuneração do período de efetiva atividade. “(...) Prestação de serviços preponderantemente fora das dependências do empregador, com utilização de tecnologias de informação e comunicação que, por sua natureza, não se constituam como trabalho externo.” (Lei 13.467, 2017, Art. 75-B) Em tal regulamentação da modalidade, não é previsto o direito ao adicional de hora extra ou intervalos intrajornada/interjornada, uma vez que não há controle de jornada laboral pelo empregador, ficando esse a cargo do trabalhador.

Ainda na pandemia, houve também, por conta do estado de calamidade pública, as medidas provisórias 927 e 936 de 2020, seguidas pela Lei nº 14.020/2020 que abrangeram teletrabalho, trabalho remoto ou trabalho a distância, com o intuito de respaldar os que tiveram os seus regimes de trabalho afetados pela pandemia, viabilizando ao empregador a instituição do regime de trabalho remoto em decorrência do cenário pandêmico, uma alternativa ao enfrentamento da crise que reforçava a preocupação em evitar aglomerações. Também o termo *home-office* vem sendo, desde então, internacional e genericamente utilizado para descrever o trabalho remoto realizado em qualquer dependência do empregado, geralmente a própria residência.

Em que pesem os estudos recentes acerca das vantagens e desvantagens do teletrabalho, a ambiguidade a respeito de suas características divide opiniões e, com o encerramento da pandemia, emergem debates e diferentes práticas implementadas para sua continuidade, destacando-se o modelo híbrido de trabalho. Embora a mídia os apresente como oportunidade de liberdade geográfica e autonomia pessoal, existem implicações mais profundas como alteração em garantias ao trabalhador, direito de desconexão, ascensão profissional e viabilização/otimização das condições de

trabalho para pessoas com deficiência. Em última análise, a percepção dos benefícios e malefícios de sua efetivação extrapola a mera compatibilidade tipo de ocupação-trabalhador e envolve características como gênero, composição familiar, estado de saúde e infraestrutura disponível.

O trabalho, até então referencial físico e social das pessoas, passou à condição de elemento complementar da vida cotidiana, o que neste momento de transição pode implicar redução nas relações sociais usualmente estabelecidas e, por consequência, levar a agravos na saúde mental, tal como houve durante a pandemia, no pós-pandemia.

Embora o aumento significativo do teletrabalho tenha ocorrido em um cenário peculiar de medidas de afastamento social em que se esperavam consequências econômicas negativas, declínio econômico, demissões e aumento do desemprego/recessão, houve a sua consolidação para além do medo, incertezas e ansiedade quanto ao futuro. O cenário brasileiro de crises superpostas (crise econômica, crise política, crise social, reformas trabalhistas e previdenciária culminando na desproteção do trabalhador) vem sendo superado gradativamente.

Frente ao exposto, se torna inquestionável a significativa reconfiguração imposta à sociedade como um todo devido à vivência da pandemia causada pelo SARS-Cov-2. Os reflexos caracterizaram-se em diferentes escalas e/ou abrangência, desde componente singular ao coletivo, ou seja, repercutindo no relacionamento interpessoal, passando pela dinâmica organizacional dos lares, cidades e continentes, nos âmbitos políticos, culturais, econômicos, entre outros.

3.3 O Espaço de Vida Doméstico em Função da Pandemia

As medidas de distanciamento físico no nível da população emergiram enquanto diretiva estratégica para o controle da pandemia. A Organização Mundial de Saúde (OMS), no documento intitulado *“2019 Novel Coronavirus (2019-nCoV): Strategic Preparedness and response Plan”* (Novo Coronavírus 2019 (2019-nCoV): Plano Estratégico de Preparação e Resposta; WHO, 2020), preconizou o mobilizar dos setores das comunidades para garantir que tanto o governo, quanto a sociedade como um todo se apropriassem e participassem de ações de prevenção de casos através da higiene das mãos, etiqueta respiratória, bem como, distanciamento físico em nível individual e coletivo.

A diáde distanciamento e isolamento social na pandemia se caracterizou enquanto eixo norteador do propósito de suprimir a transmissão do vírus na comunidade. Tal realidade, por sua vez, impôs inúmeras mudanças ao cotidiano dos indivíduos e o espaço de vida doméstico se transformou em polo concentrador das funções básicas da cidade – casa, trabalho, lazer e (restrição da) mobilidade.

Sabe-se que, nas cidades, todos os dias, pessoas deslocam-se para trabalhar, estudar, fazer compras, lazer, visitar familiares, entre outros motivos que levam à utilização dos sistemas de transporte. Seja utilizando automóveis, transportes públicos, ou os meios ditos ativos, como andar a pé ou de bicicleta. Assim, de modo a promover o isolamento social e incentivar as pessoas a manterem-se em casa, buscou-se a implementação de políticas voltadas para a redução do deslocamento de indivíduos, acarretando a restrição da mobilidade urbana.

Em que pese o predomínio do transporte motorizado e particular em relação ao não motorizado e público (Camargo, 2012), a redução das frotas de transporte público impeliu a grande massa da população a permanecer em casa. Tais ações foram tomadas pois os transportes coletivos podem ser considerados pontos de aglomeração e disseminadores de doenças como o Novo Coronavírus. Por decisões descentralizadas dos gestores, diferentes percentuais de frotas do transporte público coletivo foram impactados nas cinco regiões do país, bem como internacionalmente, com ações como redução da disponibilidade de horários e linhas de ônibus, barcos, metrô, trens e VLT; restrição da lotação máxima de pessoas; alteração de itinerário; e, suspensão parcial ou total de serviços (Franco et al., 2021).

No bojo da estratégia do Distanciamento Social Ampliado, visando a redução da velocidade de disseminação do SARS-Cov-2 por meio da restrição máxima do contato entre pessoas, surgiu um novo olhar para o espaço de vida doméstico. Mais do que uma casa meramente funcional, abrigo para corpos que precisam ser preservados para o trabalho, os lares podem ser vistos como continuidade de seus donos. E mais ainda, além de apenas dormitórios e pontos de apoio para o lazer aos finais de semana, as casas assumem funções outras como espaço de trabalho, local de lazer, lugar

da atividade física e de convívio (mesmo que virtual). Até porque, o entorno (a rua, a calçada, a praça) também esteve restrito durante o isolamento e a cidade como um todo se transformou.

Assim, o contexto pandêmico trouxe a reboque novas atribuições para o espaço domiciliar. Para além da função de habitação, a necessidade de isolamento social inseriu no ambiente doméstico outras funções que anteriormente à pandemia podiam ser viabilizadas nos demais espaços da cidade em dimensão básica de funcionamento.

Habitação, trabalho, circulação e recreação são os quatro conceitos funcionais da cidade apontados pela Carta de Atenas confeccionada em 1933 durante o Congresso Internacional de Arquitetura. Tais funções básicas da cidade, propostas pelo Urbanismo meio século antes do dispositivo constitucional brasileiro, constituem-se enquanto mínimos suficientes para satisfazer as necessidades primeiras da população. Enquanto a circulação foi restrita mediante regras de isolamento e toque de recolher, a casa reuniu em si mesma as outras duas funções: trabalho e lazer.

No âmbito laboral, a pandemia acelerou tendências como teletrabalho e processos seletivos integralmente online por conta do distanciamento social. Aos trabalhadores cujas atividades eram compatíveis com o formato remoto foi implantado o regime de *home office* integral a fim de viabilizar a continuidade das operações. Várias empresas se viram obrigadas a viabilizar, em tempo recorde, o trabalho à distância dos seus colaboradores.

Os trabalhadores passaram a atuar de suas casas (*home office*) ou do lugar que julgaram ser mais conveniente (*anywhere office*), bastando para tal que houvesse boa conexão com o servidor de Internet. Assim, além da economia de tempo pela redução dos deslocamentos, a empresa passou a economizar custos como vale-transporte, manutenção de escritórios e profissionais de apoio presencial.

Devido às demandas terem sido concentradas nos espaços físicos residenciais, grandes prédios comerciais foram desativados, centros comerciais ficaram desertos e algumas famílias de classe média migraram para pequenas cidades (temporária ou permanentemente). Algumas empresas subsidiaram os custos com infraestrutura (Internet, mobiliário, luz e água), em outros casos

ficou a cargo do próprio trabalhador. Toda esta dinâmica de adequação ao trabalho remoto se deu de maneira abrupta, demandando tanto por parte de empregados quanto por parte de empregadores, adequações e adaptações visando a manutenção das atividades e empregos no período de incertezas proveniente do cenário pandêmico.

Na dimensão individual, alguns aspectos positivos podem ser evidenciados quando se pensa em teletrabalho, como a possibilidade de maior equilíbrio entre vida profissional e doméstica, a economia de tempo em trânsito da moradia para o escritório e vice-versa, a maior flexibilização de horários, a autonomia em gerir as demandas e menores gastos com transporte e vestuário. Além do que, tal modalidade de trabalho, tem o potencial de “deslocar o trabalho de sua posição de eixo estruturante da identidade” (Costa, 2004, p. 8), trazendo novas possibilidades para as relações sociais e deixando-as mais verdadeiras. Por outro lado, enquanto fragilidades da integração do trabalho ao doméstico por meio das atividades remotas, podemos apontar questões como perda das relações informais, muitas vezes consolidadas nos intervalos de interação presencial com a equipe, e potenciais entraves ao desenvolvimento da carreira de tais teletrabalhadores.

Conforme o desenrolar das fases iniciais da pandemia, as pessoas buscaram alternativas para os desafios postos como a não-aglomeração e a indisponibilidade nas frotas de transporte público. Entre fechamentos e reaberturas dos setores de comércio e serviços devido a novas ondas de contágio ou novas variantes do vírus, a efetivação de um “novo normal” que se deu progressivamente. Este lidar cotidiano com a crise perpetuada tornou as pessoas habituadas a um novo padrão que se instalou. Fato que ressalta a importância de se preconizar adequações capazes de convergir para estilos de vida inovadores e sustentáveis, tanto do ponto de vista de qualidade de vida quanto de comportamentos pró-ambientais.

As alterações foram múltiplas e abrangem diversos aspectos como a necessária disciplina para manter o mesmo número de horas trabalhadas nos regimes presencial/teletrabalho/modelo híbrido e o equilíbrio do trabalho em casa com todas as demandas de uma vida pessoal recém reorganizada, em um mesmo ambiente físico. Questões como ajustes na velocidade de internet,

adequação de mobiliário e espaço físico para desempenho das atividades aparentemente vem sendo superadas por grande parcela da população, apesar das mazelas de um país marcado por desigualdades sociais e disparidades de acesso aos mínimos necessário para subsistência digna como o Brasil.

Somam-se a isto alterações mais lentas como a questão da modalidade de prestação de serviço. Como no Brasil o regime jurídico da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) determina a jornada laboral por horas trabalhadas, e, a tendência que se apresenta é a alteração do controle de número de horas para efetivo alinhamento por produtividade, existe certo conflito e a questão está como que em suspenso: paga-se em horas e cobra-se em produtividade. Uma produtividade cada vez mais exigida em um tempo que as fronteiras entre momentos de trabalho e não trabalho estão cada vez mais tênues.

Também devido à redução da mobilidade imposta pelo isolamento social, o lazer ficou restrito ao ambiente doméstico. As pessoas precisaram se adaptar e buscar o lazer de dentro dos seus confinamentos. Então, o lazer concentrou-se predominantemente no modelo virtual de entretenimento, principalmente entre crianças, adolescentes e jovens. Na impossibilidade de brincar na rua ou no condomínio, muitos recorreram aos jogos online e tantos outros substituíram as idas ao cinema por plataformas de streaming ou shows virtuais em formato de *lives*.

Nesta perspectiva, observa-se uma implicação da pandemia quanto ao uso constante da atenção concentrada, quando o indivíduo se mantém focado em uma determinada tarefa suprimindo estímulos concorrentes até nos momentos de lazer, inviabilizando que a atenção involuntária entre em funcionamento. Se a pessoa está muito concentrada ou focada por longo período em determinada atividade, o afastamento do contexto/lugar que induz ao super-foco permite certa distração, que, nesse caso, se traduz em proteção cognitiva. Assim, o engajamento por meio da quantidade de coisas que existem e sua ordenação, evita a impressão de caos, e, a existência de estímulos outros, desperta a atenção involuntária por fascínio, permitindo, portanto, que a atenção dirigida descanse e se restaure de uma condição prévia de fadiga. Dessa forma, pode-se conciliar o

que o ambiente oferece e o que a pessoa deseja realizar (aspectos cognitivos e emocionais), perfazendo um lugar restaurador (Silveira & Felipe, 2019).

No cenário de reclusão nos lares, práticas como jardinagem ou cultivo de plantas e hortaliças em vasos, parapeitos, sacadas, varandas ou quintais têm sido observadas enquanto aproximação e envolvimento com a natureza trazidos para dentro de casa. Tais práticas restauradoras de certa forma suprem a carência de idas a parques e praças públicos. Tanto ambientes verdes (presença de folhagens) como azuis (observar o mar, nascentes, lagos, cachoeiras, rios, lagoas, entre outros) têm poder amortecedor frente aos problemas da saúde física e mental (Ulrich et al., 1991), e com capacidade de promover recuperação psicofisiológica ao estresse (Gressler & Günther, 2013), o que pode sugerir que quanto maior o nível de conexão com a natureza, maior a sensação de bem-estar e estabilidade emocional experienciada pelos indivíduos, essenciais ao atravessamento do agravo sanitário em curso à época.

Enquanto medida preventiva à disseminação do vírus, algumas pessoas adotaram práticas como deixar o vento circular pela casa, separar o lixo e usar suas próprias sacolas reutilizáveis ao fazer compras. Uma vez que são objetos de interface entre o ambiente externo e a casa, caracterizando-se em possível fonte de exposição. Uma outra medida adotada para evitar a exposição desnecessária ao ambiente extramuros foi a prática de inclusão no ambiente doméstico de elementos restauradores como cultivo de plantas e hortas. Ambos exemplos podem ser vistos como práticas pró-ambientais (Silveira & Felipe, 2019).

A pandemia alterou a dinâmica da cidade por completo. Esse fenômeno social se caracteriza por tamanha abrangência e complexidade que mesmo após a ampliação do conhecimento científico sobre o vírus, tratamento e ações de vacinação, há de se considerar as implicações, tanto presentes quanto vindouras, deste advento na vida urbana. Assim, a pandemia tem implicações em toda sociedade e diversas esferas da vida social e psicológica são tecidas conjuntamente por tal cenário. Seu caráter de generalidade, exterioridade e coercitividade à vida humana, com implicações em toda a sociedade, nas esferas econômicas, políticas, jurídicas, religiosas, acadêmicas, científicas, entre

outras, caracteriza-a, portanto, enquanto “Fato Social Total” que molda a forma de agir dos indivíduos pela influência que exerce sobre eles.

As alterações no entendimento acerca dos mínimos necessários às cidades são refletidas (e intensificadas com a pandemia) no âmbito dos lares que passam a ser o polo concentrador das funções básicas da cidade, repercutindo, assim, na qualidade de vida e satisfação com a vida dos cidadãos.

Por sua relevância teórica, prática e social, o estudo se destina à comunidade acadêmica e aos cidadãos comuns, em especial às mulheres que diariamente lidam com fatores culturais intervenientes e degradantes em seu cotidiano. A compreensão de aspectos relacionais indivíduos-ambientes de pertença e suas repercussões sensoriais, emocionais e bidirecionais no comportamento favorecem práticas de fomento à mudança dos paradigmas estabelecidos, rumo a justiça social. O recorte teórico-temporal foi escolhido pela circunstância pandêmica e por tal transformação ser facilitada por meio de maior conscientização e interação cognitiva entre as pessoas e os contextos socioambientais em que se inserem, com repercussões na forma como percebem, sentem e agem. Além da confirmação do contexto patriarcal machista, a pesquisa subsidia transcender a dicotomia vida doméstica e laboral e, por meio da investigação sobre a desigualdade de gênero, construir relações de equidade em ambientes doméstico-laborais. Também serão descortinados embasamentos para realização de políticas públicas mais assertivas dada a possibilidade de compartilhar a responsabilidade pelo trabalho reprodutivo entre famílias, organizações e mercados, sociedade e Estado. Assim, justificamos a realização da presente pesquisa em resposta a uma demanda teórico-prática na interseção entre Psicologia Ambiental, Psicologia Social e estudos sobre Mulheres, a uma necessidade real destacada pela pandemia com impactos atuais e futuros numa sociedade em processo de consolidação do teletrabalho.

4. Referencial Teórico

4.1 As Relações Pessoa-Ambiente

A seguir, apresentamos alguns aspectos da pandemia sob a ótica da Psicologia Ambiental.

O mundo globalizado e interconectado assistiu de mãos atadas à veloz disseminação da COVID-19, uma pandemia inicialmente fora de controle, com alta taxa de transmissão e vítimas fatais, o que alterou sobremaneira a vida das pessoas. As restrições físicas de mobilidade impactaram os espaços e lugares aos quais se tinha acesso. As práticas de Distanciamento Social Ampliado (DSA) e Distanciamento Social Seletivo (DSS) foram amplamente adotadas.

No DSA, a estratégia não se limitava a grupos específicos e exigia-se que todos os setores da sociedade permanecessem em suas respectivas residências durante a vigência da decretação da medida pelos gestores locais, medida que restringia ao máximo o contato entre pessoas e mantinha apenas os serviços essenciais, com adoção de maior rigor na higiene e evitando aglomerações. Seus objetivos eram reduzir a velocidade de propagação, visando ganhar tempo para equipar os serviços de saúde com os condicionantes mínimos de funcionamento: leitos, respiradores, EPI, testes laboratoriais e recursos humanos. Já no DSS, a estratégia era manter apenas alguns grupos isolados, selecionando todas as pessoas sintomáticas e seus contatos domiciliares, e, ainda, os grupos que apresentavam maior risco de desenvolvimento ou agravamento da doença, como idosos, pessoas com doenças crônicas (diabetes, cardiopatias, entre outras) ou condições de risco como obesidade e/ou gestação de risco. Enfim, o distanciamento ampliado foi uma medida adotada por toda a população (excetuando os serviços considerados essenciais) e, portanto, se refere à orientação “fique em casa”. (Secretaria de Vigilância em Saúde, 2020)

Frente a isso, a relação pessoa-ambiente assume o protagonismo no cotidiano dos indivíduos e famílias, em todos os lares. O ambiente é sempre experienciado como “um campo unitário” e a despeito de tentativas, há de se reconhecer a limitação de abarcar integralmente a experiência vivenciada pelas pessoas nos lugares onde passam tempo (nesse caso, o novo ambiente doméstico). Mesmo sendo composto por diferentes facetas, torna-se custoso e (praticamente) inviável isolar

todos elementos que ali interagem, sendo o meio percebido pelo agente como dimensão única. Isso pois, é tarefa demasiadamente dificultada pela complexidade de fatores e multiplicidade de elementos envolvidos na articulação teórica de acontecimentos da vida diária. A ambiência própria de cada local o caracteriza, sendo sua construção cotidiana baseada na articulação de fatores visíveis e invisíveis que definem a identidade do lugar influenciando assim os comportamentos dos que ali vivem ou estão (Elali, 2022).

A Psicologia Ambiental, enquanto campo interdisciplinar atento ao estudo das relações recíprocas entre as pessoas e seus ambientes, tem como ideia base a perspectiva de Kurt Lewin, para quem o Comportamento (C) é função da interação entre Pessoa (P) e Ambiente (A). Tal função pode ser expressa pela equação: $C = f(P \cdot A)$, e, está diretamente relacionado à presente pesquisa, uma vez que, durante a pandemia, a interação de pessoas vivenciando o distanciamento social e os diversos ambientes domiciliares, afetaram o comportamento humano. Assim, ao mesmo tempo que as pessoas influenciaram seus ambientes, também foram influenciadas por ele. A bidirecionalidade e continuidade das relações pessoa-ambiente, aprofundada por Barker, culminou no conceito de *Behavior Setting* (Barker, 1968). Tal conceito pode ser definido como unidades naturais de acontecimentos da vida diária, inseridas dentro de uma dimensão temporal e espacial, na qual são esperados certos padrões de comportamento ou ações vinculados a um meio (*milieu*), que acontecem sempre de modo similar (Barker, 1968). Relacionando-se, portanto, com a organização do cotidiano onde se desenvolve o comportamento ou a ação humana em atendimento a um padrão estável de comportamento ou expectativas para dado cenário (condições físicas e sociais imediatamente periféricas ao acontecimento).

Durante a pandemia, o ambiente doméstico recebe o teletrabalho no mesmo espaço físico. Então, como a interrelação do indivíduo no *behavior setting* não é somente com o meio físico ou material-espacial, destacam-se também as relações com os outros participantes do *behavior setting* (familiares, demais colaboradores da empresa, entre outros aspectos e atores) que, por definição são *milieus* (meios) uns para os outros, especialmente através de suas atividades. Observa-se, assim, uma

adequação entre o meio físico-social e o modelo de comportamento correspondente, a “sinomorfia comportamento-milieu” do novo contexto sociofísico.

Em tal circunstância de fusão casa-trabalho, o “Programa” de determinado *setting* (sequências prescritas de interações ou transações entre pessoas e objetos que ocorrem sempre de jeito equivalente), foi alterado e roda concomitantemente campos até então relativamente díspares, a saber, vida pessoal e profissional. Então, fica aumentada a probabilidade de conflito nos *behavior settings*, uma vez que os “Circuitos de programas” (que desempenham funções de direção e cuidado para alcance de objetivos), os “Circuitos de objetivos” (onde os participantes individuais procuram alcançar suas necessidades e expectativas) e os “Circuitos de manutenção” (atentos à manutenção do sistema como um todo) podem entrar em embate uns com os outros nas suas relações funcionais, principalmente neste período inicial do ciclo de vida. Logo, ao se analisar, por exemplo, as implicações sociais decorrentes de tais relações, a diferenciação do ambiente ou da atividade ou da inter-relação ambiente-atividade no behavior setting, também deve-se levar em conta aspectos emocionais e cognitivos dos colaboradores em sua relação com o cenário sociofísico que está em metamorfose contínua (Carneiro & Bindé, 1997).

As pessoas naturalmente se inter-relacionam com o ambiente que as rodeia, e, porque inexistente ambiente físico alheio, não envolvido ou relacionado a um sistema social, então estão imbricados meio físico e meio sociocultural. O usuário de um dado lugar, da mesma forma que tem propriedades ambientais, também tem características psicológicas individuais, ou seja, os agentes são parte inerente do ambiente ao mesmo tempo que têm características pessoais e sociais (como personalidade e modo de contato social preferido tal como altura, peso, cor da pele e olhos) que não podem ser negligenciadas à compreensão ou estudo das relações humano-ambiente.

Os ambientes e objetos evocam, conforme suas características intrínsecas, pistas de funcionalidade e uso que balizam comportamentos. Tal conjunto de possibilidades de ação que viabiliza o entendimento instintivo de como um objeto ou animal pode ser utilizado, manipulado ou

interativo, denomina-se *affordance*. Assim, pode ou não ser percebida, embora seja uma propriedade imutável do elemento (Gibson, 1986).

As *affordances* instigam a percepção das disponibilidades oferecidas pelo ambiente e expressam a capacidade de uso pelo agente dos componentes presentes no meio. De maneira a ser reproduzida, deve ser tangível ou audível (ter odor, tato, ou percepção por visão), podendo variar em sua decodificação pelo observador por conta de suas necessidades, expectativas ou características. A figura de que os seres humanos são todos como detetives a procura de pistas que permitam um funcionamento adequado neste mundo complexo desvela que a captação de *affordances* é possível pela percepção das possibilidades de ação. Assim, o agente não percebe a qualidade ou as propriedades dos objetos em si, mas sim as *affordances*. Isto é, a percepção está no comportamento associado às características do ambiente e não na qualidade e estrutura do objeto, ou no que acontece ou deixa de acontecer a cada instante (Oliveira & Rodrigues, 2006).

Tal qual o ambiente opera abaixo do nível da consciência, as condutas mais complexas tendem a ser menos influenciáveis pelo ambiente físico do que as mais simples, posto que a quantidade de fatores envolvidos é enorme frente às possibilidades de processamento e análise do aparato físico-cognitivo das pessoas. Logo, o ser humano não tem plena consciência dos aspectos ambientais em que está imerso. Como preconizou Robert Sommer, somos como peixes que estudam a água (Altman & Christensen, 1990).

No contexto da habitação (parte interna do ambiente residencial a cujo escopo neste momento é adicionado o teletrabalho), também se ressaltam aspectos relacionados ao nível de sensibilidade das pessoas e às *affordances* instigadas pelo local e seus objetos, que, pelo processo de percepção ambiental são experienciados pelos indivíduos com relação a um lugar específico. Assim, a percepção ambiental pode ser entendida como um processo participativo, conjunto de sensações, experiências, memórias e sentimentos linkados ao contexto sociofísico, cultural e temporal vivenciado (Coelho-Melazo, 2005). Tal processo envolve características pessoais, metas do agente em dada situação, motivação e experiências prévias, podendo haver alteração na sensibilidade individual

quanto à identificação de diversos aspectos ambientais, seja por aprendizagem, experiência ou treino.

O ambiente observado não é obrigatoriamente o ambiente real posto que cada um o percebe de um modo singular, destaca atributos que mais chamam sua atenção e associa sentimentos particulares que promovem uma conotação afetiva aos diferentes ambientes por onde transita ou se estabelece. Assim, a percepção ambiental pode ser entendida como uma forma de decodificar nuances da ambiência, nunca de a decifrar em sua totalidade. Pode-se dizer que a ambiência não é percebida, mas sim percebe-se de acordo com ela. E, ainda assim, uma mesma ambiência é percebida de maneiras diversas pelas diferentes pessoas que usufruem ou usufruíram dela, pois, ao não ter características físicas e/ou cognitivas adequadas à captação/assimilação/processamento de todas as informações presentes concomitantemente no ambiente, os seres humanos acabam por escolher em que se concentrar conforme sua motivação, interesses, características individuais (fase do ciclo vital, *background*, gênero, entre outras) e tipo de relação que mantem com o dado local.

Sendo assim, por meio da percepção ambiental – tomada de consciência pelo homem do ambiente que está inserido, tal ambiente é organizado cognitivamente em um conjunto de imagens mentais, viabilizando a identificação de elementos-chave que sintetizam e representam o conjunto da experiência, propiciam ferramentas para proteção e cuidado do mesmo. Isto porque o ambiente influencia diversos aspectos da vida, por processos gradativamente construídos, apoiados em aspectos internos (psicológicos e genéticos) e externos (ambientais e sociais). Ou, seja de aspectos individuais (como orientação, imagem corporal e definição de trajetórias) até fenômenos sociais (como aquisição/uso de linguagem e desempenho de papéis). Esse processo mental dinâmico de interação indivíduo-meio, ocorre por meio de mecanismos perceptivos (guiados por estímulos externos, percebidos pelos cinco sentidos) e cognitivos (elaboração mental extra-sentidos, que transforma e ressignifica com base em suas características e vivências socioculturais; Dutra & Higuchi, 2018). Embora na percepção de objetos torne-se possível ao observador distanciar-se dos mesmos,

na percepção ambiental o mesmo não acontece, pois, o observador está envolto na situação percebida.

O processo perceptivo coaduna três aspectos temporais: o tempo cronológico (instante em que ocorre o contato pessoa-ambiente e sua duração), o tempo edificado (época a que pertence o local, tipo dos objetos e estado de conservação) e o tempo psicológico (introjetado pelo observador, que pauta as ações no presente, passado ou futuro; Wiesenfeld, 2005). Logo, o ambiente tem valor simbólico dado que os indivíduos tendem a associar seus aspectos objetivos à símbolos sociais e culturais que podem alterar seu entendimento. Estes aspectos afetivos e simbólicos associados por indivíduos e grupos aos ambientes são cognições, emoções, crenças, comportamentos e ações que propiciam e promovem a ligação emocional e cultural para com os diversos ambientes. Da mesma forma, tal meio fornece subsídios tanto para construção e decodificação da mensagem abstrata ali representada como para representação por imagens de sentimentos e emoções.

Nesse contexto, há de se considerar que o isolamento social foi um momento de luto coletivo e insegurança que condicionou às pessoas o ambiente doméstico nas 24h do dia durante o pico pandêmico e, na sequência, alterou os tempos sociais conforme o reenquadramento das oito horas laborais diárias durante a semana (acrescidas do tempo de almoço e do tempo de deslocamento) para o ambiente doméstico. O lar, símbolo de máximo de refúgio, abrigo inviolável, ambiente de descanso e lazer, foi alterado para ambiente de partilha de espaço entre atividades pessoais e profissionais.

Antes mesmo da pandemia, apontava-se a evolução de modos de vida que poderiam modificar notavelmente o uso da moradia, como: 1) Modificação do tamanho e da composição do grupo doméstico; 2) Modificação dos tempos sociais; 3) Desenvolvimento do trabalho feminino e transformação dos papéis tradicionais masculinos e femininos; 4) Transformações das atividades domésticas; 5) Novas formas de sociabilidade; 6) Desenvolvimento da autonomia no seio do grupo familiar; 7) Uma nova imagem e novas práticas do corpo; 8) Uma nova imagem do conforto. Dessa forma, salienta-se a necessidade de estratégias para resolver a contradição: em que pese não se viver

mais como antes, na maioria dos casos, a moradia permanece frequentemente como antes (Bernard, 2005). Assim, há de se refletir sobre quais estratégias o morador vem usando para adaptar seu habitat, geralmente de concepção tradicional, ao seu modo de vida atual, fortemente remodelado pela pandemia.

Novas configurações familiares revelam que na atualidade a família possui inúmeras conformações que recebem influência de diversos grupos e classes sociais de uma sociedade plural. A Constituição Federal legitima e assegura a preservação da dignidade do ser humano, visando a diversidade, a solidariedade e o melhor interesse desses novos arranjos familiares. O significado de família, portanto, perpassa a diversidade dos diferentes grupos e classes, devendo ser sempre contextualizado e medido em seus impactos. Nesse sentido, a complexidade na relação família-trabalho atravessa a aceitação e entendimento do contexto de trabalho dos integrantes do núcleo familiar, realidade que pode tornar a convivência familiar conflituosa (Pimenta et al., 2021). A pandemia acentuou o comprometimento das relações familiares tanto pelo acréscimo de demandas corriqueiras de cuidado com filhos e parentela, como no que diz respeito a adição de tempo de convivência e demandas adicionais por limitações funcionais, sejam estas prévias ou em decorrência das sequelas de COVID - perda de olfato/paladar, cefaleia crônica, agravamento de comorbidades, entre outras.

Uma das estratégias observadas foi a mudança do ambiente físico durante a pandemia, seja por obra/reforma domiciliar seja por alteração do local de residência, o que implica em alteração na ligação para com o ambiente. O vínculo ou apego ao lugar (*place attachment*) relaciona-se tanto às características físico-espaciais do local como aos significados simbólico/afetivos associados a ele pela pessoa ou grupo de pessoas.

O processo de apego ao lugar sofre alterações em função do ciclo de vida individual/familiar e envolve três dimensões básicas da interação pessoa-ambiente: a dimensão funcional (o espaço físico pode atrair, encorajar ou inibir movimentos, interferindo nos comportamentos e podendo gerar bem-estar/produtividade ou frustração/estresse), a dimensão simbólica (conteúdo simbólico de

origem sociocultural e individual influencia o modo como cada indivíduo e/ou grupo compreende e age frente às diferentes situações) e a dimensão relacional (interação dinâmica entre o envolvimento social cotidiano e características do ambiente). Os níveis de temporalidade que podem ser articulados pela pessoa ao local específico são o passado interacional (memórias vividas) e o potencial futuro (expectativas antecipadas ou imaginadas de novas vivências; Elali & Medeiros, 2011).

Nesse sentido, pode-se refletir sobre até que ponto o trabalho em casa encoraja comportamentos menos formais, aproxima a família gerando bem-estar e/ou conflitos, e, pode gerar estresse pela sobrecarga e acúmulo de diferentes demandas, impactando positiva ou negativamente a produtividade do indivíduo frente à organização.

As características físicas e psíquicas do ser humano viabilizam o conhecimento dos diferentes locais por onde vive e transita. O Comportamento Sócio Espacial Humano abarca a forma como uma pessoa se comporta em relação a outra em um dado contexto ambiental, com destaque para o processo de comunicação interpessoal não-verbal, que geralmente acontece de modo pouco consciente e consiste na postura, no gestual, na movimentação e orientação corporal, no estabelecimento de distâncias interpessoais e toques.

Entende-se privacidade como o controle seletivo de acesso a si ou a seu grupo (Cavalcante & Pinheiro, 2018), uma regulação dinâmica e socialmente delineada, ou seja, um contínuo entre as tendências de estar totalmente acessível e isolar-se. A casa, espaço privado, é um local de manutenção da privacidade, que, quando recebe visitas, o faz no hall de entrada ou salas de estar e jantar, resguardando a área íntima como os quartos e suítes para moradores. Porém, durante a pandemia, em muitos casos, houve a imposição de certa flexibilização no acesso privado ao domicílio (muitas vezes até mesmo ao quarto de dormir), devido às reuniões virtuais em dispositivos eletrônicos com câmeras como computadores portáteis e celulares, principalmente em razão da normalização do uso de câmeras pessoais e do teletrabalho compulsório.

Ter condições de regular o nível de exposição/privacidade a que se está submetido, perpassa a identificação de quais aspectos do ambiente físico e social constituem a si ou a outrem e está

diretamente ligado a auto identidade e ao reconhecimento dos seus próprios limites. O grau de intimidade desejável pode ser definido por barreiras físicas evidentes como biombos, portas e paredes, como por normas sociais explícitas ou implícitas, desde a manipulação sutil de objetos pessoais até a ocupação territorial de áreas de algum modo significativas.

As quatro funções principais da privacidade são: autonomia pessoal, restabelecimento emocional, auto avaliação em situações sociais, comunicação limitada e protegida às pessoas de confiança. E, como características definidoras das formas de expressão da privacidade, podemos citar: solidão (possibilidade de resguardar-se da observação de outras pessoas), intimidade (possibilidade de estreitar relacionamento com pessoas selecionadas), anonimato (liberdade de não identificação em espaços públicos), e, reserva (limitar o acesso a informações próprias; Cavalcante & Pinheiro, 2018).

O acentuado avanço nas áreas de tecnologia da informação e comunicações, principalmente na figura do aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp (*"Whats Up?"*; Pereira et al., 2021), já viabilizava a comunicação integrada por texto, áudio e vídeo pelo celular, para a maior parte da população, antes mesmo da pandemia; porém, os números de telefone eram, na maioria dos casos, restritos à contatos pessoais. Essa quebra no controle seletivo de acesso até então exercida pela posse de um ambiente físico próprio (a casa, o quarto, a cama, entre outros) já havia sido degradada com a adoção do celular (a nova "célula" que acompanha o corpo humano, sempre uma possível rota de acesso ao espaço pessoal).

Nos dias de hoje, não fornecer o seu contato de WhatsApp a quem quer que seja o demandante (relação pessoal ou profissional), soa minimamente como uma atitude ríspida. Com a chegada do trabalho em casa e especialmente a chegada do trabalho no celular por funcionalidades adicionais às ligações tradicionais, a quebra da privacidade foi acentuada e ininterrupta. Quanto às câmeras, a alternativa a tal invasão foi substituir as barreiras usuais de privacidade pela utilização de recursos visuais dos próprios dispositivos eletrônicos, como alterar a imagem de fundo da câmera ou

a prática de desfocar a imagem da câmera a começar do contorno da silhueta, com o intuito de não permitir a identificação do cenário no entorno para além da imagem do rosto da pessoa em foco.

Nesse contexto, em que pese algumas empresas terem alterado a dinâmica de trabalho de horas semanais para atividades demandadas, ratifica-se uma acessibilidade ininterrupta aos colaboradores, como se estivessem continuamente de sobreaviso. E ainda, fica evidenciada a alteração na função do espaço físico domicílio com a perda do ambiente restrito a descanso e lazer o que talvez ajude a explicar altos índices de intercorrências e agravos psicológicos.

A compreensão e uso do espaço físico implica o reconhecimento e aplicação de táticas culturalmente apropriadas de defesa da privacidade. Isso ocorre no lidar contínuo com as normas sociais de uso do espaço, e, desenvolve, por meio de experiências vivenciadas e retomadas, personalidades situacionais para identificação, decodificação e uso de simbologia própria que permite a função de regular a privacidade. Como a privacidade tem característica de controle ou limitação de acesso a determinadas informações em face de terceiros, além do caráter positivo vinculado ao direito do cidadão de medição do fluxo de informações pessoais que lhe digam respeito, e do caráter negativo vinculado à exclusão de interferências externas, privacidade e intimidade estão ligadas à liberdade individual e autonomia do indivíduo quanto à escolha de determinado modo de vida (Palhares et al., 2020).

Soma-se a isto a questão da alteração da quantidade de pessoas por área (densidade objetiva) no núcleo familiar, uma vez que a casa, por vezes usada antes da pandemia apenas como dormitório, passou a ser o único local de permanência segura frente ao vírus (e convívio compulsório nas 24h/dia durante a semana e finais de semana) no auge da pandemia.

Assim, devido ao confinamento decorrente do isolamento social, foi evidenciada a relação sócio espacial pessoa-ambiente doméstico em suas peculiaridades e formação de novos arranjos. Principalmente em decorrência do modelo de teletrabalho, a priori compulsório, aos serviços não essenciais e que se consolida no período pós-flexibilização das medidas restritivas, quando uma nova dinâmica familiar se estabelece. Isso é, ainda, atravessado por questões interseccionais como a

equidade na distribuição das tarefas domésticas e pode gerar impacto na qualidade de vida e satisfação com a vida das pessoas.

4.2 Qualidade de Vida e Qualidade de Vida no Teletrabalho

A qualidade de vida não é um simples modismo, algo passageiro a preencher o tempo dos leitores para, em seguida, ser descartada. Muito pelo contrário, ela se constitui em um dos objetivos a ser alcançado no presente estágio de desenvolvimento da humanidade. (...) Cada vez mais, valoriza-se a qualidade de vida, em detrimento do aumento do tempo de vida, e condição limitada ou incapacitada. (Nobre, 1995, p. 299)

Ao longo da história recente, a expressão Qualidade de Vida é marcada por seu uso em diferentes áreas de estudos e contextos variados, com interesse crescente tanto entre o público geral quanto na literatura científica, o que resulta em certa falta de consenso conceitual (Kimura & Silva, 2009). Também pode ser dividida em componentes diversos e reconhecidamente não integralizantes mas que em conjunto são capazes de perfazer o mesmo sentido global proposto. Tal complexidade intrínseca implica na necessidade de delimitações para viabilização das análises científicas.

Como a qualidade de vida pode ser definida? (...) É o tempo de trânsito e as condições de tráfego, entre o local de trabalho e de moradia. É a qualidade dos serviços médico-hospitalares. É a presença de áreas verdes nas grandes cidades. É a segurança que nos protege dos criminosos. É a ausência de efeitos colaterais de medicamentos de uso crônico. É a realização profissional. É a realização financeira. É usufruir do lazer. É ter cultura e educação. É ter conforto. É morar bem. É ter saúde. É amar. É, enfim, o que cada um de nós pode considerar como importante para viver bem. (Nobre, 1995, p. 299)

A Organização Mundial da Saúde define Qualidade de Vida como a percepção de uma pessoa sobre sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores em que vive e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. E acrescenta que é um conceito amplo,

afetado de maneira complexa pela saúde física, estado psicológico, nível de independência, relações sociais e sua relação com as características proeminentes de seu ambiente (WHOQOL Group, 1993).

Qualidade de vida pode, sinteticamente, ser definida enquanto percepção de bem-estar que reflete um conjunto de parâmetros individuais, socioculturais e ambientais que caracterizam as condições em que vive o ser humano (Nahas, 2017). E, podem ser categorizados seis núcleos intrínsecos ao conceito de Qualidade de Vida: capacidade de viver uma vida normal, capacidade de viver uma vida socialmente útil (utilidade social), capacidade natural (física e mental), alcance de objetivos pessoais, felicidade/afeto e satisfação com a vida (Ferrans, 1996). Satisfação com a vida é o construto que corresponde à dimensão cognitiva do bem-estar subjetivo, se relacionando à dimensão afetiva ou emocional (representada por afetos positivos, prazer, e negativos, desprazer; Gouveia et al., 2005). Assim, embora imbricados, os conceitos de Qualidade de Vida e Saúde não se sobrepõem exatamente, sendo aspectos como controle de sintomas, diminuição da mortalidade ou aumento da expectativa de vida, componentes a serem considerados quando da observação pela ótica das ciências humanas e biológicas.

Da mesma forma, uma abordagem socioeconômica que só considere fatores externos como instrução, renda e moradia, se faz insuficiente. Este tipo de enfoque muitas vezes pode gerar vieses ao descrever indicadores sem investigar o objetivo destes para as pessoas envolvidas. Ou seja, pode limitar-se por não considerar aspectos subjetivos dos seres humanos ao responderem ou avaliarem o quão bom apresenta-se seu próprio viver.

Há autores que classificam os estudos sobre qualidade de vida em quatro abordagens: econômica, psicológica, biomédica e geral ou holística. E, na abordagem psicológica, como os indicadores sociais ou objetivos são limitados, há apenas indicadores indiretos da qualidade de vida. Então, a análise deve ser feita levando em conta a vida atual da pessoa e um padrão a ser comparado, com base na combinação de múltiplos aspectos em seis dimensões de análise: 1) Objetivo-realização (o que se tem e o que se quer ter); 2) Ideal real de vida dos povos; 3) Relação percebida entre circunstâncias atuais e almejadas; 4) Relação percebida entre a melhor qualidade de vida que já se

teve no passado e a atual; 5) Relação entre as posses de uma pessoa e o que o seu grupo de referência possui; 6) O quão bom é o ajuste da pessoa no ambiente em que se insere (Pereira et al., 2012).

Nesta perspectiva macro, qualidade de vida engloba o contexto cultural, social, da história de vida e percurso dos indivíduos, incluindo e ultrapassando indicadores econômicos, psicométricos e bioestatísticos que priorizam a lógica custo-benefício. Além da minimização da distância entre expectativas individuais e a realidade, uma boa qualidade de vida pode abarcar uma ampla gama de fatores, seja quanto a auto percepção de adequação a um estilo de vida ou a melhoria nas condições de vida de um enfermo no contexto de saúde. Assim, podemos caracterizar qualidade de vida como a possibilidade de desenvolvimento pleno de potencialidades dentro do contexto sociocultural e ambiental no qual o indivíduo se insere.

A relação da qualidade de vida com o trabalho (ou não-trabalho) engloba diversos elementos do contexto organizacional e outros vários aspectos distintos e interdependentes da vida como fadiga física, mental e social, o que pode acarretar doenças, absenteísmo ou até mesmo acidentes. A complexidade destas relações pode tanto afetar negativamente o organismo, sendo fonte de desprazer e agravante no estado de saúde, como resultar em prazer e bem-estar. Assim, enquanto ter saúde é condição basilar à capacidade produtiva, o ambiente e a dinâmica laboral impactam diretamente na autopercepção dos aspectos pessoal e profissional do indivíduo (Pimenta et al., 2021).

As características de desenvolvimento econômico, social e tecnológico imprimem uma marca sobre os indivíduos e agem como referência histórica. Da mesma forma, valores e necessidades individuais moldam e também refletem aspectos culturais, revelando nuances, traços e tradições constituídas. Há de se considerar, ainda, em se tratando dos fatores intrínsecos ao conceito de qualidade de vida, a influência do grupo social de pertença definindo padrões de bem-estar. Por se tratar de um dos sustentáculos da organização social, há de se apreciar a função da família (Pimenta et al., 2021). Ao englobar aspectos biológicos, psicológicos e sociais, evidencia-se a função familiar na

percepção de qualidade de vida individual pelos possíveis impactos na convivência, na saúde e na performance enquanto trabalhador. Assim, o desempenho da função social dos trabalhadores está imbricado nos paradigmas do núcleo familiar que por sua vez dizem respeito a determinado recorte de uma classe econômica, social e política da sociedade.

A noção de qualidade de vida está também relacionada ao bem-estar das camadas superiores e à passagem de um limiar a outro na perspectiva de classes sociais. Em que pese o relativismo cultural supracitado, o mundo ocidental traz preceitos universalmente arraigados como conforto, prazer, viagens e uso de tecnologias, entre outras riquezas (Minayo et al., 2000). Diante de tal cenário de consumo irrestrito e obsolescência programada, questiona-se as relações que os seres humanos estão estabelecendo entre si e com a própria natureza.

Em linha ao exposto, há a iniciativa da Organização da Nações Unidas (ONU), a Agenda 2030, com seu Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) número 12 com o fito de assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis. Mais do que isso, outros objetivos tangenciam a questão de acesso a melhores níveis de qualidade de vida para população mundial em suas propostas, como: ODS 8 - promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos; ODS 4 - assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos, e, ODS 3 - Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, n.d.).

Renda, educação e saúde são os indicadores que compõe outro instrumento de avaliação da qualidade de vida: o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH; PNUD Brasil, n.d.). Em contraponto ao Produto Interno Bruto (PIB), que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento, o IDH, ao se basear na ideia de capacidades, aponta para potencialidades dos indivíduos em áreas chave para elaboração de políticas públicas.

Há de se levar em conta também a subjetividade inerente ao conceito de qualidade de vida e seu componente de auto percepção. Como conceito subjetivo, a sua avaliação depende da

perspectiva individual de cada sujeito (Anderson & Burckhardt, 1999; Fleck et al., 1999; Oleson, 1990; Paschoal et al., 2007). Assim, para além da investigação de indicadores objetivos, é indispensável contextualizá-los desde suas nuances subjetivas. Ou seja, torna-se primordial investigar o porquê de indicadores como escolaridade, ausência de sintomas de doenças e condições de moradia para os respondentes envolvidos (Pereira et al., 2012).

A temática qualidade de vida apresenta-se em conceito complexo e que tem a subjetividade central à presente pesquisa. Assim, o tema demanda uma abordagem que extrapole a mera descrição de indicadores, sem considerar a subjetividade particular de cada ser humano. Torna-se, portanto, basilar e enriquecedor o considerar da avaliação individual de o quão bom é o viver de cada um, considerando o contexto sociocultural, a história de vida e o percurso trilhado pelas pessoas.

O desdobramento do conceito de qualidade de vida em âmbito profissional mediado por relações virtuais é a qualidade de vida no teletrabalho, adotada como construto pela presente pesquisa. Pode ser definida como “produzir com qualidade, com prevalência de emoções e humores positivos, sendo o trabalho realizado no horário e local que melhor convier, possibilitando a conciliação da vida pessoal e profissional.” (Andrade, 2020, p. 162).

4.3 Equidade e a Posição da Mulher

Desde a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945, em sua Carta primeira, a igualdade de direitos entre os sexos vem sendo pauta internacionalmente discutida. “[...] fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor da pessoa humana, e na igualdade de direitos do homem e da mulher assim como das nações grandes e pequenas” (UNICEF, 1945, para. 1). Nesse sentido, a discussão perpassa a IV Conferência Mundial da Mulher (IV CMM), realizada na cidade de Beijing (Pequim), China, em 1995, e a série posterior de conferências de Beijing + (5, 10, 15 e 20; Sardenberg, 2018), bem como, se faz presente nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), válidos para o período de 2015-2030. Assim, as constantes transformações econômicas, sociais, ambientais e culturais experienciadas - e ultimamente intensificadas - por todo o planeta, impactam as trocas cotidianas que vêm sendo fragilizadas, principalmente pela pandemia em curso.

A maneira que usualmente homens e mulheres se inserem no mercado de trabalho nas sociedades contemporâneas reflete normas sociais implícitas que carregam papéis de gênero esperados de cada sexo (Cotrim et al., 2020).

Enquanto parte integral dos direitos humanos fundamentais, o direito ao desenvolvimento é um direito universal e inalienável. Conforme a Declaração Internacional sobre o Direito ao Desenvolvimento de 1986, a concepção interdependente de paz, desenvolvimento, democracia e direitos humanos visa promover o desenvolvimento enquanto responsabilidade de toda a sociedade, perpassando por gestões públicas e privadas. Mesmo que tais gestões tentem minar a relevância deste direito-síntese, faz-se necessário o emergir de estratégias de mobilização social para sua concretização. Porque independentemente da enunciação supracitada, ainda há que se percorrer um caminho até que seja de fato implementada à realidade social, em linha a uma operacionalização no planejamento estatal. Portanto, a participação de todos os atores sociais envolvidos (inclusive o setor privado, também enquanto empregador) comprometendo-se com o bem-estar comum cria possibilidades de reversão das condições estruturais que atrapalham o pleno desenvolvimento (Muniz & Pospichil, 2018).

Já em 1993, a Declaração e Programa de Ação de Viena determinam que são parte inalienável, integral e indivisível dos direitos humanos universais, os direitos humanos das mulheres e crianças do sexo feminino. Logo, são objetivos prioritários da comunidade internacional a participação plena e em paridade destas, seja na vida política, civil, econômica, social ou cultural e a erradicação de todas as formas de discriminação com base no sexo. Embora a igualdade de gênero esteja imbricada na condição humana, sendo devida desde a concepção, as históricas desigualdades têm se perpetuado mundialmente sobretudo na esfera socioeconômica devido às inequidades estruturais arraigadas (Muniz & Pospichil, 2018).

Em diversos países ainda existe certa desproporcionalidade entre os níveis de renda de homens e mulheres, principalmente quando há dependência econômica entre cônjuges. A divisão desigual dos sexos quanto ao trabalho formal e informal corrobora a inferioridade da renda própria

feminina, cooperando para maior propensão à pobreza quando tais mulheres têm filhos dependentes, há ausência ou não colaboração financeira do parceiro, ou ainda, quando os rendimentos são insuficientes ao trato de todos os gastos do seu núcleo familiar. Urge, portanto, a implementação de políticas públicas sensíveis às questões de gênero para regulamentação das relações trabalhistas e de proteção social (Muniz & Pospichil, 2018).

Em 2015, para efetivar o direito ao desenvolvimento, entremeando-nos com democracia e direitos humanos (Ramos et al., 2009), os esforços de cooperação internacional e orientação das políticas estatais foi consolidado na busca por igualdade de gênero conforme o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS 5) das Nações Unidas: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

O ODS5 se desdobra em diversas metas que englobam aspectos como acabar com todas as formas de discriminação, práticas nocivas (como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais) e violência nas esferas públicas e privadas (como tráfico e exploração sexual); garantir participação plena/efetiva e igualdade de oportunidades para liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública; acesso universal à saúde sexual e reprodutiva/direitos reprodutivos; direitos iguais aos recursos econômicos, acesso a propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, serviços financeiros, herança e recursos naturais. Além desses aspectos e como meta mais importante para fins desse trabalho, destaca-se: “Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais” (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [IPEA], 2019, p. 1).

No Brasil tais preceitos são balizados pelas suas “intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as meninas e mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas”. (IPEA, 2019, p. 1)

Os indicadores brasileiros perpassam a existência ou não de arcabouço legal em vigor para promover, reforçar e monitorar a igualdade e a não-discriminação com base no sexo, também destacam enquanto formas de violência a violência sexual, o tráfico de pessoas e os homicídios, contabilizando a proporção de mulheres e meninas de 15 anos de idade ou mais que sofreram violência física, sexual ou psicológica. Já a garantia à igualdade de direitos, de acesso e de controle dos recursos econômicos, da terra e de outras formas de propriedade, de serviços financeiros, de herança e de recursos naturais de modo sustentável, deve ser feita por meio de políticas de crédito, capacitação, assistência técnica, reforma agrária e habitação, entre outras. Também há de haver garantia de igualdade de gênero no acesso, habilidades de uso e produção das tecnologias de informação e comunicação; no acesso e produção da informação, conteúdos de comunicação e mídias; e, no acesso e produção do conhecimento científico em todas as áreas do conhecimento, com a finalidade de promover a perspectiva de gênero na produção do conhecimento (IPEA, 2019).

A proporção de tempo gasto em trabalho doméstico não remunerado e cuidados é o indicador para eliminação da desigualdade na divisão sexual do trabalho remunerado e não remunerado, com o objetivo de promover maior autonomia feminina. Também se destaca o indicador específico sobre a proporção de mulheres em posições gerenciais nas empresas (IPEA, 2019).

O empoderamento das mulheres e a redução das desigualdades de gênero representam alicerces para o avanço da sociedade em escala global, ainda que com suas diferentes nuances e especificidades regionais. Tais práticas colocam-nas em primeiro lugar cômicas de suas condições próprias de sujeito de direitos, o que impulsiona a equidade de gênero nas esferas sociais e econômicas do seu Estado de pertença e, por conseguinte, fortalece a economia local ao propulsionar negócios e melhorar a qualidade de vida, validando o direito humano ao desenvolvimento sustentável.

Em arranjos familiares tradicionais, as atividades domésticas geralmente ficam a cargo das mulheres casadas ou com filhos pequenos, sendo a gestão do orçamento da família e a autoridade

parental atribuídas aos homens. Fato este que acentua a discriminação sexual no trabalho, tornando urgente a mudança cultural de tais preceitos socioeconomicamente enraizados (Muniz & Pospichil, 2018). Políticas públicas como disponibilização de serviços de assistência social e a redução histórica da fertilidade facilitam o maior acesso e condições de permanência das mulheres em emprego assalariado (Cotrim et al., 2020).

Enquanto especificidades femininas, a gestação e até mesmo a tensão pré-menstrual ainda parecem tabus que tentam justificar menos-valia em algumas organizações. A maternidade desperta reflexões sobre o caminho que vem sendo trilhado para conscientização e para a concretização da igualdade de gênero. Tal exemplo ratifica as dificuldades de acesso das mulheres ao mercado de trabalho formal já que há a formação de um estereótipo acerca da trabalhadora em idade fértil e, de fato, uma demanda familiar proeminente, pois, culturalmente, o cuidado e atenção para com os filhos é prioritariamente incumbido às mães, mulheres que em geral estão mais vinculadas ao cuidado de pessoas, ensino e afazeres domésticos.

A presunção de que a responsabilidade do cuidado com a casa e com a prole é exclusivamente feminina por vezes incita o preconceito, arraigado em construções sociais e características biológicas. Apesar da legislação de amparo ao resguardo, puerpério e aleitamento materno, a responsabilidade pelo cuidado integral e, por vezes, a situação de não retorno ao trabalho após o nascimento das crianças dificultam a integração e permanência em atividades laborais formais, principalmente em classes sociais de menor poder aquisitivo.

Durante a pandemia, além da sobrecarga de inúmeras mulheres pela junção das jornadas laboral, de cuidado parental e de afazeres domésticos no mesmo ambiente físico, houve a modificação da estrutura das relações de trabalho, tornando subjetivo o limite previsto na Consolidação de Leis Trabalhistas para jornada por horas trabalhadas no Brasil, a aplicabilidade dos critérios para pagamento de adicional noturno e o grau de cobrança por produtividade. Além das demissões decorrentes do cenário econômico, surgiram casos de abandono de trabalho enquanto consequência da determinação do fechamento de creches e escolas ou por ausência de um

profissional de apoio para o lar, principalmente entre as mulheres trabalhadoras. Nesse sentido, a pandemia acaba por afetar em maior intensidade o gênero feminino (Fonseca et al., 2021).

O mercado de trabalho brasileiro apresenta estrutura ocupacional segregatória, uma vez que as mulheres geralmente ocupam funções vistas como prolongamento de seus “atributos naturais”, o que também implica em menores salários (Cotrim et al., 2020). Embora em grande parte dos países industrializados a segregação ocupacional por sexo venha sendo gradualmente rompida, a persistência de tal condição de injustiça ainda é perpetuada por normas e práticas sociais corriqueiras como se houvessem lugares destinados às mulheres brasileiras na divisão sexual do trabalho moderna – como na área da saúde, as enfermeiras (cuidadoras) *versus* os médicos cirurgiões (especialistas técnicos).

No Brasil, no período de crescimento econômico compreendido entre 2004 e 2014, a participação no mercado de trabalho e os índices da formalização do emprego das mulheres aumentaram, embora tenha sido ínfima a redução do diferencial de rendimentos entre homens e mulheres. Já de 2015 a 2018 houve retração do emprego formal e estagnação dos rendimentos, possivelmente devido à forte recessão de 2015-2016 que afetou em maior escala a força de trabalho dos homens, acarretando, também, pequena redução dos diferenciais de rendimento. Foi seguida pela tímida recuperação econômica de 2017-2018, mais favorável à participação das mulheres no mercado de trabalho formal. Mesmo após a reforma trabalhista (Lei nº 13.467, 2017), mantiveram-se entraves à inserção feminina em alguns setores bem como os persistentes diferenciais remuneratórios, principalmente em ocupações que requerem diploma de ensino superior, evidenciando assim o caráter estrutural de tal cenário desigual (Cotrim et al., 2020).

Observa-se que a maior escolaridade feminina denota mais participação tanto no mercado de trabalho quanto nos espaços de pertença, em contraponto às mulheres de baixa renda que têm sua inserção no mercado de trabalho meramente objetivando subsistência quando em geral são submetidas a empregos flexíveis e/ou com baixa remuneração.

Por conta do estereótipo de gênero, a avaliação entre os sexos é realizada arbitrariamente mesmo que os desempenhos tenham sido similares ou idênticos. Isto é reflexo da sociedade imersa em uma cultura patriarcal e machista que historicamente vem moldando espaços e funções “do feminino” em qualquer que seja o âmbito de atuação. A maneira como são pensadas as conquistas nos ambientes doméstico e laboral, também ratifica tal disparidade. Enquanto a mulher, caracterizada predominantemente pela fragilidade e espírito maternal, se estabelece no mercado laboral por fatores instáveis como esforço e sorte, o homem, tido como assertivo e forte, supostamente se impõe por suas capacidades e qualidades (Muniz & Pospichil, 2018).

Em relação à diversidade e inclusão nas organizações, empresas de diferentes portes encontram-se nos mais variados estágios de maturação. Há organizações onde o tema ainda não é discutido ou ainda está em fase inicial, há as que promovem ações internas e buscam continuamente a evolução na temática e também as que já atuam consistentemente em iniciativas sobre diversidade, inclusão e equidade. Possíveis falhas como falta de reconhecimento de seus próprios vieses inconscientes, cumprimento estrito do número de cotas instituído por lei, aprofundamento escasso nas competências necessárias e cultura inóspita à diversidade e inclusão, emergem em sentido contrário à equidade.

Tais ações organizacionais podem ser abordadas de maneira geral e unificada, tratando diversos temas juntos, ou, em atuação por pilares - sejam pilares com iniciativas independentes ou com pontos de interseccionalidade.

Com a intenção de embasá-las, pode haver políticas específicas norteadoras da atuação e comportamentos em diversidade e inclusão com atenção a gênero, raça, PcD (pessoa com deficiência), LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binário e outros grupos e variações de sexualidade e gênero), refugiados, religião, regionalismo, etarismo, diversidade estética. O tema deve perpassar todas as esferas das organizações, sendo usualmente liderado por áreas como recursos humanos ou sustentabilidade.

Entre competências basilares aos profissionais envolvidos com a gestão de diversidade e inclusão, destacam-se empatia, comunicação assertiva, administração de conflitos, relacionamento interpessoal, consistência, conhecimento técnico acerca das especificidades inerentes e influência. Em geral são disponibilizados treinamentos/capacitações para os diferentes grupos de colaboradores abordarem a temática na vivência profissional, por meio de parcerias com instituições, prática de comunicação não violenta, treinamento sobre viés inconsciente, participação em grupos de estudo ou capacitações específicas como treinamento de libras. O reflexo disto transcende o ambiente laboral e contribui para formação de cidadãos mais cômicos.

A organização pode adotar ações afirmativas quanto às diferentes formas de diversidade (contratação direta, programas de seleção específicos, seleção às cegas, capacitação, presença em eventos do público alvo e incentivo às posições de liderança), além de questões legais como o cumprimento da legislação nacional que combate a discriminação e da manifestação pública e contrária a comportamentos que não promovem igualdade de oportunidades no ambiente interno e na relação com clientes, fornecedores e com a comunidade.

Ferramentas como programas de contratação/retenção/integração específicos, censo de diversidade, rodas de conversa temática, programas de treinamento e desenvolvimento específicos, palestras de sensibilização e pesquisa de clima são utilizadas nas organizações para subsidiar ações de diversidade e inclusão. Os impactos de um ambiente diverso e inclusivo apontam melhoria no clima organizacional (e, conseqüentemente, no doméstico), produtividade, posicionamento mercadológico, inovação, utilização eficaz das competências e lucratividade. Também se faz pertinente enquanto ferramenta de entendimento sobre questões físicas e psicológicas inerentes à equidade, e que traz elementos para a compreensão das desigualdades entre homens e mulheres, a visão de *affordances* (possibilidade de ação advinda da intuição ou baseada em experiências prévias para identificação de funcionalidades sem rótulo, instrução ou explicação anterior) proveniente da Psicologia Ambiental.

A decisão para realizar iniciativas de equidade pode ser subsidiada por mitigar o risco legal, alinhar ações e expectativas dos colaboradores ou *stakeholders*, construir/manter uma cultura de

confiança, remover o viés contra minorias favorecidas pelos programas, acabar com distorções salariais relacionadas a minorias, por ser a coisa certa a fazer eticamente ou por fazer sentido econômico para organização. Assim, a organização pode promover ações relacionadas à equidade no planejamento estratégico geral e nas políticas de gestão de pessoas em relação à remuneração, acesso a cargos de chefia, promoção e aceleração de carreiras, entre outras iniciativas de equidade.

Para além do cenário organizacional, a posição da mulher está, para além do período pandêmico, imbricada por interseccionalidades que vão além do gênero e repercutem em posição social e contexto de vida de desigualdade e subordinação. Nesse sentido, dois casos emblemáticos podem ser citados: a primeira morte pelo novo coronavírus no Brasil ter acometido uma empregada doméstica infectada no Rio de Janeiro por patrões recém chegados da Europa, e, em Recife, a morte de um menino de 5 anos, filho de uma empregada doméstica, que, devido ao fechamento das escolas foi para o trabalho da mãe onde foi deixado no elevador pela patroa para supostamente procurar sozinho por sua mãe que havia descido para passear com os cachorros – o menino teve acesso à área externa do prédio e morreu ao cair do 9º andar.

Tal desigualdade explicitada nesses dois casos pontuais perpassa a trajetória conjunta das mulheres e deve ser tratada como um desafio das políticas públicas brasileiras. Da mesma forma, o cuidado na primeira infância revela uma disparidade nas ações públicas quando o Ministério da Saúde preconiza seis meses de amamentação exclusiva para recém-nascidos, porém, o Ministério do Trabalho concede apenas quatro meses de licença maternidade para puerpério e amamentação.

A preocupação com a distribuição desigual do trabalho doméstico e de cuidados com a família não é recente. Entretanto, poderia ser esperado que a extensão do tempo de presença física de dois parceiros de sexos diferentes em casa, por conta da pandemia, pudesse contribuir para uma nova era de distribuição mais equitativa das atividades; o que não aconteceu, em que pesem desejos declarados por alguns homens de se envolverem mais em tarefas domésticas. A persistente distribuição desigual das tarefas passa despercebida pelos homens em muitos casos, o que se deve a diferenciações por sexo na percepção de possibilidades de ação no ambiente doméstico (*affordances*)

resultando em desigualdade na distribuição dos afazeres na casa e, até mesmo, em invisibilidade dos serviços domésticos a serem realizados (McClelland & Sliwa, 2023).

Apesar de homens e mulheres, por estarem unicamente em casa na pandemia, terem percebido o aumento das demandas de cuidado e tarefas domésticas, segue-se um padrão internacional de inalteração da distribuição dos afazeres no âmbito da casa. Enquanto os homens se percebem mais envolvidos no fazer, a responsabilidade e a prática de tais afazeres continua a ser, predominantemente, das mulheres. Isso implica para elas em um efeito cascata na capacidade de se envolver em trabalho produtivo remunerado e em sua saúde física e mental, até porque a contribuição desproporcional delas parece passar despercebida e não se torna reconhecida pelo parceiro – invisibilidade.

Quanto às disparidades, as ciências sociais em geral propõe fatores como a economia determinando qual dos parceiros em casais heterossexuais irá apresentar maior disponibilidade para realização das tarefas domésticas; fatores como a cultura de gênero arraigada no mercado de trabalho que impele os homens a participarem da vida organizacional enquanto expõem as mulheres, sobretudo as mães; e, fatores como escolhas de carreira baseadas em gênero, que resultam em maior propensão, pelas mulheres, ao aceite de profissões de menor remuneração que admitam trabalho flexível, com possibilidade de acomodar outras responsabilidades. Adicionalmente a esses fatores, cabe refletir tanto sobre a invisibilidade quanto sobre a persistência generalizada de tais disparidades na pandemia, quando ambos os parceiros apresentaram jornadas laborais equivalentes e a flexibilidade do teletrabalho. Existe a influência da função percebida e internalizada como de homem ou de mulher também na estruturação de expectativas, dinâmicas de poder nas relações (se quer ter menos, mais ou a mesma quantidade de poder no casamento) e mecanismos materiais e simbólicos replicados no ambiente.

As crenças forjadas no início da infância de homens e mulheres, geralmente ancoradas em emoções profundas, alinham o que eles pensam sobre masculinidade e feminilidade, o que sentem a respeito e o que fazem. Crenças, desejos e sentimentos de homens e mulheres constituem a base

para suas ações, também em relação às partes do trabalho doméstico que eles consideram suas; ou seja, em relação aos papéis de gênero desempenhados e esperados de si e do outro, no contexto das interações interpessoais. Tais comportamentos são moldados e sustentados por estruturas macro como arranjos no local de trabalho, condições econômicas, arcabouço legal e estruturas sociais. A família é um dos reprodutores da ideologia cultural de gênero.

No que se refere à invisibilidade do trabalho da mulher em casa, os homens não assumem essa responsabilidade por simplesmente não verem as tarefas (fenômeno perceptivo de gênero), até que lhe sejam dirigidas, permanecendo inconscientes de sua extensão total. As disparidades no trabalho doméstico e de cuidados são não apenas o resultado de crenças, desejos e sentimentos profundamente arraigados, mas também resultado de diferenças de gênero no nível da percepção. Aspectos individuais e estruturais se cruzam na medida que as opções disponíveis aos indivíduos, suas preferências e seus desejos são talhados por estruturas sociais (McClelland & Sliwa, 2023).

Determinado contexto só permite uma dada ação para um agente específico se for possível para o mesmo executar tal ação naquela circunstância. Assim, as *affordances* são relativas ao sujeito e à situação, por exemplo, uma árvore de um parque pode permitir a escalada para uma criança e ser não escalável para um cadeirante, ou ser não escalável para a mesma criança caso tenha quebrado a perna ou não esteja no parque. Além de perceber as formas, cores e texturas, a criança percebe as possibilidades de ação presentes na situação em determinado ambiente. A percepção de uma *affordance* é condicionante, mas não determinante à ação; uma criança pode estar triste e não desejar escalar árvores do parque naquele momento. Ser movido a agir por uma *affordance* pode ser entendido, pelo menos em parte, como a experiência de ser automaticamente preparado para realizar a ação oferecida, como motoristas habituados com câmbio manual ao começarem a dirigir carros automáticos, instintivamente fazem o movimento de embreagem durante o percurso. A força dessa resposta automática preparatória decorre de diversos fatores variáveis, como a tarefa em execução, as emoções e distribuição de atenção, e de fatores estáveis como habilidades e hábitos de longo prazo do agente, bem como a não realização depende de um esforço de autocontrole,

supressão ativa do desejo de fazê-lo. Dessa forma, duas pessoas aptas a algo em um mesmo ambiente podem perceber recursos diferentes e, também, podem ter diferentes graus de solicitação à ação de determinada possibilidade de movimento (*affordance*). Isto é, pessoas que são sensíveis às mesmas possibilidades podem ser mais (ou menos) instigadas à ação, e, pessoas que filtram as possibilidades de maneiras diferentes ou sintonizam em aspectos díspares podem ter experiências perceptivas do mesmo ambiente diferenciadas.

A maneira como um agente percebe o seu ambiente está diretamente ligada ao modo de viver e agir dele e de quem o rodeia, ligada às particularidades para onde os outros despertam a sua atenção e o que é possível fazer com e para as pessoas com quem ele compartilha o ambiente. Portanto, nossa sensibilidade às possibilidades tem uma dimensão social e nossa capacidade de percepção a novos recursos pode ser, ao menos parcialmente, aprendida (McClelland & Sliwa, 2023).

Na hipótese de que existem diferenças sistemáticas entre os gêneros, oportunidades de realização de tarefas domésticas são vistas diferentemente pelo casal e essas possibilidades que solicitam ação são percebidas em diferentes intensidades. Onde ambos os parceiros o percebem, a atribuição de tarefas domésticas tende a solicitar ação mais fortemente para as mulheres do que para os homens. Assim, um casal difere na maneira como percebe o ambiente doméstico, e, em geral, para os homens, as percepções não os envolvem – não representam uma tarefa correspondente a ser feita, como se fossem algo a ser feito em algum momento futuro ou eventualmente, não agora. Caso a parceira seja mais sensível às possibilidades de realização de dada tarefa doméstica, mantidos outros parâmetros iguais, é mais provável que ela a execute e, no geral, acabe assumindo a parte maior da demanda a ser feita, seja por estar incomodada com as tarefas não realizadas ou porque a *affordance* capta sua atenção distraíndo-a de outros afazeres (McClelland & Sliwa, 2023).

Da mesma forma que a mulher ser sensível às *affordances* não a obriga a realizar tarefas, a falta de sensibilidade dos homens para uma determinada atribuição não torna impossível para ele realizá-la. Mas tal falta de sensibilidade para realização e para premência da realização ou torna menos provável que ele desempenhe as tarefas domésticas relevantes ou posterga sua iniciativa em

realiza-la. No decorrer do cotidiano, tais pequenas diferenças rapidamente se acumulam em disparidades significativas.

Como os homens não veem as pequenas tarefas a serem realizadas, é improvável que notem quando foram realizadas. E, assim, é menos provável ainda que percebam que foram realizadas por outra pessoa. Se elas não o fazem, é criada uma tensão interna nas mulheres. Embora isso aconteça em relação às tarefas de manutenção diária, que regularmente são feitas para manter a organização da casa, o mesmo talvez não aconteça caso haja uma grande confusão a ser solucionada. E, a fim de que não haja uma grande bagunça acumulada, é necessária a realização frequente (em geral, por mulheres) de muitas pequenas tarefas que provavelmente passam despercebidas do radar deles - invisibilidade.

Mesmo quando as mulheres tentam ignorar conscientemente as demandas ou esperam a colaboração dos homens, essas escolhas geram uma carga cognitiva. Então, a diferença na percepção entre homens e mulheres resulta em distribuições desiguais de trabalho em casa ou, se resistido, em distribuições desiguais de carga cognitiva entre os parceiros. E, ainda, quando a escolha é por assumir a responsabilidade de delegar a tarefa, já houve um esforço prévio de percepção da necessidade da realização da tarefa, qual o momento mais oportuno para isso e para quem delegar. Esse direcionamento consiste em um esforço de articulação.

Fatores sociais influenciam, direta e indiretamente, a percepção e estados não perceptivos como crenças, desejos e emoções. A forma como alguém percebe o mundo pode ser moldada indiretamente pela regularidade com que é exposto a fatores influentes da sociedade. Cabe destacar que expectativas e pistas sociais afetam a percepção de *affordance* e o desenvolvimento de habilidades; ambos são influenciados por forças sociais variadas. Adicionalmente, as habilidades das pessoas moldam as possibilidades percebidas. As normas sociais também influenciam a percepção de recursos, que é um mecanismo-chave pelo qual inconscientemente obedecemos a certas normas sociais. Assim, a combinação de *affordances* de uma pessoa reflete seu modo de vida, com as normas de sua cultura determinando as *affordances* que as pessoas percebem. Gênero é um fator social

especialmente central, prescreve que as mulheres devem assumir mais responsabilidades domésticas do que os homens (McClelland & Sliwa, 2023).

Por outro lado, a menor sintonia dos homens com a presença e urgência das tarefas a serem realizadas não justifica a omissão quanto à participação no doméstico, uma vez que o desejo de funcionamento justo da casa carece do envolvimento de ambos os parceiros e deve ser suficiente para mover os homens a agir. Na ausência de percepção de *affordance*, eles ainda podem raciocinar sobre o que deve ser feito e tomar precauções para contornar a dificuldade perceptiva. Da mesma forma, se a responsabilização dos homens por suas falhas perceptivas não resolve o entrave na relação, também as mulheres estarem mais perceptivamente sintonizadas com as possibilidades domésticas do que seus parceiros, simplesmente não decorre que elas queiram realizar essas tarefas – menos ainda que elas naturalmente queiram fazer essas tarefas. Assim, dado que é possível uma mudança nos recursos que são percebidos por meio de um esforço consciente contínuo, mecanismos de atuação como sensibilização e promoção de ações que contornem o desequilíbrio estabelecido podem ser úteis para minimizar tal quadro de injustiça.

A percepção de disponibilidade é moldada pelo treinamento de gênero que as crianças recebem desde a tenra idade, portanto, corrigindo a prática de encorajar as meninas a se vestirem de rosa e brincarem de casinha, enquanto o incentivo aos meninos é se vestirem de azul e brincarem de polícia e ladrão, pode-se diminuir as chances de diferenças perceptivas na vida adulta. Além disso, se as mulheres assumem fortemente o trabalho de cuidados com o nascimento dos filhos, por outro lado, os pais podem ter a oportunidade de adquirir as habilidades de cuidado relevantes (conhecimento de como realizar) bem como aprimorar sua percepção de *affordance* (ver como tarefas a serem feitas), ao passarem mais tempo com as crianças. Assim, a licença parental estendida e compartilhada pode ser uma alternativa eficaz para combater as desigualdades de gênero na distribuição do trabalho de cuidados por permitir aos pais a oportunidade de se tornarem sensíveis às possibilidades da tarefa de cuidar, com o intuito de que assumam mais o trabalho de cuidado de longo prazo (McClelland & Sliwa, 2023).

Diante disso, serão necessários esforços tanto no nível individual quanto societal para transcender a situação estabelecida, dado que o fator social gênero traz implicações individualizadas para todos os casais heterossexuais e seus contextos familiares, com um reflexo na sociedade que vai muito além da mera responsabilização pela desigual distribuição da mão de obra doméstica.

É importante notar todo o aparato que envolve o trabalho doméstico que não é apenas o de limpar e cozinhar. A mulher se ocupa do trabalho braçal da limpeza, mas também é ela quem educa e quem dá suporte emocional. Essa dinâmica é fundamental para a manutenção do sistema capitalista ao transformar a dona de casa em uma criada, invisibilizando o seu trabalho. (Mantovani & Areosa, 2021, p. 6)

Frente ao exposto, a justiça social – “meio pelo qual todo trabalhador(a) pode reivindicar livremente e com base na igualdade de oportunidades sua justa parte da riqueza que ajudou a gerar” (Tribunal Superior do Trabalho [TST], n.d., p. 1) – perpassa o despontar de trabalhos científicos que deem visibilidade ao trabalho doméstico não remunerado em suas interfaces.

5. Objetivos da Pesquisa

Diante das considerações acerca do cenário pandêmico com o isolamento social e o trabalho remoto compulsório, destacamos a percepção de equidade nas práticas laborais domésticas enquanto fator de impacto nos níveis de satisfação com a vida e de qualidade de vida. Frente ao exposto, propõe-se para o presente estudo a seguinte questão norteadora: Diante das alterações na dinâmica dos núcleos familiares advindas do contexto pandêmico, qual a interface entre a percepção de equidade nas práticas laborais domésticas e o nível de satisfação com a vida para trabalhadores?

Para tanto, delineamos os objetivos geral e específicos a seguir.

5.1 Objetivo Geral

O desenvolvimento dessa pesquisa tem como objetivo, baseado no enfoque na casa como polo concentrador das funções sociais da cidade, identificar os principais impactos da pandemia no cotidiano de trabalhadores fundamentado na associação entre nível de satisfação com a vida e nível de qualidade de vida e percepção de equidade nas práticas laborais domésticas.

5.2 Objetivos Específicos

São três os objetivos específicos da pesquisa:

- 1) Verificar a relação entre nível de qualidade de vida, nível de satisfação com a vida e nível de qualidade de vida no teletrabalho.
- 2) Conhecer de que maneira as tarefas de casa foram redistribuídas durante o período pandêmico fundamentado na percepção de equidade nas práticas laborais domésticas; e,
- 3) Verificar a relação entre as modificações na dinâmica dos núcleos familiares no contexto pandêmico e o nível de satisfação com a vida.

Para atingir tais objetivos, foram realizados quatro estudos: Estudo 1, de natureza quantitativa; Estudo 2, de natureza qualitativa; Estudo 3, de natureza mista (quantitativa e qualitativa); e, Estudo 4, estudo de caso.

5.3 Considerações Éticas

Conforme previsto na Resolução nº 510 (Conselho Nacional de Saúde, 2016, Art. 1º, Parágrafo Único, Inciso VII) do Conselho Nacional de Saúde, “Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: (...) VII: pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito”. Assim, enquadra-se o contexto da pandemia de coronavírus em tais parâmetros, por seu caráter espontâneo e contingencial, com possibilidade de impactos psíquicos na população global, incluindo pesquisadora e respondentes voluntários. Faz-se necessário, portanto, aprofundamento teórico-empírico para consubstanciar as práticas profissionais multidisciplinares de abordagem à tal contexto. Foi mantido o anonimato dos participantes que declararam ciência da participação voluntária mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) preenchido eletronicamente, além de serem informados do objetivo da pesquisa e possibilidade de interrupção de participação ou desistência a qualquer momento durante a pesquisa.

6. Estudo 1: Relação entre Qualidade de Vida, Satisfação com a Vida e Qualidade de Vida no Teletrabalho

O primeiro Estudo teve como objetivo verificar a relação entre nível de qualidade de vida, nível de satisfação com a vida e nível de qualidade de vida no teletrabalho. Para tanto, realizamos um estudo com aplicação de três escalas – Escala de Qualidade de Vida, Escala de Satisfação com a Vida e Escala de Qualidade de Vida no Teletrabalho.

6.1 Método

Com o fito de verificar a relação entre nível de qualidade de vida, nível de satisfação com a vida e nível de qualidade de vida no teletrabalho, foi elaborado questionário (survey) composto por três escalas e questões sociodemográficas.

6.1.1 Participantes

A população-alvo foi composta por homens e mulheres que no contexto pandêmico tiveram experiência de trabalho no regime formal de teletrabalho em empresa pública nacional, com vínculo de trabalho estável.

A análise de poder a priori, realizada por meio do G*Power 3.1, indicou que para execução das análises propostas seriam necessários no mínimo 103 participantes, considerando tamanho de efeito médio ($f^2 = 0,15$) e um poder de 80% com sete preditores. A amostra obtida foi superior a proposta pela análise (191 participantes) de modo a corroborar os achados desse estudo.

6.1.2 Instrumentos

Para responder à pergunta proposta, foi enviado questionário com a seguinte estrutura: (i) introdução e objetivos da pesquisa (incluindo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, Anexo A); (ii) a variável critério, Escala de Satisfação com a Vida (SWLS); e as variáveis antecedentes, sendo a Escala Breve de Qualidade de Vida (WHOQOL-BREF) e a Escala de Qualidade de Vida no Teletrabalho, Fatores 1, 3 e 5 (QVT), assim como a caracterização sociodemográfica e de natureza do trabalho e as práticas cotidianas, laborais e domésticas dos participantes; e, (v) questões

sociodemográficas, como sexo, idade, tempo de empresa, nível hierárquico e comentários. Os instrumentos estão disponíveis no Anexo B.

Os três instrumentos psicométricos referentes às variáveis critério foram avaliados quanto a sua validade na presente amostra por meio de Análises Fatoriais Confirmatórias (AFC), utilizando o software R, versão 4.2.3, e o pacote *lavaan*, versão 0.6.15, quando necessário foram realizadas adequações dos instrumentos. Os índices de ajuste e confiabilidade decorrentes dessa análise estão apresentados no Anexo C, para cada instrumento e fator em sua versão original e reduzida.

6.1.2.1 Escala Breve de Qualidade de Vida da OMS (WHOQOL_BREF 26)

Consiste em 26 perguntas divididas em quatro domínios: Físico, Psicológico, Relações Sociais e Meio-ambiente. Seu cômputo originalmente pode ser feito em porcentagem; quanto maior o percentual atingido, maior o nível de Qualidade de Vida. Contudo, neste Estudo o instrumento foi mensurado por meio de escala tipo *Likert* para assemelhar-se aos outros.

6.1.2.2 Escala de Satisfação com a Vida (Satisfaction with Life Scale; SWLS)

Consiste em cinco perguntas com respostas do tipo *Likert* variando de 1 (*concordo totalmente*) até 7 (*discordo totalmente*). Assim, a pontuação obtida é computada por soma simples, podendo variar de 5 até 35, divididas em 6 categorias que vão de *Extremamente Insatisfeito* (5-9) até *Extremamente Satisfeito* (30-35).

6.1.2.3 Escala de Qualidade de Vida no Teletrabalho (QVT)

Foram excluídos os fatores 2 e 4, a saber: 2 – Contexto do teletrabalho (ênfase em suporte organizacional e gestão das atividades; 6 itens); e 4 – Estrutura tecnológica (ênfase em questões de informática, softwares e hardwares; 3 itens), pela inadequação ao escopo da presente pesquisa. Foram escolhidos os fatores relacionados à temática da presente pesquisa: 1 – Autogestão do teletrabalho (ênfase em questões do perfil do servidor e suas atitudes quando realiza o teletrabalho; 11 itens); 3 – Infraestrutura de teletrabalho (ênfase em condições físicas de teletrabalho; 3 itens), e, 5 – Sobrecarga de trabalho (ênfase no esforço dispendido para a realização das atividades no

teletrabalho; 4 itens). No total o instrumento foi aplicado com 18 afirmações a serem classificadas de um (*discordo totalmente*) a dez (*concordo totalmente*).

6.1.2.4 Informações Sócio Demográficas

As questões sócio demográficas realizadas nessa pesquisa envolveram as variáveis Idade, Nível de Escolaridade, Tempo de vínculo na empresa, Nível hierárquico na empresa, Estado Civil e Sexo. Devido ao recorte e escopo inicial da pesquisa, optamos pela variável sexo biológico (homens ou mulheres) em detrimento aos construtos gênero (construção social sobre papéis e comportamentos atribuídos a cada sexo e aprendidos por meio da socialização, que incluiria papéis e expectativas que a sociedade tem sobre comportamentos, pensamentos e características que acompanham o sexo fisiologicamente atribuído) ou orientação afetivo-sexual (heterossexual, homossexual, bissexual).

Acreditamos no respeito à diversidade e na inclusão, assim, em linha aos desdobramentos desse estudo, sugerimos que a identidade de gênero (experiência interna, individual e profundamente sentida que cada pessoa tem em relação ao gênero, que pode, ou não, corresponder ao sexo biológico constatado no nascimento) seja aprofundada em pesquisas futuras.

6.1.3 Procedimentos

Por se tratar de uma pesquisa elaborada durante a pandemia, optamos por sua realização não presencial. Confeccionamos o *Google Forms* com o compêndio das escalas e os *templates* para divulgação junto a uma empresa nacional do ramo de gestão de infraestrutura aeroportuária, previamente contactada por meio da sua superintendência de gestão de pessoas. Após aprovação do projeto, a equipe de comunicação da empresa enviou convites via lista de e-mails dos empregados ativos e não-cedidos a ela vinculados em regime laboral de teletrabalho à época. Assim, o contato inicial de apresentação da pesquisa à população-alvo e a disponibilização do *link* para o questionário foi realizado diretamente pela empresa em 16 de novembro de 2022. Destacou-se aos respondentes potenciais a preservação da confidencialidade de suas respostas e toda a amostra foi direcionada por tal e-mail ao questionário *Google Forms* via *link*, contendo no formulário o convite para participação

voluntária na segunda etapa da pesquisa, com campo opcional para preencher nome e número de *WhatsApp* (vide Estudo 2).

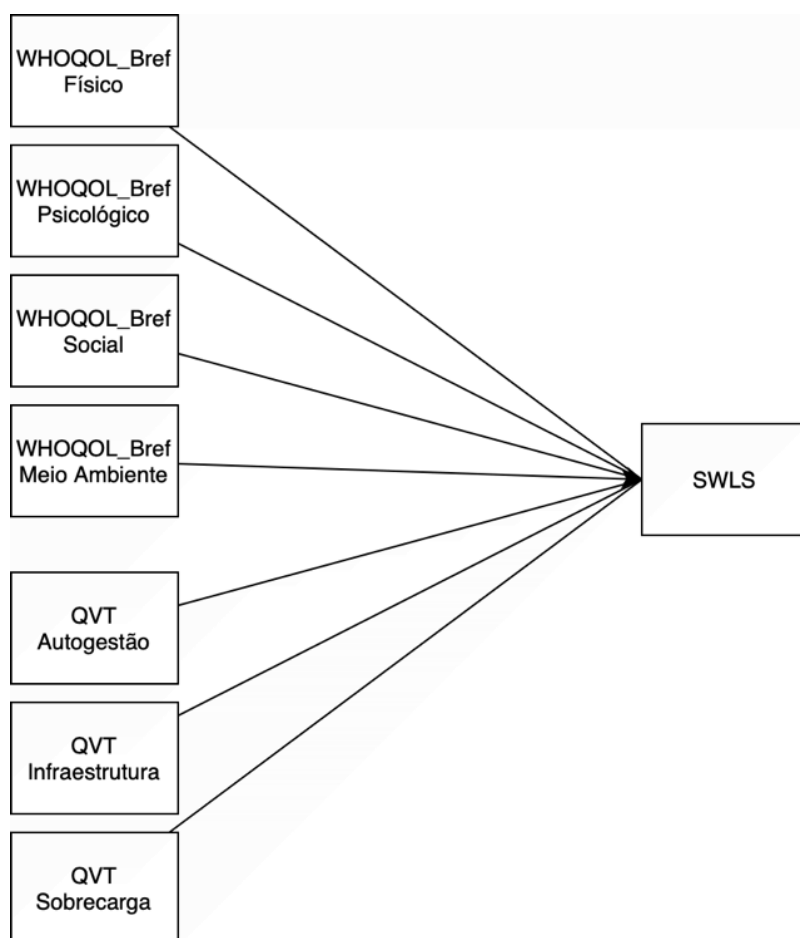
Assim, a empresa contactada para realização da pesquisa enviou e reenviou e-mails em novembro de 2022, disponibilizando o *link* para *survey* aos 765 funcionários orgânicos em regime de teletrabalho, dos quais eram 364 mulheres (47,6%) e 401 homens (52,4%). O questionário foi enviado, reenviado e respondido durante os meses de novembro e dezembro de 2022 pela amostra de 191 respondentes (25,2% da população) dos quais 94 mulheres (49,2%) e 97 homens (50,8%). Portanto, a amostra foi de conveniência por limitações de acesso aos participantes.

Após a coleta de dados, via Excel, foi realizado o cômputo dos escores de Qualidade de Vida dos participantes na Escala WHOQOL-BREF, conforme as quatro categorias preconizadas pelo instrumento: Físico, Psicológico, Relações Sociais e Meio-Ambiente (Fleck et al., 2000); da SWLS (Gouveia et al., 2009), composta de cinco itens, a serem respondidos por meio de uma escala ordinal, tipo *Likert*, de sete pontos, traduzindo o grau de concordância do indivíduo em relação às suas auto avaliações sobre a temática (Reppold et al., 2019) e dos fatores utilizados da Escala de Qualidade de Vida no Teletrabalho. Foram realizadas estatísticas descritivas para caracterização inicial da amostra por Excel.

Na sequência, foram computados os escores médios dos participantes para cada fator utilizando as versões reduzidas das escalas, em seguida foi realizada uma análise de correlação, por meio do pacote *rstatix*, versão 0.7.2, para R, com o objetivo de verificar a presença de associações entre os fatores e as escalas e assim embasar a análise de regressão múltipla realizada por meio do método Enter, tendo como variável critério a SWLS e como variáveis antecedentes os fatores da WHOQOL e da QVT. A Figura 1 apresenta o modelo proposto para avaliação por meio da regressão múltipla. Por fim, foi realizada uma análise de perfil para averiguar se os fatores de WHOQOL e QVT apresentam perfis não paralelos, com níveis diferentes e se não são planos com relação a sexo, por meio do pacote *profileR*, versão 0.3.5.

Figura 1

Modelo proposto para regressão múltipla



Nota. A pergunta que o modelo busca responder é sobre o que impacta mais na satisfação com a vida, a qualidade de vida ou a qualidade de vida no teletrabalho.

6.2 Resultados

Nesse 1º Estudo, objetivamos verificar a relação entre Qualidade de Vida, Satisfação com a Vida e Qualidade de Vida no Teletrabalho, realizado por meio das três escalas e análise de perfil para verificar diferença de gênero.

Após realizadas as adequações necessárias nos instrumentos WHOQOL-Bref e Fatores 1, 3 e 5 da QVT, os resultados indicam que as três escalas apresentaram resultados satisfatórios, conforme Anexo C. A matriz de correlações de Pearson entre os fatores das escalas apontou associações significativas entre todas as variáveis, com exceção do Terceiro Fator da QVT que não apresentou relação com nenhuma variável, incluindo os outros fatores da QVT, conforme pode ser verificado na

Tabela 1. A idade está associada aos fatores físico e psicológicos da WHOQOL, assim como o segundo Fator do QVT, de modo que pessoas mais velhas apresentaram maiores índices nestas variáveis.

Tabela 1

Matriz de correlações de Pearson entre as variáveis de interesse

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Idade								
2. SWLS	0,13							
3. WHOQOL Físico	0,19**	0,48***						
4. WHOQOL Psicológico	0,22**	0,60***	0,70***					
5. WHOQOL Social	0,06	0,52***	0,60***	0,65***				
6. WHOQOL Meio Ambiente	0,09	0,53***	0,54***	0,64***	0,52***			
7. QVT Fator 1	0,09	0,43***	0,39***	0,50***	0,38***	0,40***		
8. QVT Fator 2	0,15*	0,25***	0,25***	0,33***	0,24***	0,34***	0,54***	
9. QVT Fator 3	0,04	0,09	0,02	0,05	0,05	0,06	-0,08	0,06

Nota. * $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$. QVT Fator 1: Autogestão do teletrabalho. QVT Fator 3:

Infraestrutura de teletrabalho. QVT Fator 5: Sobrecarga de trabalho.

De maneira exploratória, também se optou por realizar uma análise de correlações de Pearson entre as mesmas variáveis separadas por sexo. Com isso, tem-se na Tabela 2 apresenta duas matrizes de correlação, sendo a matriz superior a diagonal referente às correlações para o sexo masculino, enquanto a matriz inferior a diagonal é referente às correlações para o sexo feminino.

Tabela 2

Matriz de correlações de Pearson entre as variáveis de interesse para sexo

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Idade	-	0,09	0,08	0,09	0,002	-0,06	0,03	0,002
2. SWLS	0,19	-	0,51***	0,60***	0,51***	0,38***	0,42***	0,07
3. WHOQOL Físico	0,19	0,48***	-	0,73***	0,65***	0,52***	0,42***	0,16
4. WHOQOL Psicológico	0,32**	0,69***	0,66***	-	0,71***	0,52***	0,52***	0,09
5. WHOQOL Social	0,11	0,53***	0,59***	0,66***	-	0,42***	0,47***	0,11
6. WHOQOL Meio Ambiente	0,22*	0,66***	0,62***	0,78***	0,55***	-	0,30**	0,12
7. QVT Fator 1	0,19	0,48***	0,36***	0,50***	0,33**	0,46***	-	0,36***
8. QVT Fator 3	0,26*	0,41***	0,28**	0,45***	0,33**	0,53***	0,65***	-
9. QVT Fator 5	-0,04	0,06	-0,005	0,05	0,06	0,13	-0,10	0,02

Nota. A matriz superior a diagonal corresponde ao sexo masculino e a matriz inferior a diagonal

corresponde ao sexo feminino. QVT Fator 1: Autogestão do teletrabalho. QVT Fator 3: Infraestrutura de teletrabalho. QVT Fator 5: Sobrecarga de trabalho. * $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$.

Com base nas correlações, apresentadas na Tabela 1, optou-se por remover o fator 3 da QVT do modelo, portanto a regressão linear múltipla foi realizada considerando apenas as outras

variáveis. O modelo apresentou resultados significativos, $F(6; 184) = 23,28$, $p < 0,001$, e explicou 43,15% da variância da SWLS ($R^2 \text{ ajustado} = 0,413$). Os coeficientes de regressão, erro padrão, intervalos de confiança e coeficientes padronizados estão apresentados na Tabela 3. Destaca-se que o Fator 1 da QVT e os fatores Psicológico, Relações Sociais e Meio Ambiente da WHOQOL foram significativos em explicar a SWLS. Em ordem de importância o modelo sugere que pessoas com maior qualidade de vida nos fatores psicológico, meio ambiente e relações sociais da WHOQOL apresentaram maior satisfação com a vida, assim como quem apresentou maior nível de qualidade de vida no trabalho no fator 1 também apresentou maior satisfação com a vida.

Tabela 3

Resultados da regressão linear múltipla.

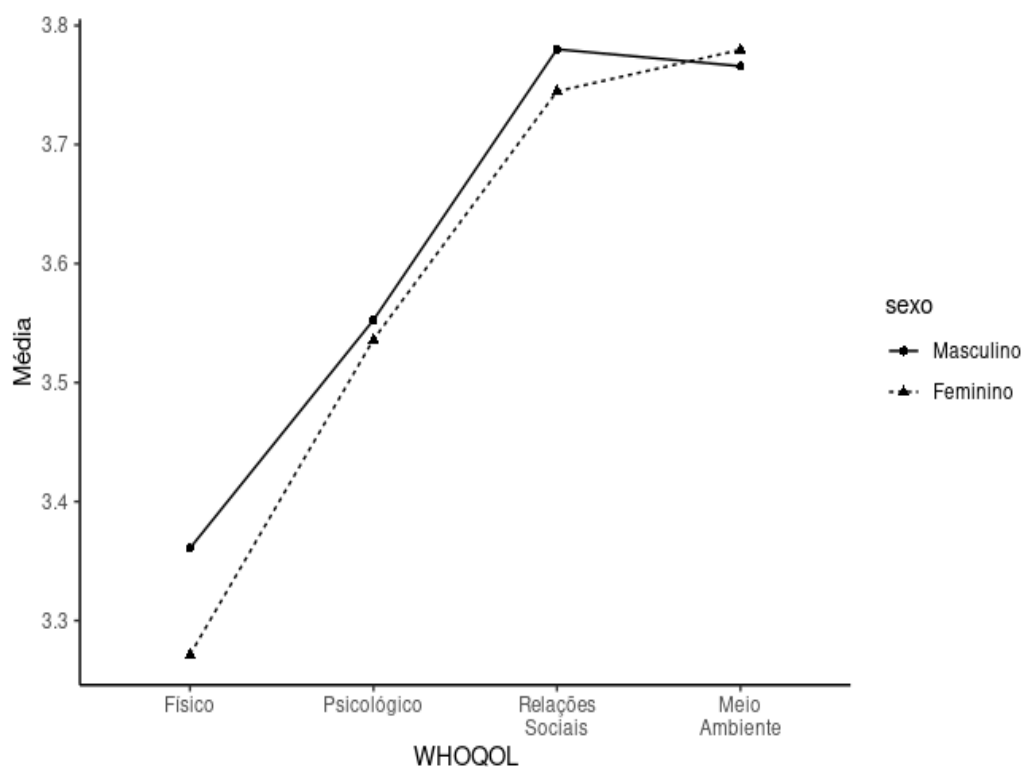
Variável	<i>b</i> (EP)	95% IC	<i>β</i>	<i>p</i>
Intercepto	-0,65 (0,57)	[-1,75; 0,45]		0,24
QVT Fator 1	0,14 (0,06)	[0,01; 0,26]	0,16	0,03
QVT Fator 3	-0,04 (0,05)	[-0,14; 0,06]	-0,05	0,49
WHOQOL Físico	0,05 (0,13)	[-0,22; 0,31]	0,03	0,73
WHOQOL Psicológico	0,53 (0,18)	[0,17; 0,89]	0,27	0,004
WHOQOL Relações Sociais	0,27 (0,12)	[0,03; 0,51]	0,17	0,03
WHOQOL Meio Ambiente	0,47 (0,17)	[0,14; 0,80]	0,21	0,006

Nota. QVT Fator 1: Autogestão do teletrabalho. QVT Fator 3: Infraestrutura de teletrabalho.

Por fim, foi realizada a análise dos perfis de WHOQOL e QVT considerando o sexo dos participantes. A Figura 2 apresenta o gráfico de perfil para os fatores da WHOQOL, conforme pode ser visualizado, essa análise apontou que os perfis são paralelos ($\Lambda = 0,99$; $F_{\text{aprox.}} [3; 187] = 0,88$; $p = 0,45$) e possuem níveis iguais ($F [1; 189] = 0,28$; $p = 0,60$), ou seja, não há diferenças entre pessoas do sexo masculino e feminino com relação aos fatores da WHOQOL e as médias apresentam a mesma tendência. Contudo os perfis não são planos ($F [3; 187] = 70,32$; $p < 0,001$), sugerindo que há diferenças entre as médias de cada Fator da WHOQOL.

Figura 2

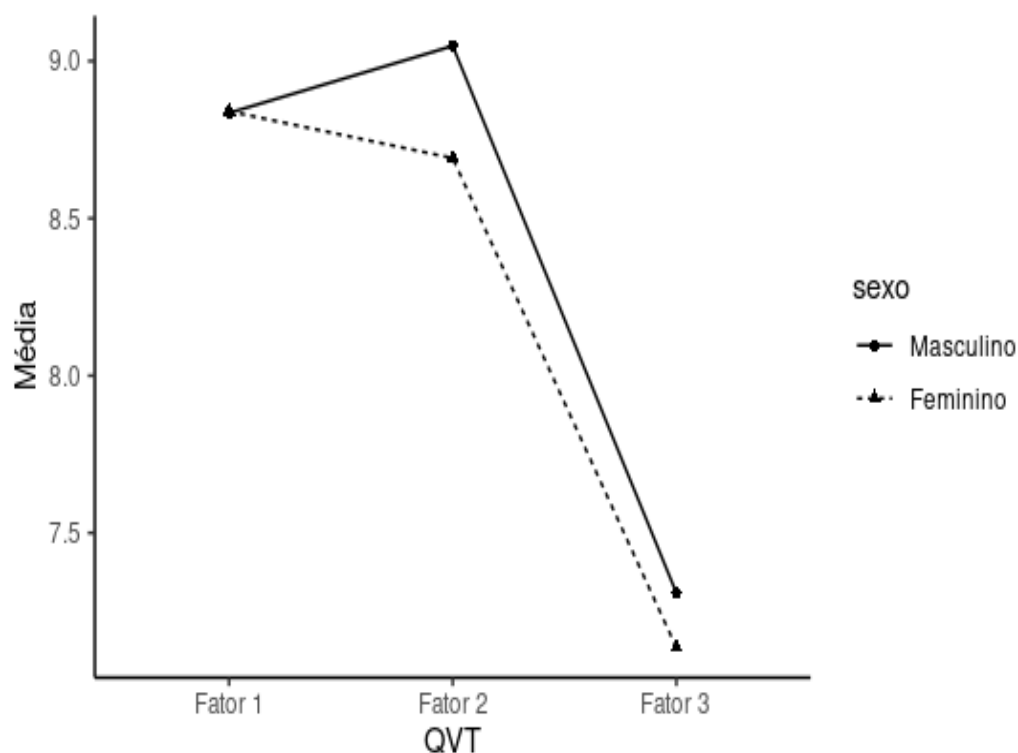
Gráfico de perfis para WHOQOL



A Figura 3 apresenta o gráfico de perfil para os fatores da QVT. Novamente, há indícios de que os perfis são paralelos entre os grupos ($\Lambda = 0,98$; $F_{\text{aprox.}} [2; 188] = 0,98$; $p = 0,16$) e possuem níveis iguais ($F [1; 189] = 1,40$; $p = 0,24$), ou seja, não há diferenças entre pessoas do sexo masculino e feminino com relação aos fatores da QVT e as médias apresentam a mesma tendência. Contudo, os perfis não são planos ($F [2; 188] = 49,01$; $p < 0,001$), indicando novamente que há diferenças entre as médias de cada fator da QVT.

Figura 3

Gráfico de perfis para QVT



6.3 Discussão

Com o fito de possibilitar a avaliação do relacionamento de uma variável critério com sete variáveis antecedentes, foi realizada análise de regressão múltipla que teve como variável critério a SWLS e como variáveis antecedentes os quatro fatores da WHOQOL (Físico, Psicológico, Relações Sociais e Meio-ambiente) e três fatores da QVT (Autogestão do teletrabalho, Infraestrutura de teletrabalho, e, Sobrecarga de trabalho).

Como resultado da regressão múltipla, a equação da reta que representa a melhor predição da variável critério SWLS, com base nas variáveis antecedentes escolhidas, representa um modelo aditivo, onde as variáveis preditoras somam-se na explicação da variável critério: $y = a + bx_i + \hat{I}$, sendo y a variável critério, SWLS; a a constante, ou o intercepto entre a reta e o eixo ortogonal; b o peso ou parâmetro, coeficiente padronizado de regressão; x_i são as variáveis preditoras, fatores da WHOQOL e da QVT; e, $\hat{I}$ que se refere à diferença entre valores observados e preditos, ou seja, o erro ou resíduo.

O cálculo do número de participantes realizado, conforme apontado, indicava a necessidade da participação de 103 respondentes, porém efetivamente houve a participação de 191 pessoas. O aumento do tamanho da amostra da população pesquisada atenua a possível violação do

pressuposto de normalidade, pois, conforme o teorema do limite central, o aumento na amostra implica no aumento da chance de que as distribuições das médias das variáveis envolvidas estejam normalmente distribuídas, a despeito do formato individual não normal, o que aumenta a robustez da análise e torna menos necessária a transformação das variáveis envolvidas (Abbad & Torres, 2002).

A qualidade do modelo de investigação escolhido foi avaliada pelo valor do coeficiente de determinação (R^2) e da distribuição dos resíduos. Logo, como o R^2 é “a quantidade da variância da variável dependente [critério] que é explicada conjuntamente pela(s) variável(is) independente(s) [antecedentes] e é a estatística mais utilizada para interpretar os resultados da regressão” (Abbad & Torres, 2002, p. 21), o R^2 *ajustado* de 0,413 significa que os preditores explicam 43,15% da variância de SWLS (y).

A idade está associada aos fatores físico e psicológicos da WHOQOL, assim como a Infraestrutura de teletrabalho (segundo Fator da QVT), de modo que pessoas mais velhas apresentaram maiores índices nestas variáveis. Ou seja, pessoas mais velhas tendem a estar com as vidas mais organizadas, então, com a chegada abrupta do teletrabalho, a repercussão na vida dos respondentes mais velhos entre o grupo de idade economicamente ativa, mostrou-se mais estruturada.

O Fator 3 da QVT (Sobrecarga de trabalho) precisou ser removido do modelo devido a sua inconsistência. Acreditamos que a auto avaliação da própria sobrecarga de trabalho tenha sido influenciada por vieses de resposta idealizada ou supostamente adequada, uma vez que o questionário foi encaminhado e hipoteticamente poderia estar vinculado à própria empresa empregadora, respostas inconsistentes frente a insegurança no ambiente laboral.

A autogestão do teletrabalho, Fator 1 da QVT, e os fatores Psicológico, Relações Sociais e Meio Ambiente da WHOQOL foram significativos em explicar a SWLS. Em ordem de importância o modelo sugere que pessoas com maior qualidade de vida nos fatores psicológico, meio ambiente e relações sociais da WHOQOL apresentaram maior satisfação com a vida, assim como quem

apresentou maior nível de qualidade de vida no trabalho no Fator 1 de autogestão do teletrabalho também apresentou maior satisfação com a vida.

Conforme matriz de correlações de Pearson entre as variáveis de interesse para sexo, o resultado da comparação dos fatores por sexo apresenta maiores diferenças no fator Infraestrutura de Teletrabalho (QVT 3) e no domínio Meio-Ambiente (WHOQOL D4), ambos com correlações mais altas para mulheres. Sendo as maiores diferenças na Infraestrutura de Teletrabalho (QVT 3) especificamente em sua relação com os fatores meio-ambiente, psicológico, satisfação com a vida e auto-gestão do teletrabalho, nessa ordem; seguida pelas diferenças na relação do domínio Meio-Ambiente (WHOQOL D4) com satisfação com a vida e domínio psicológico.

A análise de perfil evidenciou que não há diferenças entre homens e mulheres com relação aos fatores Físico, Psicológico, Relações Sociais e Meio-ambiente da WHOQOL e as médias apresentam a mesma tendência, no entanto, há diferença entre as médias de cada fator da WHOQOL já que os perfis não são planos. Tal como na QVT.

Assim, a resposta à pergunta do modelo “O que impacta mais na satisfação com a vida, a qualidade de vida ou a qualidade de vida no teletrabalho?” é: a qualidade de vida impacta mais na satisfação com a vida, especificamente o Fator Psicológico da WHOQOL ($b = 0,53$; $EP = 0,18$), seguido dos Fatores Meio Ambiente ($b = 0,47$; $EP = 0,17$) e Relações Sociais da WHOQOL ($b = 0,27$; $EP = 0,12$), e, posteriormente seguido pela Qualidade de Vida no Teletrabalho em seus Fatores 1 - Autogestão do Teletrabalho ($b = 0,14$; $EP = 0,06$) e 2 - Infraestrutura de Teletrabalho ($b = -0,04$; $EP = 0,05$).

Procuramos alcançar o objetivo de verificar a relação entre nível de qualidade de vida, nível de satisfação com a vida e nível de qualidade de vida no teletrabalho (objetivo específico 1) por meio da sistematização das respostas quantitativas dos 191 respondentes e resposta à pergunta proposta no modelo, a saber: qualidade de vida impacta mais na satisfação com a vida do que qualidade de vida no teletrabalho.

7. Estudo 2: Redistribuição das Tarefas Domésticas

O Estudo 2 teve como objetivo conhecer de que maneira as tarefas de casa foram redistribuídas durante o período pandêmico fundamentado na percepção de equidade nas práticas laborais domésticas.

7.1 Método

Com o fito de conhecer de que maneira as tarefas de casa foram redistribuídas (equitativamente ou não) durante o período pandêmico, realizamos um estudo de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e fechadas e uso de imagens fotográficas do ambiente laboral doméstico (e do ambiente laboral do cônjuge, no caso de ambos realizarem teletrabalho).

7.1.1 Participantes

Entre os 191 participantes descritos no item 6.1.1 – Participantes do Estudo 1, foram contatados a respeito de suas disponibilidades em participar de um estudo qualitativo. Assim, entre os 191 respondentes de questionários (vide Estudo 1), 106 indicaram via GoogleForms que participariam da segunda etapa da pesquisa (entrevistas). Quando contatados pelo número de WhatsApp informado no Google Forms, 52 participantes efetivamente marcaram horário e realizaram a entrevista semiestruturada que teve duração média de 40 minutos (entre 35 e 70 minutos) no mês de dezembro de 2022, via aplicativo de reuniões virtuais Zoom. As entrevistas foram realizadas virtualmente em razão do cenário pandêmico à época e devido à abrangência nacional da empresa participante, com colaboradores espalhados por todo o Brasil. Com o intuito de viabilizar o Estudo 2, foram realizadas, na seção de Pré-Análise, comparações associativas entre os 191 participantes do Estudo 1 e o subgrupo de 52 entrevistados no Estudos 2.

7.1.1.1 Pré-Análise

A população de colaboradores aos quais foi enviado o questionário via e-mail foi de 765 pessoas, entre as quais 191 responderam ao questionário do Estudo 1. Em tal questionário havia campo a ser preenchido para participação na segunda etapa da pesquisa (entrevistas), sendo que 106

peessoas o fizeram. Quando contactados pelo número de WhatsApp informado no Google Forms, apenas 52 participantes efetivamente marcaram horário e realizaram a entrevista.

A Tabela 4 apresenta os resultados dos testes *t* entre os escores de cada fator das escalas considerando a amostra do Estudo 1 e a subamostra do Estudo 2. Conforme pode ser verificado, não há diferenças significativas entre os escores dos fatores, sugerindo que não há variação suficiente entre as amostras.

Tabela 4

*Resultados dos testes *t* comparativos das amostras*

Variáveis	População		Subamostra Qualitativa		<i>t</i> (241)	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
SWLS	26,14	4,21	26,46	4,55	0,718	0,474
WHOQOL Físico	27,53	3,19	26,90	3,42	0,330	0,741
WHOQOL Psicológico	22,81	2,57	22,56	2,50	0,621	0,535
WHOQOL Relações Sociais	11,29	1,61	10,98	1,56	0,345	0,731
WHOQOL Meio Ambiente	30,35	3,02	30,85	2,89	0,408	0,683
QVT Fator 1	8,87	0,97	8,76	1,16	0,600	0,549
QVT Fator 3	8,87	1,03	9,10	0,84	0,299	0,765
QVT Fator 5	7,22	1,57	7,35	1,42	0,680	0,497

Nota. QVT Fator 1: Autogestão do teletrabalho. QVT Fator 3: Infraestrutura do teletrabalho. QVT

Fator 5: Sobrecarga de trabalho.

7.1.2 Instrumentos

Com base na revisão de literatura efetuada e em linha ao objetivo da pesquisa, elaboramos roteiro para entrevista semiestruturada com perguntas abertas (ver Anexo B). A entrevista semiaberta foi realizada individualmente via internet e consistiu em informações socioeconômicas, de natureza do trabalho, de percepção de equidade, sobre principais mudanças advindas da pandemia, tempo e rotina de teletrabalho, com as seguintes partes: (i) introdução e objetivos da pesquisa; (ii) uso de foto do ambiente laboral doméstico – espaço físico e teletrabalho; (iii) questões abertas para aprofundamento sobre equidade nas tarefas domésticas e qualidade de vida no período pandêmico; e, (iv) questões sociodemográficas/considerações finais sobre a vida durante a pandemia.

7.1.3 Procedimentos

Em dezembro de 2022, a amostra dos respondentes que acessou o link e preencheu o questionário do Estudo 1 com os dados de contato, foram enviadas mensagens via WhatsApp para participação no segundo momento (entrevistas individuais semiestruturadas via internet). Aos participantes voluntários que agendaram horário para realização da entrevista foi solicitada a disponibilização de foto de seu ambiente de trabalho doméstico, entre os quais, aos que relataram cônjuges em regime de teletrabalho concomitante na mesma residência, foi solicitada foto do ambiente laboral do companheiro. As entrevistas tiveram duração média de cerca de 40 minutos cada.

Foram efetivamente realizadas e transcritas 52 conversas com propósito. A entrevista semiaberta visou caracterizar o período pandêmico e a vida cotidiana da população do estudo. Foram feitas perguntas sobre o senso de equidade nos relacionamentos e atividades domésticas dos participantes de ambos os sexos em relação aos demais membros da família e lugar de trabalho nesse tempo de pandemia, conforme anexo.

No dia seguinte à realização das entrevistas, foi enviada mensagem de texto ratificando o agradecimento pela participação. No que diz respeito ao relato das pessoas, foi realizada análise de conteúdo das perguntas abertas, que se deu via categorização por meio da análise de conteúdo de Bardin (2016). Inicialmente, na etapa de pré-análise qualitativa, foram organizadas as entrevistas coletadas em vídeo e transcritas para texto, avaliando o que fazia sentido analisar e o que porventura ainda precisava ser coletado ou revisado. Depois de já coletados e organizados os dados, foram realizados: (i) leitura flutuante do material para entender o contexto mais geral que se trata o todo; (ii) escolha dos trechos das entrevistas que seriam analisados a priori e a posteriori, sendo pré-selecionadas as imagens fotográficas enviadas pelos participantes para exemplificação dos relatos; (iii) constituído o corpus com base na exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência; (iv) hipóteses levando em conta o viés cultural dos achados; e, (v) preparação do material.

No segundo momento, etapa de exploração do material, foram realizadas as fases de codificação e categorização do material impresso com a utilização de canetas e marcadores coloridos, sendo que na codificação foram feitos os recortes das unidades de registro por tema, levando em conta sua pertinência em unidades de contexto, e o processo de sistematização com a enumeração e categorização. Assim, foram elencados dez assuntos básicos; posteriormente classificados em três categorias, conforme sistematização dos resultados.

Adicionalmente, para verificar a possibilidade de diferenças entre a amostra dos Estudos 1 (quantitativo) e 2 (qualitativo), foram realizados testes *t* comparando o escore dos fatores de cada escala entre a amostra de participantes que responderam ao Estudo 1 ($n = 191$) e os participantes que responderam também ao Estudo 2 ($n = 52$) por meio do pacote *rstatix*, versão 0.7.2, para R. Esse teste teve como objetivo verificar se haveriam distinções relevantes entre a amostra do Estudo 2 e a amostra previamente estudada e seus resultados estão apresentados na seção de Pré-Análise dos Resultados.

7.2 Resultados

7.2.1 Sistematização dos Resultados

A categorização se deu por meio da frequência de temas nas respostas. Dos 52 participantes entrevistados (26 homens e 26 mulheres), 34 mencionam perda de privacidade durante a pandemia (19 mulheres e 15 homens), e, 40 relatam adequações de infraestrutura no lar (21 homens e 19 mulheres), entre os quais 10 mudaram de residência durante ou após a pandemia (4 homens e 6 mulheres). Aumento na demanda doméstica foi relatado por 30 entrevistados (16 mulheres e 14 homens). E, na fala de 22 participantes (13 homens e 9 mulheres) foi evidenciado o doméstico como inato ou predominantemente do feminino, isto é, a não participação (ou a “ajuda”) pelo masculino do espaço doméstico. Do total, 42 participantes relataram aprendizados em relacionamentos (21 homens e 21 mulheres), dos quais 11 por ausência de convívio físico (5 homens e 6 mulheres) e 27 relataram algum tipo de conflito (14 homens e 13 mulheres). E, em 13 entrevistas (11 homens e 2 mulheres) foi explicitado que quanto maior a disparidade financeira, maior a atribuição ao parceiro

com menor renda das atividades domésticas. 36 participantes relataram tempo para maior investimento em si mesmos (18 homens e 18 mulheres). Quando perguntados sobre os impactos da pandemia, 26 participantes mencionaram aspectos positivos (10 homens e 16 mulheres), 51 mencionaram aspectos negativos (26 homens e 25 mulheres). Expectativas de mudanças no pós-pandemia foram relatadas por 50 respondentes (26 homens e 24 mulheres). E também 50 participantes (25 homens e 25 mulheres) expuseram suas percepções sobre o significado de qualidade de vida, entre os quais: 39 participantes mencionaram aspectos físicos (saúde e bem-estar), 35 participantes enfatizaram aspectos relacionais (família e laços sociais – trabalho/amigos) e 19 participantes trataram no aspecto ambiental (infraestrutura e segurança).

A Tabela 5 apresenta uma síntese das categorias e subcategorias, assim como sua frequência total, por sexo e especificidades identificadas por sexo. Já a Tabela 6 apresenta uma matriz da frequência de participantes que apresentaram relatos em múltiplas categorias.

Tabela 5

Síntese da frequência total, por sexo e suas especificidades para categorias e subcategorias de análise

Subcategorias de Análise	n	n por sexo		Especificidades por sexo	
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Categoria 1					
Perda da Privacidade (I)	34	19	15		
Adequação da Infraestrutura (II)	40	21	19	Mudaram de residência: 10	
				4	6
Categoria 2					
Aumento na Demanda Doméstica (III)	30	16	14		
Doméstico ainda é inato e predominantemente do feminino: Não participação pelo masculino do espaço doméstico (IV)	22	13	9		
Quanto maior a disparidade financeira maior atribuição ao parceiro das atividades domésticas (V)	13	11	2		
Categoria 3					
Impactos da pandemia (VI)	51	26	25	Impactos Positivos: 26	
				10	16
				Impactos Negativos: 51	
				26	25
Aprendizados em Relacionamentos (VII)	42	21	21	Ausência de Convívio Físico: 11	
				5	6
				Com Algum Tipo de Conflito: 27	
				14	13

Qualidade de Vida (VIII)	50	25	25	Qualidade de Vida Como Aspecto Físico – Saúde (21), e, Bem Estar, Autonomia e Felicidade (24): 39 18 21 Qualidade de Vida Como Aspecto Relacional – Família (16), Laços Sociais Amigos e/ou Trabalho (7), e, Investimento Pessoal e Relacionamentos (13): 35 16 19 Qualidade de Vida Como Ambiente – Infraestrutura (10) e Segurança (9): 19 10 9
Mais Tempo Dedicado ao Investimento em si Mesmo (IX)	36	18	18	
Mudança para o Pós-Pandemia (X)	50	26	24	

Nota. Categoria 1: Doméstico e Laboral no Mesmo Lugar – Reordenação do Ambiente. Categoria 2:

Percepção de Equidade nas Práticas Laborais Domésticas. Categoria 3: Modificações na Dinâmica do Núcleo Familiar vs. Diferentes Significados de Qualidade de Vida.

Tabela 6

Matriz da frequência de participantes que apresentaram relatos em múltiplas subcategorias

	Categoria I		Categoria II				Categoria III				
	I	II	III	IV	V	VI+	VI-	VII	VIII	IX	X
I	34										
II	27	40									
III	23	26	30								
IV	15	15	16	22							
V	10	9	6	11	13						
VI +	16	20	17	15	7	26					
VI -	33	40	30	22	13	26	51				
VII	31	32	27	20	12	21	41	42			
VIII	33	39	29	20	11	25	49	40	50		
IX	23	29	20	14	10	17	35	28	34	36	
X	32	39	28	20	13	25	49	40	48	36	50

De jeito a respondermos à pergunta do Estudo 2, apresentamos seleção de imagens e trechos significativos das entrevistas nas três categorias a título de exemplo. Recortes contextuais das entrevistas encontram-se no Anexo D.

7.2.1.1 Categoria I - Doméstico e Laboral no Mesmo Lugar: Reordenação do Ambiente

Com relação a perda da privacidade, a Entrevistada 9, mulher de 39 anos, indica que “Gente, me tranco no banheiro pra conseguir digitar no WhatsApp, para conseguir conversar um pouquinho.

Porque não tinha privacidade, era uma loucura mesmo”. Já o Entrevistado 5, homem de 48 anos, indica que:

É, assim... acho que o maior choque que teve foi ... assim... daquelas coisas, né?!

Assim, por exemplo... assim... a minha esposa, ela já estava acostumada a estar sozinha, né, com o meu filho dentro de casa... e o dia a dia ali já. Aí quando eu vim pra dentro de casa, por exemplo, meio que alterou o dia a dia dela. Né?! Aí a gente teve esse choque ... inicial... mas aí a gente foi se adequando, né?!

Já para o Entrevistado 23, homem de 52 anos, tem um lado ruim... tem adaptação, né?! Eu soube de colegas meus que se separaram no meio da pandemia... de repente, aquilo, né... mudou tanto que o cara nem aguentou mais conviver com a mulher, nem a mulher com ele... se existia algum problema de relacionamento, o negócio exacerbou... e por aí vai

A Figura 4 exemplifica um ambiente de trabalho que se situa no quarto de dormir e a Figura 5 exemplifica um ambiente de trabalho em um apartamento tipo kitnet.

Figura 4

Ambiente de trabalho no quarto de dormir

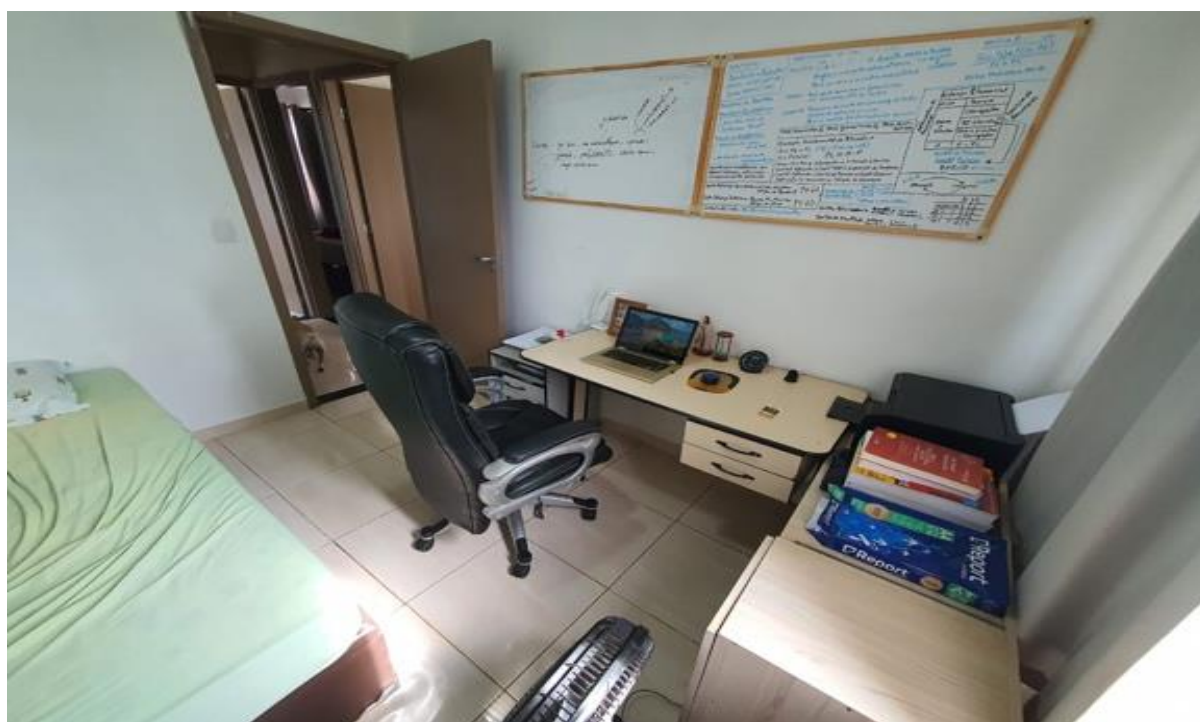
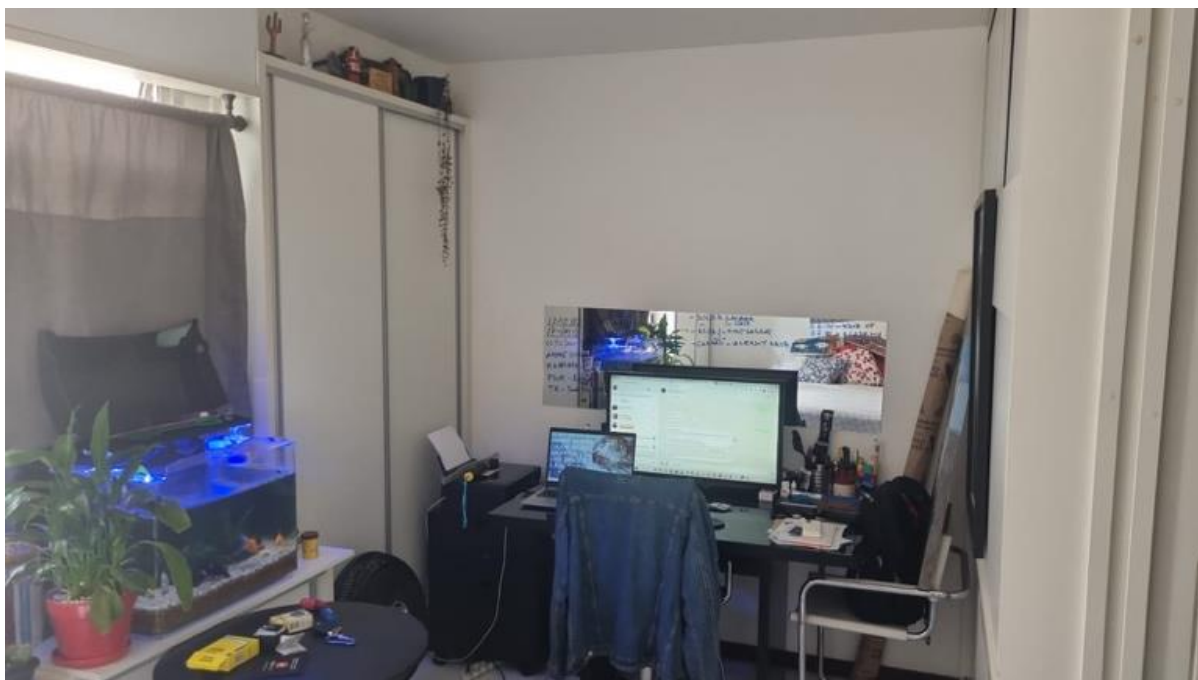


Figura 5

Ambiente de trabalho em apartamento tipo kitnet



No trecho a seguir, a participante relata que, apesar da menor densidade doméstica durante a pandemia, o teletrabalho em casa implicou em perda de privacidade no âmbito profissional.

Por mais que a casa tivesse com menos movimentação de pessoas, né, porque a babá não estava indo, a secretária do lar não estava indo, né... a sensação para mim foi que eu perdi a privacidade porque o momento que eu tinha de estar dedicada somente ao trabalho, por exemplo, reunião... várias vezes meu marido abria a porta ou chamava gritando, precisando de alguma intervenção... várias vezes a minha filha abria a porta, por mais que fosse acordado que enquanto que estivesse em reunião que a porta estava fechada com o bilhetezinho colado que estava em reunião... é... aconteciam situações de que era necessário abrir a porta... então a sensação de invasão, de falta de privacidade... foi tremenda para mim, apesar da casa estar mais... é... fisicamente com menos pessoas. (Entrevistada 50, mulher de 43 anos)

Já com relação à adequação da infraestrutura, a Entrevistada 9 menciona que

Olha, num primeiro momento foi tudo [a pandemia] muito confuso, né?!

Principalmente porque estávamos todos trancados dentro de casa e era tudo muito novo, então, foi uma loucura, né, aquela coisa assim... foi tudo improvisado!

Trabalhávamos eu e meu marido dividindo uma mesa da sala com um bebê de um ano e cinco meses, e, ali o tempo todo... então, foi, assim... foi muito confuso.

Quando ficava muito misturado, eu trabalhava muito de madrugada pra dar conta. Só que as coisas foram acontecendo e aquela coisa do provisório acabou, né, virando permanente... e a gente foi se adaptando aos poucos, as coisas foram reabrindo, né, então quando realmente voltou a creche tudo ficou mais fácil. A gente acabou se mudando porque a gente morava num apartamento de dois quartos e aí a gente viu a importância de ter um quarto a mais, né, para trabalhar... então, bem no meio disso tudo, a gente ainda se mudou para um apartamento de três quartos para ter o escritório.

Enquanto a Entrevistada 13, mulher de 49 anos, não tinha escritório [na sala de casa], cada um dos meus filhos tinha um quarto deles e o computador deles... mas o meu [computador] era da empresa. Aí eu tive que comprar computador, mesa de escritório, cadeira, fragmentadora, impressora... para poder me adequar ao serviço (...) Comprei as coisas que eu precisava porque tinha intenção de continuar no teletrabalho.

A Figura 6 exemplifica um ambiente de trabalho na sala de estar.

Figura 6

Ambiente de trabalho na sala de estar



No trecho a seguir, a participante relata que mesmo após algumas mudanças de ambiente persiste um incômodo ambiental decorrente de ruídos e da falta de uma porta (Cavalcante, 2003) que afeta inclusive as possibilidades de entretenimento dos outros membros da família.

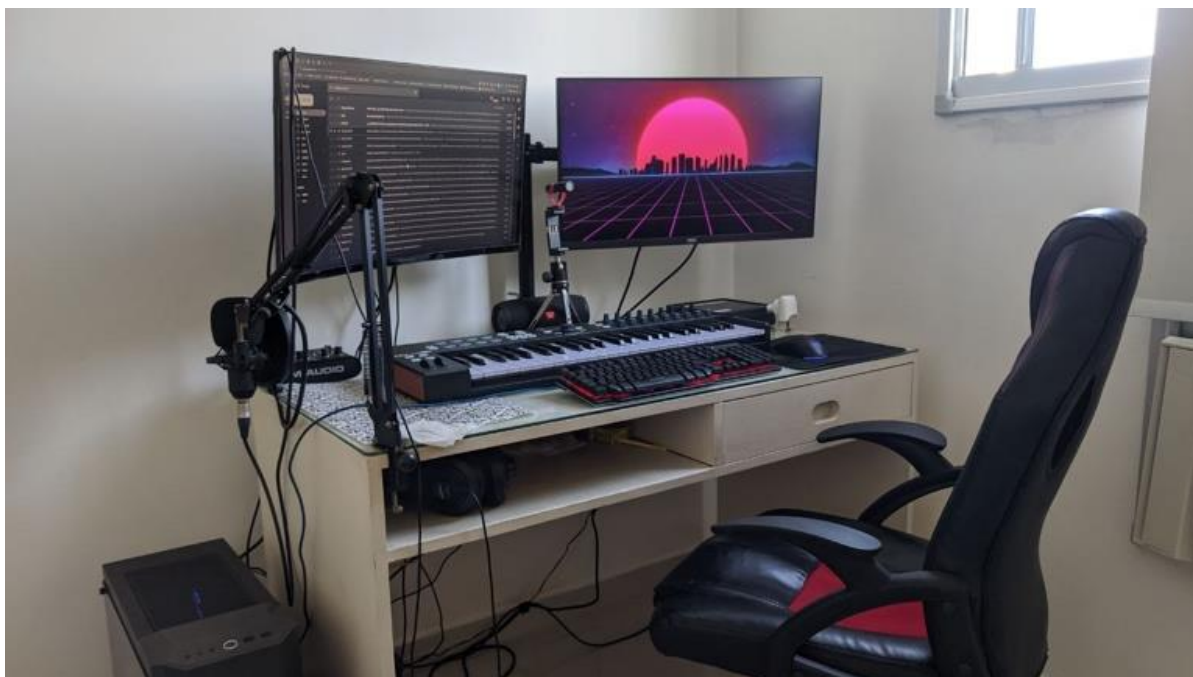
Uma reforma significativa não... mas eu tive que ajustar a iluminação... é, esse lugar que eu trabalho hoje já é o terceiro lugar... porque o segundo lugar que eu consegui arrumar para trabalhar depois eu tive o impacto do barulho da rua, minha rua, porque passa o carro da pamonha, passa o carro do pão de queijo, passa o carro do gás... isso tudo gerava ruídos, né, nas reuniões. E aí, hoje eu estou no terceiro lugar... a casa que eu consegui adaptar pro trabalho... menos interferências... mas nesse local não tem uma porta por exemplo, é um ambiente tipo um vão mas aí eu não tenho uma porta para isolar... então, tipo, ninguém liga a televisão enquanto eu estou trabalhando. (Entrevistada 20, mulher de 42 anos)

Já o Entrevistado 2, homem de 34 anos, não teve esse problema, conforme pode ser verificado em sua fala abaixo. Também exemplificado na Figura 7.

Não, tudo igual [no espaço físico da casa]. Como eu já trabalhava, sempre trabalhei de casa... eu mexo com muita coisa, eu sou *Sound Designer*... eu sou especialista, então, tem muita demanda, aí eu já tenho um *set up* todo pronto aqui... o pessoal da empresa, muitos deles pegaram *notebook*, máquina da empresa para levar pra casa, cadeira, mobiliário... mas mobiliário da empresa totalmente “chechelento” para esse tipo de coisa, entendeu?! Então, é muito aquém da necessidade de um *home-office* mesmo.

Figura 7

Ambiente de trabalho no estúdio de música



Dessa forma, as adaptações variaram, conforme pode ser verificado no relato da Entrevistada 19, mulher de 47 anos, e na Figura 8:

Eu já tinha um computador em casa para os dois. Aí, eu comprei um notebook pro meu filho assistir aula nesse notebook mas eu comprei porque eu acho que é um

investimento que as pessoas deveriam fazer mesmo que tenham condições mais difíceis, que é o meu caso (...) Vale muito a pena ver o seu filho assistindo aula, eu ficava na sala... porque eu tinha uma escrivaninha, o notebook da empresa e a mesa, o lugar estava meio desorganizado [ateliê de costura]... eu arrumei pro meu filho lá e fiquei daqui da porta do quarto dele, e vejo tudo que ele está fazendo... eu escutava a aula dele enquanto estava trabalhando e quando ele tinha alguma dúvida, eu ia lá e auxiliava ele... quando ele precisava falar com a professora, eu conversava com a professora...

Figura 8

Ambiente de trabalho compartilhado com ateliê de costura

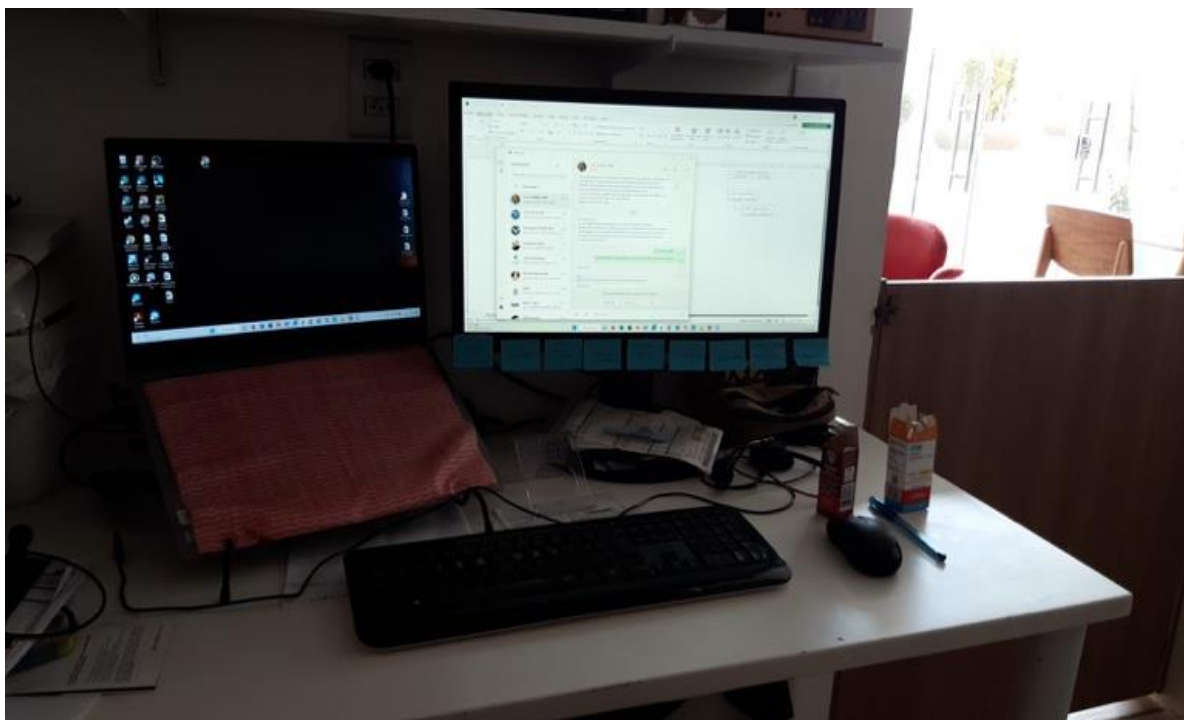


Para o Entrevistado 10, homem de 58 anos, seu maior problema com relação ao espaço é a baixa luminosidade e relata uma necessidade de adaptação com os filhos também, conforme pode ser verificado abaixo e na Figura 9.

Na verdade, cada um tem o seu ambiente. Porque a minha esposa é empregada pública, é psicóloga, então, tem o escritório dela. A gente adaptou uma parte da casa em que ela tem o escritório dela. Faz tanto o atendimento de pacientes como o trabalho dela (...) Quando está em home-office, esse espaço da foto é o meu espaço de trabalho. Então, eu fico aqui nesse espaço de trabalho e a minha filha no quarto dela, tem lá a escrivaninha dela, o computador dela e coisa e tal. Claro que a gente teve que investir em equipamento, né, já no início da pandemia, né?! Tivemos que comprar computadores, monitores e tivemos que fazer um certo investimento para nos adaptarmos na pandemia... assim, a gente não teve interferências, digamos, durante o horário de trabalho. Quando tinha escola, a mesma coisa, tá... Então, no horário de escola a minha filha ficava no quarto dela, eu ficava aqui no meu espaço e a esposa no espaço dela. É claro que, assim, bem no iníciozinho, tinha isso... Porque a minha filha vinha pedir ajuda para a esposa. E, às vezes, a gente não tinha como ajudar. Ou porque estava concentrado no trabalho ou por estar em reunião... e criança não entende bem isso, né?! ... Eu te diria que hoje a gente já leva isso bem.

Figura 9

Ambiente de trabalho com baixa luminosidade



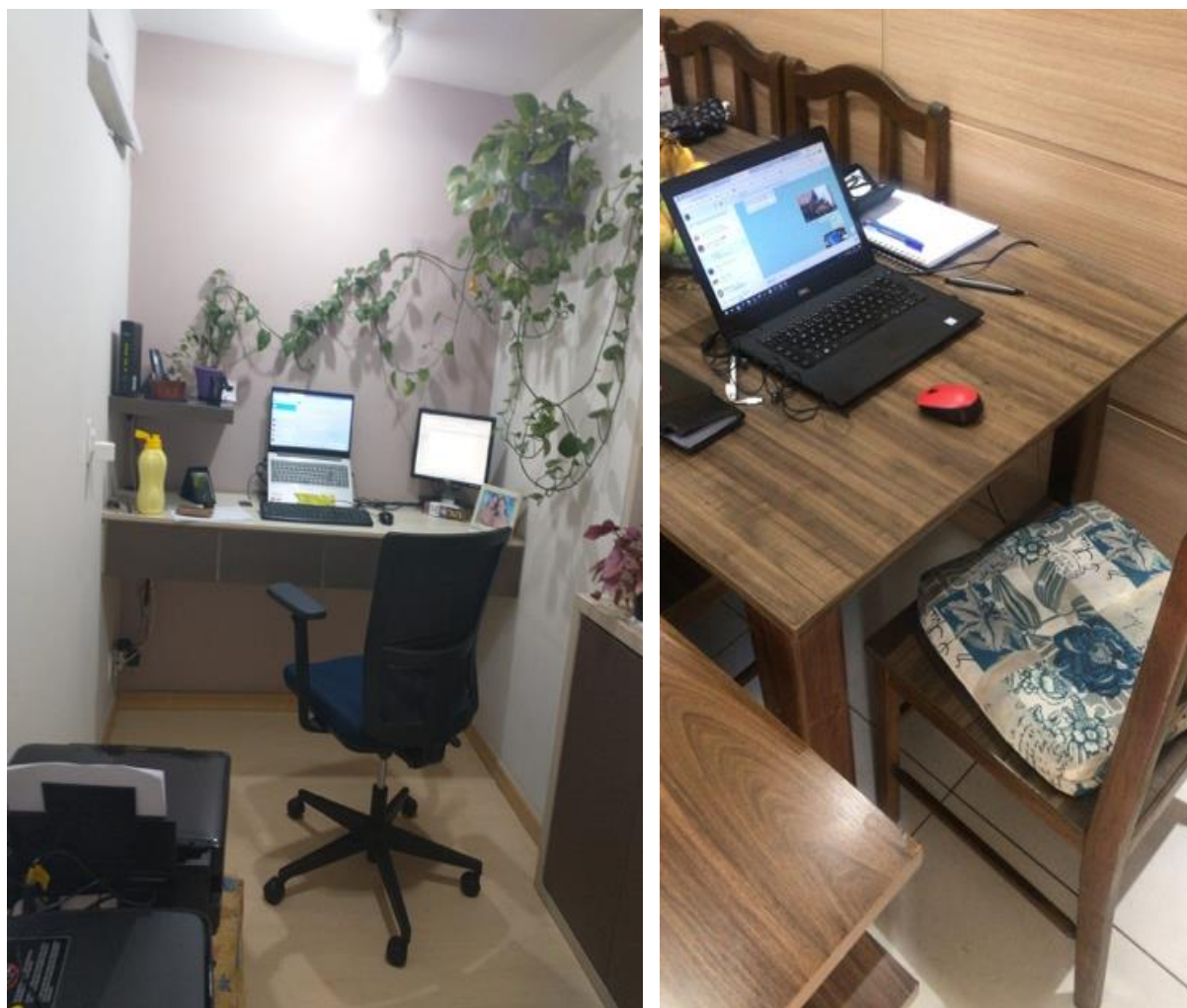
Já para a Entrevistada 3, mulher de 47 anos, a situação é variada, conforme relato abaixo e Figura 10.

Inicialmente, eu tenho duas filhas em idade escolar, então, o impacto foi administrar o recurso de T.I., porque elas vieram para casa rapidamente e a escola delas não parou... Elas já pegaram as aulas remotas e foram dando atividades. E a gente só tinha um computador. Então elas tinham que revezar o computador e eu também tinha que trabalhar. (...) Mais pra maio-junho a gente viu que realmente não tinha condições, eu tive que fazer aquisições: um celular pra cada uma [das filhas] e notebooks pra cada um [da família] mas demorou. Essa parte inicial foi estressante porque a vida continuou e a gente não tinha. (...) A gente não tem quatro cômodos que dê pra fechar a porta e pronto. Com as meninas ok, agora eu com meu marido tenho essa dificuldade, porque ele fala mais alto, ele fala muito em reunião. (...) Apesar de eu reclamar que ele grita, que ele fala muito... mas eu sei que a condição de trabalho dele não é tão adequada como a minha. Eu tenho uma cadeira e dois

monitores, ele não. Então, de fato ele fica na sala. A cadeira é aquela de mesa de jantar.

Figura 10

Ambiente de trabalho em adaptação



Nota. Ambiente de teletrabalho da esposa (já adaptado) no canto da sala de estar vs. Ambiente de teletrabalho do marido “móvel”, geralmente ainda ocorre na mesa da copa.

Os entrevistados aqui exemplificados ainda apresentaram escores variados com relação aos escores da amostra nas variáveis quantitativas, conforme pode ser verificado na Tabela 7.

Tabela 7

Comparação dos escores da amostra com os entrevistados exemplificados na Categoria I

Entrevistado	SWLS	WHOQOL				QVT		
		Físico	Psicológico	Relações Sociais	Meio Ambiente	Fator 1	Fator 3	Fator 5
Amostra	25,98	26,48	22,17	10,80	30,30	8,59	8,94	7,19
Entrevista 2	15	18	22	9	27	8,90	10	2,5
Entrevista 3	32	32	26	11	37	10	9,67	7,5
Entrevista 5	27	29	24	12	32	9,73	9,67	6
Entrevista 9	32	35	27	15	37	9,73	10	9
Entrevista 10	26	24	22	11	29	8,27	7,67	7,5
Entrevista 13	24	31	26	12	32	9,90	10	8,75
Entrevista 19	30	27	23	13	30	9,45	9	8,75
Entrevista 23	27	30	23	12	36	9,09	9	9,25

Nota. QVT Fator 1: Autogestão do teletrabalho. QVT Fator 3: Infraestrutura de teletrabalho. QVT Fator

5: Sobrecarga de trabalho.

7.2.1.2 Categoria II – Percepção de Equidade nas Práticas Laborais Domésticas

O primeiro ponto verificado nessa categoria foi referente ao aumento da demanda doméstica. Para a Entrevistada 12, mulher de 45 anos, destaca-se que:

Eu tenho um filho de 9 anos, ele estava na fase de alfabetização e eu ainda trouxe a minha mãe idosa para morar comigo e dispensei a secretária por conta da pandemia né, então foi muito difícil, muito sobrecarregado porque durante o dia eu ficava envolvida com trabalho, com o meu filho, por volta das 19 horas é que eu desligava disso tudo e ia cuidar dos afazeres de casa né, e aí eu ia até 11 horas, meia-noite e às vezes até 1 hora da manhã, limpando casa.

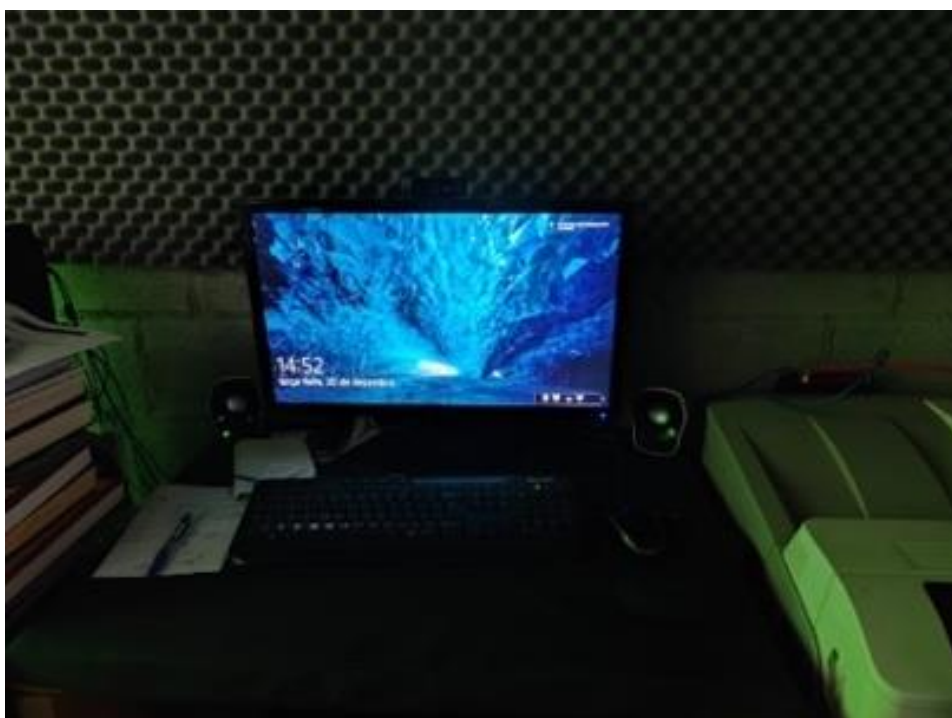
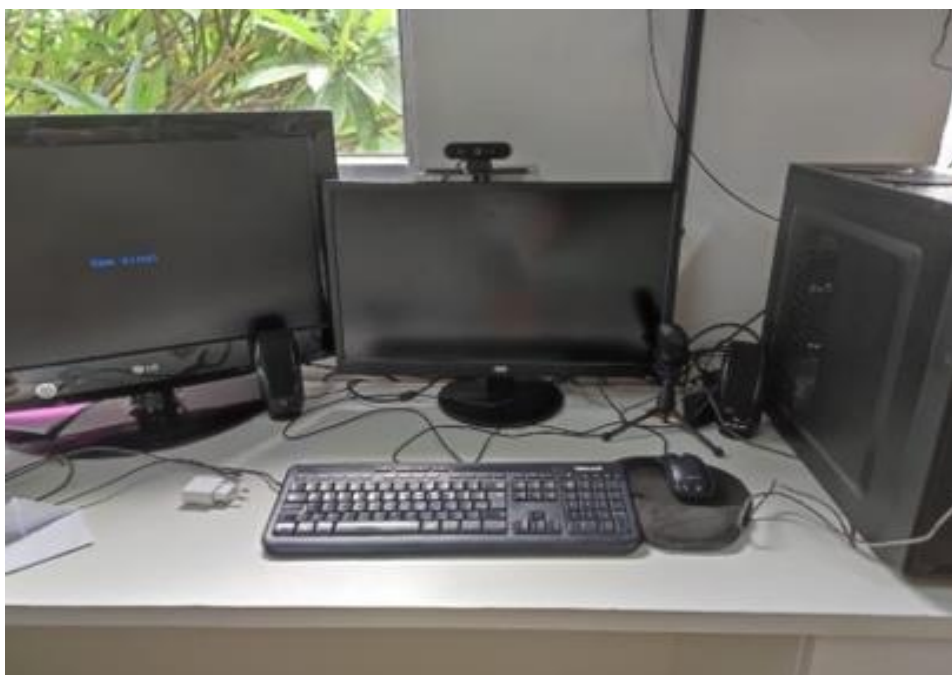
O mesmo parece se reproduzir para a Entrevistada 43, mulher de 45 anos, conforme pode ser notado em seu relato abaixo e na Figura 11.

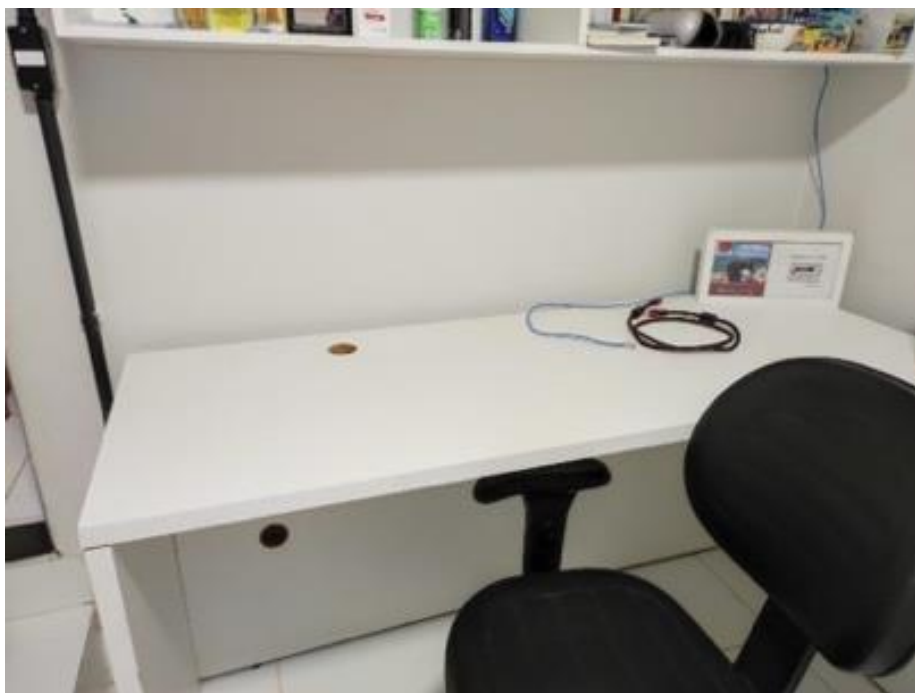
Eu fico muito pentelhando todo mundo aqui para revezar a lavagem de louça, mas, na prática, 80% sobra pra mim. (...) A limpeza da casa fica por conta da diarista... cozinhar, ela cozinha nos dias dela e eu fico com os outro também, então... a gestão, que é algo que eu defendo muito como trabalho, que parece que não existe, mas, que consome muito a gente. (...) gestão é pensar o que cada um vai fazer, é

acompanhar o que está fazendo ou não, é distribuir as atribuições com a diarista, por exemplo, se a desastrada está fazendo, é prover os insumos para o trabalho acontecer, seja o da diarista ou o meu.

Figura 11

Adequação da infraestrutura e aumento na demanda doméstica, necessidade de três ambientes de trabalho distintos em casa

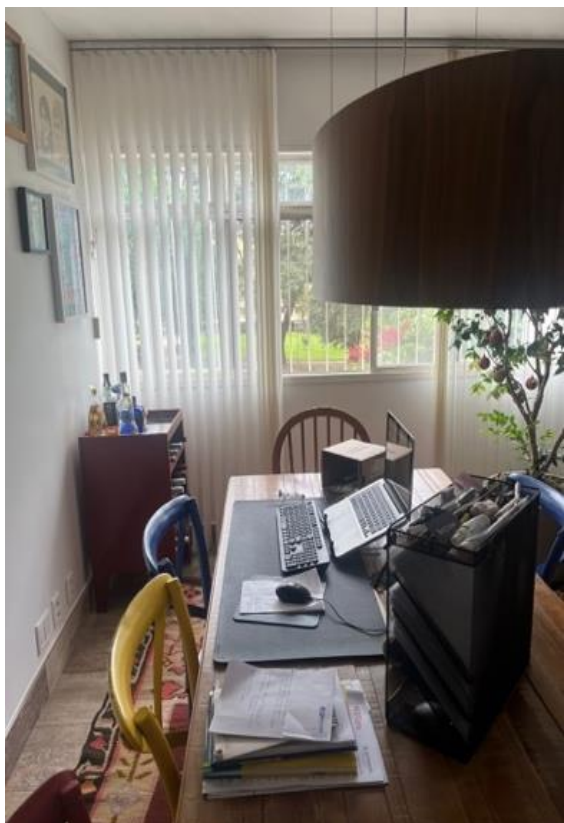




Assim como para a Entrevistada 47, mulher de 45 anos, “As demandas se acumularam... Aí, com certeza mais coisa, né?! Porque a gente tinha que ficar limpando a casa, passar um aspirador, né?! Limpar banheiro, trocar a roupa de cama... aí foi mais difícil...”. A Figura 12 também representa um pouco dessa vivência.

Figura 12

Ambiente de teletrabalho da esposa na sala de jantar, do marido no quarto de serviço e ambiente projetado para estudos da filha



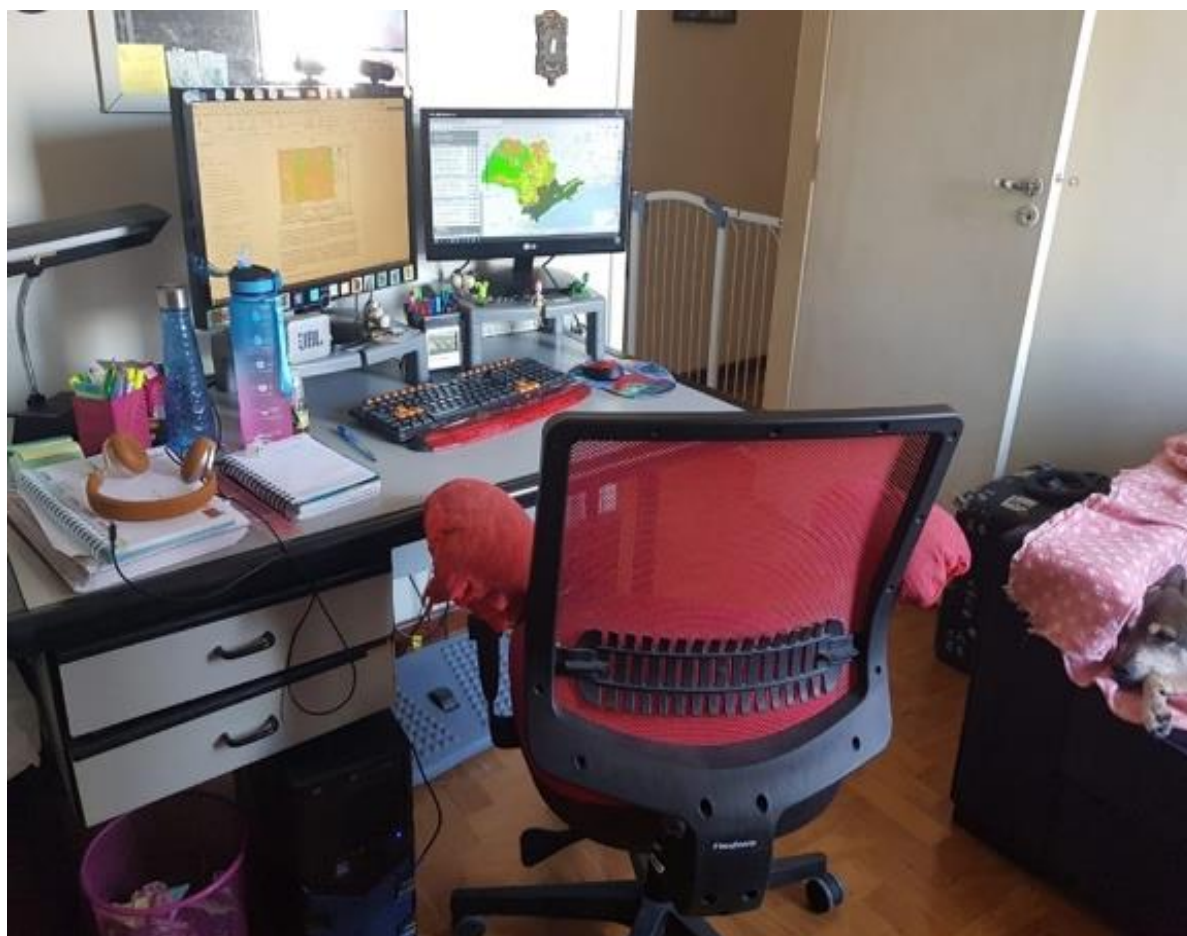
Novamente, essa é uma sensação similar a Entrevistada 25, mulher de 38 anos, a qual tem seu ambiente de trabalho apresentado na Figura 13 e relata que:

É porque eu estou aqui... meus cachorros fazem alguma sujeira, eu vou lá e limpo...

É... aspirar a casa e fazer o almoço... Tem a divisão, né? Porque eu chamava pra fazer... mas tem que pedir... Por que vai fazer? Eu tenho que sair pedindo... Mas como... é... tem que pedir para fazer. Mas aquele negócio, sou eu... não tem a ver com um marido... eu prefiro fazer logo do que ficar pedindo... Eu já vou e faço... Se você está trabalhando fora, você não vê. Mas se você vê aquela bagunça, você vai lá e arruma... ou, você grita com o marido pra arrumar... mas acaba que não tem como. A não ser que a pessoa seja iluminada.

Figura 13

Ambiente de trabalho no espaço dos animais domésticos



No trecho a seguir, o participante conceitua tarefa doméstica como “ajudar a varrer”, relatando tal “ajuda” como eventual.

No âmbito doméstico, né, em especial na casa, é..., na verdade... como eu estou em casa... é... eu acabo ajudando minha esposa, eventualmente. (...) Mas assim... as tarefas domésticas... é ajudar a varrer alguma coisa. Assim sim... isso eu sempre... isso é comum entre a gente. (...) A divisão de tarefas continua a mesma, minha esposa já fazia [o almoço] pra ela e pro meu filho, agora só aumentou um prato a mais. (Entrevistado 17, homem de 48 anos)

Esse mesmo trecho de entrevista acima evidencia e explicita o inconsciente masculino acerca do papel da mulher frente ao trabalho doméstico. “Agora só aumentou um prato a mais”, mais um prato que se soma a todos os pratos dos demais integrantes da família, que foram operacionalizados integralmente por ela: planejar, comprar ingredientes, preparar e, muitas vezes, servir o prato, garantir que todos se alimentaram adequadamente, lavar a louça e limpar a cozinha. Definitivamente, e por justiça, não pode ser só mais um prato.

A equidade por vezes está mais arraigada no discurso do que de fato torna-se uma prática, conforme trecho a seguir:

Preparar ou servir refeições da família é minha esposa que faz 100% de todas as refeições... limpeza ou cuidado de roupas e sapatos acho que é 70% ela, tá? ... pequenos reparos ou manutenção do domicílio é 100% eu tá ... a empregada que limpa a casa toda, limpa e arruma. Mas cuidar da organização da casa aí é acho que é 50 por cento para cada um, né? E fazer compras e pesquisar preços é 100% da minha mulher, 100% ela. [Vocês têm animais domésticos ou plantas?] Tem um cachorro, um gato, né, e umas plantas também tá então cuidar dos animais e plantas é 70% ela. [E sobre levar filhos para escola/curso, supervisionar a rotina escolar e acompanhar filhos e parentes em consultas médicas?] É 80% da minha mulher. [E gerenciar o

orçamento doméstico e atividades cotidianas de empregados?] É 100% minha mulher. [Então, tá. Se você tivesse que dar um percentual geral assim para o todo, as tarefas domésticas, quantos por cento ela e quantos por cento você?] Deixa eu ver, acho que uns 60% para ela, 60 né? 40% eu. (...) Acho que o significado [de equidade] é procurar não sobrecarregar o outro. [Como você vê essa questão na sua vida hoje?]

Eu acredito que não tenha sobrecarga não. (Entrevistado 15, homem de 49 anos)

Nessa fala, a equidade já tangencia o discurso uma vez que o participante afirma não haver sobrecarga. Contudo, tal divisão potencialmente justa está inserida racionalmente na fala uma vez que no cômputo geral de distribuição das atividades ele reconhece uma carga maior para a mulher (60%), que pode estar sendo subdimensionada, uma vez que, ao separar as atividades em áreas de atuação, na maioria das vezes ele atribui a ela percentuais maiores do que os 60%.

Já com relação ao espaço doméstico ainda ser inato e predominantemente do feminino, caracterizado pela ausência do masculino nesse espaço, destaca-se a fala do Entrevistado 33, homem de 67 anos:

Assim, a parte da casa... aí é com ela isso aí... eu não, não me meto não. E ela trabalha fora, não, ela trabalhou muito tempo fora... mas ela aposentou e eu também aposentei, né?! Então, ela agora... ela fica em casa que tem... é... muito mais trabalhoso, né?! Pelo amor de Deus! Então, é difícil, mas sempre foi assim. Sempre ela cuidou da casa também e... sempre, mesmo ela trabalhando, ela já cuidava da casa.

Enquanto a Entrevistada 24, mulher de 46 anos, relata abaixo e exemplifica na Figura 14:

Porque hoje a faxineira faz faxina aqui em casa... mas o menino dela não tem aula e ele veio... e os dois [o filho e o filho da faxineira] tocam o terror aqui em casa e ficam invadindo aqui no meu escritório [crianças acenam para câmera]. Espera que tenho que fechar a porta (...) quando a criança está em casa, ela acha que você não está trabalhando, porque você está em casa... foi mais difícil no começo, foi mais difícil de

adaptar... até porque ela [a filha] tinha 8 anos, 9 anos, e quando estava em casa falava: beleza, pai, a casa é toda minha. Porque sempre quando eu estava em casa, era toda hora pra brincar ou pra fazer comida ou pra fazer tarefa ou para estar com ela, né?! A gente tinha esse tempo... e ela é carente demais, então tinha muitas essas intercorrências e ficava a chorar debaixo da minha mesa... não sei se você viu na foto, tem umas bonecas aqui debaixo da minha mesa... porque ela fica aqui sentada debaixo da mesa brincando comigo enquanto eu trabalho.

Figura 14

Brinquedos embaixo da mesa, local onde a filha costuma ficar enquanto a participante trabalha



No trecho a seguir a participante reconhece sua carga maior de trabalho doméstico, mas justifica a não colaboração do marido, atribuindo-lhe outro tipo de tarefas – as eventuais e sob demanda, além de justificar a desigualdade observada em sua própria trajetória de vida e se posicionar contra outras mulheres que desejam compartilhar todas tarefas domésticas com o parceiro.

Ai, ele [o marido] é meio complicado... ele só sabe lavar louça, ai ai. Mas aí eu consigo... eu já falei pra ele, oh, tem que fazer escolhas (...) só que já na família do meu marido, a cultura é diferente, então, assim, nisso tem hora que às vezes eu fico um pouco brava, sabe, porque... é... eu sou assim, muito participativa e gosto muito de ajudar outros... não é que eu gosto de ser ajudada também, mas ele é assim... se você falar me ajuda com isso, me ajuda... tranquilo, ele ajuda... mas eu sou muito independente, eu não gosto de ficar esperando por ninguém as coisas, então, se tem uma coisa que fazer, eu vou lá e faço, então, assim, a colaboração que ele me dá é de outras formas... por exemplo, meu filho quando eu quero limpar a casa, ele vai lá fora com ele e anda de bicicleta, brinca enquanto eu vou limpar, então, pra mim está bom... porque às vezes tem mulher que quer que o marido faça tudo em casa, né?! Faz comida, passa roupa, lava roupa... aí eu acho as mulheres e as meninas mais novas de hoje muito despreparadas e vão dizer que eu sou machista, pode dizer, não estou nem aí... mulher ela tem um corpo diferente do homem, ela tem uma força diferente do homem e ela tem uma cabeça bem diferente do homem... até o modo da gente enxergar é diferente. (...) A carga maior está comigo por conta da cultura que eu tive e a vida que eu tive até dois anos atrás, eu era uma mãe solteira então eu tinha que fazer tudo dentro de casa, trocar a lâmpada, arrumar vaso, vazamento, essas coisas, entendeu? Então é uma coisa que já vem em mim, isso é individual, mas

no geral eu acho que a gente se dá muito bem assim. (Entrevistada 19, mulher de 48 anos)

No trecho a seguir, o participante atribui percentuais à realização das tarefas domésticas e não percebe desigualdade, alegando que ela gosta de fazer tais tarefas.

[Quanto à divisão das tarefas domésticas, houve algum acordo entre você e sua esposa?] Não, ela acaba fazendo 90% das tarefas. Quando estou menos atarefado, faço algumas coisas sem ela precisar pedir. [Qual o percentual para preparar ou servir refeições da família?] 90% ela faz... Fico com 10%... tem vezes que ela me pede pra fazer. [Percentual de limpeza ou cuidado de roupas ou sapatos?] 95% por conta dela... Fico com a limpeza dos sapatos. [Percentual de pequenos reparos e manutenção do domicílio?] Fica 100% por minha conta. [Percentual para limpar ou arrumar o apartamento?] Fica 90% por conta dela... às vezes limpo retirando o pó. Ela gosta de fazer da forma dela. [Percentual para cuidar da organização da casa?] É 100% dela em virtude de gostar de alterar a organização dos móveis. [Percentual para fazer compras ou pesquisar preços?] Nesse quesito é 50% meu e dela... ela sabe o que precisamos e eu faço a pesquisa de preços. [Percentual para cuidar de animais domésticos ou plantas?] 90% é minha responsabilidade com animal doméstico e 10% ela cuida das plantas. [Percentual para levar o filho na escola ou curso e supervisionar a rotina escolar?] Levo ela ao serviço e deixo ele na escola, ajudo nas tarefas escolares e ela arruma a mochila... creio que seja na ordem de 70% minha responsabilidade e 30% dela. [Percentual para acompanhar o filho ou parentes em consultas médicas?] Sempre acompanhei os dois, 100% minha responsabilidade. [Percentual para gerenciar o orçamento doméstico ou atividades cotidianas de empregados?] Não temos empregada doméstica. 100% minha responsabilidade, porém, depois da perda da criança, ela gasta mais do que recebemos... gerando um desequilíbrio

orçamentário. O salário dela é dela e o meu é da família. (Entrevistado 30, homem de 45 anos)

Já no quesito do apoio financeiro vs. atividades domésticas, destaca-se o Entrevistado 4, homem de 68 anos, o qual apresenta que:

Eventualmente também ajudo, faço uma graça com ela, às vezes lavo a louça do café ou da janta, ela vai ver novela e eu vou fazendo a digestão e lavo as louças pra ela, junto as mesas ali, ajudo um pouco. Ela que faz a comida. (...) Olha, o orçamento doméstico é meu, essa parte financeira eu que controlo. Aí eu dou os cartões para ela, que nós temos conta conjunta, né, tem cartão de crédito e tal. Mas aí, é até mesmo por uma questão de educação financeira, eu dou dois cartões pra ela, né?! É só cartão de débito. Aí nós temos conta conjunta, ela compra o que quiser, entendeu?! Só que assim, Se ela for fazer um... ela tem assim, um limite que ela acha que ela pode comprar, então quando é uma coisa mais cara, aí ela sabe né, se ela deve comprar ou não, aí, se for assim, ela me consulta, entendeu?! Mas aí eu tirei o cartão de crédito, porque... até mesmo por uma questão de educação, né, ela tá se educando. Aí foi uma coisa que eu mudei, tem uns quatro meses... não, tem quase meio ano já. Porque os cartões de crédito ficavam acumulando muitas contas, entendeu, muitas parcelas a perder de vista. Então, quando a pessoa compra à vista... aí ela era a pessoa... quando você divide, é como se você não fosse comprar, mas só que você vai pagar, então aquilo vai acumulando, entendeu?! (...) Não, ela não trabalha, só em casa.

No trecho a seguir, a participante explicita sua sobrecarga com as tarefas de casa e relata ter delegado, após o nascimento da filha, as tarefas relativas ao funcionamento da vida do marido para o marido. Em que pese a desigualdade latente, podemos supor tal posicionamento mais assertivo da mulher possivelmente vinculado às relações de poder estabelecidas entre o casal e destacamos que, nesse caso, a mulher tem participação financeira de 95% no orçamento doméstico.

2020 e 2021 foram bem pesadas porque... porque as tarefas de casa continuaram comigo todas, né, basicamente... levar menino, de passar, de lavar roupa, de cuidar... tudo... é comigo! A parte do meu esposo é assim... que eu delego... tem que... não posso fazer as coisas dele (...) sempre eu pedi... quando disse que a minha filha nasceu, né, eu deleguei as coisas dele pra ele... tipo lavar a roupa dele, é ele. Passar... ah ele tem tudo o que ele quiser dele... por exemplo, a coberta dele, a toalha dele... é ele que lava... então, assim, as coisas dele, ele que cuida. (Entrevistada 24, mulher de 46 anos)

No trecho a seguir, o participante tem 100% do orçamento doméstico sob sua responsabilidade. Ele relata que não ajudava antes da pandemia, reconhece o desequilíbrio na divisão de tarefas corrente e atribui seu baixo nível de contribuição ao gosto da mulher por organizar do jeito dela.

Ela acaba fazendo 90% das tarefas [domésticas]. (...) No final de semana ela faz uma geral em casa... ficando comigo a lavagem de louças, cuidar do peixe, varrer e cobrir a cama. (...) Antes da pandemia eu não ajudava, fazia duas horas extra diárias e tivemos um período que trabalhava todos os dias sem descanso. (...) Eu ganho mais porém as despesas são altas... 100% meu salário no orçamento da família. Financeiramente minha esposa gasta muito e sempre me pede para ajudar a pagar as contas dela... Houve redução de renda, aliada a inflação e gastos não essenciais. Isso acabou com minha qualidade de vida... Aumento de salário abaixo da inflação e com imposto de renda e inss, acabei baixando meu salário. (...) [Sobre a distribuição das tarefas domésticas na sua casa, você acha que o percentual atual é o ideal?] Acho que poderia melhorar minha contribuição... porém... tem coisas que ela gosta de fazer, da maneira dela... como a organização. (Entrevistado 30, homem de 45 anos)

Os entrevistados aqui exemplificados ainda apresentaram escores variados com relação aos escores da amostra nas variáveis quantitativas, conforme pode ser verificado na Tabela 8.

Tabela 8

Comparação dos escores da amostra com os entrevistados exemplificados na Categoria II

Entrevistado	SWLS	WHOQOL				QVT		
		Físico	Psicológico	Relações Sociais	Meio Ambiente	Fator 1	Fator 3	Fator 5
Amostra	25,98	26,48	22,17	10,80	30,30	8,59	8,94	7,19
Entrevista 4	19	33	22	9	35	8,64	9	10
Entrevista 12	27	26	23	13	32	9,18	10	5,75
Entrevista 24	25	14	22	9	26	8,09	9	7,5
Entrevista 25	28	25	16	10	31	9,82	10	5,5
Entrevista 33	28	25	23	11	35	9,82	10	6
Entrevista 43	23	27	22	10	31	8,27	9	7,25
Entrevista 47	34	31	25	13	32	9,82	9,33	5,75

Nota. QVT Fator 1: Autogestão do teletrabalho. QVT Fator 3: Infraestrutura de teletrabalho. QVT Fator

5: Sobrecarga de trabalho.

7.2.1.3 Categoria III – Modificações na Dinâmica do Núcleo Familiar vs. Diferentes Significados de Qualidade de Vida

Inicialmente, destaca-se os impactos positivos e negativos da pandemia na fala do

Entrevistado 23, homem de 52 anos:

Praticamente para todo mundo conviver num apartamento pequeno aqui no sudoeste com 2 quartos e eu tinha que utilizar a mídia, né, processos pelo computador... a minha esposa também, a minha filha estudar também ... eram 3 pessoas ligando equipamento dentro de casa... teve que fazer um upgrade na rede de telefonia, né, de internet... os ambientes tinham que ser subdivididos, né, repartilhados... eu tinha que ficar na sala 1 hora, outra hora minha filha no quarto dela, minha esposa no quarto ... então foi uma confusão danada e isso teve um impacto muito sério e a gente teve que se se é reestruturar familiarmente. Aí teve um impacto financeiro, né, nisso tudo que a gente teve que investir em outras coisas mas depois sobrava dinheiro para nós... o que a gente tinha... por exemplo, a gente gastava dinheiro com transporte, gastava dinheiro com alimentação fora ... começou a economizar dentro de casa, né, então sobrou dinheiro para umas coisas... teve que

investir a princípio um computador mais eficiente... mais pra minha filha... e por aí vai... então mudou tudo completamente todo o processo de vida dentro de casa, fora de casa, né... passamos a conviver mais juntos... tem também seus estresses, né, iniciais ... pô, uma coisa você estar 3-4 horas por dia com... de convivência... de repente você passou 24 horas dentro de casa ... é bom... é... mas tem um lado ruim, tem adaptação, né... eu soube colegas meus que se separaram no meio da pandemia, de repente aquilo, né, mudou tanto que o cara não aguentou nem conviver mais com a mulher... imagina... nem a mulher com ele... se existe algum problema de relacionamento, negócio exacerbou ... e por aí vai.

No trecho a seguir, o participante expõe sentimentos, preocupações, aprendizados e momentos de alegria e vida em família vivenciados na pandemia.

O primeiro impacto da pandemia foi isolamento, medo de ficar sozinho, ter que trabalhar de casa sem os colegas, insegurança pois não sabia o que ia acontecer comigo, incerteza. (...) O computador tive que emprestar pro filho, aí fica à toa, começa a pensar besteira, tristeza e aí percebi que não era só eu, começa a conversar com mais gente através do celular que foi o nosso grande aliado. Foi um impacto, insegurança como um todo, na questão do trabalho, da saúde. Eu, em casa, não tinha estrutura para trabalhar em home-office. (...) A pandemia foi uma experiência muito rica. Nós aprendemos um pouco sobre ter paciência um com o outro, porque ficar confinado causa que meio ficar nervoso, aí perde a paciência um com o outro. Mas também trouxe momentos de alegria como jogar baralho, passamos a conversar mais, mas de repente todo mundo se isolava nos quartos porque era um momento muito tenso. A minha mãe mora sozinha em outra cidade e eu fiquei desesperado com medo dela ficar lá sozinha sem apoio. Aí no período de pós vacinados, não teve ninguém que passou mal, só teve sintomas leves, então, sobrevivemos e saímos fortalecidos da pandemia. (Entrevistado 1, homem de 56 anos)

Já com relação aos aprendizados em relacionamentos, a Entrevistada 43, mulher de 46 anos, indica que

Intensificou a convivência, né, a gente era muito acostumada a passar boa parte dos dias ... é... fisicamente distantes por causa do meu trabalho presencial, do trabalho do meu marido que tem presencial e não tem ... ele já trabalhava parte do tempo de casa, né, então os meninos em casa o tempo todo causou alguns conflitos ... principalmente lá no início e tal ... mas nada nada grave ... acho que fez até bem pra gente enquanto... convivência familiar... de ficar mais tempo junto... naturalmente é... surgiram em alguns contextos alguns conflitos... ah, fulano está muito tempo no quarto... principalmente a filha não é adolescente é o meu filho que já é adulto que estava na faculdade ele já ficava... e passou a ficar muito tempo no quarto porque ele trabalha no quarto dele... mas nada que, assim... isso, pelo menos para mim, não é uma questão... é, em muitos aspectos isso ... é... foi positivo... porque a gente conseguiu tirar de letra essa coisa da convivência... eu, eu sei de relatos né de outras famílias em que isso virou uma questão (né... ficar se esbarrando...) delicada... estresse ... não sei o que... não, a gente acho que conseguiu levar essa parte numa boa ... a gente passou a cozinhar mais juntos... a gente passou a ter uma atenção compartilhada sobre as coisas da casa e do cuidado um pouco maior ... mesmo a divisão de tarefas não sendo isonômica que eu falei, por exemplo, surgiu um sexto elemento na família que é o cachorro, né, no meio da pandemia... é, eu não sou a principal cuidadora do cachorro ... isso é fruto de mudanças de posicionamento minhas ... de não assumir ao mesmo tempo deles estando em casa... reconhecerem que não quiseram o cachorro?! Então cuida do cachorro, entendeu?!

No trecho a seguir, o participante relata a dificuldade de adaptação das pessoas ao contexto pandêmico e o exacerbar de suas características individuais, além de mencionar a solidariedade afluída coletivamente durante o período.

A pandemia ela fez com que a gente... é... entendesse... desse mais valor às pequenas coisas que a gente fazia de forma muito é automática... então, foi onde a gente conseguiu ver... onde... o estilo de vida de cada um, as manias de cada um e o cuidado que você tem com cada um, as suas relações e tudo mais. Ah, tudo o que tinha de qualidades ressaltou pro lado positivo ... e tudo o que tinha de defeitos, falhas e gaps... aí, nas relações se destacaram, né... então, foi um esforço muito grande para as pessoas se adaptarem, né (...) as amizades verdadeiras e se solidificaram... os problemáticos apareceram mais... ainda quem era, quem era problemático ficou mais problemática ainda... quem era de apoiar, demonstrou maior apoio, né... eu vi grupos se organizando para ajudar terceiros que nem conheciam... pessoas que eram isoladas se isolaram mais ainda, recrudesceram ... então, é... tudo na crise a gente vê ressaltar, as características de cada um, então, na verdade, nada muda... só a lupa que aumentou... a gente enxergar isso mais nas pessoas.”

(Entrevistado 23, homem de 52 anos)

Enquanto para o Entrevistado 11, homem de 56 anos,

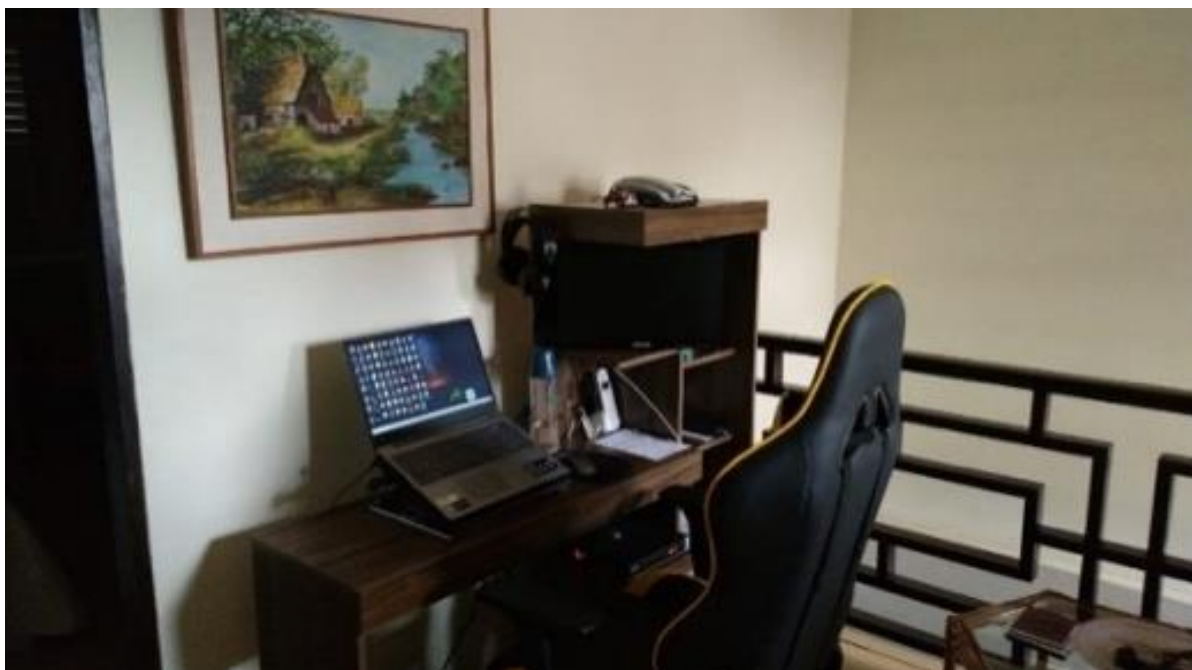
Ela [a esposa] tem um ambiente próprio dela [de trabalho] e eu o meu [adaptado], mas, dependendo da necessidade, a gente também troca... dependendo de uma reunião mais reservada, eventualmente eu uso um segundo monitor de apoio, então, dependendo da atividade a gente troca de lugar...

O mesmo entrevistado também exemplifica sua situação com uma foto, aqui apresentada na

Figura 15 abaixo.

Figura 15

Ambientes de trabalho destinados ao marido e à esposa são móveis, sendo alternados conforme demanda de trabalho. Geralmente o participante trabalha no vão da escada (usando dois monitores) enquanto a esposa trabalha no cômodo fechado, exceto em horários específicos de reuniões laborais em grupo dele ou reuniões reservadas dela. Há necessidade de negociação e conciliação de agendas.



O trecho abaixo demonstra o não pensar de um homem entrevistado sobre o seu papel de colaborador na família. O participante busca refletir sobre atividades cotidianas como a necessidade de alimentar-se e o papel dele; gagueja ao pensar num “problema” que até então ele não percebia como dele, uma vez que, por sair cedo de casa para trabalhar, deseja descansar ao chegar.

[As tarefas de casa foram redistribuídas entre você e sua esposa?] Foi... foi... foi [gagueja] ... foi um choque meio assim, né, assim, por exemplo, porque a gente quando tá na rua, né, a gente acostuma ter, assim, por exemplo... mais come fora, né, assim, a gente não tem que fazer comida, né... a gente quer é um suco que a gente vai ali na... né... por exemplo, pega um suco [divaga e pisca múltiplas vezes]. Enfim, né, já dentro de casa não, né, a gente teve, né, que aprender, né, a... assim, a... assim, assim por exemplo no caso, né, eu tô... ainda, né, aprendendo, né... a... cozinhar um pouco ainda, né. É... eu não sei não, assim, tipo assim, eu sabia fazer miojo né [ri] mas assim, mas só que... só miojo todo dia não dá, né, aí a gente... a, né, e assim, e, a questão assim do dia a dia assim de, né, assim por exemplo, das tarefas, né, domésticos, né, a gente tá dividindo mais agora, né, porque antes tinha muita aquela coisa, né, ah, não tipo assim eu cheguei, é, é, é [gagueja], assim por exemplo, assim por exemplo, eu saí cedinho de casa, cheguei tarde tô cansado e eu só quero agora, é... sentar aqui no sofá e.. [pensa] descansar, né... já quando você tá em casa não, né, assim as coisas pra... você se vê, né, obrigado a... a cooperar mais também dentro de casa. (Entrevistado 5, homem de 48 anos)

Com relação à qualidade de vida, considerando nisto a saúde, a família e o ambiente, algumas falas e fotos de entrevistados se destacaram. Iniciando-se pelo Entrevistado 1, homem de 56 anos, o qual menciona:

Interessante porque teve um lado bom, que eu fiquei um tempo ... pude dedicar a praticar, por exemplo, exercício físico, que eu gosto de transpirar. Então, como eu não podia sair pra rua, eu fazia exercício no meu quintal, tomava sol todos os dias, almoçava no horário certo, ajudava minha esposa a fazer almoço, uma comidinha mais saudável, mesmo assim preocupado com a balança e engordando. Mas como eu te disse eu tenho minha casa confortável, fazia meu exercício pela manhã, tomava todo dia meu sol – vitamina D, dormia depois do almoço, adoro uma rede – sou

nordestino. A única tristeza era não poder passear, sair de casa... ficar confinado, essa é a palavra (...). Qualidade de vida é ter tempo pra mim, morar num ambiente saudável, saúde e paz.

Para o Entrevistado 55, homem de 56 anos, algumas questões se assemelham, conforme pode ser notado em sua fala e na foto apresentada na Figura 16.

Bom, qualidade de vida é ... você ter tempo de fazer as coisas que você gosta, né?! Eu, no trabalho remoto, apesar de eu estar ligado a ir direto, pelo menos até o horário do expediente que o pessoal está no presencial, eu tô ligado com eles [com a equipe de trabalho]. Mas... consigo conciliar, eu estou na minha casa fazendo o que eu gosto. Então, pra mim, qualidade de vida é ter saúde e fazer o que gosta... isso é imprescindível... pra você ter uma vida legal. Ah, com relação a outras questões... a gente fez uma reflexão que na hora a gente nem percebe muito, mas apesar da pandemia, apesar dessa confusão toda que a gente passou, eu não perdi ninguém da minha família... perdi amigos, mas de perto não perdi ninguém pra essa doença, isso já é um privilégio. Mas o privilégio maior, enquanto eu falava com você, que eu estava pensando... foi ter tido essa oportunidade de ter essa casa para juntar meus filhos e ter passado esse momento de pandemia juntos, lógico, a gente se cuidando. Eu nunca tinha pensado dessa forma, fui refletir agora enquanto falava contigo... Eu fui um privilegiado de conseguir fazer isso, muita gente não teve essa oportunidade.

Figura 16

Elementos da vida pessoal e profissional compartilham o mesmo ambiente físico



Os participantes destacam qualidade de vida principalmente como saúde, família e ambiente, conforme trecho abaixo.

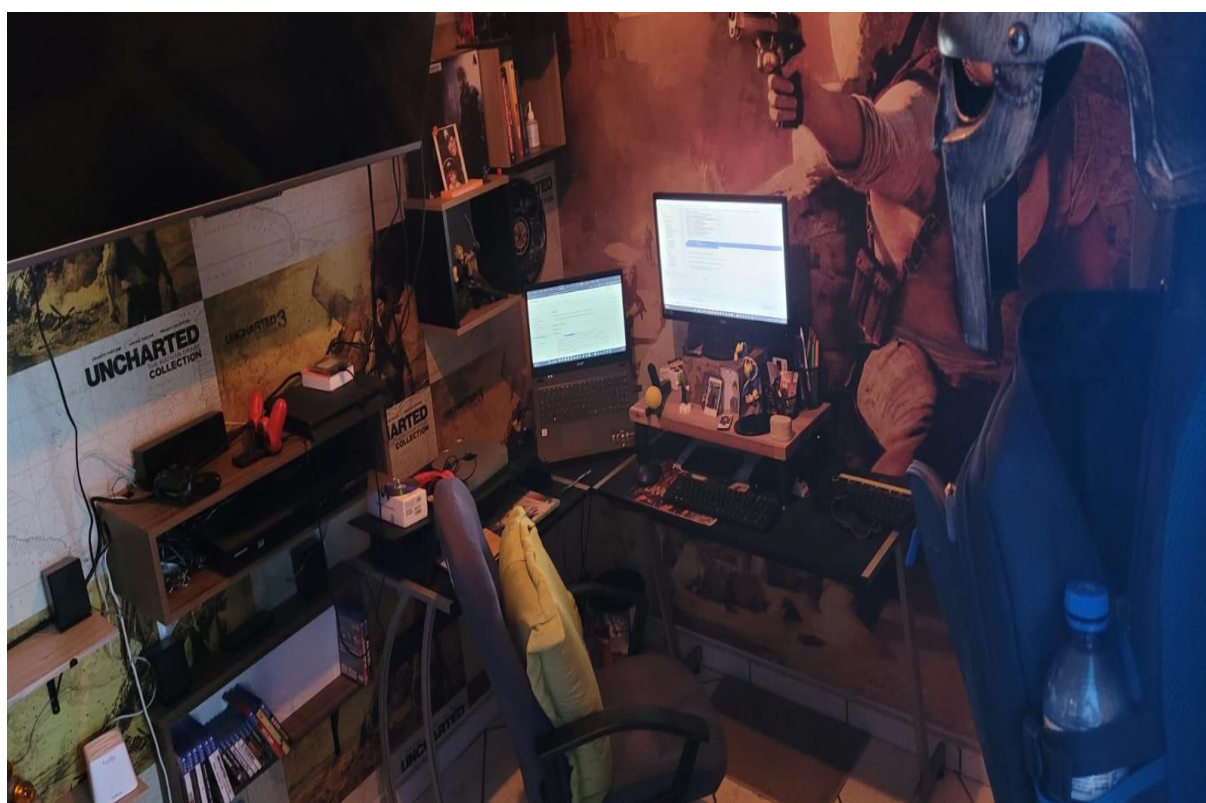
Qualidade de vida é você... é um ambiente confortável, seguro para viver... é você ter acesso a sua alimentação... você tem acesso a alguns bens culturais que lhe dão prazer como livros, música e televisão... é... filmes, cinema... você ter boas relações afetivas... é... esposa, relações afetivas... segurança... é... financeira... e atividades prazerosas, ter prazer nas suas atividades diárias, eu acho. (Entrevistado 22, homem de 40 anos)

Destaca-se, ainda, a fala do Entrevistado 53, homem de 41 anos, e sua foto, representada na Figura 17.

Qualidade de vida é... passar a maior parte do tempo ou talvez a sua totalidade se alimentando bem, tendo acesso a lazer e, vamos dizer assim, ter as coisas que você precisa para viver de uma forma digna, se exercitar e poder, né, proporcionar, não só para o meu filho, mas para a minha família... ter acesso às coisas básicas e essenciais para a gente viver bem... como, medicamentos, alimentação, vestuário e lazer...

Figura 17

Ambiente de trabalho compartilhado no quarto de dormir customizado para jogos



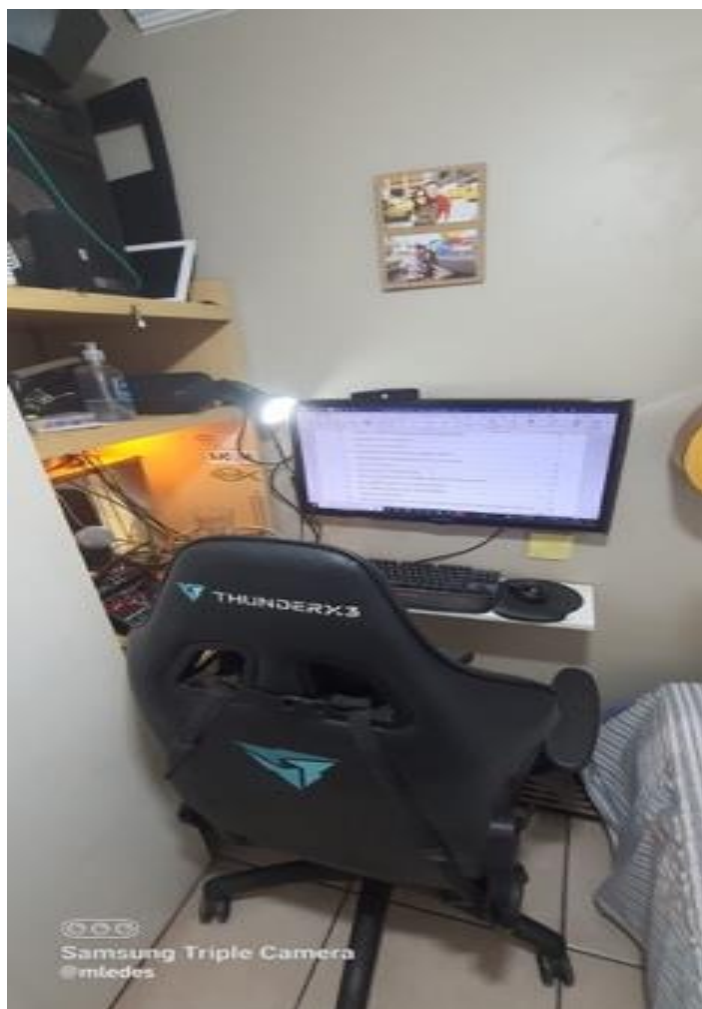
Destaca-se também a fala e a foto (representada na Figura 18) do Entrevistado 7, homem de 51 anos:

Ah... Qualidade de vida... É pode ser produtivo e estar com a família... Eu acho que esses valores são importantes... Ter um equilíbrio em todas as atividades que você

faz, né?! Dormir bem, se alimentar bem, fazer exercícios... isso que é qualidade de vida... em todas as áreas... não adianta só trabalhar e estar doente, por exemplo. Não adianta, né?! Não dar atenção para a família, né, não dá... tanto trabalho, só dar atenção pro trabalho ou não estar nem aí pro trabalho... está errado, entendeu?! Tem que ter um equilíbrio desses... a busca do equilíbrio... Que é o mais difícil... acontecer a qualidade de vida... que piora, que puxa pro lado, pro outro... é difícil, mas é o desafio. (...) Assim, as tarefas que exigem mais esforço físico, tem que ser o homem, né, porque poupa a minha esposa fisicamente, né?! Sou gordinho e ela magrinha, então, assim é natural... não vou pedir pra ela descer com um saco de lixo gigante, não tem sentido, entendeu?!

Figura 18

Ambiente de trabalho “encaixado” entre a cama e o armário



Para a Entrevistada 20, mulher de 42 anos,
Qualidade de vida é poder ter escolhas. É ter contato com a natureza... é ter tempo pra se cuidar...Eu fiz escolhas que me trouxeram mais qualidade de vida... uma alimentação saudável... mas, também teve momentos que eu fiquei mais sedentária, bebi... bebi mais... então, assim... ficar atento às escolhas para a gente ter bons resultados...

A Figura 19 também exemplifica isto com a adequação de um ambiente provisório para “um novo provisório” devido à extensão do prazo em teletrabalho e barulho externo. A participante também argumenta que será necessária outra mudança de ambiente pois o espaço atual é um vão de passagem, sem porta, e ninguém na casa pode ver televisão durante o seu expediente.

Figura 19

Alteração/adequação de ambiente provisório (tábua de passar roupas usada como mesa de trabalho) para “um novo provisório” devido à extensão do prazo em teletrabalho e barulho externo



Com relação ao investimento em si mesmo, a fala do Entrevistado 22, homem de 40 anos, chama a atenção, pois

Final de semana, a gente... eu fico, né... basicamente eu reservo. Eu tenho algumas atividades que eu gosto de fazer pra mim, né, pra prazerosas pra mim... então, oh reserva uns 15 minutos por dia para ler e mais uns 15 minutos para tocar um instrumento musical que eu estou aprendendo... aí fora isso, quando eu consigo fazer isso ótimo, mas fora isso... no fim de semana... não é... não é afazer doméstico... mas é voltado para a filha... pra bebê... é pra ficar com ela, entende?!

No trecho abaixo, a participante se mostra confusa quanto à implementação de uma rotina de atividades físicas em seu cotidiano, pois, o tempo ganho com o fim dos deslocamentos e trânsito que, usualmente poderia ser diretamente alocado em tarefas domésticas ou familiares, pode, segundo sua perspectiva atual, ser destinado para investimento em si mesma.

Eu acho que eu gastava umas duas horas [de casa para o trabalho, ida e volta]. Sabe, eu acho que eu consigo fazer uma atividade física e eu fico tentando... porque isso foi uma coisa que eu reivindiquei para mim mesma, sabe, pelo menos uma hora do dia... para mim! Justamente eu, como vou pegar esse tempo? Eu vou jogar pra casa, né, e para a família... ou, para o trabalho. E aí eu não consigo inserir uma atividade física, eu não conseguia fazer de jeito nenhum. (Entrevistada 9, mulher de 39 anos)

Por fim, com relação às mudanças para o pós-pandemia, nota-se também o Entrevistado 22:

Hoje o meu contrato de trabalho... eu estou em home office... pra mim, foi excelente porque se não fosse isso eu teria que... eu estaria lotado em Brasília e a minha família aqui em Fortaleza. Eu tenho... a essa altura eu teria que ter saído da empresa ou então teria buscado uma sessão para algum órgão público aqui em Fortaleza e teria repercussões até financeiras para mim então nesse aspecto o home office é excelente: um pra como qualidade do trabalho, produtividade eu acho péssimo... eu

preferia trabalhar no escritório. Eu gostava... começar... advogado inclusive eu gostava da... me arrumar para o trabalho... de colocar o paletó, gravata, de pegar o carro e dirigir pro trabalho e chega lá conversar com os colegas e sentar na minha na minha... meu computador, na minha mesa de trabalho e passar a manhã trabalhando e só parar na hora do almoço... depois voltar trabalhar à tarde... eu gostava dessa rotina. Achava muito mais produtivo... é... muito mais prazeroso o trabalho presencial na empresa ... eu acho difícil me concentrar ... eu já tenho esse problema que foi diagnosticado né de TDHA aí em casa é muito mais difícil me concentrar tem muita interrupção... é... tem as tentações da casa com a televisão, a geladeira, sofá... é mais difícil me concentrar... e trazem muitas interrupções que o meu trabalho sofre.

E no trecho abaixo, a participante relata a adaptação da infraestrutura doméstica para o funcionamento de três escritórios em casa, bem como ter descartado uma oportunidade profissional por ser em regime presencial de trabalho.

O assunto lá dessa oportunidade que surgiu... me era muito interessante... agora o fato de eu ter que trabalhar presencial pesou muito para descartar logo a oportunidade, então... então é... independente dos desafios, funciona muito pra mim poder ficar mais tempo em casa. [...] Quanto ao espaço físico de casa, sim, a gente já tinha um mini escritório porque o meu marido sempre manteve esse espaço toda a vida porque parte do trabalho dele ele sempre fez de casa, só que a gente precisou incrementar isso ... então, é porque eu passei a trabalhar 100% em teletrabalho e depois do fim das restrições eu adotei... hoje estou em teletrabalho, né?! Então, assim, esse ambiente de escritório duplicou de tamanho, a gente hoje tem 2 espaços, né, pra isso, e, o quarto do meu filho já pela idade dele e tudo... e, por ele começar a estagiar, também passou por uma adaptação para poder comportar o notebook dele, o local dele de trabalho... então, hoje a gente tem 3 mini escritórios em casa!

(Entrevistada 43, mulher de 46 anos)

Assim como a Entrevistada 45, mulher de 48 anos, menciona abaixo e demonstra em suas fotos, representadas na Figura 20, por meio da transição do ambiente de teletrabalho.

Eu acho que o teletrabalho é o futuro da humanidade... para quem conseguiu se adaptar a essa nova modalidade. E, é a chance que a pessoa tem, acredito, até para desenvolver outras coisas que não conseguiu antes. Eu dou o meu exemplo... se não fosse a pandemia, eu não teria iniciado o meu mestrado. Se fosse o presencial, eu não teria condição de fazer... de voltar a estudar. Então, é um ganho para a humanidade... uma economia para a empresa, porque reduziu vários prédios, várias salas, não paga água, luz, telefone... enfim, economia comigo também, estando em casa eu tive que investir. Foi um alto investimento que eu fiz, financeiro... mas foi pra minha saúde e pro meu bem-estar...

Figura 20

Etapas de reforma para adequação ao ambiente de teletrabalho no quarto de dormir





Nota. Foto 1 - Fase inicial (trabalho na mesa de jantar); Foto 2 - Durante a pandemia (trabalho no “cantinho” do quarto); e, Fase 3 - Período pós flexibilização das medidas de isolamento social (transformação de parte do guarda-roupas em mesa de escritório dentro do quarto de dormir).

Os entrevistados aqui exemplificados ainda apresentaram escores variados com relação aos escores da amostra nas variáveis quantitativas, conforme pode ser verificado na Tabela 9.

Tabela 9

Comparação dos escores da amostra com os entrevistados exemplificados na Categoria III

Entrevistado	SWLS	WHOQOL				QVT		
		Físico	Psicológico	Relações Sociais	Meio Ambiente	Fator 1	Fator 3	Fator 5
Amostra	25,98	26,48	22,17	10,80	30,30	8,59	8,94	7,19
Entrevista 1	27	29	24	12	28	6,55	6	6,5
Entrevista 7	28	25	21	9	28	7,64	9	8,5
Entrevista 11	28	21	15	8	28	10	10	9
Entrevista 20	21	23	15	6	27	5,55	8	10
Entrevista 22	7	18	14	5	32	3,55	9	4,5
Entrevista 23	27	30	23	12	36	9,09	9	9,25
Entrevista 43	23	27	22	10	31	8,27	9	7,25
Entrevista 45	25	27	21	10	31	9,45	8	5,75
Entrevista 53	26	29	20	7	30	6,45	9,67	7,5
Entrevista 55	29	24	24	12	27	8,45	7,33	6,45

Nota. QVT Fator 1: Autogestão do teletrabalho. QVT Fator 3: Infraestrutura de teletrabalho. QVT Fator 5: Sobrecarga de trabalho.

7.2.1.4 Relação Entre as Categorias I, II e III

Com a pandemia, abruptamente vida doméstica e laboral passaram a partilhar o mesmo espaço físico, sendo necessária a reordenação do ambiente (Categoria I). Foi sentida a perda de privacidade e, conseqüentemente, houve a necessidade de adequação da infraestrutura física, inclusive impulsionando reformas e/ou aquisição de imóveis. Por conta da medida protetiva de isolamento social em casa, as famílias começaram a conviver por períodos mais longos e a equidade nas práticas laborais domésticas (ou falta dela) foi evidenciada (Categoria II). Houve aumento na demanda doméstica, o que sobrecarrega ainda mais as mulheres devido ao legado histórico-cultural de (auto-) responsabilização pelo cuidado com o lar e à desigualdade na participação de homens nas tarefas domésticas cotidianas. Assim, ocorreram modificações na dinâmica dos núcleos familiares que repercutiram em diferentes significados de qualidade de vida (Categoria III).

7.3 Discussão

7.3.1 Categoria I - Doméstico e Laboral no Mesmo Lugar: Reordenação do Ambiente

Perda da Privacidade. O nível desejado ou tolerado de acesso a si mesmo pode variar de acordo com diversos fatores circunstanciais bem como sexo, idade, classe social e uso pretendido para o local. Dos 52 participantes, 75,4% mencionaram perda de privacidade durante o contexto pandêmico, tanto por conta do maior tempo de convivência entre os integrantes de um mesmo núcleo familiar/reclusão nos lares no período mais crítico da pandemia, como pela entrada compulsória do lado profissional (trabalho e reuniões via *web* câmera) no ambiente doméstico.

Como a pandemia trouxe dois ambientes físicos até então completamente separados (lar e trabalho) para um só lugar, duas realidades diferentes começaram a impactar o indivíduo simultaneamente.

O espaço pessoal (Sommer, 2018) é a fronteira imaginária individual que circunda a pessoa e tem função de impedir a sua violação por qualquer estranho, com o propósito de evitar exposição e estímulos sociais e físicos indesejados. Nesse sentido, o espaço pessoal fica mais exposto e até mesmo vulnerável frente a dois papéis sociais compartilhados e distintos. A interferência de duas realidades no mesmo indivíduo, que passa a se proteger quanto a dois vetores diferentes, pode levar a sensação de invasão. Nessa mistura, quando essa fronteira é violada, pode gerar sofrimento e conflitos diretos ou indiretos.

Nas falas coletadas, foi observada a interferência não planejada e perpetuada de estímulos cotidianos físicos e virtuais, advindos principalmente do teletrabalho. Assim, tanto privacidade como espaço pessoal estão imbricados nesse contexto, e, com intuito de preservar liberdade e intimidade das pessoas – função primária de regulador do espaço pessoal, para proteção de ameaças físicas e emocionais – deve-se acompanhar o desenrolar dos novos modelos de trabalho e relações doméstico-laborais.

Adequação da Infraestrutura. Dos respondentes das entrevistas, 76,9% relataram adequações de infraestrutura para comportar o novo modelo de vida como investimentos em banda larga de internet, aquisição de mobiliário e/ou equipamentos eletroeletrônicos, criação de novos ambientes e rearranjos físicos, sendo que 19,2% efetivamente mudaram de residência para maior funcionalidade do trabalho.

A súbita adoção do teletrabalho trouxe desafios para empregadores e empregados. No que tange à adequação da infraestrutura houve a necessidade premente de adaptação do ambiente domiciliar à nova rotina, o que inclui o ambiente físico doméstico, mas sobretudo entrelaça a dificuldade de desconexão emocional do trabalho e implicações em outros integrantes da família dos ambientes que passaram a coexistir fisicamente.

7.3.2 Categoria II - Percepção de Equidade nas Práticas Laborais Domésticas

Aumento na Demanda Doméstica. O impacto das mulheres serem as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e cuidados com gestação e criação dos filhos é sentido no âmbito

profissional e, por isso, as mulheres vêm lutando por paridade salarial e empregabilidade justa. Seja pelo maior uso do domicílio, pelos maiores índices de adoecimento, pela suspensão de atividades escolares presenciais, pelo afastamento das cuidadoras profissionais (babá/diaristas/trabalhadoras doméstica) ou pelo distanciamento das redes de apoio, o aumento das demandas na pandemia foi evidenciado e agravado pela consolidação do teletrabalho. Quando trabalho profissional e trabalho doméstico passaram a ocupar o mesmo lugar físico e ambos foram compulsoriamente executados de maneira simultânea e sem a usual rede de apoio, mais uma sobrecarga foi incumbida às mulheres. Assim, o aumento na demanda doméstica (transitório por conta das circunstâncias pandêmicas) repercutiu no agravamento à condição desigualdade (perpetuada principalmente pela presença física 24 horas por dia no ambiente doméstico, quando a dupla jornada feminina com trabalho doméstico não remunerado e atividade profissional foi fundida e a aceitação de mais uma demanda temporariamente imposta foi somada à sobrecarga existente agora em jornada ininterrupta; Heilborn et al., 2020).

Mesmo quando percebido pelos homens, tal aumento pouco os mobiliza à ação proativa no lidar com o doméstico, que, quando partilhado entre homens e mulheres, continua a ser realizado sob forma de “ajuda” e não sob forma de corresponsabilidade, tal como aparece no discurso tanto de homens quanto de mulheres. Já pode ser vista no discurso formal a necessidade de divisão justa das tarefas, o que contradiz a prática usual predominante. Quando formalmente perguntados por responsabilização de tarefas domésticas ou equidade, a maioria dos respondentes afirma serem demandas parcial ou integralmente compartilhadas, porém, quando confrontados com cada atividade separadamente e questionados a respeito de suas práticas diárias em termos de participação percentual individual, a sobrecarga da mulher é ainda mais evidenciada.

Depreende-se daí que a equidade, na maioria das vezes explicitamente almejada, está mais arraigada no discurso dos entrevistados do que de fato no cotidiano.

Doméstico Ainda é Inato e Predominantemente do Feminino: Não Participação pelo

Masculino do Espaço Doméstico. A desigualdade entre os gêneros masculino e feminino fica explícita

na responsabilização da mulher pelo trabalho doméstico, formal ou não. A natureza feminina e seu posicionamento histórico-cultural associado ao cuidado, leva à permanência neste papel atribuído à mulher pela sociedade e até mesmo auto atribuído. Assim, condiciona um cotidiano marcado muitas vezes por dor, opressão e adoecimento, já que sua amorosidade, sua formação sociocultural e sua autopercepção no contexto domiciliar implicam em uma condição de sujeito subalterno que reflete na hierarquia da estrutura familiar (Porto, 2009) e, conseqüentemente, impacta em sobrecargas física e mental agravadas pelo acúmulo da função teletrabalho no mesmo ambiente.

A divisão sexual do trabalho que norteia esse padrão de conhecimento em nossa sociedade faz com que as atividades realizadas pelas mulheres na esfera doméstica sejam naturalizadas, tidas como parte essencial da natureza feminina, associadas à representação da amorosidade. Isso determina que toda espécie de cuidado, requisitado por qualquer membro do grupo doméstico, seja dispensado pela mulher. Assim, cabe a ela a obrigação de acompanhar os doentes, pais e filhos, nos tratamentos de saúde e, no caso desses últimos, também nas reuniões escolares e demais eventos da vida social. Dessa forma, o tempo para cuidar de si mesma, descansar ou buscar formas de lazer torna-se ainda mais escasso. Condiionadas para o desempenho dessas atividades e considerando-as parte fundamental do *ethos* feminino, as próprias mulheres apressam-se diligentes em defender seu direito de realizar essas tarefas, que constroem sua identidade e lhes concedem a primazia na esfera doméstica. No entanto, o fato de poder realizá-las por estarem cuidando de si mesmas e de sua casa ou por amor a sua família, não descaracteriza a condição de trabalho não remunerado, e, portanto, a expropriação do tempo, energia e qualidade de vida (Porto, 2009, p. 288).

Aporte Financeiro vs. Atividades Domésticas. Quanto maior a disparidade financeira, maior atribuição ao parceiro que contribui com menos recursos financeiros das atividades domésticas.

Os resultados dessa pesquisa apontam que a divisão do trabalho doméstico é desigual e desfavorável para o cônjuge que recebe menor remuneração, na maioria dos casos prejudicial às mulheres. No geral das falas dos participantes houve uma relação inversamente proporcional entre quantidade financeira de recursos recebidos e participação nas atividades domésticas, ou seja, quando o homem ganha mais, a mulher tende a se responsabilizar mais pelo trabalho doméstico, principalmente em sua operacionalização; quando ambos têm rendas similares, a mulher tende a assumir integralmente o papel de cuidadora e gestora do ambiente doméstico, acumulando as jornadas doméstica operacional, doméstica gerencial e profissional; e, quando a mulher ganha mais, ela tende a se posicionar de um jeito mais assertivo sobre a corresponsabilidade do parceiro para com as tarefas domésticas.

As mulheres têm uma dupla e pesada jornada de trabalho. (...) A participação da mulher no mercado de trabalho, principalmente com o aumento de sua remuneração frente ao total da renda familiar, impacta positivamente sua condição de barganha na família, implicando uma menor participação no trabalho doméstico. (Madalozzo et al., 2010, p. 547)

Assim, a auto percepção enquanto principal responsável pelas demandas domésticas por conta tão somente do seu gênero é inerente à mulher, e, é corroborada pelo discurso e prática de homens (e mulheres) criados por mulheres. Também há imbricada no cotidiano a questão do poder patriarcal (financeiro – quem ganha mais dinheiro, religioso – quem é o cabeça da família tradicional e, quiçá, físico – quem é, em última análise, o mais forte ou influente). Os ganhos financeiros das mulheres amenizam a desigualdade mas para a maioria das mulheres isso ainda repercute em subvalorização devido a circunstâncias que transcendem a atuação individual: condições desfavoráveis do mercado de trabalho feminino e tentativa de cumprimento do papel social historicamente esperado – de casar, criar filhos bem-sucedidos, manter a chama da paixão acesa entre o casal e a família impecável como em comerciais de margarina, enquanto se capacita e

progride profissionalmente, é equilibrada e feliz. Tal papel parece utopia nas circunstâncias da vida real.

A divisão sexual do trabalho profissional está imbricada às divisões sexuais do trabalho doméstico e do poder, assim como à divisão do saber na sociedade. É impossível mudar uma sem mudar as outras (Hirata, 2015).

7.3.3 Categoria III - Modificações na Dinâmica do Núcleo Familiar vs. Diferentes Significados de Qualidade de Vida

Impactos Positivos e Negativos da Pandemia. Quando questionados a respeito dos impactos da pandemia, os participantes responderam majoritariamente sobre impactos negativos, mencionando, em ordem de frequência: baixa nas relações sociais e profissionais; adaptação, imprevisto, conciliação casa-trabalho; restrições e reclusão nos lares; sobrecarga doméstica e/ou profissional como excesso de reuniões; impactos na saúde física e mental como luto e ansiedade; interferência nas relações familiares, na privacidade e reorganização do espaço físico; medo do contágio pela doença; medo da demissão; medo da solidão; e, tristeza, depressão. Metade dos respondentes incluiu em suas respostas também impactos positivos da pandemia referenciando principalmente ganhos de maior tempo em família, além de outros aspectos como capacidade de cozinhar em casa, possibilidade de manter o emprego ou consolidação do teletrabalho, oportunidades advindas do avanço da tecnologia como incremento nas compras online, ganho de tempo para investimento em si mesmos, aprendizados em relacionamentos e fuga do trânsito.

Devido à contenção social e privações vivenciadas no período de isolamento social, as pessoas apresentam sintomas de sofrimento psíquico com maior suscetibilidade à transtornos de saúde mental, principalmente relacionados a ansiedade, estresse, depressão (Pereira et al., 2020) e raiva, de modo pontual ou que se estenda para após o término da pandemia (Vasconcelos et al., 2020).

Aprendizados em Relacionamentos. O desafio da convivência ininterrupta e os entraves familiares como guarda e convivência de filhos, relação conflituosa de pais/cônjuges, interferência de

sogros/demanda de idosos que passaram a conviver no núcleo familiar dos filhos possibilitaram aprendizados relatados nas entrevistas.

De fato, foram inúmeros aprendizados. Na vida laboral, pela primeira vez, a maioria dos brasileiros foi desafiada a reinventar a maneira pela qual exerciam suas obrigações, agora a começar de casa e com muitas dificuldades e sobrecargas decorrentes, como gerenciar e operacionalizar simultaneamente trabalho, filhos, lar e outras demandas. As empresas talvez mantenham a prática de trabalho à distância porque percebem maiores vantagens na produtividade dos colaboradores e redução de gastos com infraestrutura. Na família, houve aprendizados diversos, especialmente os relacionados à solidariedade e tolerância, pela convivência mais estreita e restrita no núcleo familiar, e, também pelo custo dos meses sem contato pessoal com idosos e demais pessoas do grupo de risco, para proteção de si mesmos e do próximo. “As relações humanas passaram pelo teste do distanciamento” (Jesus & Madrid, 2020, p. 6).

A pandemia lançou luz sobre a invisibilidade das desigualdades na divisão de trabalho na família e, a despeito da vontade de seus integrantes, houve uma reelaboração das relações familiares. Surgiram questões como maior percepção da carga doméstica e, conseqüentemente, o despertar de uma tímida participação dos homens na maioria dos núcleos familiares. As interações entre parentes foram cerceadas pelo distanciamento, mantendo-se as comunicações mediadas por tecnologia. Com a multiplicidade de visões de mundo, as percepções diversas do cenário vivenciado afluíram, o que levou à divergência entre interesses particulares e financeiros, embates em relação a maior ou menor exposição ao vírus e aprendizados na convivência forçada. Sobressaíram nas famílias as práticas de solidariedade e acolhimento, até pelo dever moral para com os seus dependentes (Heilborn et al., 2020).

Qualidade de Vida como Saúde, Família, Ambiente. Em suas falas sobre qualidade de vida, os participantes enfatizaram os aspectos relacionados à saúde, à família e aos seus ambientes como basilares para o estado de conforto, bem-estar ou felicidade, em família, no trabalho e quanto aos valores da comunidade de pertença.

A maioria dos participantes identifica impactos do teletrabalho em sua qualidade de vida, considerando aspectos do dia-a-dia como ganho de tempo pela diminuição da necessidade de deslocamentos, estreitamento das relações afetivas e segurança física e econômica.

Investimento em Si Mesmo. Essa categoria aborda os temas atividade física, descanso e estudo/leitura durante a pandemia. Tendo sido reportada pelos participantes enquanto principal destino do tempo antes ocupado pela locomoção casa-trabalho. Cerca de dez por cento dos respondentes aludiu à integração de um animal doméstico ao núcleo familiar durante o período pandêmico.

O sentimento de gratidão pelo companheirismo do animal de estimação pode contribuir para realização de atividade física devido à motivação de seus donos para caminhada em ar livre. E, por darem uma sensação de normalidade, tais caminhadas ou a prática de ciclismo serviram como estratégia de enfrentamento tipo válvula de escape, um meio para deixar a residência e, em segurança, passar um tempo ao ar livre. Adicionalmente, a datar da pandemia houve maior disseminação e disponibilização de aulas de exercício online (Sasaki et al., 2022).

Houve incremento na venda de livros e e-books de autoajuda. O poder transformador dos livros pode ter contribuído com a esperança de dias melhores e como aliado na saúde mental por apaziguar momentaneamente a insatisfação dos leitores (Rodrigues & Balzan, 2023).

Além disso, agregado ao descanso mental proveniente das leituras, o descanso físico, presente na fala dos respondentes como ganho advindo da economia de tempo em mobilidade, constitui-se enquanto direito, uma vez que é necessário à integralidade dos indivíduos. Com as tecnologias em rede, a velocidade e a quantidade de informações que invadem o dia a dia dos colaboradores impactam o jeito de trabalhar, alterando a autonomia dos mesmos e exigindo uma conectividade que ultrapassa a jornada de trabalho, uma espécie de sobreaviso continuado em um estado de vínculo ininterrupto com o trabalho.

“O Direito à Desconexão visa o equilíbrio entre a vida profissional e a pessoal do trabalhador, protegendo a sua saúde física e mental, sua vida privada, não permitindo que, em razão do excesso

de trabalho, venha a desencadear doenças profissionais.” (Souza & Miguel, 2021, p. 1). Desperta, assim, a necessidade de garantir tempo para descanso, assegurar os intervalos inter e intrajornadas, os descansos semanais remunerados e as férias, com o objetivo de preservar a saúde e afiançar a efetividade dos direitos sociais e fundamentais; em última análise, o exercício pleno da cidadania.

Mudanças para o Pós-Pandemia. Quando perguntados acerca das mudanças no pós-pandemia, a maioria dos respondentes citou como aspecto positivo o teletrabalho e suas variações como trabalho híbrido ou flexibilização do modelo presencial de trabalho, seguidos por: aproximação familiar, oportunidade de autodesenvolvimento e compras pela internet. Dez por cento dos respondentes citaram o teletrabalho como aspecto negativo, seja por sua imposição abrupta e não planejada ou por sentimento de inadequação ao modelo.

Quanto ao teletrabalho, foram reportadas na presente pesquisa as principais vantagens e desvantagens elencadas pela literatura, como: Adaptação (basta conexão com internet para realização do trabalho); Tempo (menos deslocamentos e gastos de locomoção); Flexibilidade (monitoração por metas/resultados e não por horário fixo); Conforto (escolha individual para ambiente físico); Oportunidades (contratação em escala global, trabalho não limitado à atuação geográfica da empresa); Produtividade (eliminação de distrações e estresse do trânsito com impacto no rendimento do trabalhador); Ergonomia (falta de infraestrutura básica anteriormente fornecida pela empresa e cuja não observância pode gerar danos à saúde do trabalhador); Gastos (aumento de energia, água, internet, gás e utilização/depreciação de equipamentos pessoais); Interrupções (baixa na concentração; outros moradores no mesmo ambiente, interrupções diversas como vizinhos, animais domésticos, telefone, entregas, acesso à geladeira, televisão ou sofá); Socialização (sensação de isolamento e não pertencimento); Sobrecarga (excesso de reuniões, acúmulo atividades domésticas e laborais, acionamento frequente).

As pessoas saíram de sua zona de conforto para se adaptarem ao teletrabalho e, quando questionadas sobre as mudanças no pós-pandemia, a maioria deseja continuar com essa nova dinâmica de vida, manter essa nova realidade. Houve um custo de adaptação imposto pela crise

sanitária que repercutiu em seus ambientes físicos. Agora são muitas escolhas imbricadas nesse novo modelo, o que acaba por impactar não só o indivíduo em sua vida profissional como repercute em toda a família que divide esse ambiente físico. E, influencia diretamente a saúde, podendo surgir “tristeza profunda, falta de apetite, desânimo, pessimismo, baixa autoestima e isso indicar Síndrome de Burnout, ou ainda um quadro de depressão, doença atualmente considerada pela OMS como o Mal do Século.” (Maciel & Lando, 2021, p. 69).

7.3.4 Discussão das Categorias

Diante do fato que o cenário mudou globalmente, algumas certezas foram abaladas com o advento COVID-19, por exemplo, a rotina de trabalho presencial de segunda a sexta em horário comercial transformou-se, em larga escala, em trabalho remoto mediado pelas tecnologias computacionais e de comunicação. Tudo acontecendo no imprevisto pois quando essa nova realidade chegou abruptamente nos lares, as casas ainda não estavam preparadas para receber suas novas demandas. Foi necessário se adequar, reordenar o ambiente e muitas vezes foi preciso mudar de espaço físico para comportar todos os moradores de um mesmo núcleo familiar em suas necessidades básicas e específicas, inclusive de privacidade.

Trabalho profissional e trabalho de casa, agora sem espaços claros de pertencimento e delimitação temporal, embaralham e prolongam as jornadas laborais. Além de realizar algo inédito, estabelece condições que nos revelam: por meios tecnológicos, torna público, acessível ao olhar do outro, o que era privativo, promovendo uma certa condição de intimidade desprotegida. É na nossa casa, com nossa família, com nossos animais de estimação e com os sons da vizinhança que o trabalho se implanta e torna boa parte disso visível ao outro: uma porta se abre na tela do computador e nos invade, permitindo o acesso a um mundo privado, pessoal e, até então, protegido na nossa intimidade. (Araújo & Lua, 2021, p. 2)

Além da invasão de privacidade, houve a necessidade estrutural de provisão dos meios para a efetivação do trabalho no lar, tais como o aumento na potência da banda larga de internet, aquisição

de computadores e celulares compatíveis (bem como a capacitação para uso desses), adequação de um mobiliário específico para atender essa nova demanda, e, destinação de espaço físico para basear as atividades predominantemente domésticas, as exclusivamente laborais e áreas de possível uso compartilhado – um vão, uma varanda, um quartinho da área de serviço.

Ao mesmo tempo e no mesmo espaço físico da casa, duas jornadas se apresentaram: profissional e doméstica. Justaposição intensiva, extensiva e intermitente de trabalho laboral e doméstico principalmente para as mulheres, o que desnuda a realidade de vidas femininas afetadas por mecanismos histórico-culturais de dominação masculina e relações desiguais de poder.

Em geral, cabe às mulheres, além de sua atividade profissional específica, cinco aspectos do trabalho doméstico não remunerado: cuidado com a casa (limpeza e arrumação), alimentação e higiene (cozinhar, lavar roupa, lavar louça, higienizar compras e alimentos), cuidados físicos e psicológicos com todos os membros da família, gestão da casa (compras, pagamento de contas, gestão dos empregados), e, manutenção das redes familiares (visitas, favores, presentes, confraternizações; Mantovani & Areosa, 2021).

No entanto, em que pese o valor social e econômico deste trabalho, ele não é reconhecido como trabalho, mas como um ato de amor com a família. Essa é uma lógica que se retroalimenta porque também é o fato de não ser remunerado que tira dessa atividade o caráter de trabalho. Ou seja, não é remunerado porque não é trabalho e não é trabalho porque não é remunerado e isso mantém a noção de que ele é um atributo natural feminino e impede que as mulheres lutem contra ele.

(Mantovani & Areosa, 2021, p. 6)

A maioria das mulheres não luta contra ele [o trabalho doméstico] mas o tem em estima, como missão inerente ao amor e dedicação à família. Como o trabalho de reprodução da vida cabe fisiologicamente às mulheres, o cuidado para com a prole e demais membros da família como idosos, agregados e animais de estimação, fica, por extensão, predominantemente sob responsabilidade delas.

Por vezes, a presença masculina permanente no lar não significa cooperação ou distribuição justa das tarefas entre toda a família, mas sim o aumento do trabalho invisível e não remunerado das mulheres. O trabalho doméstico se torna maior e mais exaustivo à medida em que há mais pessoas em continuidade na residência.

(Santos et al., 2021, p. 2)

De acordo com os achados desse estudo, em que pese a economia de tempo com a redução dos deslocamentos, o teletrabalho impacta as relações estabelecidas ao longo do tempo, sobretudo para as mulheres que são mães-solo ou têm crianças pequenas, pois, a luta para que esse tempo ganho seja efetivamente destinado a elas mesmas ainda constitui um ponto de atrito com a família dela, com o trabalho dela e sobretudo um ponto de conflito interno.

O presente estudo evidenciou que sua amostra de participantes ainda não percebe a questão da equidade em sua totalidade, havendo equidade em alguns dos discursos conscientes, porém tais discursos, quando vinculados à prática cotidiana, são exemplificados de modo não equânime, tanto por homens como por mulheres.

A questão da sobrecarga de trabalho doméstico da mulher, embora guarde especificidades em cada família, é uma questão social geral que não é percebida nem tratada como relativa a toda sociedade. A responsabilização da mulher pelo trabalho doméstico não remunerado incide e reflete (n)as distintas formas com que homens e mulheres percebem o papel da mulher na sociedade, bem como as próprias mulheres reforçam, em muitos casos, posicionamentos machistas. A falta de mecanismos públicos de suporte e a desatenção do Estado para com as práticas de cuidados domésticos, afetam a sociedade por minimizar a ocupação da mulher em postos de trabalho diversos e melhor remunerados, por precarizar a qualificação da força de trabalho feminina, e, assim, é reproduzido o ciclo de vulnerabilidades. “A forma como se distribui (ou não se distribui) a responsabilidade pelo cuidado entre Estado, família, sociedade e mercado cria e aprofunda vulnerabilidades.” (Mantovani & Areosa, 2021, p. 7).

A vulnerabilidade financeira, também devido a média salarial no Brasil ser inferior para mulheres, repercute em uma espécie de submissão velada e condições desiguais de posicionamento e barganha na família. Assim como a disparidade financeira pode implicar em maior atribuição ao parceiro que contribui com menos recursos financeiros das atividades domésticas e concede maior posicionamento decisório às mulheres que ganham mais, a condição de contribuição financeira similar entre o casal ou inferior por mulheres, corrobora a herança histórico-cultural de sobrecarga feminina.

A presente pesquisa traz consigo a perspectiva de uma vida melhor quanto aos domínios físico, psicológico, de relações sociais e do meio-ambiente. Assim, a reflexão pessoal dos indivíduos sobre os acontecimentos em seu próprio curso de vida bem como sua capacidade de adaptação e recuperação frente a situações desafiadoras e estressantes é debatida. São elencados tópicos como perda do emprego, doenças individuais ou na família, luto, violência, crises variadas ou guerras. Por outro lado, também revela capacidades positivas múltiplas como a de absorver informações relevantes sobre si e sobre o mundo que o cerca. A pandemia não embotou o olhar dos participantes quanto a qualidade de vida, antes, porém, permitiu espaço para desacelerar a engrenagem cotidiana de automatização da vida.

A pandemia trouxe transformações que perpassam a vida individual e familiar, a vida laboral, as relações sociais, até a política e a economia, tudo com seus impactos individuais e coletivos, positivos ou negativos. A baixa nas relações sociais e profissionais foi significativamente sentida no período de reclusão em casa. Há, contudo, um desdobramento permanente de tal déficit uma vez que a mediação do virtual nos relacionamentos se tornou o novo normal e se perpetua no período pós-pandemia. “As tecnologias digitais não são ferramentas, mas forças ambientais que modificam quem somos, como nos relacionamos, a percepção que temos do mundo e como interagimos com ele.” (Schlemmer, 2021, p. 6).

Da mesma forma, o maior tempo em família, a consolidação do teletrabalho e a fuga do trânsito foram ganhos apreciados. O maior tempo de convívio no núcleo familiar propiciou

aprendizados nos relacionamentos, a despeito dos conflitos evidenciados que desnudaram situações pré-estabelecidas.

Como o tempo, em última análise, é questão de prioridade, ao encontrarem tempo para investimento em si mesmos, os participantes sinalizam uma alteração em suas prioridades de vida diante de um evento extremo como a pandemia. A proximidade de um vírus inicialmente sem antídoto, a conscientização da finitude, os contatos com a dor do luto coletivo, entre outras situações intensas, trouxeram à tona uma reinvenção do ser humano. Muitos se tornaram mais solidários, fazendo compras para proteger desconhecidos em isolamento por grupo de risco. Outros despertaram para a importância da boa convivência com a vizinhança mais próxima, a urgência do acolhimento humano.

Diante deste emaranhado de complexidades, limites e possíveis perigos da pandemia, “a resiliência brasileira foi sistematicamente colocada à prova. (...) A sociedade brasileira buscou entender o que estava acontecendo e se adaptar. Sai mais sábia de tudo isso.” (Machado, 2021, p. 17). Esse lidar com as vicissitudes da vida demanda, além da compreensão da natureza das adversidades, adaptações que mitiguem seus impactos, conflitos e rupturas, e, aprendizados nas ações tomadas e seus consequentes resultados. Enquanto competência socioemocional, a resiliência promove bem-estar individual e bons relacionamentos, e, além de subsidiar progresso nos estudos e trabalho, se constitui na habilidade/competência não cognitiva de encarar entraves construtivamente. Quando o cenário é de crise sanitária grave, onde a prioridade é salvar vidas, o indivíduo, o trabalho e o mundo têm que se reinventar durante o trajeto, agindo em conjunto na luta por re-estabilização e progresso.

O inimaginável aconteceu: o mundo parou; e, as pessoas buscam, perplexas, compreender o que será a normalidade, como serão suas vidas afetadas por essa experiência (Neves, 2020). Entender a dinâmica das relações na família, célula da sociedade no cenário pandêmico, é o primeiro passo na construção de um caminho rumo à almejada justiça social.

Procuramos alcançar o objetivo de conhecer de que maneira as tarefas de casa foram redistribuídas durante o período pandêmico fundamentado na percepção de equidade nas práticas laborais domésticas (Objetivo Específico 2) por meio da análise das entrevistas semiestruturadas, a saber: não houve redistribuição efetiva das tarefas domésticas; com a maior presença física dos homens no lar, foi iniciado um processo de descortinamento quanto à sobrecarga da mulher e a consequente necessidade de colaboração dos demais integrantes do núcleo familiar; tal colaboração, quando se dá, ocorre majoritariamente em termos de “ajuda” e não de corresponsabilização, o que, em alguns casos, é justificado pelas próprias mulheres imersas na cultura patriarcal machista.

8. Estudo 3: Modificações na Dinâmica dos Núcleos Familiares

Esse Estudo teve como objetivo verificar a relação entre as modificações na dinâmica dos núcleos familiares no contexto pandêmico e o nível de satisfação com a vida.

8.1 Método

Com o intuito de analisar a interface entre a percepção de equidade nas práticas laborais domésticas e o nível de satisfação com a vida para trabalhadores, frente às alterações na dinâmica dos núcleos familiares advindas do contexto pandêmico, foram realizados previamente os Estudos 1 e 2. O Estudo 3 inter-relaciona os Estudos 1 (Questionários) e 2 (Entrevistas) por meio de *cross-checking* das subcategorias (criação de dimensões de análise, que foram agrupadas em sete temáticas centrais).

Os participantes e os instrumentos do Estudo 3 foram os mesmos dos Estudos 1 e 2, com foco na subamostra de 52 participantes do Estudo 2.

8.1.1 Procedimentos

No Estudo 2 foram elencados 10 temas básicos que posteriormente foram classificadas em três categorias e 11 subcategorias. Então, seguiu-se para o *cross-checking* das subcategorias, com a seleção de 22 (vinte e duas) dimensões para análise. Os critérios utilizados para a seleção das dimensões foram: frequência mínima em 50% das respostas ($n = 26$) da população do Estudo 2 ($n = 52$) e aderência temática. Realizamos comparações associativas do resultado quantitativo das dimensões. As 22 dimensões foram organizadas em 7 temáticas, que se destacam enquanto fatores de impacto nos níveis de satisfação com a vida e qualidade de vida.

8.1.2 Análise dos Dados

Conforme Estudo 2, com base na fala dos respondentes foram elencadas três categorias (I, II e III) e onze subcategorias (I, II, III, IV, V, VI+, VI-, VII, VIII, IX e X), sendo elas:

- Categoria 1- Doméstico e Laboral no Mesmo Lugar: Reordenação do Ambiente;

- Subcategorias da Categoria 1: Perda da Privacidade (I); e, Adequação da Infraestrutura (II);
- Categoria 2 - Percepção de Equidade nas Práticas Laborais Domésticas;
 - Subcategorias da Categoria 2: Aumento na Demanda Doméstica (III); Doméstico Ainda é Inato e Predominantemente do Feminino: Não Participação pelo Masculino do Espaço Doméstico (IV); Quanto Maior a Disparidade Financeira Maior Atribuição ao Parceiro das Atividades Domésticas (V);
- Categoria 3 - Modificações na Dinâmica do Núcleo Familiar vs. Diferentes Significados de Qualidade de Vida;
 - Subcategorias da Categoria 3: Impactos Positivos e Negativos da Pandemia (VI); Aprendizados em Relacionamentos (VII); Qualidade de Vida como Saúde, Família, Ambiente (VIII); Mais Tempo Dedicado ao Investimento em Si Mesmo (IX); Mudanças para o Pós-Pandemia (X);

A análise qualitativa das categorias e subcategorias foi realizada no Estudo 2. As frequências das categorias e subcategorias também foram sistematizadas nos resultados do Estudo 2. A Tabela 10 apresenta o resultado quantitativo (média e desvio padrão) das 11 subcategorias.

Tabela 10

Média e desvio-padrão das 11 subcategorias nas variáveis quantitativas

Subcategoria	SWLS	WHOQOL				QVT			Estudo 2 (n)
		Físico	Psicológico	Relações Sociais	Meio Ambiente	Fator 1	Fator 2	Fator 3	
I	25,55 (7,07)	27,39 (4,78)	22,52 (3,68)	10,91 (2,47)	31,00 (3,91)	8,53 (1,69)	8,96 (1,49)	7,51 (1,73)	34
II	25,90 (6,82)	26,70 (3,89)	22,18 (3,44)	10,80 (2,23)	30,75 (3,44)	8,65 (1,58)	9,07 (1,41)	7,56 (1,74)	40
III	25,37 (7,09)	26,23 (4,64)	21,73 (3,28)	10,67 (2,14)	30,60 (3,74)	8,63 (1,63)	9,01 (1,49)	7,38 (1,60)	30
IV	27,00 (4,83)	27,05 (4,09)	22,55 (2,94)	11,09 (1,63)	30,05 (3,26)	8,99 (1,01)	9,30 (0,78)	7,25 (1,31)	22
V	27,77 (4,15)	28,85 (2,85)	23,46 (2,82)	11,00 (1,73)	30,77 (3,11)	8,82 (1,31)	9,05 (1,22)	7,31 (1,30)	13
VI+	27,42 (4,47)	26,54 (3,75)	22,46 (3,93)	11,12 (2,41)	30,38 (3,85)	8,75 (1,50)	8,94 (1,61)	7,43 (1,47)	26
VI-	26,39 (6,41)	26,82 (4,38)	22,51 (3,40)	10,96 (2,15)	30,86 (3,63)	8,76 (1,51)	9,12 (1,31)	7,43 (1,64)	51
VII	26,26 (6,65)	27,02 (4,38)	22,86 (3,06)	11,07 (2,10)	30,95 (3,75)	8,65 (1,51)	8,98 (1,40)	7,38 (1,57)	42

VIII	26,50 (6,46)	26,92 (4,43)	22,54 (3,35)	10,96 (2,16)	30,88 (3,66)	8,77 (1,50)	9,13 (1,31)	7,32 (1,75)	50
IX	27,22 (5,14)	27,89 (3,69)	22,81 (3,63)	11,06 (2,07)	31,42 (3,70)	8,93 (1,37)	9,06 (1,47)	7,47 (1,58)	36
X	26,56 (6,47)	27,16 (4,05)	22,58 (3,45)	11,04 (2,16)	30,94 (3,61)	8,78 (1,52)	9,11 (1,33)	7,35 (1,76)	50

Nota. As linhas apresentam as médias e os desvios-padrão (entre parênteses). QVT Fator 1:

Autogestão do teletrabalho. QVT Fator 3: Infraestrutura de teletrabalho. QVT Fator 5: Sobrecarga de trabalho.

Com base na junção de dois critérios: frequência mínima e pertinência temática no *cross-check* (cruzamento e fusão) das subcategorias, escolhemos 22 dimensões para análise. Categorias com frequência mínima acima de 50% ($n = 26$) dos discursos dos entrevistados no Estudo 2 ($n = 52$): I, II, III, VI-, VII, VIII, IX e X. Portanto, as dimensões que ficaram de fora da análise das subcategorias foram IV, V e VI+. Na Tabela 11 está apresentado esse cruzamento.

Tabela 11

Matriz de cruzamento das subcategorias selecionadas para análise

	Categoria I		Categoria II			Categoria III					
	I	II	III	IV	V	VI+	VI-	VII	VIII	IX	X
I	34										
II	27	40									
III	-	26	30								
IV	-	-	-	22							
V	-	-	-	-	13						
VI +	-	-	-	-	-	26					
VI -	33	40	30	-	-	-	51				
VII	31	32	27	-	-	-	41	42			
VIII	33	39	29	-	-	-	49	40	50		
IX	-	-	-	-	-	-	-	-	34	36	
X	32	39	28	-	-	-	49	40	48	36	50

8.2 Resultados

Os resultados do Estudo 3 são as 22 dimensões com pertinência prática e de maior frequência na fala dos respondentes, elaboradas a começar da inter-relação de algumas das subcategorias identificadas nas categorias do Estudo 2 e sua relação com os escores das escalas do participante escolhido para posterior aprofundamento do caso. Tabela com análise quantitativa das dimensões (média e desvio padrão) escolhidas por pertinência prática (onde houve sentido analisar a inter-relação das subcategorias), com Domínios Físico, Psicológico, Relações Sociais e Meio Ambiente

da Escala de Qualidade de Vida (WHOQOL), Escala de Satisfação com a Vida (SWLS), e, Fatores 1, 3 e 5 da Escala de Qualidade de Vida no Teletrabalho (QVT), encontram-se em anexo junto a outros achados nas dimensões do Estudo 3 (seção Dimensões escolhidas por pertinência prática).

Assim, aponta-se como resultado primeiro diante das considerações acerca do cenário pandêmico, do isolamento social e do trabalho remoto compulsório, as seguintes 22 dimensões, organizadas em 7 temáticas, que se destacam enquanto fatores de impacto nos níveis de satisfação com a vida e qualidade de vida:

- Temática 1: Privacidade (D1-D5)
 - D1: Relação Entre Perda da privacidade e Adequação da Infraestrutura [(I) + (II); $n = 27$];
 - D2: Relação Entre Perda da Privacidade e Impactos Negativos da Pandemia [(I) + (VI-); $n = 33$];
 - D3: Relação entre Perda da Privacidade e Aprendizados em Relacionamentos [(I) + (VII); $n = 31$];
 - D4: Relação Entre Perda da Privacidade e Qualidade de Vida como Saúde, Família, Ambiente [(I) + (VIII); $n = 33$];
 - D5: Relação Entre Perda da Privacidade e Mudanças para o Pós-Pandemia [(I) + (X); $n = 32$];
- Temática 2: Infraestrutura (D6-D10)
 - D6: Relação Entre Adequação da Infraestrutura e Aumento na Demanda Doméstica [(II) + (III); $n = 26$];
 - D7: Relação Entre Adequação da Infraestrutura e Impactos Negativos da Pandemia [(II) + (VI-); $n = 40$];
 - D8: Relação Entre Adequação da Infraestrutura e Aprendizados em Relacionamentos [(II) + (VII); $n = 32$];

- D9: Relação Entre Adequação da Infraestrutura e Qualidade de Vida como Saúde, Família, Ambiente [(II) + (VIII); $n = 39$];
- D10: Relação Entre Adequação da Infraestrutura e Mudanças para o Pós-Pandemia [(II) + (X); $n = 39$];
- Temática 3: Demanda Doméstica (D11-D14)
 - D11: Relação Entre Aumento na Demanda Doméstica e Impactos Negativos da Pandemia [(III) + (VI-); $n = 30$];
 - D12: Relação Entre Aumento na Demanda Doméstica e Aprendizados em Relacionamentos [(III) + (VII); $n = 27$];
 - D13: Relação Entre Aumento na Demanda Doméstica e Qualidade de Vida como Saúde, Família, Ambiente [(III) + (VIII); $n = 29$];
 - D14: Relação Entre Aumento na Demanda Doméstica e Mudanças para o Pós-Pandemia [(III) + (X); $n = 28$];
- Temática 4: Impactos da Pandemia (D15-D17)
 - D15: Relação Entre Impactos Negativos da Pandemia e Aprendizados em Relacionamentos [(VI-) + (VII); $n = 41$];
 - D16: Relação Entre Impactos Negativos da Pandemia e Qualidade de Vida como Saúde, Família, Ambiente [(VI-) + (VIII); $n = 49$];
 - D17: Relação Entre Impactos Negativos da Pandemia e Mudanças para o Pós-Pandemia [(VI-) + (X); $n = 49$];
- Temática 5: Conflitos (D18-D19)
 - D18: Relação Entre Aprendizados em Relacionamentos e Qualidade de Vida como Saúde, Família, Ambiente [(VII) + (VIII); $n = 40$];
 - D19: Relação Entre Aprendizados em Relacionamentos e Mudanças para o Pós-Pandemia [(VII) + (X); $n = 40$];
- Temática 6: Qualidade de Vida (D20-D21)

D6 (II + III)	26	24,26 (8,69)	25,33 (6,46)	20,67 (5,23)	10,26 (2,99)	29,63 (6,96)	8,30 (2,33)	8,69 (2,33)	7,22 (2,18)
D7 (II + VI-)	40	25,90 (6,82)	26,70 (3,89)	22,18 (3,44)	10,80 (2,23)	30,75 (3,44)	8,65 (1,58)	9,07 (1,41)	7,56 (1,74)
D8 (II + VII)	32	24,97 (8,36)	26,24 (5,99)	21,97 (4,98)	10,67 (2,91)	30,06 (6,43)	8,29 (2,17)	8,69 (2,16)	7,36 (2,00)
D9 (II + VIII)	39	25,18 (7,93)	25,98 (5,72)	21,50 (4,84)	10,48 (2,78)	29,98 (5,95)	8,40 (2,08)	8,83 (2,01)	7,34 (2,10)
D10 (II + X)	39	25,33 (7,94)	26,03 (5,74)	21,63 (4,91)	10,55 (2,81)	29,98 (5,95)	8,44 (2,09)	8,84 (2,01)	7,38 (2,11)
Temática 3									
D11 (III + VI-)	30	24,55 (8,33)	25,39 (6,56)	21,03 (5,06)	10,32 (2,84)	29,61 (6,61)	8,35 (2,23)	8,72 (2,18)	7,14 (2,06)
D12 (III + VII)	27	24,11 (8,66)	25,46 (6,84)	21,36 (5,09)	10,39 (2,96)	29,64 (6,96)	8,18 (2,28)	8,61 (2,27)	7,05 (2,07)
D13 (III + VIII)	29	24,40 (8,43)	25,27 (6,64)	20,83 (5,02)	10,23 (2,85)	29,57 (6,72)	8,30 (2,25)	8,70 (2,22)	7,08 (2,07)
D14 (III + X)	28	24,59 (8,62)	25,72 (6,42)	20,97 (5,23)	10,38 (2,93)	29,69 (6,80)	8,36 (2,31)	8,70 (2,26)	7,12 (2,13)
Temática 4									
D15 (VI- + VII)	41	25,55 (7,76)	26,29 (6,01)	22,26 (4,65)	10,79 (2,70)	30,24 (6,08)	8,44 (2,02)	8,79 (1,97)	7,30 (1,84)
D16 (VI- + VIII)	49	25,90 (7,44)	26,30 (5,80)	22,04 (4,61)	10,72 (2,65)	30,28 (5,70)	8,59 (1,95)	8,97 (1,84)	7,25 (1,95)
D17 (VI- + X)	49	25,96 (7,46)	26,54 (5,55)	22,08 (4,68)	10,80 (2,66)	30,34 (5,67)	8,60 (1,96)	8,95 (1,85)	7,28 (1,96)
Temática 5									
D18 (VII + VIII)	40	25,66 (7,85)	26,39 (6,10)	22,29 (4,64)	10,78 (2,72)	30,24 (6,15)	8,44 (2,02)	8,79 (1,98)	7,16 (1,95)
D19 (VII + X)	40	25,73 (7,87)	26,68 (5,79)	22,34 (4,73)	10,88 (2,72)	30,32 (6,11)	8,46 (2,04)	8,76 (1,99)	7,20 (1,97)
Temática 6									
D20 (VIII + IX)	34	26,53 (7,00)	27,12 (6,07)	22,09 (5,31)	10,68 (2,81)	30,68 (6,58)	8,77 (2,02)	8,91 (2,10)	7,24 (2,05)
D21 (VIII + X)	48	26,04 (7,61)	26,58 (5,67)	22,06 (4,71)	10,77 (2,69)	30,40 (5,77)	8,65 (1,96)	9,01 (1,83)	7,18 (2,07)
Temática 7									
D22 (IX + X)	36	26,47 (6,86)	27,08 (5,93)	22,14 (5,25)	10,72 (2,76)	30,64 (6,40)	8,75 (1,99)	8,89 (2,05)	7,29 (2,01)

Nota. As linhas apresentam as médias e os desvios-padrão (em parênteses). QVT Fator 1: Autogestão

do teletrabalho. QVT Fator 3: Infraestrutura de teletrabalho. QVT Fator 5: Sobrecarga de trabalho.

Diferenças maiores que 1 entre a população e os domínios estão destacados em negrito.

8.3 Discussão

Essa seção de discussão pretende integrar e discutir os resultados quantitativos das dimensões com as temáticas centrais das entrevistas.

Quanto aos resultados quantitativos das dimensões analisadas, as temáticas Privacidade, Infraestrutura e Demanda Doméstica apresentaram diferenças acima de 1,0 ponto nas escalas satisfação com a vida e qualidade de vida, entre o resultado da média dos 52 entrevistados com a

média dos grupos de participantes que relataram, respectivamente, perda de privacidade, necessidade de adequação em suas infraestruturas e aumento na demanda doméstica, a saber:

Temática Privacidade. Todos os grupos de participantes que relataram perda de privacidade tiveram menores índices de satisfação com a vida que a média dos 52 entrevistados (SWLS = 26,46): além de perda de privacidade, seguem, em ordem decrescente de diferença entre os índices, os grupos, que relataram também, D1 – necessidade de adequação da infraestrutura (SWLS = 23,64), D3 – aprendizados em relacionamentos (SWLS = 24,72), D2 – impactos negativos da pandemia (SWLS = 24,76), D4 – qualidade de vida (SWLS = 24,79), D5 – mudanças para o pós-pandemia (SWLS = 24,97).

Entre o grupo de participantes da Dimensão 1 (D1 = quem relatou perda de privacidade e necessidade de adequação da infraestrutura), também houve diferença acima de 1,0 ponto nos domínios 2 (psicológico) e 4 (meio-ambiente) da escala de qualidade de vida WHOQOL-Bref, respectivamente: Domínio 2 ($M_{amostra} = 22,56$; $M_{D1} = 21,07$) e Domínio 4 ($M_{amostra} = 30,85$; $M_{D1} = 29,64$).

Assim, os respondentes que perceberam perda de privacidade e necessidade de adequação da infraestrutura em suas vivências durante a pandemia tiveram menores índices de satisfação com a vida e menores índices nos aspectos psicológico e meio-ambiente da qualidade de vida, mantendo relativamente as mesmas médias do grupo de 52 entrevistados nos índices físico e relações sociais. Tanto os respondentes que perceberam perda de privacidade e qualidade de vida, como os que perceberam perda de privacidade e aprendizados em relacionamentos, ou perceberam perda de privacidade e impactos negativos da pandemia, ou os que perceberam perda de privacidade e mudanças para o pós-pandemia em suas vivências durante a crise, tiveram menores índices de satisfação com a vida e mantiveram relativamente as mesmas médias do grupo de 52 entrevistados em todos os domínios da qualidade de vida.

Temática Infraestrutura. Sobre o grupo que relatou necessidade de adequação da infraestrutura, os participantes da Dimensão 6 (D6: quem relatou necessidade de adequação da infraestrutura e aumento na demanda doméstica) apresentaram diferenças acima de 1,0 ponto nos

domínios Físico, Psicológico e Meio Ambiente da escala de qualidade de vida WHOQOL-Bref, respectivamente: Domínio 1 ($M_{amostra} = 26,90$; $M_{D6} = 25,33$), Domínio 2 ($M_{amostra} = 22,56$; $M_{D6} = 20,67$) e Domínio 4 ($M_{amostra} = 30,80$; $M_{D6} = 29,63$) e na satisfação com a vida (SWLS: $M_{amostra} = 26,46$; $M_{D6} = 24,26$). A satisfação com a vida também apresentou diferenças negativas acima de 1,0 ponto nas Dimensões 8 - necessidade de adequação da infraestrutura combinada com aprendizados em relacionamentos (SWLS = 24,97), Dimensão 10 - necessidade de adequação da infraestrutura combinada com mudanças para o pós-pandemia (SWLS = 25,33) e Dimensão 9 - necessidade de adequação da infraestrutura com qualidade de vida (SWLS = 25,18). A Dimensão 9 também apresentou diferença negativa acima de 1,0 ponto para o domínio 2 (psicológico) da escala de qualidade de vida WHOQOL-Bref ($M_{amostra} = 22,56$; $M_{D9} = 21,50$).

Os respondentes que perceberam necessidade de adequação da infraestrutura e aumento na demanda doméstica (Dimensão 6) em suas vivências durante a pandemia tiveram menores índices de satisfação com a vida e menores índices nos aspectos psicológico e meio-ambiente da qualidade de vida, mantendo relativamente as mesmas médias do grupo de 52 entrevistados nos índices físico e relações sociais da escala de qualidade de vida.

Os respondentes que perceberam necessidade de adequação da infraestrutura e qualidade de vida (Dimensão 9) em suas vivências durante a pandemia tiveram menores índices de satisfação com a vida e menores índices nos aspectos psicológico da qualidade de vida, mantendo relativamente as mesmas médias do grupo de 52 entrevistados nos índices físico, relações sociais e meio-ambiente da escala de qualidade de vida.

Tanto os respondentes que perceberam - necessidade de adequação da infraestrutura combinada com aprendizados em relacionamentos (Dimensão 8), quanto os que relataram necessidade de adequação da infraestrutura combinada com mudanças para o pós-pandemia (Dimensão 10) em suas vivências durante a crise tiveram menores índices de satisfação com a vida, mantendo relativamente as mesmas médias do grupo de 52 entrevistados em toda a escala de qualidade de vida.

Por fim, os respondentes que relataram necessidade de adequação da infraestrutura e Impactos negativos da pandemia (Dimensão 7) em suas vivências durante a crise, relativamente, não tiveram alterações nos índices das escalas de satisfação com a vida e qualidade de vida.

Temática Demanda Doméstica. Temos diferenças acima de 1,0 ponto ao compararmos a média dos índices dos 52 entrevistados com a média dos participantes que relataram aumento nas demandas domésticas nas seguintes dimensões: D11 - impactos negativos da pandemia, D12 – Aprendizados em relacionamentos, D13 – qualidade de vida e D14 – mudanças para o pós-pandemia. São elas: SWLS ($M_{amostra} = 26,46$; $M_{D14} = 24,59$; $M_{D11} = 24,55$; $M_{D13} = 24,40$; e, $M_{D12} = 24,11$), domínio 1 – Físico – da escala de qualidade de vida WHOQOL-Bref ($M_{amostra} = 26,90$; $M_{D14} = 25,72$; $M_{D12} = 25,46$; $M_{D11} = 25,39$; e, $M_{D13} = 25,27$), domínio 2 – Psicológico – da escala de qualidade de vida WHOQOL-Bref ($M_{amostra} = 22,56$; $M_{D13} = 20,83$; $M_{D14} = 20,97$; e, $M_{D12} = 21,36$) e domínio 4 – Meio-ambiente – da escala de qualidade de vida WHOQOL-Bref ($M_{amostra} = 30,85$; $M_{D14} = 29,69$; $M_{D12} = 29,64$; e, $M_{D13} = 29,57$).

Tanto os respondentes que perceberam - aumento nas demandas domésticas e impactos negativos da pandemia (Dimensão 11), quanto os que relataram aumento nas demandas e aprendizados em relacionamentos (Dimensão 12) e aumento nas demandas domésticas e mudanças para o pós-pandemia (Dimensão 14) em suas vivências durante a crise tiveram menores índices de satisfação com a vida e dos domínios físico, psicológico e meio-ambiente, mantendo relativamente as mesmas médias do grupo de 52 entrevistados no domínio relações sociais da escala de qualidade de vida.

Os respondentes que perceberam aumento nas demandas domésticas e mencionaram qualidade de vida (Dimensão 13) em suas vivências durante a pandemia tiveram menores índices de satisfação com a vida e menores índices nos aspectos psicológico e meio-ambiente da qualidade de vida, mantendo relativamente as mesmas médias do grupo de 52 entrevistados nos índices físico e relações sociais da escala de qualidade de vida.

Os demais domínios das Temáticas Impactos da pandemia, Conflitos, Qualidade de Vida e Perspectivas Futuras não apresentaram discrepância acima de 1,0 ponto nas escalas analisadas.

8.3.1 Aspectos Gerais por Dimensão

Temática 1: Privacidade: D1. Com a chegada inesperada da pandemia e a instauração do isolamento social, a casa, até então local de descanso e refúgio, recebeu todas as atividades do cotidiano de seus habitantes e precisou, portanto, ser adaptada e readaptada aos seus novos usos. Houve perda de privacidade na medida que todos os integrantes do núcleo familiar, em tempo integral, precisaram dividir o lugar usado prioritariamente, até então, como dormitório. Também as câmeras usadas para interação social contribuíram para tal sentimento de invasão. Portanto, pela perda da privacidade imposta houve adequação da infraestrutura em forma de tentativa de reaver o espaço de abrigo com novas funcionalidades, com destaque para a atividade laboral.

A chegada do teletrabalho fez com que os moradores alterassem suas rotinas e se apropriassem de ambientes fundamentais em toda residência, impactando a funcionalidade em cozinhas, salas de estar e quartos, bem como aproveitando qualquer fresta que pudesse comportar um computador. Tal situação gerou, muitas vezes, consequências negativas nos comportamentos dos integrantes do núcleo familiar. “A justaposição de tarefas nas residências torna cada vez mais difícil a manutenção da privacidade dos moradores” (Bernd, 2022, p. 34). Adicionalmente, novos e velhos incômodos vieram à tona, como por exemplo a necessidade de deixar os sapatos sujos de rua na entrada. Algumas famílias adquiriram móveis que os comportam, outras passaram a fazer uso dos corredores em condomínios; tal uso de espaço público em benefício privado na maioria das vezes gera conflitos (Santos, 2023).

Por seu caráter de referencial primeiro no desenvolvimento humano, o lugar da casa representa proteção e intimidade. Logo, na situação atípica de emergência sanitária foram multiplamente invadidas as referências de segurança das pessoas.

Temática 1: Privacidade: D2. Os entrevistados mencionaram diversos impactos negativos da pandemia, como aspectos psicológicos de medo (da solidão, da demissão, do contágio), prejuízos à

saúde mental e física, baixa nas relações, restrições e reclusão, bem como a própria interferência nas relações familiares, na privacidade e quanto a necessidade de reorganização do espaço. “No geral, apesar do impacto acontecer de forma diferenciada em cada contexto habitacional, de alguma maneira a vida, o cotidiano e as percepções da vida urbana foram alteradas e consequentemente o papel da casa na vida das pessoas.” (Villa et al., 2021, p. 69).

Temática 1: Privacidade: D3. A intimidade é afetada negativamente pela perda de privacidade, que tole os relacionamentos. Tanto por excesso de pessoas no mesmo ambiente – casa, como pelo impeditivo de buscar lugares alternativos em decorrência das práticas de distanciamento e isolamento social no período crítico vivenciado, o desequilíbrio nas relações dos casais contribuiu para busca de novas soluções e aprendizados.

Quanto aos adolescentes e jovens, por estarem em fase de desenvolvimento, necessitariam de uma independência progressiva e do fortalecimento de suas relações com seus pares. No entanto, em decorrência do aumento do número de pessoas circulando o mesmo ambiente doméstico ininterruptamente, houve perda de privacidade e maior monitoramento dos pais. A separação física pode afetar a estabilidade e qualidade de relacionamentos recentes, e, em tal grupo, em geral houve menor frequência de interações sexuais e sentimento de isolamento pela baixa nas relações com os pares. Também os casais que viviam juntos há pouco tempo puderam sofrer impactos no bem-estar da relação e na auto-estima dos parceiros. Já os casais não coabitantes e sexualmente ativos, tenha sido por medo de infecção ou por restrição de contato físico, possivelmente experimentaram sentimentos de abandono e solidão. “Este medo relativo à intimidade pode estar relacionado ao distanciamento emocional do parceiro, (...) podendo potencializar a utilização de estratégias de coping desadaptativas, diminuindo a satisfação amorosa.” (Boryor, 2023, p. 4).

Os aprendizados em relacionamentos referentes à perda de privacidade foram relatados pelos respondentes dessa pesquisa principalmente quanto à perda de convívio físico e ao aumento da demanda integral por crianças e/ou dependentes na mesma casa, principalmente para mulheres mães.

Temática 1: Privacidade: D4. A privacidade permite à pessoa o encontro consigo mesma, e, na medida em que lhe é tirado subitamente o nível usual de privacidade, pode ocorrer desestruturação psíquica com impactos em sua qualidade de vida e bem-estar. “Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social, os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio-ambiente.” (Camargo et al., 2021, p. 1468). Nesse sentido, há muito ainda a ser explorado quanto às modificações realizadas para adequação das moradias, tanto à realidade pandêmica, quanto, posteriormente, à pós-pandêmica. Tais adequações devem promover boa relação entre os habitantes e o ambiente residencial, por meio de desenhos flexíveis e possibilidades de rearranjo. Além de atentar para “o uso de múltiplas funções associado à privacidade através da flexibilização dos espaços, possibilitando algum modo de isolamento na conversão para o trabalho e lazer, considerando garantir o conforto, a saúde e a qualidade de vida dos usuários.” (Baruffaldi et al., 2021, p. 9).

A perda de privacidade impacta de maneira negativa a qualidade de vida. As estratégias de enfrentamento funcionais empregadas para resolver tal questão, como adequação e flexibilização de ambientes, poderão implicar em um novo patamar de conforto para a sociedade.

Temática 1: Privacidade: D5. Após serem forçados a um cenário de antissociabilidade e perda de privacidade, os moradores estão reaprendendo as interações cotidianas de maneira virtualizada e o estreitamento de seus laços sociais em uma realidade híbrida físico-virtual. Adequações nas construções que contemplem características como “a funcionalidade espacial, a ergonomia, a privacidade, a infraestrutura e conectividade, a multifuncionalidade, a necessidade de espaços adequados de estocagens e a flexibilidade espacial, se mostram de grande valia nas moradias” (Villa et al., 2021, p. 80), para propiciar ambientes adequados e compatíveis com as necessidades dos seus usuários.

A crise sanitária trouxe a necessidade de novos ritos de higienização, maior planejamento financeiro para alimentação em casa e custos com energia, e, foram repaginados hábitos como plantar, cozinhar e cuidar da casa prestando mais atenção à quantidade de resíduos gerada associada

ao descarte, reuso ou reciclagem. Em paralelo ao aumento das práticas domiciliares de controle de gastos energéticos como o (re)aproveitamento de água e instalação de painéis solares, houve a maior valorização de áreas verdes privadas e públicas, o que pode ser o despertar para um novo nível de consciência ambiental. Outros desdobramentos percebidos incluem também qualidade funcional dos ambientes para novas demandas (dualidade multifuncionalidade vs. monofuncionalidade), adequação ergonômica de mobiliário e instalações, necessidade de privacidade (intramuros, em relação aos demais membros da família, e, pela disseminação da presença de câmeras, no espaço pessoal), condições de infraestrutura, conectividade que garanta o contato externo, aproveitamento de todos os espaços, supervisão de crianças em ensino remoto e criação de espaços de estocagem (Villa et al., 2021).

Em que pesem os conflitos experienciados devido ao convívio forçado e a perda de privacidade imposta, foram construídos laços mais fortes com os integrantes do mesmo núcleo familiar. Além disso, vem sendo estabelecida uma nova relação com o uso de recursos por maior conscientização da possibilidade de falta, dada a escassez vivenciada no período de maior agravo pandêmico. Entremear tais ganhos a uma reaproximação dos conhecidos de fora do núcleo familiar e um despertar para urgência da consciência ambiental torna-se um desafio para humanidade.

Temática 2: Infraestrutura: D6. A pandemia trouxe a urgência de se criar uma série de modificações do espaço doméstico para acomodar seus novos usos, gerando uma superposição de funções no ambiente doméstico: casa, trabalho/escola, lazer. Os projetos residenciais, por mais recentes que sejam, ainda não contemplam as demandas emergentes. Soma-se a isto a rotina de funcionamento das casas, que, ao receberem novas funções, exigem novas posturas, fluxos e tarefas dos moradores. Para melhor adequação do espaço físico, parte dos respondentes dessa pesquisa optou por mudar de domicílio. A demanda doméstica adicionada, porém, acompanha os moradores onde quer que estejam fisicamente, sobrecarregando principalmente a mulher.

O tempo dedicado às atividades do lar demonstra um elemento central das relações de poder nas famílias, pois esse tempo gasto com as atividades domésticas é o que

determina como será o cotidiano das mulheres. Nesse sentido, quanto maior é o número de atividades domésticas, maior será o tempo despendido para realizá-las e, conseqüentemente, menor será o tempo livre para descanso, como também menor será o tempo e a disposição para dedicar à vida pessoal e ao lazer. Além do mais, cabe citar que, atualmente, a maioria das mulheres que trabalham de forma remunerada também é responsável pelo trabalho doméstico, reforçando a dupla jornada da mulher reprodutiva e produtiva. (Melo, 2021, p. 3)

Portanto, a pandemia suscitou um olhar mais atento para a infraestrutura e labor domésticos imbricados nas relações de poder em cada família, fazendo emergir a questão de gênero historicamente experienciada na vida em sociedade.

Temática 2: Infraestrutura: D7. Em estudo de caso baseado em Avaliação Pós Ocupação, para compreender a percepção que os indivíduos têm do ambiente residencial, verificou-se que as avaliações dos usuários sobre a casa, de modo geral, foram positivas, no entanto, as sensações mais frequentes em relação ao espaço de trabalho/estudo foram negativas. Desse modo, a consolidação do exercício da atividade laboral em casa imposta pela pandemia forçou a entrada de sensações negativas no ambiente doméstico. A casa funciona como refúgio da mente e do corpo, local onde as pessoas se fixam e se enraízam para não perderem sua referência. É a começar dela que são traçados caminhos, que a sua vida se dá (Giordani & Ruschel, 2021).

Impactos negativos da pandemia como restrições, interferências nas relações familiares, na privacidade e reorganização do espaço físico, também foram citados no presente estudo como agravantes das circunstâncias pandêmicas. Além disso, a sobrecarga doméstica e profissional com excesso de reuniões e baixa infraestrutura para atendê-las levou a alterações na sensação de pertencimento e produtividade, na casa e trabalho/escola. Assim, a necessidade de adaptação, do imprevisto e do medo (da solidão, da demissão e do contágio), repercutiram na saúde física e mental dos respondentes. Ademais, nem todos os colaboradores têm condições ergonômicas e/ou psicológicas de exercerem suas atividades profissionais em suas casas, sem a estrutura física da

empresa e rede de apoio ao desempenho das atividades profissionais. Os impactos negativos de conciliação casa-trabalho foram relatados pelos participantes inclusive quanto a necessidade de reorganização física de algo enraizado como um porto seguro, o ambiente doméstico.

Há de se pensar que a circunstância do trabalhador que não tinha condições de exercer suas atividades remotamente foi o medo e iminência de ficar literalmente desempregado, o que gerou desajustes e severas consequências psicológicas. Além disso, foram exacerbados conflitos familiares até mesmo por desconhecimento das implicações da realização de um papel profissional com interferência de agentes domésticos. E, em outro polo, a ultra conexão e incapacidade de se desconectar do exercício de uma função laboral que se estende para todas as áreas da vida. Assim, uma implementação ou consolidação de teletrabalho que não atente para as peculiaridades pessoais, familiares e estruturais de cada colaborador, pode levar a desajustes físicos, psicológicos e sociais, bem como desgaste familiar (Tenório, 2021).

Temática 2: Infraestrutura: D8. Diante da crise instaurada pela necessidade de adequação da infraestrutura e do aumento no tempo de convivência na família, que desvelou aspectos encobertos nas relações inclusive quanto a desigualdade de gênero (Souza et al., 2022), foram gerados conflitos nos acordos anteriormente pactuados e na organização da vida doméstica. Houve quem repactuou tais acordos, quem procurou terapia/soluções alternativas e os que optaram pela separação do casal.

Como legado da pandemia, apresentam-se possibilidades de novos arranjos provenientes de conjunturas e situações conflituosas. Ao apontar para novas alternativas, tal olhar para o futuro pode propiciar tanto a adequação da infraestrutura como adequações diversas e que extrapolam as circunstâncias físicas, como o posicionamento frente à desigualdade de gênero experienciada dentro e fora de casa.

Temática 2: Infraestrutura: D9. Com o fito de analisar a percepção dos profissionais do Poder Executivo Estadual de Minas Gerais no que tange à implementação do Regime Especial de Teletrabalho, foi realizado um estudo quantitativo com 32.474 trabalhadores respondentes. Destacam-se como resultados, tanto o aumento da produtividade, como a piora nos indicadores de

qualidade de vida e dificuldades de delimitação entre demandas pessoais e profissionais, além da necessidade do provimento de capacitações e infraestrutura (Tolentino et al., 2023).

Tanto a demanda por oferecimento de infraestrutura quanto a piora nos indicadores de qualidade de vida observados no estudo em tela estão ligados pelo aspecto ambiental da qualidade de vida. A fala dos entrevistados para a presente pesquisa ratifica a crença de que o ambiente harmônico, a estabilidade financeira, o acesso aos equipamentos e materiais adequados, o relacionamento satisfatório com liderança e colegas de trabalho, amigos e família são pontos fundamentais para manutenção dos níveis de qualidade de vida.

Temática 2: Infraestrutura: D10. Por conta da pandemia e seu consequente isolamento social, trabalhadores passaram a realizar integralmente suas atividades por meio de aparatos tecnológicos e plataformas digitais, exigência essa que os obrigou a adequarem suas casas e modos de trabalho. Tal cenário ocorreu sem aviso prévio e foi tido inicialmente como temporário, o que desobrigou as empresas do fornecimento de treinamentos e condições para adequação ambiental em caráter permanente.

Diante dessa circunstância que vem se estabelecendo, os custos da realização do trabalho fora das dependências da empresa tendem a se consolidar como uma obrigação unicamente dos trabalhadores. Se por um lado as práticas isonômicas tendem a equalizar as relações no estado democrático de direito e corroboram o poder das empresas ao se relacionarem com todos os colaboradores pelo texto puro e seco da lei, a não atenção às peculiaridades pessoais, familiares e estruturais causam inviabilidades (segregação), desajustes e adoecimentos.

Temática 3: Demanda Doméstica: D11. A pandemia lançou luz sobre desigualdades sociais vivenciadas no cotidiano da maioria das famílias brasileiras. Com o aumento da demanda do trabalho doméstico, foi desvelada a dependência por empregadas domésticas e serviços de suporte básico correlatos, em geral, realizados por outras mulheres de menor renda. Quando as famílias abastadas contratam terceiros para realizarem os serviços de cuidados, elas estão suprimindo a parca existência de políticas públicas e inexpressivas iniciativas de mercado. Tal situação privada que ameniza a falta

pública encoberta também conflitos de gênero experienciados entre casais na lida cotidiana da casa e antagoniza as condições entre as próprias mulheres, em geral brancas e de melhor poder aquisitivo *versus* negras de baixa renda.

Não é coincidência que o vírus tenha entrado no Brasil por meio das populações de mais alta renda, com recursos ou condições de empregabilidade suficientes para viajarem ao exterior, e, ao mesmo tempo, que as primeiras mortes tenham sido de trabalhadores que ocupam posições precárias, pouco reconhecidas e valorizadas e que prestam serviços relacionados aos cuidados às camadas mais abastadas. De fato, o trabalho doméstico e de cuidados pressupõe a existência de uma significativa desigualdade de renda entre quem oferece a vaga de emprego e quem a ocupa, pois a remuneração do trabalhador não é paga pelo lucro de um empreendimento, mas pela renda pessoal de uma outra pessoa física. E é nessa desigualdade que se assenta boa parte das vulnerabilidades do trabalho doméstico e de cuidados no Brasil (mas também no resto do mundo), agravadas nas condições da pandemia da COVID-19. As trabalhadoras domésticas representam, hoje, cerca de 6 milhões de mulheres no Brasil, o que corresponde a quase 15% das trabalhadoras ocupadas (10% das brancas e 18,6% das negras). O emprego doméstico se revela, portanto, de enorme importância não apenas para um conjunto particular de mulheres, que encontra nesta profissão uma de suas únicas alternativas de renda, mas também para a organização da sociedade brasileira. Isso porque, ainda que o trabalho de cuidados e de reprodução da vida seja de responsabilidade ampla – de famílias, do Estado e do mercado –, é forçoso reconhecer que, no Brasil, retirando-se um insuficiente esforço de oferta de creches públicas, praticamente inexistem políticas públicas ou iniciativas empresariais destinadas a compartilhar os cuidados e torná-los uma responsabilidade social. O trabalho doméstico e de cuidados segue, assim, sendo de responsabilidade das famílias, e, nestas, das mulheres (elas integrantes das próprias famílias ou

contratadas para este fim). No caso da contratação de trabalho doméstico, são mulheres, em geral, negras e pobres, com baixa escolaridade, que assumem o trabalho doméstico de famílias mais abastadas, possibilitando que os homens sigam se desresponsabilizando por este trabalho e que outras mulheres, em geral brancas e com maiores recursos, possam “resolver” sua sobrecarga de trabalho doméstico, tanto para a entrada no mercado de trabalho quanto para outros fins, entre os quais apaziguar eventuais tensões e conflitos causados por um estremecimento da divisão sexual tradicional do trabalho. A terceirização do trabalho doméstico cria, portanto, uma oposição de classe e raça entre as próprias mulheres, ao mesmo tempo que se configura em uma solução privada para um problema público, sendo, portanto, acessível apenas àquelas famílias com mais renda (IPEA, 2020, p. 7).

O agravamento das vulnerabilidades experienciado na pandemia permitiu vir à tona a premência da responsabilidade social e da responsabilidade compartilhada pelos serviços: o produtivo assalariado, viabilizado pela assistência de outras mulheres, e o serviço reprodutivo que fisiológica e historicamente recai sobre todas as mulheres. Em que pese muitas empregadas domésticas e faxineiras terem sido, por conta do isolamento social, dispensadas de seus trabalhos, outras foram submetidas a condições de contágio iminente para manterem seus empregos. Além dessas, outras tantas ficaram mais sobrecarregadas ao acumularem as demandas profissionais de um emprego se reinventando no modelo digital, as demandas domésticas aumentadas por todos os integrantes da família estarem em casa em tempo integral e a demanda, exacerbada, de cuidados em um cenário de emergência sanitária.

Temática 3: Demanda Doméstica: D12. A crise da pandemia causou sofrimento e mexeu com a harmonia dos lares, desestruturando algumas relações e tornando, por outro lado, outras insustentáveis. Alguns casais e famílias passaram por esse momento em conjunto e usaram tal desafio como impulsionador da reconstrução de suas relações e vínculos.

Associado à maioria das famílias latino-americanas apresentarem um modelo de masculinidade vinculado à “potência sexual, física, bélica, intelectual, moral, econômica e política”, ter valores rígidos de gênero interfere na flexibilidade do casal, uma vez que tais valores são estabelecidos socialmente na constituição identitária dos papéis masculino e feminino, dificultando a comunicação e intimidade entre os parceiros. Assim, podem ser gerados conflitos e dominação por desigualdade de poder. No entanto, casais de pais jovens já demonstram maior compartilhamento do trabalho doméstico, o que denota indícios de uma possível alteração nos papéis de identidade de gênero arraigados na cultura. (Souza et al., 2022, p. 101)

A nova realidade experienciada repercute na qualidade de vida individual e conjugal, exigindo reorganização e readaptação frente ao novo modo de viver e se relacionar. No ambiente doméstico, a realidade cultural vivenciada pela maioria é de desequilíbrio de poder entre homens e mulheres, principalmente no que tange ao lidar com as demandas familiares. Essa situação é cômoda para os homens, impulsionando a necessidade de maiores esforços das mulheres para busca do equilíbrio justo na realização das tarefas domésticas.

São justamente as outras mulheres da casa, como as filhas mais velhas, as que mais sofrem cobranças, atitude que reproduz e cristaliza a divisão sexual do trabalho.

Enquanto os meninos são pouco exigidos nesse âmbito e participam mais voluntariamente, as meninas são pressionadas a realizar tais afazeres e aos poucos são formadas para isso. Com as mulheres adentrando cada vez mais o mercado de trabalho e a crescente influência do discurso igualitário, o estresse e a fadiga causados pela dupla presença provocam em muitas delas um forte senso de injustiça.

Diante da resistência masculina, no que concerne à repartição dessas tarefas, aumentam as discussões conjugais, as reclamações e o questionamento dessa “obrigação” exclusivamente feminina, que elas percebem como limitante para sua própria trajetória profissional. (...) elas “cobram”, “exigem”, “mandam”, “brigam”,

“discutem”, “reclamam”, “descem das tamancas”, “jogam na cara”; por isso, são consideradas “chatas”, “implicantes”, “loucas”. A aparente ampliação dos conflitos pode ser interpretada como uma pista de que pode haver uma mudança em curso. A progressiva inconformidade feminina com a tradicional divisão sexual do trabalho doméstico e familiar resulta em fortes pressões sobre os privilégios masculinos, na tentativa de alterá-la. Essa contestação, no entanto, nem sempre surte os efeitos desejados. Muitos maridos ficam completamente indiferentes a essas cobranças e discussões, e não é raro que as deixem falando sozinhas. (...) Isso leva a pensar que, para eles, a divisão sexual do trabalho doméstico e familiar é um fato tão estabelecido que sequer é digno de debate ou de questionamento. Tal atitude masculina frente à argumentação de suas mulheres mostra uma clara relação de poder dentro dos casais, uma relação assimétrica entre homens e mulheres que nem precisa ser defendida e justificada por eles para continuar existindo, que se apoia na noção tradicional dos papéis que cada um deve exercer. (Sucupira, 2016, p. 36)

A pandemia proporcionou às famílias estarem juntas por maior tempo cronológico, fazendo emergir uma dualidade de sentimentos entre os casais, maior proximidade ou afastamento. As divergências acirradas, culturalmente fundamentadas em gênero e relações de poder, exacerbam os sentimentos persecutórios e invasivos quanto à individualidade da pessoa. Nesse contato constante, em geral as mulheres percebem menor qualidade conjugal e é aberto espaço para disputas que podem gerar violência doméstica.

Temática 3: Demanda Doméstica: D13. Tanto a vulnerabilidade na saúde física e mental, quanto o desgaste relacionado à preocupação de deterioração da qualidade de vida no contexto pandêmico, somam-se ao aumento na carga de trabalho doméstico, necessidade de adaptação tecnológica e mudança repentina das relações e rotinas profissionais, pessoais e familiares. Essas questões corroboram sentimentos negativos frente às certezas das questões culturais de gênero historicamente imexíveis e às incertezas vivenciadas no período.

Em relatório lançado em 2018, a OIT destaca a necessidade de medidas imediatas na área da economia do cuidado, de forma a evitar uma crise global no setor. De acordo com o relatório, um dos pontos fundamentais a serem abordados de forma urgente é a grande disparidade na distribuição de responsabilidades pelo trabalho de cuidado. Os dados globais apontam que as mulheres são responsáveis por mais de três quartos do tempo dedicado ao trabalho não remunerado de cuidado (OIT, 2018). Essa disparidade está fortemente presente no Brasil. Dados de 2018 demonstram que mulheres trabalhadoras, inseridas nas mais diversas ocupações, dedicavam, em média, 21 horas semanais ao trabalho não remunerado de cuidado, enquanto os homens trabalhadores dedicavam cerca de 11 horas semanais (Ipea, 2018) a este tipo de trabalho, mas não necessariamente em atividades relacionadas ao cuidado direto e indireto de integrantes das famílias. Isso porque há também uma diferença no tipo de tarefa doméstica realizada por mulheres e homens no interior dos domicílios. A elas cabem as tarefas rotineiras, repetitivas, mais consumidoras de tempo e menos optativas (ou seja, com menos possibilidades de serem adiadas), tais como lavar roupas e vasilhas, passar roupas, limpar a casa, cuidar dos filhos, cozinhar. Já aos homens cabem as atividades mais ocasionais e flexíveis, como, por exemplo, a realização de pequenos reparos nas residências, os cuidados com o jardim e os carros e o pagamento de contas ou o lazer com os filhos. (IPEA, 2020, p. 9)

O trabalho de cuidado doméstico pouco é tratado no âmbito de gestão governamental e da iniciativa privada, cabendo às mulheres a responsabilização por tais atividades. Além disso, quando o trabalho tem alguma forma de divisão entre os integrantes da família, a parte mais repetitiva e pesada continua sendo atribuição da mulher, que é destinada a receber contribuições em forma de “ajuda” quando o parceiro julga conveniente ou nos raros casos que ela consegue se impor. A assimetria de poder experienciada por casais impacta a qualidade de vida e perpassa, mas não se restringe, à contribuição econômica dos parceiros, que se encontra em transição para um modelo de

maior equilíbrio financeiro. Em geral, negligenciar as tarefas domésticas é ponto comum entre homens de diferentes faixas etárias e renda, porém, em casais mais jovens, dado que as mulheres têm possibilidade de acesso à vida profissional instituída, os homens já não desejam o papel de provedor. Mas, em geral, ou não enxergam ou não se afetam com a necessidade de uma divisão justa das atividades de gestão e operacionalização das tarefas domésticas. Muitas vezes a equidade já aparece no discurso seja dos homens ou das mulheres, porém, via de regra, não é vivenciada na prática.

A ausência de corresponsabilidade pelos cuidados gera custos não apenas para as mulheres. Com relação às economias dos países, proporciona um desperdício da força de trabalho, especialmente a feminina, o que afeta a trajetória de crescimento. Para as empresas, observam-se impactos com relação à produtividade, ao clima organizacional e à rotatividade de pessoal. Custos sociais consideráveis também são gerados, como os impactos sobre a saúde das trabalhadoras, a menor renda das mulheres e os riscos de trabalho infantil. Em contextos de crise, como este colocado pela pandemia do coronavírus, todas essas características se agravam. Observa-se um aumento na carga de trabalho relacionado aos cuidados nos lares, em razão da suspensão de uma série de serviços, adotada como medida de contenção da curva de contágio. Creches, escolas e atividades complementares voltadas para crianças e idosos(as) são suspensas, o que aumenta o tempo de presença deles e delas em seus lares. Soma-se a isso a incapacidade do sistema de saúde de acolher todos os casos de infecção, dando prioridade aos casos mais graves e orientando parte das pessoas infectadas e que apresentam sintomas mais leves a se manterem em casa ao longo do período de recuperação. Dessa forma, o espaço da casa também se transforma em um espaço no qual o cuidado de pessoas doentes é demandado. (IPEA, 2020, p. 9)

Portanto, a qualidade de vida, em especial das mulheres, é fortemente prejudicada, tanto pelos agravos correlatos à situação de crise sanitária como pelo embate travado pela falta de equidade no interior dos lares.

Temática 3: Demanda Doméstica: D14. A começar do advento pandemia, são necessárias reflexões acerca das vantagens e desvantagens no estabelecimento de rotinas e no investimento em estratégias para o desenvolvimento de habilidades sociais e individuais como autodisciplina, persistência e foco. Além disso, o acolhimento de mulheres mães e um olhar atento para o fomento de ações proativas de organizações e indivíduos, que favoreçam o equilíbrio mental, bem-estar e qualidade no trabalho e na vida, podem contribuir para um futuro mais justo e equilibrado, com destaque para equidade de gênero.

Refletir sobre os aspectos psicológicos da maternidade leva a reconhecer (...) uma evidente sobrecarga que gera sofrimentos emocionais, sobre as repercussões subjetivas da dupla jornada, também conhecida como segundo turno. Contudo, mesmo a mulher profissionalmente ativa, passa a afigurar-se como a principal e melhor cuidadora, (...) em meio ao caos e incerteza do amanhã, apoiar uma mulher-mãe em tempos da COVID-19, pode salvá-la de uma situação angustiante. Assim sendo, sustentar, amparar, firmar, auxiliar, ajudar, todas essas ações e outras tantas afins são capazes de confortar um indivíduo. Pode-se buscar, também, este amparo virtualmente, onde existem grupos em redes sociais, tais como Whatsapp® e Facebook®, entre outros aplicativos, com o intuito de acolhimento. Destaca-se, também, a importância da rede de apoio formada por grupo de familiares, amigos, vizinhos, profissionais. Essas redes são capazes de promover uma ajuda emocional (expressões de conforto e cuidado), informacional (informações e orientações) ou instrumental (provisão de recursos, serviços e solução de problemas). (Santos et al., 2021, p. 2)

Com a perda das fronteiras entre mundo público e privado, na realidade casa-trabalho, emergem alterações para o novo arranjo produtivo e reprodutivo. Esse novo cenário, que surge na convergência entre âmbitos pessoal e profissional e são imbricados em aspectos laborais-domésticos e de cuidados com a família, tende a perdurar, o que demanda atenção e intervenção para ambientes mais harmônicos, equilíbrio pessoal e justiça social.

Temática 4: Impactos da Pandemia: D15. A necessidade inicial de isolamento social por *lockdown* com até mesmo o fechamento de locais públicos como parques e praias, e, posteriormente, o distanciamento social para contenção da doença, foram medidas protetivas. A alternativa possível de relacionamentos virtuais não supriu integralmente a lacuna produzida pela falta de contato físico, principalmente em se tratando de um país latino com sua especificidade de demonstrações físicas de afeto. O distanciamento social ampliou o grupo de convivência até então restrito ao núcleo familiar para a possibilidade de relações físicas distanciadas, com o uso de máscaras de proteção.

Assim, pela ausência da proximidade física, pôde ser observada uma maior reflexão sobre as relações humanas e o consequente aumento na valorização do convívio com amigos e familiares (Real et al., 2021). As alterações no cotidiano pelo atravessamento da pandemia, como o isolamento e distanciamento social, a maior imediação de problemas domésticos, familiares e financeiros, o luto coletivo e demais perdas associadas, mudanças compulsórias em tecnologia e adequações ambientais possíveis, entre outros fatores estressores associados, apontam para necessidade de ações de prevenção e enfrentamento aos problemas psíquicos.

A confusão entre tempo privado e de trabalho contribui para sentimentos de solidão, isolamento e perda de identidade entre as mulheres (Pagliarini & Teixeira, 2021). Diante disso, há a valorização do convívio com os pares que, ao contribuir para satisfação com a vida, pode amenizar tais impactos.

Temática 4: Impactos da Pandemia: D16. Quanto menor é a distância entre expectativas individuais e realidade vivenciada, maior é a percepção de qualidade de vida dos indivíduos, o que embora remeta ao plano individual, pode ser situado numa determinada época, cultura e em relação

às estratificações sociais vigentes. Ou seja, uma dada sociedade tem um parâmetro de desenvolvimento econômico, social e tecnológico diferente dela mesma em outro momento (recorte histórico), tradições únicas na construção e hierarquização de valores e necessidades de um povo (recorte cultural) e espelhamento das concepções de bem-estar da classe superior ou atrelados à passagem de uma classe para outra superior (recorte relativo às estratificações ou classes sociais). Já a promoção da saúde, em sua estratégia central, integra qualidade de vida e condições de saúde, considerando o estilo de vida, os avanços da biologia humana, os serviços de saúde e o ambiente físico e social, como os determinantes de saúde (Minayo et al., 2000). Dessa forma, pelos impactos negativos da pandemia se ancorarem no agravamento à saúde, há a consequente repercussão na qualidade de vida das pessoas individual e coletivamente, e, isso se dá no âmbito mais próximo do indivíduo ao afetar o interior de sua residência.

“A cidade se desloca, temporariamente, para dentro da casa, impactando a qualidade dos espaços e dos usos.” (Villa et al., 2021, p. 76). Assim, os diferentes desafios e potencialidades da vida se deslocaram (ainda que temporariamente) para dentro de casa, e, privaram os indivíduos de sua liberdade usual. Isso os afasta de suas expectativas e ideais de vida, ou seja, impacta negativamente a qualidade de vida da população.

Temática 4: Impactos da Pandemia: D17. Como efeito da pandemia, é possível notar modificações nos âmbitos pessoal, relacional e ambiental. Além da reclusão nos lares e suas consequentes alterações físicas para comportar todas as atividades da vida antes desenvolvidas nos ambientes públicos, fatores como o sedentarismo, o aumento do tempo dedicado às telas – TV, tablet, computador e celular, a dualidade entre possibilidade de se alimentar durante a semana com comida caseira e aumento da substituição do consumo de alimentos saudáveis por ultraprocessados que, tal como a compulsão por ansiedade, podem acarretar obesidade, a hipertensão ou as doenças cardiovasculares, e, o consumo atípico de álcool e tabaco, contribuem para redução da qualidade de vida dos indivíduos. Somam-se a isso, aspectos negativos de impacto na saúde mental, como “a dificuldade de dormir ou o sono desregulado, o estresse por não sair de casa, (...) dificuldade de

manter uma rotina, a falta de se relacionar presencialmente com familiares e amigos.” (Real et al., 2021, p. 88).

A ausência de encontros presenciais pessoais e profissionais propiciou maior valorização da disponibilidade para trocas. E, o jeito como as pessoas e organizações lidam com essa transição imposta pela junção entre pandemia e avanço nas ferramentas tecnológicas impacta o bem-estar dos colaboradores e viabiliza o desempenho de algumas atividades profissionais integralmente a começar de casa. Situação essa que explicita as desigualdades. Houve, por exemplo, um ganho considerável para deficientes físicos com dificuldades de locomoção. Por outro lado, em que pesem os avanços na tecnologia da informação, que viabilizaram às empresas uma nova oportunidade de transcender o paradigma da cultura da burocracia pelo da inovação, as consequências na psiquê humana são inestimáveis.

Há evidências que os efeitos psicológicos negativos da pandemia podem ser detectados meses ou anos após seu término, sendo indispensáveis medidas de mitigação (Bezerra et al., 2020) que atenuem as consequências atuais e vindouras. Logo, o planejamento de ações mitigadoras aos agravos psicológicos prementes em decorrência da pandemia constitui-se como basilar à manutenção da qualidade de vida da população, e, para redução das desigualdades psicossociais, preferencialmente, devem ocorrer impulsos que levem à integração entre esforços individuais, governamentais e de mercado.

Temática 5: Conflitos: D18. A expectativa do empregado e do empregador foi que haveria um ambiente doméstico, supostamente mais tranquilo que o ambiente empresarial para desempenho das atividades laborais, assim, foram ambos submetidos à frustração frente a realidade atravessada pela presença de demandas domésticas simultâneas e concorrentes. Adicionalmente, por conta do cenário de impossibilidade de interações presenciais com os colegas de trabalho, em geral, foram tarefas destinadas ao teletrabalho, atividades que, particularmente, requeriam maiores níveis de concentração e empenho individual. A permanência maciça do núcleo familiar em casa gerou um ambiente de distrações, conflitos e incômodos (Tolentino et al., 2023).

Com a alteração do cotidiano social e familiar, inicialmente em caráter temporário, o ambiente doméstico absorveu as atividades públicas sem as condições estruturais e de preparo necessárias. Como ao mesmo tempo que a pessoa influencia o ambiente, também é influenciada por ele (bidirecionalidade das relações pessoa-ambiente), houve um impacto do (e no) ambiente físico, do (e no) ambiente social (interação com outros familiares), e, do (e no) aspecto pessoal (reposicionamento individual frente às convicções próprias, às emoções experienciadas e à nova realidade). O que era prioritariamente um lugar de repouso, recebeu novas funções para a mesma ambiência, influenciando os comportamentos e interações de seus usuários, o que pode gerar as mais diversas distrações. Essa ambiência ou articulação entre fatores visíveis e invisíveis que definem a identidade do lugar é transpassada nesse período por mudanças no padrão estável de comportamento ou expectativas para dado cenário (*Behavior Setting*), o que traz maior possibilidade de conflitos.

Seres humanos estão sempre interagindo com lugares através da percepção. Quando experimentamos um lugar, estamos nos relacionando e construindo uma conexão com ele, vivenciando emoções como alegria, tristeza, ansiedade e medo. O ambiente construído influencia nas percepções dos usuários em relação a um determinado espaço, podendo estimular emoções positivas ou negativas, modificando o significado desses sentimentos. (...) O ambiente construído exerce influência no comportamento humano, e essa ação está relacionada tanto às exigências da atividade a ser realizada no local, quanto às características e necessidades do usuário (Bernd, 2022, p. 70).

Os indivíduos estão, a todo instante, percebendo, interagindo e construindo conexões com ambientes. Ao experienciarem emoções e sentimentos positivos ou negativos podem modificar e influenciar o seu próprio ambiente, suas percepções e sua realidade. As exigências das atividades laborais em casa são diferenciadas das mesmas exigências em ambiente empresarial, pois, no mínimo, suscitam novas emoções. Características do ambiente físico e novas necessidades dos usuários em um contexto ainda não experienciado, alteram as possibilidades de ação que viabilizam o

entendimento instintivo de como a casa pode ser utilizada (mudança na *affordance* da casa). Tal movimento desestruturação-reequilíbrio de percepções e vivências do trabalhador gera incômodos em relação a sua experiência e às diversas interações que emergem nesse ambiente.

Temática 5: Conflitos: D19. Tempo, pressão e comportamento são fontes precípuas do conflito trabalho-família. A quantidade de tempo dedicada, bem como o nível de pressão e comportamentos específicos requeridos determinam a importância dos papéis desempenhados pelos indivíduos, uma vez que o foco em um deles implica em menos tempo e energia gastos com o outro. As divergências entre a atividade laboral e o papel social do indivíduo, bem como o aumento da carga de trabalho produtivo e reprodutivo que sobrecarrega, principalmente, as mulheres mãe, impactam sobremaneira as relações familiares e a organização do trabalho. Assim, o conflito trabalho-família, intensificado na pandemia, perdura, juntamente com a adoção permanente de modelos laborais híbridos e de teletrabalho. A gestão do tempo converte-se em um aprendizado compartilhado entre empresa/liderança e colaboradores, pois, a maioria dos modelos contratuais vigentes no trabalho formal estabelece número de horas trabalhadas como parâmetro de aferição de frequência e, por outro lado, é inerente ao modelo remoto a flexibilidade de horário e atuação por demandas. “O número de horas trabalhadas e a inflexibilidade cronológica têm sido associados ao conflito trabalho-família, consequentemente, a flexibilidade do horário de trabalho torna-se uma aliada para conciliar essas esferas.” (Lemos et al., 2020, p. 390).

Com o propósito de viabilizarem suas atuações profissionais, as mulheres mães recorrem às redes de apoio construídas ao longo da vida, como amigas, vizinhas e familiares, ou, às redes de cuidado profissional, como babás, cozinheiras e professoras. No período de isolamento social, tal terceirização de serviços ou contribuição das redes de apoio informais, precisaram ser interrompidas. Além disso, com a virtualização das relações experienciada a partir da pandemia, o apoio presencial foi dificultado. Estratégias para gerir a maternidade como contração/auxílio de outras mulheres para cuidarem dos filhos são caminhos alternativos para que seja possível se manter na posição de trabalhadora formal assalariada ou empreendedora. A priorização por demandas familiares ou

organizacionais é, em última análise, uma questão de anteposição já que a premência de situações iminentes se sobrepõe à rotina.

Temática 6: Qualidade de Vida: D20. As pessoas alteraram significativamente seus hábitos de lazer e investimentos em si mesmas durante a pandemia. Os interesses sociais foram contidos pela reclusão nos lares, os físico-esportivos foram restritos ao tamanho da residência e os de turismo a viagens virtuais, por meio das telas. Em que pese a alta estima por momentos de lazer enquanto aspecto componente da qualidade de vida, em geral, alega-se falta de tempo livre para usufruí-los por excesso de demandas outras do cotidiano, como tarefas domésticas e atividades laborais. Embora o lazer oportunize prazer, socialização, bem-estar e saúde, pode ser deixado em segundo plano, principalmente por mulheres, mães, trabalhadoras e esposas que, envolvidas tal excesso de demandas, têm as possibilidades de atividades de lazer diminuídas ou invisibilizadas, por exemplo, pelos afazeres domésticos em finais de semana (Mayor et al., 2020), tempo usualmente atribuído às atividades não profissionais.

O modo como as pessoas veem e se relacionam com os ambientes é constituído histórica e culturalmente. A crescente virtualização da vida, adicionada à “residencialização” do lazer na pandemia, diminuiu o caráter de sociabilidade das práticas de entretenimento e recreativas, fazendo as pessoas abdicarem da integração com a natureza proveniente desse contato em ambientes restauradores (Gressler & Günther, 2013). O investimento em si mesmas das mulheres é prejudicado pela premência das demandas laborais domésticas incumbidas a elas, inclusive nos finais de semana, devido à conciliação entre jornada profissional e sobrecarga doméstica durante a semana.

A dupla presença casa-trabalho, praticamente esgota para mulheres qualquer possibilidade de dedicação adicional, mesmo em áreas básicas como descanso, distração, tempo para reflexão e estudos ou qualificação. Isso implica em um rígido equilíbrio temporal, ora dividido nos espaços trabalho e casa, e, que a datar da pandemia tornou-se um equilíbrio de jornadas simultâneas, complementares e ininterruptas, sincronizadas no mesmo espaço físico. O malabarismo que viabiliza tal desempenho duplo, gera sobrecarga física e mental, além de uma desigual distribuição da

concentração e tensão. Ficam excluídos os demais âmbitos de interesse ou qualquer outra possibilidade (Sucupira, 2016). Dessa forma, para garantir seu espaço na esfera pública, a mulher entende que precisa, anteriormente, dar conta das demandas domésticas.

Em face à resistência masculina para alterar a divisão sexual do trabalho em âmbito doméstico, os esforços femininos para articular trabalho profissional e trabalho doméstico e familiar, em última instância, constituem também uma estratégia de resistência encontrada pelas mulheres para cuidarem dos filhos e da casa e, ao mesmo tempo, se manterem no mercado de trabalho e assegurarem sua independência financeira, sua relativa autonomia e sua presença no mundo público.

(Sucupira, 2016, p. 27-28)

Portanto, a estratégia de equilibrar os fatores da dupla jornada, em que pese o preço físico e emocional atribuído, foi o caminho escolhido pela maioria das mulheres para não retrocederem no avanço em direção a isonomia de poder entre os gêneros.

Temática 6: Qualidade de Vida: D21. Com a crise estabelecida pela pandemia, as fragilidades de um Estado incapaz de garantir políticas sociais ou de bem-estar são evidenciadas. Os arranjos privados tornaram-se mais proeminentes devido à ausência de soluções coletivas, assim como houve o agravamento das condições de vulnerabilidade dos grupos usualmente expostos ao risco, como mulheres, negros, pobre e empregadas domésticas (Thomé & Melo, 2021).

A precariedade e a vulnerabilidade das atividades de trabalho doméstico remunerado evidenciadas no período pandêmico são corroboradas pela falta de direitos trabalhistas (férias, décimo terceiro salário, seguro-desemprego ou horas extra) e previdenciários (em casos de condições de capacidade laboral diminuída como maternidade, doença e velhice). Diante de tal falta de proteção social, em que pese a implementação recente de medidas e incentivos fiscais voltados à formalização do trabalho, permanecem sendo vivenciados abusos como assédios morais e sexuais, estigmatização social, jornadas exaustivas e mal remuneradas, exposição a agravos em saúde por conta de longos percursos em transporte público superlotado no trajeto casa-trabalho-casa que às

expõe à circulação do vírus e contato para cuidar de terceiros (patrões e família, cujo comportamento de risco ao vírus é indeterminado) em detrimento de autocuidado e de cuidado com familiares. No aceite do trabalho informal, as empregadas domésticas perdem o apoio do Estado para reposição da renda, como o seguro-desemprego (em caso de demissão) e o auxílio-doença (em caso de necessidade de afastamento; IPEA, 2020).

A crise pandêmica pode levar à retração na demanda por trabalho doméstico remunerado ocasionada pela própria situação dos empregadores (classes assalariadas, média e alta), que, devido à inércia do governo quanto a questões econômico-financeiras, sofrem para a recuperação da renda perdida em decorrência da pandemia. Assim, por conta da junção da ausência de participação masculina com a inadequação e insuficiência de políticas sociais, as mulheres podem, por pressões do cotidiano, se desgastar ainda mais física e mentalmente em suas duplas ou triplas jornadas de trabalho, ou, voltar a assumir o solitário papel de dona de casa em tempo integral.

Em contraponto à situação crítica de empregadas domésticas assalariadas ou não, para as mulheres que puderam realizar trabalho remoto e adaptaram seus momentos de lazer anteriormente vinculados às interações sociais, coube aumento da qualidade de vida em suas relações familiares (Camassola & Raupp, 2022), no que tange ao legado da pandemia para o cotidiano de tais mulheres que de maneira privilegiada trabalharam de suas casas e atravessaram o caos de uma crise sanitária global em um lugar seguro.

Com relação à coparticipação dos homens nas tarefas cotidianas, há alguns contextos em que, por ganhos históricos graduais adicionados à conscientização advinda da convivência intensificada na pandemia, há uma maior divisão das atividades domésticas. Essa maior aproximação do equilíbrio nas divisões, na maioria dos casos, é vista como favor ou “ajuda” entre os parceiros, sendo que o ônus mental de planejar, delegar e cobrar essas tarefas recai sobre as mulheres (Camassola & Raupp, 2022), bem como a maternidade aumenta a carga de trabalho da mulher, principalmente sem as redes de apoio.

Temática 7: Perspectivas Futuras: D22. A permanência mandatória em casa por consequência do isolamento social lançou luz nos desafios domésticos. O aumento na produção de lixo e impactos nas contas de energia, água e mercado, concomitantemente apontam alterações nos padrões de consumo e sua relação com a consciência ambiental, que num cenário mais amplo tangencia também a diminuição da poluição devida à substancial redução nos deslocamentos/transportes. Por estarem confinados, indivíduos e famílias passaram a questionar a relevância de suas demandas e necessidades, de suas escolhas de consumo e a “observar hábitos sustentáveis e valorizar áreas verdes e abertas como sacadas e quintais, um refúgio mesmo que por dentro de muros e guarda-corpos, trazendo uma certa sensação de abertura com a cidade” (Villa et al., 2021, p. 74). Tanto a intensificação das práticas de higienização, como o consumo mais consciente e ambientalmente limpo, estão auferindo ganhos para o pós-pandemia.

Procuramos alcançar o objetivo proposto ao identificar os principais impactos da pandemia no cotidiano de trabalhadores fundamentado na associação entre os níveis de satisfação com a vida, qualidade de vida, qualidade de vida no teletrabalho e a percepção de equidade nas práticas laborais domésticas, conforme elaboração das categorias (1- 3), subcategorias (I-X) e dimensões (D1-D22), condensadas em 7 temáticas centrais, por meio da integração entre *survey* e entrevistas.

9. Estudo 4: Estudo de Caso

Assim como o Estudo 3, esse Estudo teve como objetivo verificar a relação entre as modificações na dinâmica dos núcleos familiares no contexto pandêmico e o nível de satisfação com a vida.

9.1 Método

Com o objetivo de analisar a interface entre a percepção de equidade nas práticas laborais domésticas e o nível de satisfação com a vida para trabalhadores, frente às alterações na dinâmica dos núcleos familiares advindas do contexto pandêmico, foram realizados previamente os Estudos 1 (Questionários), Estudo 2 (Entrevistas) e o Estudo 3 (*Cross-checking* da inter-relação entre os Estudos 1 e 2). O Estudo 4 consiste em estudo de caso para análise de uma situação específica – uma das entrevista – para aprofundamento das temáticas centrais elencadas pelo Estudo 3 em um caso concreto.

Assim, foi realizado estudo de natureza exploratória, sem relação causal entre as variáveis e, portanto, descritivo, com uma abordagem de estudo de caso. Uma vez que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto em que ele se insere não estão claramente definidas, foi viabilizada uma investigação em profundidade e mais detalhada, sobre o objeto estudado, a fim de estimular a compreensão e subsidiar o surgimento de hipóteses e questões e/ou o desenvolvimento da teoria em estudos vindouros.

Os participantes e os instrumentos do Estudo 4 foram os mesmos dos Estudos 1, 2 e 3, com foco em uma entrevista escolhida da subamostra de 52 participantes dos Estudos 2 e 3.

9.1.1 Procedimentos

Condensadas as 7 (sete) temáticas centrais que se destacaram enquanto fatores de impacto nos níveis de satisfação com a vida e qualidade de vida no *cross-checking* do Estudo 3, foi escolhido um caso prático para aprofundamento. Os critérios utilizados para a seleção de uma das 52 entrevistas (Entrevista 22) foram com base nas imagens fotográficas (onde ambos parceiros

compartilhavam as mesmas condições físicas de trabalho, o mesmo ambiente laboral). Assim, foi realizado um estudo de caso para aprofundamento das temáticas teórico-práticas no caso real, com o intuito de analisar, com base em tais temáticas centrais, a interface entre a sua percepção de equidade nas práticas laborais domésticas e seu nível de satisfação com a vida.

9.1.2 Análise dos Dados

Dando prosseguimento ao Estudo 3, que selecionou 22 dimensões elencando as 7 temáticas que se destacam enquanto fatores de impacto nos níveis de satisfação com a vida e qualidade de vida, foi realizado estudo de caso da Entrevista 22 para melhor compreensão de tal fenômeno complexo, conforme contexto real de vida.

9.2 Resultados

9.2.1 Seleção da entrevista para o Estudo de Caso

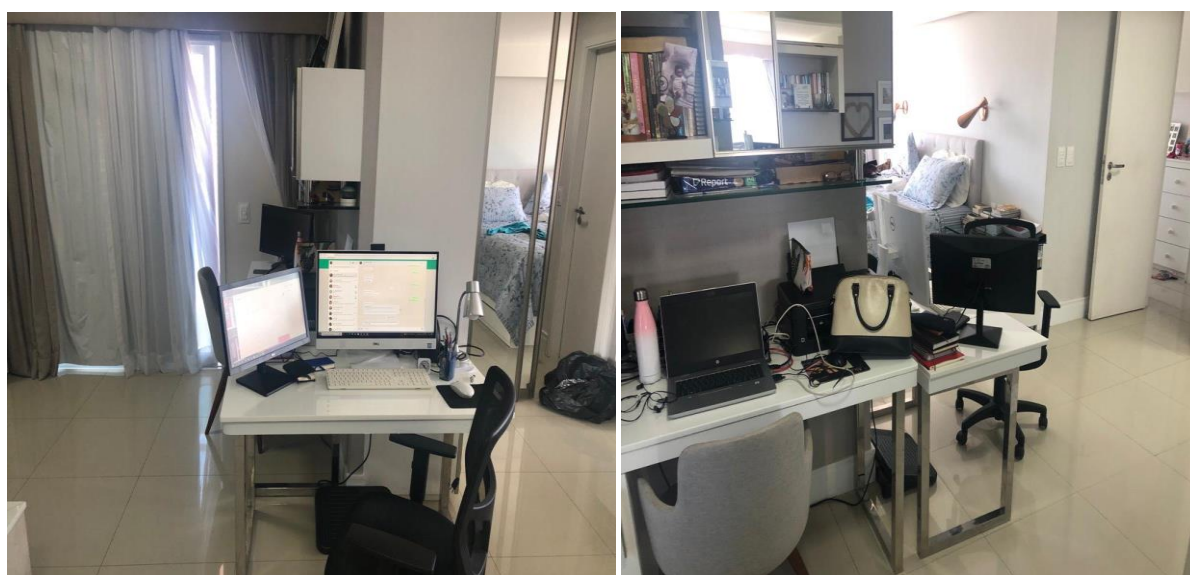
Para o estudo de caso foi selecionado o 22º Entrevistado (Participante 32), homem de 40 anos. Com isso, destaca-se que o mesmo apresentou escores do SWLS de 7 (amostra: 25,98), do WHOQOL domínio Físico de 18 (amostra: 26,48), domínio Psicológico de 14 (amostra: 22,17), domínio Relações Sociais de 5 (amostra: 10,80) e domínio Meio Ambiente 32 (amostra: 30,30) e do QVT Fator 1 de 3,55 (amostra: 8,59), Fator 3 de 9 (amostra: 8,94) e Fator 5 de 4,5 (amostra: 7,19). Além de exemplificar os espaços de teletrabalho seu e da esposa na Figura 21 e apresentar o relato abaixo.

[Então vou dizer algumas tarefas domésticas, você me diz o percentual de participação de vocês: Preparar ou servir refeições da família.] Oh, isso aí a empregada faz 90%. A gente faz isso no final de semana e muitas vezes o final de semana é mais café da manhã... ou então, fazer... aí a esposa faz o jantar da filha... tá, quase sempre ela faz o jantar da filha... então, eu diria 90% a babá, 8% a esposa, e, 2% eu... que às vezes eu faço alguma coisa no final de semana lá... [Limpeza ou cuidado de roupas e sapatos] Isso aí, oh, 100% a empregada, tá?! [Pequenos reparos

e manutenção do domicílio] Olha, isso... Mas é... Esse aí... é... Nenhum de nós dois faz isso... pessoalmente a gente chama pessoas... E quem tem a iniciativa para chamar as pessoas em 95% dos casos é ela [a esposa]. [Limpar ou arrumar a casa, garagem ou quintal] 95% é a empregada... No final de semana, a esposa às vezes vai passar um pano, faz uma limpeza... [Cuidar da organização da casa] Quem gerencia a casa em 85% é ela. [Cuidar dos animais domésticos ou plantas] Ah, então... animal doméstico totalmente eu e plantas totalmente ela. Então, como o cachorro dá muito mais trabalho que as plantas, então 80% eu... ou 20% eu [ri]. [Levar a filha pra escola e supervisionar a rotina escolar] É pequenininha ainda... Acho que isso é 60% ela e 40% eu. [Acompanhar a filha ou parentes em consultas médicas] Eu acho que isso aí é 50-50. Vamos juntos... mas, às vezes, eu vou sozinho quando ela não pode, ou ela vai sozinha... [Gerenciar o orçamento doméstico ou atividades cotidianas de empregados] Ah, isso aí é 80% ela e 20% eu. [Se você tivesse que dar um percentual geral em relação às atividades domésticas entre você e sua esposa, quanto seria pra cada um?] Eu acho que uns 75% ela e 25% eu.

Figura 21

Ambiente de teletrabalho do marido e da esposa, no vão entre o quarto de dormir do casal e o quarto do bebê



9.2.2 Análise da Entrevista com base nas Temáticas Centrais

Conforme a seção de resultados, decorre das imagens que o Participante 32, um homem de 40 anos, habita residência espaçosa (250m², 4 quartos), na qual o ambiente adaptado para o teletrabalho foi o hall entre o quarto de dormir do casal e o quarto da bebê. Os computadores do casal estão posicionados lado a lado na mesma estrutura, em ângulo de 90 graus, portanto, não há separação dos ambientes laborais. Entre os 8 índices analisados pela *survey* (satisfação com a vida; domínio físico, domínio psicológico, domínio de relações sociais e domínio de meio-ambiente da qualidade de vida; e, fator autogestão do teletrabalho, fator infraestrutura de teletrabalho, e, fator sobrecarga de trabalho), 6 encontram-se abaixo da média do grupo de entrevistados, com destaque para a discrepância na satisfação com a vida, diferença entre 7 pontos atingidos pelo participante em tela *versus* média de 25,98 pontos entre todos os 52 participantes das entrevistas.

A seguir, análise da Entrevista 22 conforme temáticas desse estudo:

Temática 1: Privacidade. A reclusão nos lares, imposta pela pandemia, muitas vezes afetou o controle de acesso a si mesmo das pessoas em suas próprias casas. No trecho a seguir, o participante relata boa infraestrutura, com mobiliário apropriado, porém baixos níveis de privacidade nesse período.

Estava numa casa com muitas pessoas... as pessoas lá... arranjar um cantinho pra mim... é ... na sala onde tem uma mesa bem apropriada, coloquei meu computador lá e o trabalho lá transcorria bem. Era um pouco atrapalhado em alguns momentos porque tinha três crianças de cerca de 9 e 10 anos que usavam muito a sala onde eu trabalhava, que era a sala de televisão para assistir filme e para jogar videogame... E tinha uma bebezinha, também que era a minha bebezinha, a nossa filha... que começou... nesse... nesse período... e começou a andar, e começou a falar, e começou as primeiras palavras, e começou a interagir mais... então... ela também queria brincar comigo... então chegava... não era uma sala isolada, eu ficava na sala principal

do apartamento. Então ela tinha sempre acesso a mim, e, às vezes, ela demanda...

vai... então me interrompe... e era um trabalho bastante interrompido. (Entrevista 22)

Temática 2: Infraestrutura. A adequação da infraestrutura foi uma necessidade despertada na pandemia. A falta de tais ajustes prejudicou e/ou inviabilizou a execução de atividades profissionais no ambiente doméstico. O Participante 32 contrapõe os benefícios de ver a bebê crescendo com a demanda aumentada e a consequente falta de concentração para realizar as atividades laborais.

... e quando chega durante a semana, ela [a filha bebê] quer brincar com a gente. Nós temos muita dificuldade com isso. Então, quando ela está em casa, ela está sempre nos demandando. Essa porta aqui, que é a porta que dá pro nosso quarto, dá pra sala. Eu tento deixar a porta fechada para ficar um pouco mais tranquilo e também porque o cachorro fica solto aqui no quarto comigo, aí, essa porta fica abrindo o tempo inteiro. Então, estou aqui trabalhando e o tempo inteiro essa porta abre de uma vez, que é ela abrindo e vindo me chamar para brincar ou vindo me pedir alguma coisa ou me mostrar alguma coisa... então o meu trabalho é interrompido, gente! (Participante 32)

O segundo fator da QVT, infraestrutura de teletrabalho do participante, quase coincidiu com a média das respostas do grupo de 52 entrevistados ($M_{P32} = 9$; $M_{amostra} = 8,94$), e, o quarto domínio da qualidade de vida WHOQOL-Bref, Meio-ambiente, ficou levemente acima da média dos entrevistados ($M_{P32} = 32$; $M_{amostra} = 30,30$).

Temática 3: Demanda Doméstica. O aumento na demanda doméstica durante a pandemia foi percebido pela maioria dos entrevistados nessa pesquisa, permanecendo a carga mental (trabalho de planejamento e tomada de decisão), integral ou parcialmente, com as mulheres. A antecipação das necessidades dos demais membros da família e conhecidos, seja por presença, por conforto, por segurança ou com escuta, repercute em extrema fadiga mental. Isso pode gerar conflitos que, na

presente pesquisa, são corroborados pelas opiniões dos homens, que responsabilizam e justificam o parco compartilhamento das demandas como respeito ao gosto ou vocação da mulher.

A minha esposa é uma pessoa muito proativa... e gosta... ela naturalmente toma a frente das coisas. E eu, pelo contrário... sou uma pessoa um pouco mais passiva... então, preciso de um empurrão para fazer as coisas. Isso causa até algumas discussões aqui em casa. Então, ela tem que dizer quais são as tarefas, que eu faço. Eu sei carregar, fazer as compras [por aplicativo]... assim, lá a comida da bebê muitas vezes ela [a esposa] faz, mas eu também faço. E acho que ter um cachorro de porte grande precisa de passeio, isso aí tudo sou eu que faço com ele, tem que passear meia hora de manhã e meia hora de noite ou a tarde... sou eu que faço isso, é minha atribuição alimentar o cachorro também, e tem mais... o que eu posso dizer? Dar água... nós temos duas empregadas, uma babá e uma que cuida da casa e faz comida.

Temática 4: Impactos da Pandemia. No domínio 4, meio-ambiente, o índice individual do participante foi 32 vs. o índice médio da amostra (30,30). Embora a casa estivesse “muito cheia” (12 pessoas), era prazeroso pra ele porque implicava em superação do vazio vivenciado pelo isolamento:

Pra mim, pelo menos, particularmente, foi um pouco diferente mas eu me sentia à vontade lá. Não dava pra ficar tão à vontade como ficar em casa... E como nós estamos isolados do mundo, eu acho que foi até positivo ficar com a família, com os familiares todos em casa. Porque nós jantávamos juntos, fazíamos algumas confraternizações em algumas datas... Foi bom! Passamos uns oito meses trancados no apartamento, assim como todo mundo, entende?!

Quanto à autogestão do teletrabalho, fator 1 da QVT, com ênfase em questões do perfil do servidor e suas atitudes quando realiza o teletrabalho, apresenta acentuada disparidade entre 3,55 pontos individuais contra 8,59 pontos aferidos como média da amostra. Tal possível desajuste pode ser confirmado por sua fala na entrevista individual:

Minha produtividade acho que caiu bastante em relação ao que eu fazia antes. É, nesse período... também, talvez, por causa dessa dificuldade que eu tive de me concentrar no trabalho. Eu, depois que a situação [da pandemia] arrefeceu, pude sair de casa, né?! Eu fui no ano passado ao médico e foi até diagnosticado um transtorno de déficit de atenção. Eu acho que isso aí ficou mais claro com essa questão do home-office, pra mim, porque a dificuldade de concentração ficou mais acentuada e a minha produtividade no trabalho caiu bastante.

Temática 5: Conflitos. Podemos notar que os homens respondentes dessa pesquisa passaram a atentar mais para as demandas domésticas devido ao contato de maior proximidade física com o cotidiano do lar, por estarem em casa. Nesse caso específico do Participante 32, a família dispunha de babá e empregada doméstica, então, ele passa a colaborar quanto à filha bebê por conta do retorno da mulher ao exercício profissional após licença maternidade. Há também disparidade financeira a favor da mulher, o que é raro na sociedade brasileira, e o participante cogita deixar o ambiente doméstico para seu exercício profissional (afirmação do papel patriarcal), conforme trecho a seguir:

Agora é muita demanda, sobretudo porque ela [a esposa] voltou a trabalhar. O meu trabalho é sempre... é 99% em casa, muito raramente eu tenho que fazer alguma coisa fora e a esposa não, ela sai umas 3-4 vezes na semana, ela trabalha com muitas audiências, ela é defensora pública e a bebê já entendeu... às vezes não entende... mas na maioria das vezes ela já entendeu que quando a mãe tá ali no computador conversando com o povo... como ela chama... o povo, né, a audiência... ela [a bebê] já entendeu que tem que respeitar... ela dificilmente interrompe a mãe, nesses casos ela [a bebê] sempre se volta pra mim... então... muito interrompido... não tem... não tem uma continuidade de raciocínio...o que é difícil... até tenho pensado em sair de casa para poder trabalhar. (...) [Você é o único responsável financeiro do domicílio?] Minha esposa contribui. [Qual é o percentual de cada um?] Ela deve contribuir com 70 por cento.

Temática 6: Qualidade de Vida. Quanto à qualidade de vida, pela escala WHOQOL-Bref, em seus três primeiros domínios, os índices do participante ficaram abaixo da média da amostra – índices individuais (físico = 18; psicológico = 14; e, relações sociais = 5) vs. índices médios da amostra (físico = 26,48; psicológico = 26,17; e, relações sociais = 10,80). Frente a pandemia, a solução adotada pela família do Participante 32 foi manter isolamento social com a babá em casa, o que pode ter repercutido em sua qualidade de vida e satisfação com a vida. Seja por conta da necessidade de buscar a filha da babá em outra cidade, seja pela perda de privacidade com várias pessoas a mais morando em casa (como a babá e a filha da babá), ou, seja pela sensação de casa cheia, há impacto na qualidade de vida do participante. Ele relata necessidade de uma profissional para sanar as demandas domésticas durante o período de isolamento no trecho a seguir:

Quando começou o lockdown, nós tínhamos uma bebezinha de 1 ano e poucos meses... e como nós dois vamos ficar trabalhando em casa... nós perguntamos à baba da minha filha se ela poderia ficar [na casa dos patrões durante o isolamento social, para cuidar da bebê e da casa]... Mas, precisamos que ela ficasse conosco... Ela poderia. E ela mora num... ela mora no interior, né?! ... Ela trabalha 15 dias, depois ia pro interior, depois [trabalha] mais 15 dias... Ela tem uma filha lá. Então, o que nós combinamos com ela? Que eu iria até o interior dela com ela e buscaríamos a filha dela, que também já estava com a escola... não... não estava mais funcionando, tava só online. É um interior aqui do Ceará, cidade chamada Itapagé, fica acerca de 1h30 de carro de Fortaleza. Então fui com ela lá e buscamos a filha dela de 9 anos. Elas ficaram as duas morando aqui pra nos ajudar durante o dia.

Temática 7: Perspectivas Futuras. Na contramão de outros participantes dessa pesquisa, o Participante 32 prefere, para o futuro, o trabalho presencial.

Eu estou em home-office, pra mim foi excelente. Se não fosse isso, eu estaria lotado em Brasília e minha família aqui em Fortaleza. A essa altura, eu teria saído da empresa ou teria buscado alguma cessão para algum órgão público em Fortaleza... e

teria repercussões até financeiras pra mim. Então, nesse aspecto, o home office é excelente. Como qualidade de trabalho, produtividade... eu acho péssimo. Eu preferia trabalhar no escritório. Eu gostava de como era ser advogado, inclusive, eu gostava de me arrumar para o trabalho, de colocar o paletó, gravata, pegar o carro e dirigir para o trabalho. E chegar lá... e conversar com os colegas... e sentar na minha mesa, com meu computador de trabalho... e passar a manhã trabalhando... só parar na hora do almoço, depois voltar a trabalhar a tarde... eu gostava dessa rotina. Eu achava muito mais produtivo e prazeroso o trabalho presencial na empresa... Eu acho difícil me concentrar... Tem muita interrupção... Tem as tentações da casa como a televisão, a geladeira, o sofá...

9.3 Discussão

Essa seção de discussão pretende analisar à luz da teoria os resultados desse aprofundamento de caso.

O Participante 32, por apresentar escores predominantemente bem abaixo da média dos outros participantes das entrevistas, demonstra, em especial cognitivamente, pouca satisfação com a própria vida. Apresenta também baixos índices de qualidade de vida nos domínios físico, psicológico e relações sociais, além de baixos níveis na escala de qualidade de vida no teletrabalho, fatores Autogestão (ênfase em questões do perfil do servidor e suas atitudes) e Sobrecarga de trabalho (ênfase no esforço dispendido para a realização das atividades). Por outro lado, o domínio meio ambiente da escala de qualidade de vida mostrou-se levemente acima da amostra, e, o fator Infraestrutura de teletrabalho (ênfase em condições físicas) da escala de qualidade de vida no teletrabalho mostrou-se compatível com a amostra, o que atribuímos à residência espaçosa (250m², 4 quartos). O ambiente de tal residência, à época da entrevista, já estava adaptado para a nova modalidade de trabalho do casal, em um mesmo cômodo refrigerado porém em mesas distintas, e, dispunha de infraestrutura de *hardware* própria para o entrevistado, com dois monitores, cadeira

ergonômica, apoio para os pés e luminária auxiliar; sem a necessidade do compartilhamento de equipamentos com outros moradores.

Quanto à divisão das atividades domésticas o participante atribui 90% das demandas à empregada doméstica/babá, 8% à esposa e 2% a si mesmo. Ainda relata outras atividades totalmente terceirizadas cuja iniciativa para contratação dos serviços é realizada pela esposa em 95% dos casos, o que explicita a carga mental predominantemente incidindo na mulher. Porém, quando questionado acerca de um percentual geral de divisão da participação em atividades domésticas entre o casal, o entrevistado reconhece um desequilíbrio atenuado, apontando 25% de participação própria e 75% de participação da esposa. Isso reflete um posicionamento de subvalorização da execução e da gestão das demandas domésticas pela mulher, uma vez que é justificado pelo “jeito proativo” da esposa e percebido como um atributo natural da mulher, como se fosse uma peculiaridade daquele núcleo familiar, o que, no entanto, é recorrente e perpassa as relações de poder entre os casais na sociedade.

Temática 1: Privacidade. Uma das consequências da reclusão ininterrupta de todos os moradores em seus lares durante o pico pandêmico foi a alteração no controle de acesso a si mesmo das pessoas em suas próprias casas. O participante relata que conseguiu um “cantinho para mim” e demonstra em sua fala sentir maior impacto no trabalho (“trabalho bastante interrompido”), que inicialmente foi desenvolvido na sala de televisão, onde três crianças de cerca de dez anos assistiam filmes e jogavam vídeo games durante o expediente, além da filha bebê que à época começou a andar e falar, demandando mais atenção. Uma das crianças era a filha da empregada doméstica que estava em *home schooling*, e, para que sua mãe pudesse passar o período pandêmico na casa dos patrões, mudou-se, buscada pelo próprio entrevistado, de outra cidade para lá. Assim, apesar do relato de infraestrutura relativamente boa, com mobiliário apropriado e sem isolamento dos outros moradores, foram observados baixos níveis de privacidade no âmbito pessoal e profissional durante o período.

Temática 2: Infraestrutura. No que concerne ao domínio meio ambiente da qualidade de vida, o índice do entrevistado encontra-se acima da amostra, isso pois, o participante dispões de considerável conforto intramuros devido ao aporte financeiro privilegiado (casal de advogados concursados, ela na função de Procuradora e contribuindo com 70% das finanças domésticas). Houve alteração no ambiente da residência para adequação da infraestrutura ao teletrabalho. Inicialmente o participante trabalhava na sala de televisão e, após a aquisição de mobiliário em L com espaços de trabalho separados e bem definidos no mesmo cômodo, passou a se incomodar com a abertura da porta/trânsito de pessoas, principalmente de sua filha bebê que demanda proximidade física e atenção.

Temática 3: Demanda Doméstica. Houve um aumento na demanda doméstica percebido pelo entrevistado, porém, não sentido suficientemente forte para impulsioná-lo à ação em tarefas domésticas. Assim, o casal “precisou” providenciar o retorno da empregada durante o pico pandêmico nas condições por ela estipuladas (realização da mudança de uma cidade do interior para a casa dos patrões, presença da filha da empregada na residência e maior aporte financeiro). O respondente não demonstra auto-percepção enquanto parte da solução da demanda doméstica, uma vez que atribui à mulher “gosto por fazer” e naturaliza a sobrecarga feminina (“ela [a esposa] naturalmente toma a frente das coisas”). Quando questionado sobre a divisão das tarefas, o participante diz serem motivo de conflito: “Isso causa até algumas discussões aqui em casa. Então, ela tem que dizer quais são as tarefas, que eu faço”. Explícita a sobrecarga mental da mulher, o homem argumenta que passeia e dá água para o cachorro diariamente, desconsiderando os demais afazeres rotineiros necessários à manutenção da casa.

Temática 4: Impactos da Pandemia. O participante recebeu novos moradores em sua residência por oito meses (total de 12 pessoas, incluindo familiares e a empregada doméstica com sua filha) durante o isolamento social no pico pandêmico. Ele relata um cotidiano de teletrabalho bastante interrompido, ainda assim, prazeroso por propiciar a superação do vazio das relações presenciais interrompidas. Com a finalidade de manter a sociabilidade, o entrevistado se aproxima

mais dos familiares. O seu nível de qualidade de vida no domínio meio-ambiente está acima da média da amostra, o que atribuímos à infraestrutura previamente estabelecida, em que pesem as adequações/obras necessárias. Ainda quanto à qualidade de vida, os domínios físico, psicológico e relações sociais encontram-se consideravelmente abaixo da média, refletindo um desajuste com as circunstâncias vivenciadas na pandemia e a preferência pelo retorno aos moldes pré-pandêmicos explicitada verbalmente na entrevista.

Por características individuais de capacidade de foco, atenção e memória, o participante não teve facilidade em se adequar às propostas e demandas de teletrabalho, embora reconheça e valorize tal modelo de trabalho vigente por viabilizar sua permanência no mesmo Estado e cidade do seu núcleo familiar. Os fatores Autogestão (questões do perfil do servidor e suas atitudes no teletrabalho) e Sobrecarga de trabalho (esforço dispendido para a realização das atividades) também estão abaixo da média dos entrevistados, corroborando sua insatisfação velada e mascarada pela existência de um emprego estável que, por ser realizado virtualmente, permite acompanhar o local de residência da esposa (provedora majoritária da família).

O participante explicita o declínio de sua produtividade após iniciar o teletrabalho, justificado por seu diagnóstico de déficit de atenção. Assim, observamos a dualidade vivenciada pelo entrevistado e a consequente necessidade do alinhamento empresa-colaborador para avaliação social, caso a caso, da implantação do teletrabalho integral como regime permanente de trabalho, com o fim de evitar interferências no aproveitamento de potencialidades e impactos na saúde mental e convivência familiar.

Temática 5: Conflitos. O participante verbaliza conflitos quanto à necessidade de direcionamento pela esposa para realização de atividades domésticas, para que a empregada aceite passar a pandemia na casa dos patões e sobre as demandas domésticas identificadas ao estar em casa. Há ainda dois conflitos principais vivenciados pelo participante quanto a hierarquia de poder estabelecida na dinâmica familiar: o primeiro porque a bebê não demanda a mãe durante o expediente (respeitando desde cedo o momento profissional da esposa) mas já estaria acostumada a

direcionar suas demandas ao pai quando a mãe está no computador; e, o segundo conflito está ligado à relação financeira. Quando perguntado a respeito da divisão financeira dos gastos familiares, o entrevistado responde que a esposa “contribui” e, somente ao insistirmos na pergunta questionando o percentual de contribuição, revela ser o gasto com a manutenção da casa e rotina familiar majoritariamente feminino (70% a cargo da esposa).

A família manteve a empregada doméstica em isolamento social na residência durante o pico pandêmico e também já retornou com o auxílio da babá, porém, o participante demonstra perceber aumento na demanda doméstica “sobretudo porque ela [a esposa] voltou a trabalhar [após a licença maternidade]”. O trabalho “interrompido” quando realizado de casa o motiva a querer trabalhar fora das interferências do ambiente doméstico, em um espaço alternativo de *coworking*, ainda que em regime de teletrabalho.

Temática 6: Qualidade de Vida. O participante demonstra impactos negativos em sua qualidade de vida, de acordo com a avaliação comparativa escala WHOQOL-Bref, apresentando índices físico, psicológico e relações sociais abaixo da média da amostra dessa pesquisa, e exceção do domínio meio-ambiente que reflete índice compatível com a amostra. Atribuímos esse maior ajuste ambiental à estrutura física residencial proporcionada pela coparticipação majoritária da esposa na gestão e finanças domésticas.

Além da sensação de casa cheia relatada pelo participante em decorrência da presença de agregados externos ao núcleo familiar, o casal sentiu a necessidade de atender às exigências da babá para permanecer na casa dos patrões integralmente durante o pico pandêmico e assumir paralela e pontualmente as tarefas da empregada doméstica, o que incluiu compartilhar a residência também com a filha da babá. Além de perda do controle de acesso a si mesmo pelos familiares e agregados ininterruptamente, o teletrabalho impôs a necessidade de reuniões por vídeo que expõem a casa do participante, impactando sua percepção de qualidade de vida.

Temática 7: Perspectivas Futuras. Quando questionado acerca de perspectivas futuras, o respondente foca em sua vida laboral, assim como os demais entrevistados. Nesse sentido, sua fala

diverge dos demais respondentes por ser o único que prefere o retorno ao modelo de trabalho presencial. Tal opção é feita priorizando a possibilidade de não estar predominantemente no ambiente residencial por ser “interrompido” pelas demandas domésticas.

Assim, procuramos alcançar o objetivo proposto de identificar os principais impactos da pandemia no cotidiano do teletrabalhador selecionado, fundamentado na associação dos níveis de qualidade de vida, satisfação com a vida e qualidade de vida no teletrabalho do mesmo, com a média dos níveis dos 52 entrevistados, e, com a percepção de equidade nas práticas laborais domésticas do relato do Participante 32 (Entrevista 22). O estudo de caso considerou a análise das 7 temáticas centrais advindas do *cross-checking* e oriundas da integração entre *survey*, entrevistas e relato fotográfico.

Por meio desse estudo, buscamos atingir o objetivo de verificar a relação entre as modificações na dinâmica dos núcleos familiares no contexto pandêmico e o nível de satisfação com a vida (Objetivo Específico 3) relacionando as respostas quantitativas e qualitativas ao relato fotográfico e à entrevista individual de um dos participantes.

10. Discussão Geral

Pensamos que o ser humano é o centro de tudo, mas o que parou o mundo foi um vírus e o que possibilitou que todos permanecessem conectados foram as tecnologias digitais em rede. Durante muito tempo achamos que tudo era externo ou interno a nós mesmos, mas na verdade tudo está em conexão. A pandemia nos desafiou a compreender que não estamos sozinhos nesse mundo e que precisamos nos (re)conectar para ter uma vida melhor nesse planeta. (Schlemmer, 2021, p. 10)

No século XIX, com o advento revolução industrial, surgiram as fábricas e houve a inserção da mulher no mercado de trabalho. Assim, foi forjado o seccionamento entre mundos público e privado, vida reprodutiva com atividades domésticas e de cuidado, e, vida produtiva de trabalho remunerado; o afeto foi cingido e aprisionado no âmbito familiar (Araújo & Lua, 2021). Tais transformações, ora cristalizadas, foram colocadas de ponta a cabeça com a pandemia, em razão da necessidade de busca de um novo endereço para trabalhar, pelo impedimento da realização das práticas laborais no espaço “fábrica”. O trabalho, ao mudar-se para o ambiente doméstico, implicou em reorganização da vida e colocou uma lupa nas situações invisibilizadas da vida social: competição direta, no mesmo espaço e tempo, entre trabalho produtivo e tarefas imbricadas nas atividades de reprodução.

A pandemia e o consequente isolamento social implicam em um retorno compulsório à era pré-industrial, quando da casa emanava o trabalho. Agora, porém, com as relações extramuros mediadas pela tecnologia. Esse cenário de trabalho profissional descentralizado enfraquece o coletivo de trabalhadores que tinham no próprio local de trabalho maiores trocas formais e informais com seus pares, e, assim, criavam vínculos de afeto e amizade advindos da proximidade no ambiente laboral, para além do contato estritamente profissional. Os relacionamentos

(...) antes eram baseados na proximidade física, mas que hoje já não existe e não existirão com tanta intensidade no futuro, especialmente, em tempos de trabalho por plataforma, tal qual a ‘uberização’ do mercado, que apresenta uma nova face do trabalho precarizado. (Souza et al., 2021, p. 4)

No bojo do teletrabalho vieram vantagens e desvantagens. Inicialmente, o desafio experienciado pela maioria dos trabalhadores foi, abrupta e compulsoriamente, começar a realizar tarefas profissionais por meio exclusivamente de plataformas digitais. Cenário agravado pela imposição da responsabilidade de transformar o espaço domiciliar em posto de trabalho (no início provisoriamente, passando a ser definitivo), ou, ainda, pela falta de condições materiais ou psicológicas do trabalhador para fazê-lo. Além dos custos de aquisição de infraestrutura e manutenção, o uso de aparatos tecnológicos sem familiaridade, formação ou prescrições mínimas para lidar com tal tecnologia (Souza et al., 2021), pode vir a alijar o trabalhador que, por qualquer motivo, não teve rede de apoio para enquadrar-se nesse perfil.

Posteriormente, o desafio passou a ser o encontro do ponto de desconexão do trabalho, uma vez que se vivia e convivia com computadores e celulares conectados ininterruptamente à internet. Esse panorama interferiu e modificou o entendimento corrente acerca da percepção de privacidade e interação no espaço doméstico, em decorrência da potencialização do uso e influência de tais tecnologias nos hábitos e costumes. O controle de acesso a si mesmo e ao seu grupo deslocou-se da casa ou do cômodo para o nosso corpo, dado que há a possibilidade de conexão externa ao ambiente íntimo até pela habitual presença dos dispositivos tecnológicos com câmeras e/ou microfones continuamente conectados via *Wi-Fi*. A conjunção entre o número de integrantes do núcleo familiar e suas movimentações no espaço disponível, interfere (e até mesmo atrapalha) nas atividades que demandam maiores níveis de concentração. Torna-se importante atentar para organização espacial da casa e seus usos, com a finalidade de propiciar interações e a privacidade necessária para cada família (Villa et al., 2021).

Há de se pesar a parcela da população sem acesso a recursos computacionais que ficou ainda mais alijada das relações sociais pessoais e de trabalho. Por outro lado, o empregado vivencia mais autonomia para gerir as suas atividades, o que implica em ganhos na saúde mental e bem-estar para esses que alcançaram o seu ponto de equilíbrio.

Aspectos como o medo generalizado, o sentimento de morte iminente e o luto coletivo alteraram o perfil das relações sociais, havendo um aumento amplo de empatia nas interações e demonstrações de afinidade com o próximo durante a crise pandêmica. As relações passam a se entrelaçar mais por proximidade física já que os deslocamentos remetem ao contágio. “As aprendizagens se voltam para vida e sua qualidade, para saúde e o aproveitamento do tempo para família, amigos e lazer” (Real et al., 2021, p. 72). Já em 1988, a Constituição Federal em seu artigo 6º, positivou como direito social o lazer. Assim, o tempo para investimento em si mesmo é, antes de mais nada, um direito. O tempo para entretenimento, prática de esportes e convívio em família foi relatado como impacto positivo da pandemia, principalmente advindo da redução dos deslocamentos e facilitação com demandas e processos que, a contar de então, passaram a ser realizados virtualmente.

A ausência do marco referencial de início e término do expediente, como habitualmente realizado mediante marcação de ponto, catraca física ou digital eletrônica, repercutiu no aumento das horas trabalhadas em decorrência da flexibilidade de horários para realização de tarefas profissionais. Se por um lado a vantagem da flexibilização é conciliar demandas laborais e familiares, o que, principalmente, reduz o absenteísmo de pessoas desmotivadas ou responsáveis por crianças e/ou idosos, a desvantagem presente nesse conflito de demandas e no abrandamento da separação entre trabalho e lazer é a possibilidade de “causar e agravar a degradação do ambiente familiar” (Tolentino et al., 2023, p. 468). Quando o limiar de estresse foi ultrapassado, alguns respondentes relataram que recorreram ao consumo cotidiano de álcool para desanuviar (Lemos et al., 2020).

O teletrabalho necessita de um modelo de gestão que o torne mais aderente à esfera pública. A pandemia evidenciou desvantagens (não adaptação; falta de comunicação; perda de vínculo com a empresa; problemas psicológicos; infraestrutura; e controle do teletrabalhador) e vantagens (melhoria da qualidade de vida; maior equilíbrio na relação trabalho vs. família; maior produtividade; flexibilidade; criação de métricas; redução de custo; estresse; tempo de deslocamento; exposição à violência; e conhecimento da demanda de trabalho) desse modelo de trabalho (Filardi et al., 2020).

Uma das vantagens do teletrabalho é a flexibilização da jornada, que permite à mulher conciliar vida doméstica e profissional em casa. Em contrapartida, essa mesma flexibilidade legitima a dupla jornada de trabalho. E, dado que, culturalmente, a tendência a assumir a maior quantidade de atividades domésticas é da mulher, há maior propensão de adesão ao modelo de teletrabalho por esse público. Raramente as mulheres conseguem converter tal flexibilidade em cuidados pessoais, tendendo a sentir mais as desvantagens do teletrabalho (Tolentino et al., 2023).

Houve crescimento, durante a pandemia, do volume de trabalho não somente corporativo, mas, principalmente, as questões de cuidado com a casa e filhos em paralelo ao desempenho do trabalho remoto. Crianças sem a devida infraestrutura (babás, creche ou escola) demandaram mais atenção. O aumento do fluxo intradomiciliar consolidou jornadas opressivas e exaustivas das mulheres, ao provocar incremento nas demandas domésticas (Lemos et al., 2020). O volume de trabalho aumentou na medida em que mais moradores do mesmo núcleo familiar ocuparam simultaneamente, e por mais tempo, o mesmo espaço (Souza et al., 2021). Soma-se a isto, a ausência de profissionais de suporte à rotina da residência como cozinheiras e faxineiras, que ratificou a necessidade de que alguém suprisse a demanda de execução das atividades básicas de cuidado e funcionamento rotineiro da casa, uma vez que “a presença dos homens em casa não significa cooperação ou distribuição simétrica das tarefas, mas sim o aumento da sobrecarga de trabalho feminino”. (Souza et al., 2021, p. 8).

Por outro lado, em alguns casos durante o isolamento, até foi percebida maior contribuição dos homens, mas, a responsabilidade continuou a cargo das mulheres. As atividades serem fundamentalmente responsabilidade delas é explicitada e ratificada pelo caráter de “ajuda” da contribuição dos homens nos afazeres domésticos. Paira a dúvida sobre a excepcionalidade de tal participação, se foi somente associada ao contexto de crise ou se será consolidada nas vivências vindouras.

As tarefas domésticas não são percebidas quando executadas a contento, na normalidade do cotidiano; porém, saltam aos olhos os efeitos da não realização das mesmas (Lunardello et al., 2021).

O peso do machismo leva os homens a se esquivarem das atribuições domésticas, o que torna a realização do teletrabalho mais árdua para as mulheres, principalmente para as mães.

Adicionalmente, nesse cenário, as mães-solo se encontram em lugar de maior desgaste com o acúmulo dos papéis de provedora integral financeira e de cuidadora (Silva et al., 2020b). Evidenciado pela pandemia, o acúmulo da árdua tripla jornada experienciada por todas as mulheres mães nas áreas de cuidado com os filhos, rotina da casa e demandas profissionais, lança luz sobre as questões históricas de desigualdade de gênero, além de potencializar conflitos trabalho-família.

A ausência de filhos minimiza, para a mulher, a obrigação iminente de fazer, e, viabiliza a leitura de vantagens que atenuam o peso do contexto. Assim, é permitido maior equilíbrio entre as diferentes atividades do dia-a-dia e a maior sobrecarga vivenciada é associada às atividades profissionais. Além disso, os homens, pela proximidade do contexto doméstico, passaram a perceber mais o peso das atividades da casa e, conseqüentemente, a contribuir mais. Dessa forma, houve ganho, principalmente, para as mulheres sem filhos ou dependentes diretos: em tempo para investimento em si mesmas e em estreitamento dos laços no relacionamento com o parceiro.

Em que pese o excesso de demandas/“falta de tempo” ser uma fonte principal de conflitos entre vidas profissional e familiar, para algumas mulheres, sobretudo as mães, o teletrabalho na pandemia amenizou tal conflito trabalho-família. Os maiores índices de satisfação simultâneos ao aumento da carga de trabalho se devem ao convívio familiar propiciado pela COVID-19 (Lemos et al., 2020). Então, o benefício da convivência física nos lares para mães, possivelmente já habituadas a lidar com uma sobrecarga rotineira, suplantou o excesso de trabalho, que foi suportado e relativizado.

A realização materna e profissional, aliada a um contexto equilibrado, tende a ser mais valorizada pelas mães do que lidar com a sobrecarga de trabalho, apesar de sintomas como esgotamento, burnout e dificuldades em trabalhar, posto que flexibilidade e proximidade física da família se mostram prioridades. Além da conciliação trabalho-vida familiar, condicionada por parâmetros imbricados nas relações de gênero, emergem questões como mobilidade urbana

(redução de deslocamentos/distâncias e fuga da violência) e o aspecto financeiro (redução do consumismo, de gastos com alimentação fora de casa e combustível/passagens; Maio, 2019).

Por razão do início do descortinamento do contexto pós-pandêmico, também cabe refletir sobre a base na qual vem se construindo a implementação ampliada do teletrabalho híbrido ou integral frente às diversas peculiaridades presentes na força de trabalho das organizações (Lemos et al., 2020). Assim como devem ser considerados os ganhos em economia de tempo de deslocamento para empregados e em redução de gastos com infraestrutura física para empregadores; por outro lado, deve ser levada em conta a possibilidade de estarem sendo ratificadas desigualdades entre trabalhadores de condições individuais múltiplas e com diferentes arranjos doméstico-familiares, de maneira que a implementação do teletrabalho não se dê de jeito homogêneo para todos os colaboradores mas sim em uma perspectiva inclusiva que considere a particularidade de cada um.

No caso específico das mulheres experienciando o cenário pandêmico, a intensa sobrecarga injusta e contínua por trabalho doméstico, além de agravada, apresentou custos como avaliações negativas no e sobre o trabalho, vide a redução da produção de mulheres no campo científico, bem como custos associados à saúde física e mental (IPEA, 2020). Tais custos em transtornos mentais e problemas na saúde física da mulher trabalhadora são também provenientes de falácia social e autoengano de ser possível ocupar duas funções ao mesmo tempo sem perdas, e, da associação entre a sobreposição de funções e falta de apoio vivenciada na maioria dos lares (Melo, 2021). Realmente o período crítico de isolamento social trouxe desequilíbrio psíquico a muitas pessoas, como tristeza e transtornos de ansiedade e depressão, e, como forma de amenizar os impactos na saúde mental, a interação em mídias sociais contribuiu para o enfrentamento das dificuldades percebidas nesse contexto (Primo, 2020).

Da mesma forma que a saúde é individualizada e se repete para todos, tornando-a uma questão pública, o trabalho não remunerado de mulheres tem sua especificidade em cada núcleo familiar, porém se constitui como problema público por se repetir em todos os lares. Frente ao exposto, a compreensão do peso de um trabalho diário e ininterrupto de cuidados com a casa e a

família apresenta impacto e relevância na engrenagem de cada família e, por consequência, reverbera na sociedade como um todo. Todas as famílias vivenciaram as mazelas da crise simultaneamente e, se por um lado cada núcleo familiar o sentiu e o experienciou de um jeito único e específico, foi notada e evidenciada a importância do apoio do Estado quando percebido o valor e a falta das trabalhadoras domésticas no cotidiano das classes média/alta. O papel atribuído aos homens e às mulheres nas famílias foi evidenciado pela ausência de equidade nas práticas domésticas. Assim, ainda que o tempo de recuperação completa sobre os efeitos da pandemia seja longo (e indeterminado), a evidência da relação maternidade-carreira implica na provisão de um tempo ainda maior para recuperação de mulheres mães ou com dependentes diretos (Silva et al., 2020b).

Nesse sentido, a corresponsabilização do Estado para implementação de políticas públicas em prol da reprodução da vida apresenta-se urgente e indispensável. Há de se pensar sobre a necessidade de um recorte de gênero que equalize e busque solucionar as implicações das crises concomitantemente experienciadas na pandemia: crise na saúde, pelo agravo sanitário e vez que majoritariamente o trabalho de cuidado é realizado por mulheres como assistentes sociais, enfermeiras e psicólogas; crise econômica, que deixou as mulheres mais vulneráveis ao desemprego, à fome e à violência doméstica (Jornal Nacional, 2022); e, crise pela sobrecarga doméstica. Devido à visão distorcida e introjetada predominantemente de que o trabalho doméstico é uma atribuição nata das mulheres, alternativas que “minimizem os conflitos e contradições entre o trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo para que as mulheres não paguem sozinhas a conta pela crise” (Mantovani & Areosa, 2021, p. 13), podem retirá-las do papel de responsáveis únicas pelos filhos e principalmente pela casa.

Lógicas distintas regem o trabalho não remunerado de cuidados nos lares e o trabalho produtivo no mercado de trabalho, que se afetam mutuamente, ainda mais a contar da pandemia, quando passaram a dividir o mesmo ambiente físico. A geração de renda para satisfação das necessidades econômicas e o cuidado com a família demandam investimento de tempo, tanto na

vida de homens como de mulheres. Enquanto o termo divisão sexual do trabalho faz referência à engrenagem de valores morais, obrigações e responsabilidades resultantes da divisão entre os sexos, historicamente à ideologia pré-concebida na sociedade a respeito de qualidades e habilidades inerentes a homens ou mulheres chama-se estereótipo de gênero, que define expectativas para comportamentos e atitudes, e, hierarquiza-os (IPEA, 2020).

Tais estereótipos de gênero sustentam a divisão sexual do trabalho e, via de regra, os comportamentos e as atitudes concebidos como femininos são desvalorizados frente aos masculinos. Em que pese o processo de alteração em curso, o trabalho não remunerado de cuidados nos lares é responsabilidade das mulheres e tem menos valia em relação ao trabalho produtivo, por forma insensível à entrada em massa de mulheres no mercado de trabalho. Entre os diversos fatores que impulsionam a mulher a trabalhar profissionalmente fora do ambiente doméstico, destaca-se a necessidade do salário de ambos (homem e mulher) para compor a renda familiar, de modo a manter um padrão de vida mais elevado (Santos, 2022). Assim, a tensão estabelecida entre mundo produtivo e mundo de cuidados incide máxime sobre as mulheres, em forma de jornadas cumulativas. São elas que, por meio do trabalho reprodutivo, cuidam do físico e emocional das pessoas no núcleo familiar; imprescindível, portanto, para possibilitar que os corpos e mentes de todos estejam aptos para o trabalho produtivo (IPEA, 2020).

Constitui-se em uma gama de tarefas realizadas cotidianamente, invisibilizadas e que parecem nunca terminar, pois acontecem no decorrer dos respiros da vida. O preparo dos alimentos; a organização do cotidiano familiar e doméstico; o cuidado com as crianças, com a higiene pessoal, com as pessoas doentes, com a casa, e com a transmissão de valores; o cuidado com as pessoas idosas; e o gerenciamento dos afetos e das relações são todas atividades construídas, em grande medida, na intimidade das casas. Apesar de sua importância, ainda é frágil a compreensão de que este é um trabalho que sustenta o funcionamento da sociedade, sem o qual não há a reprodução da vida. (IPEA, 2020, p. 9)

Portanto, a concepção cultural de que o trabalho não remunerado de cuidado é responsabilidade exclusiva da mulher perdura (IPEA, 2020), ainda que elas também devam receber cuidados. Políticas de conciliação vida produtiva laboral e reprodutiva familiar são insuficientes e inexistente a corresponsabilidade social no quesito cuidados, tanto entre os casais como entre as famílias, as organizações e o mercado, o Estado e a sociedade como um todo.

Ainda que circunstancial, o momento de isolamento social provocou muitas mudanças concomitantes e gerou aumento nos níveis de estresse nas famílias. As mulheres foram as mais afetadas do núcleo familiar, e o subgrupo mais vulnerável e sem condição de aderir ao teletrabalho, precisou descumprir o isolamento recomendado, arriscando a saúde para garantir o sustento da família (Camassola & Raupp, 2022).

A construção de uma mudança de paradigma social que reorganize as dinâmicas correntes da divisão sexual do trabalho e desconstrua a convicção cultural de tarefas de cuidado doméstico como atributo nato das mulheres faz-se urgente para melhora na qualidade de vida. Historicamente são vivenciadas mudança de parâmetros ao longo do tempo na mesma sociedade, nesse sentido a percepção de qualidade de vida não é estática, mas se modula com eventos significativos com o passar do tempo, vide as epidemias e pandemias. Culturalmente, os valores e necessidades podem divergir entre os povos, como as diferentes visões e expectativas sobre homens e mulheres, o que tende a alinhar-se no mundo amplamente interconectado e globalizado. E, quanto aos padrões de bem-estar, por estarem estratificados entre as classes sociais, as camadas superiores refletem tais padrões almejados (Kluthcovsky & Takayanagui, 2007). Assim, como qualidade de vida pode ser descrita de acordo com sua referência histórica, cultural e padrões de bem-estar, deve-se atentar para a posição imposta às mulheres, suas possibilidades de acolhimento e transformação rumo ao alcance de melhores níveis de qualidade de vida e satisfação com a vida.

O isolamento social limita a liberdade de ir e vir, a capacidade de escolha dos indivíduos: o que, como e quando fazer. Em meio ao convívio familiar, tal restrição se complica principalmente para mulheres que têm companheiro e piora ainda mais para mães. Em relação à possibilidade de acesso

ao mundo externo, o sofrimento recai com mais ênfase sobre o homem. Isto pois, as mulheres já convivem com graus de liberdade reduzidos em função dos mandatos culturais que as condicionam, como a maternidade, o lugar basilar-prioritário na educação da prole e a responsabilização pelo trabalho doméstico, que implicam de antemão em restrições às suas perspectivas de movimento.

O preconceito de gênero se evidencia no estereótipo que mostra as mulheres dentro de casa e os homens fora dela, logo, no contexto do confinamento, a mulher está no lugar “dela”, enquanto o homem está confinado em um espaço estranho, um espaço no qual deve até mesmo aprender regras básicas para habitar. (Cavieres-Higuera et al., 2021, p. 191)

Devido aos altos níveis de estresse e tensão como os vivenciados no confinamento, as relações muito próximas, e em certa medida já desgastadas, aumentaram a incerteza da vivência, e, assim, houve uma necessidade ativa de certezas. A possibilidade de transcendência cultural entre o modelo patriarcal e uma maior abertura aos direitos das mulheres perde força na medida em que pessoas abaladas pelo contexto de crise tornam-se mais ansiosas e vulneráveis, apegando-se às verdades previamente estabelecidas e distanciando-se, nesse caso, de comportamentos mais igualitários ainda em processo de construção, não socialmente consolidados (Cavieres-Higuera et al., 2021).

A admissão e validação de divisões sociais como classe, gênero, ocupação e qualificação, alimenta a manutenção da ordem social. Uma vez que a sociedade percebe as categorias do mundo social conforme divisões e arranjos sociais vigentes, acatam aos interesses da classe dominante. O descaso político e social para com as desigualdades de gênero (disparidade salarial e segregação ocupacional feminina) vem se propagando ao longo da história republicana brasileira. Tais desigualdades caracterizam-se por práticas profissionais constituídas pela lógica do favor e de não-direito. “Vale destacar que as mulheres também são produtoras e reprodutoras das estruturas de dominação, inclusive das suas” (Mincato et al., 2013, p. 12).

No trecho da entrevista a seguir, podemos observar o não envolvimento ou corresponsabilização do homem, abrandado pela presença em casa durante a pandemia.

A diferença de antes da pandemia para agora, é mais ou menos a mesma coisa... só que eu passei a fazer mais. Ela também estava, saía pra trabalhar e ficava enrolada... agora não, agora está sujo eu tenho que ir lá... mais obrigação... já que você está... já que não... (...) Eu ajudo, mas sou... ajudar é tranquilo, como se tudo que tiver que fazer eu faço. Eu sou meio preguiçoso mas sou... [faz sinal de aspas com as mãos] meio a meio mandado... cuidar da organização que me afeta aqui... eu sou um pouco bagunceiro, normal, mas eu fui mais... eu até acho que a coisa precisa me incomodar. Na hora que me incomoda, eu levanto e faço. Enquanto não está me incomodando eu vou deixando um pouco pra lá... aí às vezes cria problema, não é?! Ela não é assim, ela quer limpar em lote. (...) Minha mulher reclama um pouco, mas um pouco, não muito. Ela disse que ela também está ficando cansada, né?! Mas a gente tem a casa da gente, só que a gente é preguiçoso pra fazer essas coisas e é aquilo que eu te falei, eu só faço quando eu acho que... eu não me incomodo! ... Quando eu acho que está sujo mesmo aí eu vou e limpo. Eu não fico procurando sujeira pra limpar, né?!

(Entrevista 34, homem de 58 anos)

Tal trecho denota que a divisão do trabalho a ser feito é baseada na percepção do homem para a necessidade de realização. Como os homens, em geral, não apresentam pré-disposição para percepção de *affordances* em casa, julgam-se isentos dessa responsabilidade que recaí integralmente sobre as mulheres. A forma de contribuição do homem nas tarefas doméstica, quando se dá, é em caráter de “ajuda”. Ou seja, fica para a mulher, também, a responsabilidade de chama-lo para a execução de tarefas. Isso, a despeito das atribuições profissionais e da carga de operacionalização das atividades cotidianas, repercute em maior carga mental para as mulheres.

Além do aumento do volume de trabalho produtivo e reprodutivo, a falta de organização do trabalho profissional, que tempestuosamente adentrou os lares, repercutiu como sobrecarga extra

para mulheres. As empresas, também surpresas e desestabilizadas, não tiveram tempo de provisionar treinamentos aos colaboradores nem às lideranças diretas para lidarem com a virtualização das demandas. Devido aos cuidados com a casa, com os filhos, com os maridos e outros dependentes, e, com as exigências do trabalho, quase totalidade das entrevistadas relatou sentimento de angústia e impotência em atender às múltiplas demandas concomitantes exacerbadas na pandemia. “Alegam que não conseguem fazer nada a contento: não cuidam da casa e dos filhos como desejariam e não atendem às demandas do trabalho, como deveriam” (Lemos et al., 2020, p. 392).

Por fim, a questão norteadora do presente estudo lança luz sobre a interface entre a percepção de equidade nas práticas laborais domésticas e os níveis de qualidade e satisfação com a vida para trabalhadores, frente às alterações na dinâmica dos núcleos familiares advindas do contexto pandêmico. Como fio condutor para obter a resposta foram realizados os Estudos 1 (análise quantitativa), o Estudo 2 (análise qualitativa) e o Estudo 3 (interrelação entre análise quantitativa e qualitativa por meio de estudo de caso em temáticas). Assim, aponta-se como resultado geral que diante das considerações acerca do cenário pandêmico, do isolamento social e do trabalho remoto compulsório, destacam-se enquanto fatores de impacto nos níveis de satisfação com a vida, qualidade de vida e qualidade de vida no teletrabalho dos entrevistados as temáticas perda de privacidade, adequação da infraestrutura, aumento na demanda doméstica, impactos positivos e negativos da pandemia, conflitos em contexto familiar/aprendizado em relacionamentos e perspectivas para o futuro. Logo, foram identificados os principais impactos da pandemia no cotidiano de trabalhadores fundamentado na associação entre nível de qualidade de vida e percepção de equidade nas práticas laborais domésticas, a saber: o trabalho evidenciou que as pessoas ainda não perceberam a questão da equidade em sua totalidade, havendo, muitas vezes, equidade em seus discursos conscientes, porém, exemplificado de jeito não equitativo. Essa é a resposta geral encontrada para a pergunta norteadora. Frente ao exposto, uma distribuição equânime de tarefas continua a ser o grande desafio para iniciar processo de embasamento rumo à justiça social.

11. Considerações Finais

A pandemia exige da sociedade, da família e dos seus indivíduos uma unidade e cooperação para enfrentamento das dificuldades emocionais, financeiras, políticas e de saúde pública decorrentes. Em épocas que os indivíduos encontram-se esgotados física e emocionalmente, sob constante estresse nos mais variados setores existenciais, a família deve resgatar o seu papel de núcleo de proteção e amparo aos indivíduos, o que somente será possível com uma importante mudança de paradigma, com a compreensão de que é necessária a unidade de seus membros para a promoção da paz. (Nahas & Antunes, 2020, p. 1)

A interdisciplinaridade do estudo da relação pessoa-ambiente nos âmbitos doméstico e laboral contribuiu com significativos achados, em especial no que tange ao delineamento de questões correlatas a gênero, equidade na vivência família e novas relações de trabalho. A polarização da vida pessoal e profissional pré-pandêmica vem sofrendo interferências e sérias modificações devido ao “novo normal” (Martins et al., 2021), caracterizado pelo avanço das tecnologias.

Hoje, muitos homens e mulheres permanecem em teletrabalho (integral ou híbrido), agora com o transporte público funcionando lá fora, as crianças indo novamente às escolas, os jovens de volta às universidades e, talvez, com o retorno dos trabalhadores domésticos aos seus postos. Mas a casa não é mais apenas a residência para muitas famílias. Diversas mudanças nos ambientes cotidianos vieram para ficar e isso trouxe implicações variadas, da conscientização acerca das tarefas domésticas cotidianas e invisibilidade das múltiplas jornadas da mulher às reflexões individuais e familiares sobre valores e expectativas, significados de qualidade de vida e necessidade de atenção à saúde mental.

O ambiente residencial assumiu papel central no cotidiano dos indivíduos, dado ênfase à inter-relação pessoa ambiente. O “novo normal” estabelecido é experienciado por uma sociedade impactada, transformada e mais cônica da importância das relações nos ambientes domésticos, a

começar deles. Um vírus letal superado por uma etapa de aprendizado caseiro, o dever de casa que faltava para valorização das relações e da vida.

A começar do enfoque na casa como polo concentrador das funções sociais, os resultados sugerem o refletir da relação entre acúmulo de papéis do feminino potencializados pelo teletrabalho e a percepção de equidade nas práticas laborais domésticas no contexto pandêmico e consequente nível de qualidade de vida e satisfação com a vida de trabalhadores formais. Com pano de fundo das funções básicas (casa, trabalho e lazer) inicialmente impelidas ao espaço doméstico e atualmente retomadas ao ambiente urbano devido ao advento pandemia, espera-se contribuir para o conhecimento sobre possíveis impactos na qualidade de vida de colaboradores em teletrabalho. Assim, almejamos contribuir na presente pesquisa com a geração de informações e proposições caracterizadoras do momento atual singular dos indivíduos. Tais aspectos, concernem à descrição do meio doméstico feminino em interface com atividades laborais e que refletem meandros da vida cotidiana. Vislumbrou-se ainda contribuir com melhorias futuras para vida das pessoas, com equidade de oportunidades na família, sociedade e trabalho.

Por fim, os principais resultados tangenciaram questões de fomento a reflexões que conduzam a melhores níveis de qualidade de vida e equidade nas relações domésticas laborais. De modo a contribuir para o empoderamento das mulheres e redução das desigualdades de gênero, através do reconhecimento do vínculo entre satisfação com a vida, qualidade de vida feminina, equidade, prosperidade e justiça social.

Sugestões de Novas Pesquisas

Com o encerramento da emergência de saúde pública de interesse nacional da pandemia da COVID-19 no Brasil, declarada pelo Ministério da Saúde em 22 de abril de 2022, iniciou-se o retorno às atividades presenciais ou híbridas profissionais e de educação. Nesse sentido, novos estudos são necessários para avaliar a permanência no teletrabalho ou a adoção de um modelo híbrido de trabalho e estudo pelos profissionais e seus possíveis efeitos. Considerando a possibilidade e atual tendência de manutenção do modelo de teletrabalho, é fundamental acompanhar se a desigualdade

de gênero nos afazeres domésticos continuará a ocorrer, sobrecarregando a mulher, além dos possíveis impactos na saúde mental dos profissionais que adotarem esse regime de trabalho.

12. Referências

- Abbad, G., & Torres, C. V. (2002). Regressão múltipla stepwise e hierárquica em Psicologia Organizacional: Aplicações, problemas e soluções. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(spe), 19–29. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000300004>
- Altman, I., & Christensen, K. (1990). Environment and behavior studies: Emergence of intellectual traditions. Em I. Altman, & K. Christensen (Orgs.), *Human behavior and environment* (Vol. 11, pp. 31-48). Sommer.
- Anderson, K. L., & Burckhardt, C. S. (1999). Conceptualization and measurement of quality of life as an outcome variable for health care intervention and research. *Journal of Advanced Nursing*, 29(2), 298–306. <https://doi.org/10.1046/j.1365-2648.1999.00889.x>
- Andrade, L. L. S. (2020). *Desenvolvimento de um instrumento de medida de qualidade de vida no teletrabalho* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/38921>
- Araújo, T. M. de, & Lua, I. (2021). O trabalho mudou-se para casa: Trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 46, e27. <https://doi.org/10.1590/2317-6369000030720>
- Ascom SE/UNA-SUS. (2020, 27 fev). *Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença*. UNA-SUS. <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>
- Barbosa, A. L. N. H., Costa, J. S., & Hecksher, M. (2020). Mercado de trabalho e pandemia da COVID-19: Ampliação de desigualdades já existentes? *Boletim Mercado de Trabalho*, 69. <https://doi.org/10.38116/bmt69/notastecnicas1>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barker, R. G. (1968). *Ecological Psychology: Concepts and methods for studying the environment of human behavior*. Stanford University Press.
- Baruffaldi, M., Santos, M., & Bursztyn, I. (2022). Impactos na saúde e habitação na pandemia da covid19: Uma revisão sistemática da literatura. *Anais do Simpósio Brasileiro de Qualidade de*

- Projeto do Ambiente Construído*. Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído. <https://doi.org/10.29327/sbqp2021.438158>
- Bernard, Y. (2005). Contribuição da Psicologia Ambiental para a política de construção de moradias. *Psicologia USP*, 16(1–2), 213–222. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000100023>
- Bernd, A. E. F. (2022). *Estudo sobre as adequações dos espaços domésticos para o home office em tempos de isolamento* [Dissertação de Mestrado, Escola de Engenharia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Design, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional da UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/258830>
- Bezerra, A. C. V., Silva, C. E. M. D., Soares, F. R. G., & Silva, J. A. M. D. (2020). Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(supl 1), 2411–2421. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>
- Bittencourt, V. S., Campelo Junior, A., Gomes, J. R. L., & Machado, F. M. S. (2018). *O que faz a vida ser melhor? Os determinantes do bem-estar subjetivo: Evidências da sondagem do bem-estar no Brasil*. Repositório Institucional da FGV. <https://hdl.handle.net/10438/24883>
- Boryor, C. (2023). *O impacto da pandemia COVID-19 nos relacionamentos íntimos e satisfação com a vida em adultos portugueses: Um estudo quantitativo* [Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve]. Repositório Institucional da Universidade do Algarve. <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/19687>
- Camargo, S. F., Almino, R. H. S. C., Diógenes, M. P., Oliveira Neto, J. P. D., Silva, I. D. S. D., Medeiros, L. C. D., Dantas, K. G. R., & Camargo, J. D. D. A. S. (2021). Qualidade de vida no trabalho em diferentes áreas de atuação profissional em um hospital. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(4), 1467–1476. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.02122019>
- Camargo, T. M. (2012, 22-24 maio). Iniciativas de mobilidade urbana sustentável em uma cidade de porte médio: O caso de Rio Claro, SP, Brasil. *Actas 7mo Congreso de Medio Ambiente AUGM*, La Plata, Argentina.

http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/26729/Documento_completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y

- Camassola, C. S., & Raupp, L. M. (2022). *Sexualidade em tempos de pandemia: A experiência de mulheres em relacionamentos afetivo-sexuais*. Repositório Universitário da Ânima (RUNA). <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/29932>
- Carneiro, C., & Bindé, P. J. (1997). A Psicologia Ecológica e o estudo dos acontecimentos da vida diária. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2(2), 363–376. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000200010>
- Cavalcante, S. (2003). A porta e suas múltiplas significações. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(2), 281–288. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000200010>
- Cavalcante, S., & Pinheiro, N. P. (2018). Privacidade. Em S. Cavalcante, & G. A. Elali (Orgs.), *Psicologia Ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente* (pp. 167-176). Vozes.
- Cavieres-Higuera, H., Messias, J. C. C., & Baldan, L. (2021). Imagens estereotípicas de família e casal no contexto da pandemia da Covid-19. *Revista Psicologia e Saúde*, 181–195. <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i2.1542>
- Coelho-Melazo, G. (2005). Percepção ambiental e educação ambiental: Uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. *Olhares & Trilhas*, 6(1), 45-51. <https://seer.ufu.br/index.php/olhasesetilhas/article/view/3477>
- Conselho Nacional de Saúde. (2016, 7 abr). Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. *Diário Oficial da União*, 98(1), 44. <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-510-de-7-de-abril-de-2016-22917558>
- Conselho Nacional de Saúde. (2020, 11 maio). *Recomendação nº 036, de 11 de maio de 2020: Recomenda a implementação de medidas de distanciamento social mais restritivo (lockdown), nos municípios com ocorrência acelerada de novos casos de COVID-19 e com taxa de ocupação dos serviços atingido níveis críticos*. CNS.

<https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/recomendacoes-2020/1163-recomendacao-n-036-de-11-de-maio-de-2020>

- Conselho Nacional de Secretários de Saúde, Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde, & Organização Pan-Americana de Saúde. (2020). *COVID-19 estratégia de gestão: Instrumento para apoio à tomada de decisão na resposta à pandemia da COVID-19 na esfera local* (2a. ed.). CONASS, CONASEMS & OPAS/OMS. <https://www.conass.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Estrategia-de-Gestaoo-Covid-19-2-1.pdf>
- Costa, I. S. A. (2004). *Poder/saber e subjetividade na construção do sentido do teletrabalho* [Tese de Doutorado, Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas]. Repositório Institucional FGV. <https://hdl.handle.net/10438/3273>
- Cotrim, L. R., Teixeira, M. O., & Proni, M. W. (2020). Desigualdade de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil. *Texto para Discussão, Unicamp, IE, 383*. <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD383.pdf>
- Damáσιο, B. F. (2021). *Como calcular alfa de Cronbach e ômega do McDonald's: Tutorial: Alfa de Cronbach e ômega de McDonald*. Psicometria Online Academy.
- Diener, E., Emmons, R., Larsen, R., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment, 49*, 71–95. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13
- Dutra, G. K. M., & Higuchi, M. I. G. (2018). Environmental perceptions of children who live in degraded spaces in the amazon. *Ambiente & Sociedade, 21*(0). <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc0097r1vu18l3ao>
- Elali, G. V. M. A. (2022). Em busca da ambiência criativa: Uma abordagem exploratória do conceito. Em M. M. Valença (Org.), *Arquitetura e Criatividade* (pp. 61-84). EdUFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/47651>
- Elali, G. A., & Medeiros, S. T. F. (2011). Apego ao lugar (Vínculo com o lugar – Place attachment). Em S. Cavalcante, & G. A. Elali (Orgs.), *Temas básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 53-62). Vozes.

- Ferrans, C. E. (1996). Development of a conceptual model of quality of life. *Scholarly Inquiry for Nursing Practice*, 10(3), 293-304.
- Filardi, F., Castro, R. M. P. D., & Zanini, M. T. F. (2020). Vantagens e desvantagens do teletrabalho na administração pública: Análise das experiências do Serpro e da Receita Federal. *Cadernos EBAPE.BR*, 18(1), 28–46. <https://doi.org/10.1590/1679-395174605>
- Fleck, M. P. D. A., Leal, O. F., Louzada, S., Xavier, M., Chachamovich, E., Vieira, G., Santos, L. D., & Pinzon, V. (1999). Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 21(1), 19–28. <https://doi.org/10.1590/S1516-44461999000100006>
- Fleck, M. P., Louzada, S., Xavier, M., Chachamovich, E., Vieira, G., Santos, L., & Pinzon, V. (2000). Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida “WHOQOL-bref”. *Revista de Saúde Pública*, 34(2), 178–183. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102000000200012>
- Franco, J. A. B., Battistelle, R. A. G., & Bezerra, B. S. (2021). A brief study of public transportation and sustainable cities management during COVID-19 pandemic. *Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades*, 9(72), 59-74.
- Fonseca, B. G., Jorge, C., & Saliba, G. R. (2021). Da sobrecarga de trabalho ao desemprego: Os impactos da pandemia sobre a mulher que trabalha. *Cadernos de Direito*, 20(38), 141-155. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/cd/article/view/41704222/2578>
- Formiga, M. S., Fleury, L. F. O., & Souza, M. A. (2015). Evidência psicométrica da versão reduzida da Escala de Expectativa de Futuro. *Revista de Psicologia*, 6(1), 19-32.
- Gibson, J. J. (1986). *The ecological approach to visual perception*. Cornell University.
- Gil, T. (2020, 3 abr). *Coronavírus: Como os EUA se tornaram novo epicentro da pandemia de Covid-19*. Terra. <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/coronavirus-como-os-eua-se-tornaram->

novo-epicentro-da-pandemia-de-covid-

19,a0821d632136170a3c1c0cababc8aaf2jey7vk1c.html

Giordani, L. L., & Ruschel, A. C. (2021). A arquitetura como ferramenta para a qualidade de vida:

Mudanças espaciais no cenário da Pandemia (COVID-19). *Revista Thêma et Scientia*, 11(2E).

[https://www2.fag.edu.br/professores/arquiteturaeurbanismo/TC%20CAUFAG/TC2021.2/36%](https://www2.fag.edu.br/professores/arquiteturaeurbanismo/TC%20CAUFAG/TC2021.2/36%20LUANNA%20LIMA%20GIORDANI/3)%20Arquivo%20FINAL%20SEM%20marcações%20-%20TCC%20FINAL%20-%20LUANNA%20LIMA%20GIORDANI.pdf)

[20LUANNA%20LIMA%20GIORDANI/3\)%20Arquivo%20FINAL%20SEM%20marcações%20-](https://www2.fag.edu.br/professores/arquiteturaeurbanismo/TC%20CAUFAG/TC2021.2/36%20LUANNA%20LIMA%20GIORDANI/3)%20Arquivo%20FINAL%20SEM%20marcações%20-%20TCC%20FINAL%20-%20LUANNA%20LIMA%20GIORDANI.pdf)

[%20TCC%20FINAL%20-%20LUANNA%20LIMA%20GIORDANI.pdf](https://www2.fag.edu.br/professores/arquiteturaeurbanismo/TC%20CAUFAG/TC2021.2/36%20LUANNA%20LIMA%20GIORDANI/3)%20Arquivo%20FINAL%20SEM%20marcações%20-%20TCC%20FINAL%20-%20LUANNA%20LIMA%20GIORDANI.pdf)

Gouveia, V. V., Barbosa, G. A., Andrade, E. O., & Carneiro, M. B. (2005). Medindo a satisfação com a

vida dos médicos no Brasil. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 54(4), 298-305.

Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Da Fonseca, P. N., & Coelho, J. A. P. D. M. (2009). Life satisfaction in Brazil:

Testing the psychometric properties of the satisfaction with life scale (SWLS) in five Brazilian

samples. *Social Indicators Research*, 90(2), 267–277. [https://doi.org/10.1007/s11205-008-](https://doi.org/10.1007/s11205-008-9257-0)

[9257-0](https://doi.org/10.1007/s11205-008-9257-0)

Gressler, S. C., & Günther, I. D. A. (2013). Ambientes restauradores: Definição, histórico, abordagens e

pesquisas. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), 487–495. [https://doi.org/10.1590/S1413-](https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000300009)

[294X2013000300009](https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000300009)

Günther, H. (2003). Mobilidade e affordance como cerne dos Estudos Pessoa-Ambiente. *Estudos de*

Psicologia (Natal), 8(2), 273–280. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000200009>

Günther, H., & Günther, I. A. (2018). Environmental Psychology inspired by a planned city. *IAPS*

Bulletin, 46, 8-12. https://iaps-association.org/wp-content/uploads/2018/09/Bulletin_46.pdf

Günther, H., & Rozestraten, R. (1993). Psicologia Ambiental: Algumas considerações sobre sua área de

pesquisa e ensino. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9, 107-122.

G1. (2020a, 23 de jan). Pequim cancela festas de Ano Novo chinês e fecha Cidade Proibida por

epidemia de coronavírus. G1. [https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/23/pequim-](https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/23/pequim-cancela-festas-de-ano-novo-chines-por-conta-de-epidemia-de-coronavirus.ghtml)

[cancela-festas-de-ano-novo-chines-por-conta-de-epidemia-de-coronavirus.ghtml](https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/23/pequim-cancela-festas-de-ano-novo-chines-por-conta-de-epidemia-de-coronavirus.ghtml)

G1. (2020b, 22 de maio). *América do Sul se tornou o novo epicentro da COVID-19 e Brasil é o país mais afetado, diz OMS*. G1.

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/22/america-do-sul-se-tornou-o-novo-epicentro-da-COVID-19-diz-oms.ghtml>

G1. (2023). *Tema da redação do Enem 2023 é 'Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil': Quase 4 milhões de pessoas se inscreveram para realizar as provas, que acontecem neste domingo (5) e no próximo (12)*. G1.

<https://g1.globo.com/educacao/enem/2023/noticia/2023/11/05/tema-da-redacao-do-enem-2023-e-desafios-para-o-enfrentamento-da-invisibilidade-do-trabalho-de-cuidado-realizado-pela-mulher-no-brasil.ghtml>

Heilborn, M. L. A., Peixoto, C. E., & Barros, M. M. L. D. (2020). Tensões familiares em tempos de pandemia e confinamento: Cuidadoras familiares. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(2), e300206. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300206>

Higuchi, M. I. G., & Theodorovitz, I. J. (2018). Territorialidade(s). Em S. Cavalcante, & G. A. Elali (Orgs.), *Psicologia ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente* (pp. 228-236). Vozes.

Hirata, H. (2015). Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero: Divisão sexual do trabalho numa perspectiva comparativa. *Análise*, 7. <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12133.pdf>

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2019). *Objetivos de desenvolvimento sustentável: 5. Igualdade de gênero*. IPEA. <https://www.ipea.gov.br/ods/ods5.html>

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2020). *Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil* [Nota Técnica nº 75]. Disoc: Diretoria de Estudos e Políticas Sociais.

https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10077/1/NT_75_Disoc_Vulnerabilidades%20das%20Trabalhadoras%20Domesticas.pdf

- Jesus, E. M., & Madrid, F. M. L. (2020). A pandemia: Aprendizado e desafios para o futuro. *ETIC*, 16.
<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/8734>
- Jornal Nacional. (2022, 13 de jun). *Crise econômica deixa mulheres mais vulneráveis ao desemprego, à fome e à violência doméstica*. G1. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/13/crise-economica-deixa-mulheres-mais-vulneraveis-ao-desemprego-a-fome-e-a-violencia-domestica.ghtml>
- Kimura, M., & Silva, J. V. D. (2009). Índice de qualidade de vida de Ferrans e Powers. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(spe), 1098–1104. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000500014>
- Kluthcovsky, A. C. G. C., & Takayanagui, A. M. M. (2007). Qualidade de vida: Aspectos conceituais. *Revista Salus: Setor de Ciências da Saúde*, 1(1), 13-15.
<https://revistas.unicentro.br/index.php/salus/article/view/663>
- Lei nº 13.467. (2017, 13 jul). Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. *Diário Oficial da União*, 134(1). https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/19173773/do1-2017-07-14-lei-no-13-467-de-13-de-julho-de-2017-19173618
- Lei nº 13.979. (2020, 6 fev). Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. *Diário Oficial da União*, 27(1). <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>
- Lemos, A. H. D. C., Barbosa, A. D. O., & Monzato, P. P. (2020). Mulheres em home office durante a pandemia da COVID-19 e as configurações do conflito trabalho-família. *Revista de Administração de Empresas*, 60(6), 388–399. <https://doi.org/10.1590/s0034-759020200603>

- Lunardello, M. F., Freire, K. M., & Bertolin, P. T. M. (2021). Professoras no contexto da pandemia do coronavírus: Home office e divisão sexual do trabalho. *Anais do V Desfazendo Gênero – V Seminário Internacional Desfazendo Gênero*, Simpósio Temático nº 15, Divisão Sexual do Trabalho, Relações de Gênero e Diversidade Sexual: Desafios Atuais e Interloquções com a Ciência & Tecnologia (C&T) e a Educação Profissional e Tecnológica (EPT).
https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_07122021193425.pdf
- Machado, L. M. (2021). *Legado de uma pandemia: 26 vozes conversam sobre os aprendizados para política pública*. Autografia.
- Maciel, A. S., & Lando, G. A. (2021). Desafios e perspectivas do mundo do trabalho pós-pandemia no Brasil: Uma análise da flexibilização trabalhista e os paradoxos do home office/anywhere office. *Revista Espaço Acadêmico*, 20(esp), 63-74.
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/58043>
- Madalozzo, R., Martins, S. R., & Shiratori, L. (2010). Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: Homens e mulheres têm condições iguais? *Revista Estudos Feministas*, 18(2), 547–566. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000200015>
- Maio, I. S. (2019). Os impactos do teletrabalho na saúde mental dos trabalhadores: Um estudo na justiça federal o Rio de Janeiro. *Anais do 16º Congresso Brasileiro e Assistentes Sociais*, 40 anos a “virada” o Serviço Social, Eixo: Trabalho, questão social e serviço social.
<https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/download/146/143>
- Mantovani, E., & Areosa, S. V. C. (2021). Trabalho doméstico na pandemia de COVID-19: A agudização dos conflitos e contradições. *Anais do X Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional*, Unisc.
<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/viewFile/20901/1192613451>

- Marins, M. T., Rodrigues, M. N., Silva, J. M. L. D., Silva, K. C. M. D., & Carvalho, P. L. (2021). Auxílio Emergencial em tempos de pandemia. *Sociedade e Estado*, 36(2), 669–692.
<https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136020013>
- Martins, J. C. O., Melo, C. F., Barbosa Jr, F. W. S. (2021). Ensaio da pandemia: O isolamento social entre caos e recriação da vida. *Appris*.
- Mayor, S. T. S., Silva, M. D. S., & Lopes, C. G. (2020). Perspectivas sobre o lazer das mulheres com a pandemia do Novo Coronavírus: Reflexões a partir dos dados da pesquisa “O Lazer no Brasil - Representações e Concretizações das Vivências Cotidianas”. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 23(3), 163–189.
<https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25363>
- McClelland, T., & Sliwa, P. (2023). Gendered affordance perception and unequal domestic labour. *Philosophy and Phenomenological Research*, 107(2), 501–524.
<https://doi.org/10.1111/phpr.12929>
- Melo, K. C. R. (2021). *Os impactos do home office na vida das mulheres trabalhadoras antes e durante a pandemia de COVID-19, no Brasil: uma revisão sistemática da literatura* [Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Gestão e Negócios, da Universidade Federal de Uberlândia]. Repositório Institucional da UFU.
<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/33656>
- Minayo, M. C. D. S., Hartz, Z. M. D. A., & Buss, P. M. (2000). Qualidade de vida e saúde: Um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1), 7–18. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100002>
- Mincato, R., Dornelles Filho, A. A., & Soares, L. M. P. C. (2013, 7-8 out). Desigualdades de gênero: Disparidade salarial e segregação ocupacional. *Anais do XII Encontro Sobre os Aspectos Econômicos e Sociais da Região Nordeste do RS*, Desenvolvimento Regional e Parques Tecnológicos: A visão da Região Nordeste do Rio Grande do Sul, Caxias do Sul, RS.
https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/TEC_09_XII_EAESRNE_Desigualdade_de_genero.pdf

- Muniz, V. C., & Pospichil, J. D. S. (2018). Desenvolvimento sustentável e empoderamento econômico das mulheres: Reflexões sobre a divisão sexual do trabalho e sua repercussão na efetividade do direito ao desenvolvimento. *Revista Eletrônica Direito e Sociedade - REDES*, 6(2), 235.
<https://doi.org/10.18316/redes.v6i2.4239>
- Nahas, L. F., & Antunes, A. P. O. (2020, 28 de set). Pandemia, fraternidade e família: A convivência e a importância da manutenção dos laços familiares. IBDFAM.
<https://ibdfam.org.br/index.php/artigos/1567/Pandemia,+fraternidade>
- Nahas, M. V. (2017). *Atividade física, saúde e qualidade de vida: Conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo* (Ed. Autor; 7a. ed.).
https://sbafs.org.br/admin/files/papers/file_llduWnhVZnP7.pdf
- Neves, J. R. C. (2020). *O mundo pós pandemia: Reflexões sobre uma nova vida* (2a. ed.). Nova Fronteira.
- Nilles, J. M., Carlson, F. R., Gray, P., & Hanneman, G. F. (1976). *The telecommunications-transportation tradeoff: Options for tomorrow*. John Wiley & Sons.
- Nobre, M. R. C. (1995). Qualidade de vida. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, 64(4), 299-300.
- O Povo. (2021, 1 mar). *Secretário de saúde do Brasil solicitam fechamento de praias e toque de recolher nacional para frear a pandemia*. O Povo.
<https://www.opovo.com.br/coronavirus/2021/03/01/amp/secretarios-de-saude-do-brasil-solicitam-fechamento-de-praias-e-toque-de-recolher-nacional-para-frear-pandemia.html>
- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. (n.d.). *Indicadores brasileiros para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. ODSBrasil. <https://odsbrasil.gov.br>
- Oleson, M. (1990). Subjectively perceived quality of life. *Image: The Journal of Nursing Scholarship*, 22(3), 187–190. <https://doi.org/10.1111/j.1547-5069.1990.tb00205.x>
- Oliveira, C. M., & Melnick, E. C. C. (2017). Políticas públicas municipais participativas: Reflexões sobre a função social das cidades. Em C. M. Oliveira (Org.), *Novos direitos: A interdisciplinaridade do direito na sociedade contemporânea* (pp. 29-46). UFSCar.

- Oliveira, F. I. S., & Rodrigues, S. T. (2006). Affordances: A relação entre agente e ambiente. *Ciências & Cognição*, 9, 120-130. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v9/v9a13.pdf>
- Organização Pan-Americana da Saúde. (n.d.). *Histórico da pandemia de COVID-19*. OMS. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>
- Pagliarini, A. C., & Teixeira, M. F. A. S. H. (2021). Virtualidade e precarização: O trabalho feminino em tempos de pandemia. *Revista Jurídica da Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA)*, 16(a). <https://revista.fadismaweb.com.br/index.php/revista-juridica/issue/view/6>
- Palhares, G. C., Santos, A. S. D., Ariento, E. A., & Gomes, J. D. O. (2020). A privacidade em tempos de pandemia e a escada de monitoramento e rastreio. *Estudos Avançados*, 34(99), 175–190. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.011>
- Paschoal, S. M. P., Filho, W. J., & Litvoc, J. (2007). Development of Elderly Quality of Life Index– EQOLI: Theoretical-conceptual framework, chosen methodology, and relevant items generation. *Clinics*, 62(3), 279–288. <https://doi.org/10.1590/S1807-59322007000300012>
- Pereira, É. F., Teixeira, C. S., & Santos, A. D. (2012). Qualidade de vida: Abordagens, conceitos e avaliação. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26(2), 241–250. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000200007>
- Pereira, F. D. F. F., Fortuna, D. R., & Silva, R. D. (2021). Sociabilidade em tempos de quarentena: O WhatsApp como ferramenta de interação social durante a pandemia de COVID-19. *Travessias*, 15(2), 404–422. <https://doi.org/10.48075/rt.v15i2.27349>
- Pereira, M. D., Oliveira, L. C. D., Costa, C. F. T., Bezerra, C. M. D. O., Pereira, M. D., Santos, C. K. A. D., & Dantas, E. H. M. (2020). A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: Uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 9(7), e652974548. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4548>
- Pimenta, F. A. P., Vilela, P. C. O., & Moura, V. G. C. (2021). Qualidade de vida e função familiar em trabalhadores do Projeto Operador de Alto Desempenho (POAD) em uma mineradora. Em J.

- C. F. Fonseca, B. M. C. Reis, J. A. T. Monteiro, E. C. Vieira, & J. N. G. Araújo (Orgs.), *Psicologia, trabalho e processos psicossociais: Pesquisas e intervenções* (pp. 83-98). PUC Minas.
- PNUD Brasil. (n.d.). *IDH*. PNUD Brasil. <https://www.undp.org/pt/brazil/idh>
- Porto, D. (2009). Trabalho doméstico e emprego doméstico: Atribuições de gênero marcadas pela desigualdade. *Revista Bioética*, 16(2), 287-303.
http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/74/77
- Primo, A. (2020). Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: Intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19. *Revista Comunicação & Inovação (São Caetano do Sul)*, 21(47), 176-198.
https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/7283
- Qiu, J. (2022, 29 jul). *Covid-19: Qual o papel do mercado úmido de Wuhan, na China, no início da pandemia?* National Geographic Brasil.
<https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2022/07/covid-19-qual-o-papel-do-mercado-umido-de-wuhan-na-china-no-inicio-da-pandemia>
- Ramos, C., Abreu, P., Batalhone, A. P., Modelli, F. S., & César, P. M. (2009). Conferência Mundial de Direitos Humanos – Viena, 1993: Tópico: A inter-relação entre democracia, desenvolvimento e direitos humanos. *Construindo Juntos o Nosso Futuro Comum, SINUS Simulação das Nações Unidas para Secundaristas, Guia de Estudos*.
http://dhnet.org.br/direitos/anthist/viena/diversos_viena_guia_historico.pdf
- Real, L. M. C., Stepanski, L. M. P., Picetti, J. S., & Sirangelo, L. G. (2021). Possibilidades de aprendizagem na pandemia de COVID19. *Revista Saberes Plurais Educação e Saúde*, 5(1), 72-91. <https://seer.ufrgs.br/index.php/saberesplurais/article/view/109424>
- Reppold, C., Kaiser, V., Zanon, C., Hutz, C., Casanova, J. R., & Almeida, L. S. (2019). Escala de Satisfação com a Vida: Evidências de validade e precisão junto de universitários portugueses. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 6(1), 15-23.
<https://doi.org/10.17979/reipe.2019.6.1.4617>

- rfi.fr. (2020a, 20 mar). *Covid-19 transforma a vida na Itália, novo epicentro mundial da pandemia*.
rfi.fr. <https://www.rfi.fr/br/europa/20200320-covid-19-transforma-vida-da-população-e-dos-políticos-na-italia-novo-epicentro-mundi>
- rfi.fr. (2020b, 13 mar). *Italianos cantam das janelas de casa durante quarentena do coronavírus*. rfi.fr.
<https://www.rfi.fr/br/europa/20200313-italianos-cantam-das-janelas-de-casa-durante-quarentena-do-coronavírus>
- Rodrigues, R. R. M., & Balzan, C. F. P. (2023). A leitura em tempos de pandemia: Um estudo de caso sobre as práticas de leitura realizadas na Biblioteca Pública Castro Alves. *Língua Tec, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul*, 8(2), 97-116.
<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/LinguaTec/article/download/6688/3378>
- Russo, E., Figueira, A. R., Kogut, C. S., & Mello, R. D. C. D. (2022). Os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020: Impactos da COVID-19 e da transformação digital. *Cadernos EBAPE.BR*, 20(2), 318–332.
<https://doi.org/10.1590/1679-395120210150>
- Santos, E. A. (2022). *A vivência do conflito trabalho-família na adoção do home office em contexto de pandemia por mulheres mães que atuam em instituições financeiras* [Trabalho de Conclusão de Curso, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional da UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256865>
- Santos, F. K. O. (2023). *Na casa que vivo: Um olhar sobre o impacto do home-office em tempos de pandemia* [Trabalho de Conclusão de Curso, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório Institucional da UFPE.
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/51047>
- Santos, J. B. S., Santiago, E., Lopes, E. R., Merighi, C., Duarte, A. G. G., & Cyrino, C. M. S. (2021). A vivência da maternidade em meio à pandemia. *Global Academic Nursing Journal, SPE.1*(2).
<https://doi.org/10.5935/2675-5602.20200095>

- Santos, L. S. (2020). Dilemas morais da gestão pública brasileira no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus. *Revista de Administração Pública*, 54(4), 909–922.
<https://doi.org/10.1590/0034-761220200219>
- Sardenberg, C. (2018). Negociando gênero em desenvolvimento: Os feminismos brasileiros em destaque. *Cadernos Pagu*, 52. <https://doi.org/10.1590/18094449201800520001>
- Sasaki, R., Aguiar, A. C. D. S. A., & Martins, L. A. (2022). Estratégias utilizadas por pessoas idosas no enfrentamento do isolamento social durante a pandemia da Covid-19. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 15(11), e11323. <https://doi.org/10.25248/reas.e11323.2022>
- Schlemmer, E. (2021). A pandemia proporcionou vários aprendizados. *TICs & EAD Em Foco*, 7(1).
- Secretaria de Vigilância em Saúde. (2020, 17 abr). *Boletim Epidemiológico nº 11*. Ministério da Saúde.
<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid-19/2020/boletim-epidemiologico-no-11-boletim-coe-coronavirus.pdf/view>
- Silva, H. G. N., Santos, L. E. S., & Oliveira, A. K. S. (2020a). Efeitos da pandemia do novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades. *Journal of Nursing and Health*, 10(esp), e20104007.
- Silva, J. M. S., Cardoso, V. C., Abreu, K. E., & Silva, L. S. (2020b). A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. *Revista Feminismos, UFBA*, 8(3), 149-161.
- Silva Junior, S. H. A. D., Vasconcelos, A. G. G., Griep, R. H., & Rotenberg, L. (2011). Validade e confiabilidade do índice de capacidade para o trabalho (ICT) em trabalhadores de enfermagem. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(6), 1077–1087. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000600005>
- Silveira, B. B., & Felipe, M. L. (2019). *Ambientes restauradores: Conceitos e pesquisas em contextos de saúde*. UFSC. <https://lapam.paginas.ufsc.br/files/2019/06/AMBIENTES-RESTAURADORES-conceitos-e-pesquisa-em-contextos-de-saude.pdf>

- Silveira, S. M. L., Rossi, R. A., & Vuono, G. D. D. (2020). Pandemia: (Mesmos) modos de morar e trabalhar? *Revista Políticas Públicas & Cidades*, (esp), 1-5. <https://doi.org/10.23900/2359-1552v1n1-5-2020>
- Simonetti, S. R., Botelho, E. S., & Moretti, E. C. (2022). Impactos da pandemia de Covid-19 no fluxo e práticas de visitação em parques nacionais no Brasil. *Confin*, 56. <https://doi.org/10.4000/confin.48585>
- Sommer, R. (2018). Espaço pessoal. Em S. Cavalcante, & G. A. Elali (Orgs.), *Psicologia ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente* (pp. 47-58). Vozes.
- Souza, A. M. C. R., & Miguel, M. V. (2021). *Trabalho versus tecnologia: O direito à desconexão na era digital em tempos de pandemia* [Trabalho de Conclusão de Curso em Direito, Fundação de Ensino Eurípedes Soares da Rocha]. UNIVEM Aberto: Repositório Institucional UNIVEM. <https://aberto.univem.edu.br/handle/11077/2009>
- Souza, J. B. F. de, Almeida, K. A. S. L. de, & Gomes, I. C. (2022). Os desafios da conjugalidade na pandemia de COVID-19. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 10(23), 95–114. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2022.v.10.n.23.449>
- Souza, K. R. D., Santos, G. B. D., Rodrigues, A. M. D. S., Felix, E. G., Gomes, L., Rocha, G. L. D., Conceição, R. D. C. M., Rocha, F. S. D., & Peixoto, R. B. (2021). Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. *Trabalho, Educação e Saúde*, 19, e00309141. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00309>
- Spink, M. J. P. (2020). “Fique em casa”: A gestão de riscos em contextos de incerteza. *Psicologia & Sociedade*, 32, e020002. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32239826>
- Sucupira, F. (2016). Divisão sexual do trabalho e o tempo cotidiano das mulheres de baixa renda. *Idéias*, 7(1), 15. <https://doi.org/10.20396/ideias.v7i1.8649509>
- Supremo Tribunal Federal. (2020, 17 dez). *Plenário decide que vacinação compulsória contra Covid-19 é constitucional*. Portal STF. <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=457462&ori=1>

- Tenório, R. J. M. (2021). A saúde mental e ergonômica no trabalho remoto no pós-pandemia. *Revista Espaço Acadêmico*, 20, 96-105.
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/58092>
- Thomé, D., & Melo, H. P. D. (2021). Empregadas domésticas, cuidadoras e afazeres domésticos: O viés de gênero da pandemia de Covid19. *Política & Sociedade*, 20(48), 153–177.
<https://doi.org/10.5007/2175-7984.2021.78094>
- Tolentino, M. J. M., Oliveira, K. P., & Amaral de Castro, M. A. (2023). Teletrabalho na pandemia: Percepções de trabalhadores do Poder Executivo de Minas Gerais. *Revista do Serviço Público*, 74(2), 462-486. <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/7848>
- Tribunal Superior do Trabalho. (n.d.). *A Justiça do Trabalho como Justiça Social*. TST.
<https://www.tst.jus.br/justica-social#:~:text=A%20Organização%20Internacional%20do%20Trabalho,riqueza%20que%20ajudou%20a%20gerar>
- Ulrich, R. S., Simons, R. F., Losito, B. D., Fiorito, E., Milles, M. A., & Zelson, M. (1991). Stress recovery during exposure to natural and urban environments. *Journal of Environmental Psychology*, 11, 201-230. [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(05\)80184-7](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(05)80184-7)
- UNICEF. (1945). *Carta das Nações Unidas*. UNICEF. <https://www.unicef.org/brazil/carta-das-nacoes-unidas>
- Vasconcelos, C. S. S., Feitosa, I., Medrado, P. L. R., & Barbosa, A. P. (2020). O novo coronavírus e os impactos psicológicos da quarentena. *Desafios: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, 7(Esp.3), 75-80. <https://doi.org/10.20873/uftsutle2020-8816>
- Veloso, F. (2021, 22 mar). *O impacto da pandemia no mercado de trabalho*. Blog do IBRE.
<https://blogdoibre.fgv.br/posts/o-impacto-da-pandemia-no-mercado-de-trabalho>
- Villa, S. B., Carneiro, G. P., Moraes, R. A., & Carvalho, N. L. M. (2021). Reflexões sobre o impacto da pandemia de COVID-19 no espaço doméstico. *Gestão & Tecnologia de Projetos*, 14(4).
<https://www.revistas.usp.br/gestaodeprojetos/article/view/176851>

- World Health Organization. (2020, 4 fev). *2019 Novel Coronavirus (2019-nCoV): Strategic preparedness and response plan*. WHO. <https://www.who.int/publications/i/item/strategic-preparedness-and-response-plan-for-the-new-coronavirus>
- WHOQOL Group. (1993). Study protocol for the World Health Organization project to develop a Quality of Life assessment instrument (WHOQOL). *Quality of Life Research*, 2(2), 153-159. <http://dx.doi.org/10.1007/BF00435734>
- Wiesenfeld, E. (2005). A Psicologia Ambiental e as diversas realidade humanas. *Psicologia USP*, 16(1-2), 53-69. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000100008>

13. Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar da pesquisa QUALIDADE DE VIDA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CASA, TRABALHO E EQUIDADE, sob a responsabilidade da pesquisadora mestranda Isabel Luiza de Oliveira Rangel, vinculada ao curso de pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações da Universidade de Brasília - UnB. O objetivo desta pesquisa é obter uma associação entre a percepção de equidade nas práticas laborais domésticas e o nível de qualidade de vida de trabalhadores formais no contexto pandêmico. Assim, gostaria de consulta-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes, no decorrer da pesquisa e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de questionário a ser realizado virtualmente, conforme sua disponibilidade, com um tempo estimado de 15 (quinze) minutos para sua realização. Alguns participantes, mas não todos, serão convidados a participar de uma segunda etapa da pesquisa, que consistirá na realização de entrevista individual que será áudio gravada, para coleta do depoimento da sua história durante a pandemia e que caracterizará o seu estilo de vida quanto a equidade nas relações domésticas: mudanças físicas na residência, emprego, educação e aspectos familiares. É para estes procedimentos que o(a) senhor(a) está sendo convidado a participar.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos, tais como uma maior sensibilidade e percepção quanto às questões da pandemia ou um desconforto por estar sendo gravado. O risco de ter sua identidade revelada será minimizado com as seguintes estratégias: será facultativa a identificação por nome, havendo o campo de identificação no questionário somente para fins de contato com os participantes interessados em realizar a segunda etapa da pesquisa - entrevistas. Os áudios gravados das entrevistas serão excluídos após transcrição dos mesmos.

Fica assegurado o seu direito de retirar-se da pesquisa em qualquer momento e por qualquer motivo. Se você aceitar participar, estará contribuindo para conhecer seu nível de Qualidade de Vida em Tempos de Pandemia. O estudo poderá explorar aspectos sobre satisfação com a vida e qualidade de vida.

Espera-se com esta pesquisa contribuir para o seu autoconhecimento, levando a reflexões quanto ao próprio nível de qualidade de vida, satisfação com a vida e qualidade de vida no tele trabalho do(a) senhor(a).

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O(a) Senhor(a) não terá despesas diretamente relacionadas à pesquisa.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica, sem que haja a divulgação de informações individuais referentes aos participantes. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda da pesquisadora por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, telefone para: Isabel Rangel, na Universidade de Brasília, no telefone (61)3107-6919, disponível inclusive para ligação a cobrar. A pesquisadora também poderá ser contatada via e-mail isabel.rangel@aluno.unb.br ou il_rangel@yahoo.com.br.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. Dúvidas e informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidas pelo telefone (61) 3107-1592 ou pelo e-mail cep_chs@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o(a) senhor(a).

Assinatura do/a participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, _ de _____ de ____.

Desde já, agradecemos sua confiança e colaboração.

() Sim, quero participar.

() Não, prefiro deixar para uma próxima oportunidade.

14. Anexo B – Instrumentos

Escala de Satisfação com a Vida – Brazilian-Portuguese Version of the Satisfaction With Life Scale (SWLS-BP)

INSTRUÇÕES. Abaixo você encontrará cinco afirmações com as quais pode ou não concordar. Usando a escala de resposta a seguir, que vai de 1 a 7, indique o quanto concorda ou discorda com cada uma; assinale um número no espaço ao lado da afirmação, segundo sua opinião. Por favor, seja o mais sincero possível nas suas respostas.

7 = Concordo totalmente

3 = Discordo ligeiramente

6 = Concordo

2 = Discordo

5 = Concordo ligeiramente

1 = Discordo totalmente

4 = Nem concordo nem discordo

1. ____ Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal.
2. ____ As condições da minha vida são excelentes.
3. ____ Estou satisfeito (a) com minha vida.
4. ____ Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero da vida.
5. ____ Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida.

Escala Breve de Qualidade de Vida (WHOQOL-BREF)

Instruções. Este questionário procura conhecer a sua qualidade de vida, saúde e outras áreas da sua vida. Por favor, responda a todas as perguntas. Se não tiver a certeza da resposta a dar a uma pergunta, escolha a que lhe parecer mais apropriada. Esta pode, muitas vezes, ser a resposta que lhe vier primeiro à cabeça. Por favor, tenha presente os seus padrões, expectativas alegrias e preocupações. Pedimos-lhe que tenha em conta a sua vida nas duas últimas semanas. Por exemplo, se pensar nestas duas últimas semanas, pode ter que responder à seguinte pergunta:

Recebe das outras pessoas o tipo de apoio que necessita? (Nada, Pouco, Moderadamente, Bastante, Completamente)

Deve assinalar a opção que melhor descreve o apoio que recebeu das outras pessoas nas duas últimas semanas. Assim, marcaria a opção “Bastante” se tivesse recebido bastante apoio, ou a opção “Nada” se não tivesse tido nenhum apoio dos outros nas duas últimas semanas.

Por favor, leia cada pergunta, veja como se sente a respeito dela e assinale a opção da escala para cada pergunta que lhe parece que dá a melhor resposta.

1. Como você avaliaria sua qualidade de vida? (Muito má, Má, Nem boa nem má, Boa, Muito boa);
2. Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde? (Muito insatisfeito, Insatisfeito, Nem satisfeito nem insatisfeito, Satisfeito, Muito satisfeito);

As perguntas seguintes são para ver até que ponto sentiu certas coisas nas últimas duas semanas (Alternativas: Nada, Pouco, Nem muito nem pouco, Muito, MUITÍSSIMO):

3. Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?
4. O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?
5. O quanto você aproveita a vida?
6. Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?
7. O quanto você consegue se concentrar?
8. O quanto você se sente em segurança em sua vida diária?
9. Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?

As seguintes perguntas são para ver até que ponto experimentou ou foi capaz de fazer certas coisas nas duas últimas semanas (Alternativas: Nada, Pouco, Moderadamente, Bastante, Completamente):

10. Você tem energia suficiente para seu dia-a-dia?
11. Você é capaz de aceitar sua aparência física?
12. Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?
13. Quão disponíveis para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?
14. Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer?
15. Como você avaliaria sua mobilidade [capacidade para se movimentar e deslocar por si próprio (a)]? (Alternativas: Muito má, Má, Nem boa nem má, Boa, Muito boa)

As perguntas que se seguem destinam-se a avaliar se se sentiu bem ou satisfeito em relação a vários aspectos da sua vida nas duas últimas semanas (Alternativas: Muito insatisfeito, Insatisfeito, Nem satisfeito nem insatisfeito, Satisfeito, Muito satisfeito):

16. Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?
17. Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?
18. Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?
19. Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?
20. Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?
21. Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?
22. Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?
23. Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?
24. Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?
25. Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?

As perguntas que se seguem referem-se à frequência com que sentiu ou experimentou certas coisas nas duas últimas semanas (Alternativas: Nunca, Poucas vezes, Algumas vezes, Frequentemente, Sempre):

26. Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?

Equações para calcular a pontuação dos domínios.

Domínio1: $(6-Q3) + (6-Q4) + Q10 + Q15 + Q16 + Q17 + Q18$

Domínio 2: $Q5 + Q6 + Q7 + Q11 + Q(19) + (6-Q26)$

Domínio 3: $Q20 + Q21 + Q22$

Domínio 4: $Q8 + Q9 + Q12 + Q13 + Q14 + Q23 + Q24 + Q25$

Escala de Qualidade de Vida no Teletrabalho (QVT)

Pensando sobre o desenvolvimento de seu trabalho quando está realizando o teletrabalho, assinale a alternativa que melhor representa seu grau de concordância com as frases escritas, sendo que: 0 significa discordância total e 10 significa total concordância.

Fator 1: Autogestão do Teletrabalho.

- 1 Consigo conciliar minha vida pessoal com a profissional
- 2 Faço o meu trabalho com mais qualidade quando estou em teletrabalho
- 3 Sinto-me mais disposto para realizar o trabalho, por não ter que me deslocar até a instituição
- 4 O teletrabalho me proporciona um estilo de vida mais saudável
- 5 Sinto-me satisfeito ao realizar as minhas atividades em regime de teletrabalho
- 6 Consigo organizar meu trabalho de forma efetiva
- 7 O teletrabalho possibilita que eu fique mais próximo à minha família

- 8 Estabeleço uma rotina no teletrabalho sem dificuldade
- 9 Sou capaz de controlar meu horário quando estou em regime de teletrabalho
- 10 Consigo ter momentos livres durante o dia de teletrabalho
- 11 Tenho disciplina na execução das atividades

Fator 2: Contexto do Teletrabalho.

- 12 Posso opinar nas decisões sobre a distribuição de tarefas
- 13 O [órgão] oferece apoio para minhas atividades de teletrabalho
- 14 Percebo a valorização do resultado do meu trabalho
- 15 Minha chefia apoia a realização do teletrabalho em minha unidade
- 16 Negocio a programação das minhas tarefas com meu chefe
- 17 Estando em teletrabalho, tenho oportunidade de ser promovido

Fator 3: Infraestrutura de Trabalho.

- 18 Realizo minhas atividades em um espaço físico apropriado
- 19 Executo minhas atividades em um local com luminosidade adequada
- 20 Utilizo móveis ergonômicos para execução das tarefas

Fator 4: Estrutura Tecnológica.

- 21 A conexão com a internet atende as minhas necessidades no teletrabalho
- 22 No teletrabalho, a velocidade da rede de internet é satisfatória
- 23 Todos os softwares necessários para o desenvolvimento do meu trabalho são efetivos fora da instituição

Fator 5: Sobrecarga de Trabalho.

- 24 Avalio que minha carga de trabalho aumentou ao realizar o teletrabalho

25 No teletrabalho, percebo uma maior cobrança por resultados

26 Com o teletrabalho, preciso trabalhar mais para ser reconhecido

27 O teletrabalho exige maior comprometimento

Questões Discursivas

1. Quando penso em teletrabalho no [órgão], o que me causa mais mal-estar é

2. Quando penso em teletrabalho no [órgão], o que me causa mais bem-estar é

Roteiro Entrevista Semiestruturada

Breve apresentação, objetivos da pesquisa e TCLE;

QUALIDADE DE VIDA:

- Durante o tempo de pandemia, quais foram os principais impactos no cotidiano? E no âmbito doméstico? E em especial na sua casa, seguiu esse padrão?

EQUIDADE:

- De que maneira as tarefas de casa foram redistribuídas?

- Em caso de filhos em idade escolar, de que maneira as atividades e demandas dos filhos alteraram a dinâmica do núcleo familiar?

CASA:

Qual foi a sensação, de casa cheia ou de casa vazia? E como ficou a privacidade nesse contexto? Fale um pouquinho da sua qualidade de vida na pandemia, todo mundo dentro de casa?

TRABALHO: E como foi a organização quando o trabalho precisou ir pra dentro de casa repentinamente? - De que forma nesse período de teletrabalho ficaram as relações com os colegas de trabalho?

FOTO do ambiente de teletrabalho do participante (e do parceiro em teletrabalho): Comente.

- Com a pandemia, teve alguma mudança em casa? O que mudou quanto ao espaço físico de seu domicílio?

- Como ficou a divisão de tarefas? Houve algum acordo entre você e seu companheiro (e/ou demais moradores da casa) quanto a uma divisão de tarefas?

- Você se lembra de algum evento em que a sua rotina de trabalho tenha sofrido alguma intercorrência ou interferência por alguma situação familiar ? Isso teve alguma influencia neutra, positiva ou negativa de um modo geral na sua qualidade de vida vivenciando essas situações?

- Em reação à sua percepção de qualidade de vida, qual a sua relação com abrir a câmera para seus colegas de trabalho em reuniões?

- Como aconteciam as demandas domésticas enquanto você estava dedicando seu tempo ao trabalho, mesmo estando as duas coisas no mesmo ambiente físico? Enquanto trabalhava, recebia algum apoio ou interferência das demandas domésticas?

Equidade

- Qual é o seu tempo gasto com afazeres domésticos durante a semana e no final de semana? De que maneira houve mudança no tempo durante a pandemia? E atualmente?

	Antes	Durante	Atualmente
Semana			
Final de semana			

- Quanto tempo você levava de casa para o trabalho (ida/volta)? Você passou a usar esse tempo em quais atividades agora que está trabalhando em teletrabalho?

- De que maneira a qualidade das relações com os colegas de trabalho foi afetada quando todo mundo foi obrigado a entrar em *home-office*?

- E esse alteração afetou sua relação com seus familiares?

- E hoje em dia, pode-se dizer que você prefere não estar no ambiente de trabalho e somente trabalhar de casa? Ou o contrário? Por quê?

- Conta com ajuda para realizar atividades domésticas? A ajuda é desempenhada por um profissional ou por familiares? Em qual periodicidade?

	Antes	Durante	Atualmente
De familiares			
De profissionais			

- Mora em casa ou apartamento? Quantos cômodos? Qual total aproximado de metros quadrados?

- Houve alteração ou intenção de alteração do ambiente residencial durante a pandemia? Por quê? Houve mudança de residência?

- Você ficou mais atento aos recursos da sua própria vizinhança? Quais recursos? Passou a consumir mais por aplicativos e sites da internet? Isso afetou sua qualidade de vida? E a equidade?

- Sobre as tarefas domésticas, como era a distribuição Antes e Durante a pandemia (atribuir % homem/mulher e percentual total de participação média auto atribuída):

	Preparar ou servir refeições da família
	Limpeza ou cuidado de roupas e sapatos
	Pequenos reparos/ manutenção do domicílio
	Limpar/arrumar casa, garagem e/ou quintal
	Cuidar da organização da casa
	Fazer compras/pesquisar preços
	Cuidar dos animais domésticos/plantas
	Levar filhos para escola/curso e supervisionar rotina escolar/dever de casa
	Acompanhar filhos/parentes em consultas médicas
	Gerenciar o orçamento doméstico/atividades cotidianas de empregados
	% Total na distribuição geral

- Qual o significado de equidade para você? Você vê equidade em sua vida cotidiana hoje?

- Quais são suas perspectivas futuras para o período pós-pandêmico?

Questões sócio demográficas;

- É o único responsável financeiro do domicílio? Qual a contribuição percentual?

- Houve alteração na situação financeira (redução de renda, perda de emprego, entre outros) no núcleo familiar?

- Nome, Idade, Sexo, Estado Civil - Número de Filhos/Idade dos filhos

Considerações Finais sobre a vida durante a pandemia e agradecimento:

Há algo que você gostaria de acrescentar ao que foi dito sobre esse período de pandemia sobre distribuição das tarefas domésticas, qualidade de vida, equidade, teletrabalho?

15. Anexo C – Análise Fatorial Confirmatória

Tabela A1

Índices de ajuste e confiabilidade dos instrumentos utilizados no estudo

Instrumento	CFI	TLI	RMSEA [90% IC]	Alfa de Chronbach	Ômega de McDonald
SWLS	0,997	0,995	0,038 [0,000; 0,113]	0,876	0,877
WHOQOL	0,82	0,798	0,086 [0,077; 0,095]		
Físico				0,821	0,815
Psicológico				0,794	0,799
Relações Sociais				0,73	0,746
Meio Ambiente				0,815	0,815
WHOQOL Reduzida	0,931	0,92	0,057 [0,043; 0,07]		
Físico				0,746	0,737
Psicológico				0,764	0,77
Relações Sociais				0,73	0,744
Meio Ambiente				0,794	0,794
QVT	0,874	0,854	0,114 [0,103; 0,126]		
Fator 1				0,933	0,939
Fator 2				0,852	0,884
Fator 3				0,794	0,81
QVT Reduzida	0,921	0,906	0,089 [0,075; 0,103]		
Fator 1				0,907	0,915
Fator 2				0,852	0,884
Fator 3				0,794	0,81

Os **Índices de ajuste do modelo** indicam o quanto o modelo testado (AFC) se adequa à matriz dos dados:

Comparative Fit Index (CFI). “Compara de forma geral o modelo estimado e o modelo nulo, considerando valores mais próximos de 1 como indicadores de ajustamento satisfatório.” (Formiga et al., 2015).

Tucker-Lewis Index (TLI). “Apresenta uma medida de parcimônia entre os índices do modelo proposto e do modelo nulo. Varia de 0 a 1, com índice aceitável acima de 0,90.” (Formiga et al., 2015).

Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA). “Com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), é considerado um indicador de “mau ajustamento”, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o RMSEA se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores de até 0,10.” (Formiga et al., 2015).

Alfa de Chronbach. Medida comumente usada de avaliação da consistência interna.

É uma medida de confiabilidade amplamente utilizada para quantificar a quantidade de erro de medição aleatório que existe em uma pontuação de soma ou média gerada por uma escala de medição de vários itens. (...) Ele é influenciado pelo número de itens. Mantendo a correlação média entre os itens constante, alfa aumenta à medida que o número de itens k aumenta. Se o número de itens for suficientemente grande, alfa pode ser grande, embora a correlação entre os itens seja muito pequena. (Damásio, 2021)

Ômega de McDonald. “Esse coeficiente baseia-se na proporção da variância comum em um teste e pode ser calculado utilizando-se a rotina desenvolvida no programa R (The R Foundation for Statistical Computing, Viena, Áustria; <http://www.r-project.org>), com base em análise fatorial exploratória.” (Silva Junior et al., 2011).

SWLS. Construída por Diener et al. (1985) e adaptada para o contexto brasileiro por Gouveia et al. (2009), esse instrumento tem como objetivo medir a dimensão cognitivo-julgamental do bem-estar subjetivo (Diener et al., 1985) e é formado por cinco itens mensurados por meio de escala tipo Likert de concordância ancorada entre 1 (*discordo totalmente*) e 7 (*concordo totalmente*).

WHOQOL. O instrumento pode ser respondido por meio de escala tipo Likert de cinco pontos com uso de diferentes ancoras ao longo dos itens e é composto por quatro fatores: físico, originalmente com 6 itens, reduzido para 4 itens que apresentaram melhores índices; psicológico, originalmente com 6 itens, reduzido para 5 itens; relações sociais, que possui 3 itens e não necessitou alterações; e meio ambiente, originalmente com 8 itens, reduzido para 7 itens.

QVT. Composto por três Fatores escolhidos (1, 3 e 5). O primeiro Fator (F1) sofreu uma redução de itens, tendo originalmente 11 itens e na versão reduzida apenas 9, enquanto os outros Fatores mantiveram a quantidade de itens original, sendo 3 itens no segundo Fator (F3) e 4 itens no terceiro Fator (F5).

16. Anexo D – Recortes Contextuais das Entrevistas

Categoria I - Doméstico e Laboral no Mesmo Lugar: Reordenação do Ambiente

Perda da Privacidade

“Privacidade? Zero ou não. E ‘não’... é... essa palavra não existe com criança. Já é difícil ficar trancada dentro de casa... O não, essa palavra não existia. Era impossível ter privacidade para qualquer coisa, a gente até brincava na época com um grupo de mães da creche: Gente, me tranco no banheiro pra conseguir digitar no WhatsApp, para conseguir conversar um pouquinho. Porque não tinha privacidade, era uma loucura mesmo.” (Entrevista 9, mulher, 39 anos)

“A Esterzinha estava com 1 ano, o João estava com 3 anos e meio, e o Pedro tinha 5 anos... Falar em privacidade com criança pequena? Você não tem privacidade... a pequeninha tinha um ano e meio, então, assim... é privacidade zero, entende? ... Então afetou a qualidade de vida, né, todo mundo dentro de casa sim, eu fiquei uns três meses sem sair com eles, né, com medo... esse terrorismo exagerado que a mídia colocou na gente e foi difícil... aí, depois de uns três meses, a gente começou a fazer caminhadas aqui no entorno e aí foi melhorando, né, as crianças ficando menos nervosas... mas foi legal porque com essa proximidade a gente teve um contato mais estreito, né, então, assim, a gente passou a valorizar esses momentos de caminhada com as crianças, conversas, depois a gente descobriu que dava pra acessar o Lago, aí a gente comprou um bote inflável, porque eu moro em apartamento... aí a gente inflava o bote, andava com as crianças no Lago, aí via capivara, via passarinhos e assim no final de semana tinha um momento de lazer, que era muito gostoso e que se a gente não tivesse passado pela pandemia, não tínhamos usufruído disso, entende?!” (Entrevista 18, mulher, 45 anos)

“Eu tenho uma filha, né, aí essa filha me deu dois netos, um dos netos mora comigo, e esse neto já tem dois... três filhos, dois homens e uma menina. Mas assim, primeiro veio um menino que chamava Miguel, aí não deu certo, depois ficou namorando e a menina ganhou o menino, e logo em seguida ganhou outro. Assim, ele mora aqui, ela mora na casa dela, mas aí nos finais de semana, ela traz os meninos pra cá, ficam aqui. A princípio era até para morar junto comigo, mas a minha esposa

gosta muito do espaço dela, então as crianças prejudicam muito, entendeu? Aí eu falei pro meu neto: “não, fica nos finais de semana”. (...) Aí assim que essa empresa começar a dar resultado ele vai arrumar uma casa pra sobreviver, por enquanto está vivendo ainda aqui.” (Entrevista 4 - homem, 68 anos, participação financeira 100%, percepção de contribuição doméstica 15%)

“Por mais que a casa tivesse com menos movimentação de pessoas, né, porque a babá não estava indo, a secretária do lar não estava indo, né... a sensação para mim foi que eu perdi a privacidade porque o momento que eu tinha de estar dedicada somente ao trabalho, por exemplo, reunião... várias vezes meu marido abria a porta ou chamava gritando, precisando de alguma intervenção... várias vezes a minha filha abria a porta, por mais que fosse acordado que enquanto que estivesse em reunião que a porta estava fechada com o bilhetezinho colado que estava em reunião ... é ... aconteciam situações de que era necessário abrir a porta... então a sensação de invasão, de falta de privacidade... foi tremenda para mim apesar da casa estar mais... é... fisicamente com menos pessoas.” (Entrevista 50, mulher, 43 anos)

Adequação da Infraestrutura

“Olha, num primeiro momento foi tudo [a pandemia] muito confuso, né?! Principalmente porque estávamos todos trancados dentro de casa e era tudo muito novo, então, foi uma loucura, né, aquela coisa assim... foi tudo improvisado! Trabalhávamos eu e meu marido dividindo uma mesa da sala com um bebê de um ano e cinco meses, e, ali o tempo todo... então, foi, assim... foi muito confuso. Quando ficava muito misturado, eu trabalhava muito de madrugada pra dar conta. Só que as coisas foram acontecendo e aquela coisa do provisório acabou, né, virando permanente... e a gente foi se adaptando aos poucos, as coisas foram reabrindo, né, então quando realmente voltou a creche tudo ficou mais fácil. A gente acabou se mudando porque a gente morava num apartamento de dois quartos e aí a gente viu a importância de ter um quarto a mais, né, para trabalhar... então, bem no meio disso tudo, a gente ainda se mudou para um apartamento de três quartos para ter o escritório. A gente viu que virou uma necessidade meio que urgente, porque ficávamos os dois na sala trabalhando e, assim, meu marido faz muita reunião e o meu trabalho é completamente silencioso.

Eu faço pareceres, analiso processo, então, eu preciso de concentração e sossego, né, e ele fazendo reunião o dia inteiro era uma doideira. Então a gente chegou até se mudar, a gente se mudou então, assim, aí a gente conseguiu montar um escritório e aí, conforme as coisas foram se normalizando, né, ficou bom assim, bom demais, porque eu moro, e digamos assim, com transporte público, em uma hora mais ou menos estou no meu ambiente de trabalho, então eu economizei aí umas duas horas por dia, né?! Então isso foi muito bom porque você tem esse tempo até para as tarefas domésticas que acabaram consumindo mais pois a gente fica mais disponível para as coisas de casa [risos], isso é uma verdade. Só que assim, eu pude ficar mais tempo com meu filho, entendeu?! Essas duas horas são duas horas a menos que ele fica no integral da escola porque a escola é pertinho e tal... eu consigo levar e buscar, coisa que eu não conseguia fazer nem isso. Eu conseguir fazer então, depois que as coisas normalizaram, ficou muito bom, sabe, eu acho que consegui administrar bem, hoje eu gosto bastante, entende?!” (Entrevista 9, mulher, 39 anos)

“Eu tenho 2 filhas em idade escolar. Na época, uma tinha 10 e a outra 14. Então o impacto foi administrar o recurso de TI porque elas vieram para casa rapidamente. E a escola delas não parou. Elas já pegaram as aulas remotas e foram dando atividades. E a gente só tinha 1 computador. Então elas tinham que revezar o computador e eu também tinha que trabalhar. Então, isso, até eu conseguir melhorar a estrutura para elas e para mim também, a gente revezava muito. Então a gente tinha que todo dia ficar administrando isso. (...) E é difícil para as meninas porque elas são muito dedicadas... Não é como estar na escola. Então para mim, administrar esse cotidiano delas no sentido da questão da tecnologia mesmo, a gente teve muita dificuldade no início. E mais para maio, junho... Que a gente viu que realmente não tinha, aí eu tive que fazer as aquisições. Aí comprei um celular para cada uma, porque elas usavam um só. E ao longo do primeiro ano de 2020... Agora a gente tem um notebook para cada um. Eu consegui comprar um para cada uma. Mas demorou. Essa parte inicial foi estressante por isso. Porque a vida continuou e a gente não tinha, né? (...) Foi mais tranquilo por conta da idade. Elas são muito independentes em relação a tarefinha, à escola. Só no começo que a gente tinha que administrar a tecnologia. Aí foi difícil. Foi um peso.” (Entrevista 3, mulher, 47 anos)

“Então, é vida... então sim, com certeza quando a gente estava procurando o apartamento, o que acontece é que a gente já queria com 3 quartos pra poder ter um lugar para trabalhar, tem pouco tempo, quer dizer pouco não, tem o tempo de 1 ano que eu estou aqui, mas assim eu digo pouco tempo porque a gente não está lidando com a casa de uma forma geral, ainda não está como eu gostaria até porque a gente mudou assim foi bem, bem rápido, a gente procurou o apartamento eu digo assim, a gente entrou, a gente não ficou fazendo muita obra porque as coisas estavam muito lentas até para contratar tudo, a gente não fez obras, a gente entrou, meio, no apartamento, pintou e entrou no apartamento como estava, porque a gente queria muito esse espaço então assim, ele não está exatamente como eu queria... digamos assim, com coisa de decoração, um móvel que já estava aqui então foi uma coisa que eu falei: Nossa eu vou manter, entendeu, a cadeira eu comprei igual a que eu tinha no trabalho, porque eu gostava da minha cadeira então eu entrei no site da empresa né, sabia qual é o fabricante comprei uma igual, então assim, ele está lá, o meu computador eu já tinha comprado antes porque eu saí de licença maternidade não muito tempo antes da pandemia e quando eu saí de licença eu já pensei assim: poxa eu acho que eu quero ter um computador funcionando... como o meu estava muito velhinho... funcionando legal porque a gente nunca sabe pode surgir uma demanda alguma coisa e o do meu marido ele já andava, trabalhava presencial, mas levava na mochila laptop e tal com ele para baixo para cima... falou que era ter um computador em casa então eu já tinha comprado há pouco tempo um computador assim mais novo, né, funcionando, então no computador eu mantive e aí ficou um escritório... na verdade tem estante que eu já tinha outro no outro apartamento mas assim ficou né no ambiente escritório, a bancada eu mantive... gostaria de trocar tudo fazer planejadinha, mas agora ainda não deu a cadeira eu comprei e o ar-condicionado né que tinha no outro apartamento era sala, então assim, até tinha um ar-condicionado mas pra gelar e aqui no Rio é muito quente né então aqui eu tenho ar-condicionado tem a minha bancadinha a cadeira e o silêncio entendeu?” (Entrevista 9, mulher, 39 anos)

“Sim, né, tive [mudança em casa quanto ao aspecto físico do domicílio por conta da pandemia], né... por exemplo, eu não tinha escritório aqui né então cada um dos meus filhos... cada

um tinha o quarto deles, o computador deles, mas, o meu era da Infraero aí eu tive que comprar computador, tive que comprar mesa de escritório... (...) eu comprei mesa de escritório, eu comprei cadeira, comprei fragmentadora, comprei impressora... para poder me adequar ao serviço aqui ... porque a minha ideia mesmo quando a Infraero falou 'olha vocês depois vão poder optar em voltar ou ficar'... aí eu falei: não, eu vou investir em ficar de teletrabalho porque eu acho que para mim para a qualidade de vida dele... da pequena também, que eu vou buscar na escola ... tudo para mim era melhor, então, eu resolvi investir ... aí comprei mesa, comprei cadeira, computador, cumpri as coisas que eu precisava aqui porque eu tinha intenção de continuar no teletrabalho tá" (Entrevista 13, mulher, 49 anos)

"Uma reforma significativa não... mas eu tive que ajustar a iluminação... é, esse lugar que eu trabalho hoje já é o terceiro lugar... porque o segundo lugar que eu consegui arrumar para trabalhar depois eu tive o impacto do barulho da rua, minha rua, porque passa o carro da pamonha, passa o carro do pão de queijo, passa o carro do gás... isso tudo gerava ruídos, né, nas reuniões. E aí, hoje eu estou no terceiro lugar... a casa que eu consegui adaptar pro trabalho... menos interferências... mas nesse local não tem uma porta por exemplo, é um ambiente tipo um vão mas aí eu não tenho uma porta para isolar... então, tipo, ninguém liga a televisão enquanto eu estou trabalhando." (Entrevista 20, mulher, 42 anos)

"No início foi a falta de estrutura, né, porque... não... num primeiro momento eu usava a mesa de jantar e uma cadeira normal, né, uma cadeira de sala de jantar ... então... que imagina... assim, no final de 8-10 horas de trabalho como é que o corpo está, né... o ruim né... mas uma cadeira fixa, sem braço, né, sem nenhum tipo de ajuste ... e então isso foi um grande impacto, né, assim ... foi aí, aos poucos, a gente foi se adequando, né... e foi melhorando, né, a condição de trabalho." (Entrevista 21, homem, 50 anos)

"Eu me ... eu me adaptei, né... eu... eu não tinha não [infraestrutura]. Aí eu fui organizando... eu comprei aquela cadeira que eu te mandei, é um negocinho de... de bicicletinha... para poder não ficar, é... muito sedentária. Porque a casa que a gente fica mais, né, sentado... ainda está em casa e

tal... e não tem mais assim o sair de casa ir pro trabalho, voltar, né... aquela... aí eu adquiri esse essa bicicletinha... poder tipo manter, né, de um exerciciozinho enquanto estou trabalhando... mas agora recente assim na cadeira já tem mais tempo que foi mais importante.” (Entrevista 27, mulher, 45anos)

“Eu morava num apartamento de aproximadamente 100 m² em Laranjeiras, na zona Sul do Rio de Janeiro, eu, minha esposa e o meu filho mais novo. Ah, minha filha, mora... é casada e mora em Niterói, meu outro filho é casado e mora numa área turística do Rio de Janeiro, chamada Ilha Grande, ou seja, ele não tinha possibilidade de trabalho remoto... ele foi pra se isolar, ele e esposa trabalham com turismo né, então eles foram pra se isolar mesmo. Assim ficamos todos nessa casa de veraneio na região serrana do Rio de Janeiro. Ah, é uma área de fazenda, a casa tem quarto pra todo mundo, então essa questão de privacidade, cada um tinha seu, seu quarto e tal. Ah, no meu caso, .. é, eu saía, eu tive que investir em internet né, porque até então nesse local não tínhamos internet é... disponível assim pra trabalho, tinha, tinha um, uma internet... mas assim, mais para rede social, e tal quando meus filhos iam, mas pra trabalho era, era muito delicado, então eu tive que intervir, coloquei uma internet com uma potência maior, com alcance maior, inclusive um backup de satélite, de internet satélite porque minha é pesquisadora, é... ela é... da Unirio, e ela faz doutorado, então, então ela dá aula, ela, a gente tinha que ter uma internet é.... que não caísse toda hora. E no interior, tem essas questões né, de, de acabar a luz e tudo mais, e foi feito um investimento e tal. A minha área de trabalho, a minha específica, é... eu adaptei um espaço na área externa da casa, na área de churrasqueira e tal, então enquanto eu estava trabalhando é, as pessoas sabiam que eu estava lá naquele ambiente, então eu tinha a minha privacidade mas mesmo assim né, um exercício de adaptação, porque ... é.., até então, eu não tinha o hábito de trabalhar remotamente.... e... mas enfim né, eu acabei nesse primeiro momento me adaptando bem.” (Entrevista 38, homem, 56 anos)

“De repente... então foi assim, no primeiro momento eu estava no meio da sala... e aí porque a gente imaginou que fosse uma coisa temporária 2-3 dias, sei lá, né, a gente não imaginou... não imaginei... que posso ficar mais do que uma semana sem ir fisicamente ao local de trabalho e na minha casa não tinha espaço... eu não tinha um escritório, né... são 3 dormitórios: meu sobrinho

mora comigo, meu marido e eu no outro quarto, minha filha no outro quarto... então, não tinha... não tenho espaço físico de escritório... então, no primeiro momento eu trabalhava na sala, né, meu sobrinho fazia o home schooling mas ele já é mais velho então ele conseguia fazer as atividades dele com uma supervisão, supervisão que eu faria se eu tivesse no trabalho... menos incisiva né menos presencial por telefone por mensagem de WhatsApp então ele conseguia manter o home schooling dele, ele já é mais velho... 15 anos... ele já tem essa autonomia né então assim eu fiquei sem espaço para trabalhar sem espaço físico para trabalhar ... então no primeiro momento foi na sala e aí mais uma vez tem a infraestrutura, tem a privacidade, tem a infraestrutura mesmo, né, física... E atenção, porque minha atenção era dividida com as pessoas passando na sala e aí num segundo momento eu optei em fazer um ambiente de... próximo a um escritório dentro do quarto da minha filha... então eu comprei uma mesa, cadeira e aí fiz um escritório dentro do quarto da minha filha adaptando né para poder trabalhar quando eu percebi que passou de uma semana né passou de 15 dias... E não dava mais para ser... tem um espaço reservado para.” (Entrevista 50, mulher, 43 anos)

Categoria II – Percepção de Equidade nas Práticas Laborais Domésticas

Aumento na Demanda Doméstica

“Eu acho que a questão da redistribuição das tarefas de casa foi uma necessidade, né, no início é... até assim, até pra mim mesmo porque no primeiro momento a gente ficou sem ajuda nenhuma né?! Na pandemia quando tudo fechou, era final de semana, era diversão, era ligar o som e todo mundo fazia faxina junto, inclusive a criança com vassourinha pequena e tudo virou brincadeira. Depois que tudo reabriu, a gente voltou a ter alguma ajuda só que eu acho que isso ficou, sabe, eu acho que meu marido ficou, ele sempre fez muita coisa em casa, ele sempre fez realmente, mas, ele ficou muito mais digamos, não só participativo, mas eu acho que a questão que a gente fala da carga mental... a dele era zero! Porque ele fazia mas eu sempre administrava tudo, agora eu percebo que ele administra um pouco mais... não é o ideal... e sabe, não posso dizer que a divisão é 50% por 50%, mas eu acho que ele administra um pouco mais. Sabe, ele... eu acho que trouxe ele também porque ele também ficou dentro... ele trabalha semi, né? Ele vai duas vezes por semana presencial e

semipresencial, então, ele também ficou mais em casa. Então, eu acho que isso trouxe pra ele essa visão também da organização doméstica e eu acho que isso melhorou bastante. (...) Eu acho que [o tempo gasto com tarefas domésticas] aumentou ... mas assim, eu acho que aumentoooo... Apesar de ter aumentado, eu acho que eu faço com mais tranquilidade, menos exausta... porque você chegar em casa à noite, depois de ter encarado o trânsito, e aí olhar lá aquela pia do café da manhã que não deu tempo para lavar, de louça, entendeu?! Então, assim, aí você faz exausta... Mas, assim... hoje, como consigo, eu paro, aí, ele chega... já vai jantar... se tiver que fazer alguma coisa, já aproveita aquele momento... é fácil, então, eu acho que pode até ter aumentado mas eu acho que ficou mais leve porque acho que tem mais tempo para fazer isso, sabe, o trânsito acabava comigo.” (Entrevista 9, mulher, 39 anos)

“No início foi complicado... toda hora era interrompido pois minha esposa queria que cuidasse das tarefas domésticas na hora do expediente... até entender que eu tenho demandas a serem cumpridas levou um bom tempo. (...) Como moro em apartamento pequeno [47m2], ele [o trabalho] divide espaço com a sala, sala de jantar, cozinha e área de serviço. No dia que meu filho não tem aula, ele fica assistindo televisão e às vezes acabo perdendo um pouco da concentração.” (Entrevista 30, homem, 45 anos)

“Eu tenho um filho de 9 anos, ele estava na fase de alfabetização e eu ainda trouxe a minha mãe idosa para morar comigo e dispensei a secretária por conta da pandemia né, então foi muito difícil, muito sobrecarregado porque durante o dia eu ficava envolvida com trabalho com o meu filho, por volta das 19:00 é que eu desligava disso tudo e ia cuidar dos afazeres de casa né, e aí eu ia até 11 horas, meia-noite e às vezes até 1 hora da manhã, limpando casa. O meu esposo também estava em home-office e tinha ocasião que a gente não conseguia parar pra fazer almoço, a gente tinha que pedir então, realmente foi um período muito difícil. O primeiro mês assim, foi muito difícil né, porque eu fiz um isolamento bem à risca, vamos dizer né, eu tinha 3 pessoas do grupo de risco na minha casa então, nós realmente ficamos isolados o ano todo e quem saía de casa para fazer compra quando era a necessidade era eu... então assim foi um ano muito difícil.” (Entrevista 12, mulher, 45 anos)

“Só mudou o jeito, né, porque assim acaba que tem que se adaptar à realidade que tá no momento né? Outra coisa, por exemplo: É que eu tenho que cuidar da minha filha... tem que olhar, coloca essa roupa tá, as coisas que eu não fazia tanto né, agora eu tenho que me inteirar, mas, claro, prender o cabelo dela não sabia nem prender o cabelo... ah nessas coisinhas assim mais de mulher né, quer dizer se eu tenho que fazer, acho que as mulheres fazem melhor e às vezes minha mulher tem que fazer coisas que o homem faz, às vezes ela vai fazer compra no supermercado... não compra grande, mas ela passa lá, faz uma compra, bem... traz meio misturado sem grandes problemas mas não está diferente assim, mudou.” (Entrevista 7, homem, 51 anos)

“[As tarefas de casa foram redistribuídas entre você e sua esposa?] Foi.. foi... foi um choque meio assim, né, assim, por exemplo, porque a gente quando tá na rua, né, a gente acostuma ter, assim, por exemplo... mais come fora, né, assim, a gente não tem que fazer comida, né... a gente quer é um suco que a gente vai ali na... né... por exemplo, pega um suco [divaga e pisca múltiplas vezes]. Enfim, né, já dentro de casa não, né, a gente teve, né, que aprender, né, a... assim, a... assim, assim por exemplo no caso, né, eu tô... ainda, né, aprendendo, né... a... cozinhar um pouco ainda, né. É.. eu não sei não, assim, tipo assim, eu sabia fazer miojo né [ri] mas assim, mas só que só miojo todo dia não dá, né, aí a gente... a, né, e assim, e, a questão assim do dia a dia assim de, né, assim por exemplo, das tarefas, né, domésticos, né, a gente tá dividindo mais agora, né, porque antes tinha muita aquela coisa, né, ah, não tipo assim eu cheguei, é, é, é [gagueja], assim por exemplo, assim por exemplo, eu saí de cedinho de casa, cheguei tarde tô cansado e eu só quero agora, é... sentar aqui no sofá e.. [pensa] descansar, né, já... né, quando você tá em casa não, né, assim as coisas pra você se vê, né, obrigado a... a cooperar mais também dentro de casa.” (Entrevista 5, homem, 48 anos)

“...digamos aquela rotina a gente está habituada anos, né, na vida da gente... e aí, de uma hora para outra... pera aí, não tem mais escola para menino, você não tem mais que ir para o trabalho, aí você tem que fazer o trabalho fluir de casa de alguma forma, e aí até mesmo a empresa tinha que fazer toda aquela adaptação tecnológica de trabalho, de fluxo de processo, que ainda era muita coisa presencial que necessitava de assinatura de algumas coisas... e aí foram informatizando,

e aí as coisas foram assentando... a parte de casa com filho, ela foi mais difícil porque eu trabalho essa conciliação... Ela foi mais difícil porque a gente tinha o trabalho indo para lá... você se desliga da parte de casa mas quando você está trabalhando dentro de casa você não consegue se desligar disso... ainda mais que com a ruptura das escolas então o filho pequeno... eu tinha filho na época de 8 anos... é... está dentro de casa com você e demanda de você uma certa atenção, tempo... e ainda mais que as aulas se tornaram virtuais... a gente teve que fazer toda uma adaptação com a criança... tinha que acompanhar porque a minha filha não tinha ainda aquela habilidade tecnológica... nem sabia ler, essas coisas... então é muito mais difícil você tem que acompanhar... então, ao mesmo tempo que eu tinha que estar acompanhando ela numa vídeo aula, eu tinha que estar participando de reuniões também do trabalho e respondendo e-mail e cozinhando e tendo que ir médico e fazer toda aquele fluxo que a gente faz no dia a dia que é mais agendado... você consegue fazer uma rotina mais digamos assim ajustada às 8:00 eu vou pro trabalho, então, antes de ir pro trabalho eu passo num... eu já deixo a filha na escola, vou pro médico, depois eu vou aí... não... há... você tem um médico... mas aí você tem um fim... do fica dentro de casa aí você tem que por no carro também, levar junto... e em época de pandemia... aí pro hospital e tá com problema... e como eu tenho acompanhamentos médicos... é... muito mais rotineiros... a tele consulta ainda não era tão digamos assim tão fácil como é hoje, né, naquela época... então, assim, o primeiro ano ele foi bem difícil, bem difícil mesmo... ah foi... 2020 foi assim... quase de surtar, velho!! Aí, 2021 ele já foi mais flexibilizado também, né, a gente teve muitas alterações de tecnologia, de processo, até mesmo das escolas... as coisas começaram já de uma forma mas desenhada para você conseguir acompanhar... e o trabalho também já tinha uma rotina mais implementada que você conseguia fluir melhor no trabalho... e aí eu consegui também, assim, melhorar um pouco a rotina de casa, começar a me fazer um outro esquema de rotina, né, de casa... então, a gente foi mais tranquilo 2021. 2022 ainda é desafiador porque a gente tem assim toda aquela parte que você não está mais isolado socialmente, né, que você tem todas as atividades fora para dentro de casa também e o trabalho de casa ele acaba... como é que eu vou dizer... assim... sugando muito seu tempo, se você não tem condições de arcar com

alguém em tempo integral em casa para te ajudar... porque quando você está no trabalho, oh, digamos assim, o trabalho de casa ele é reduzido porque você fica parte do tempo ou seja quase 50% do seu tempo na rua... então demanda menos fazer comida, demanda menos limpeza de casa, demanda menos... é... digamos... atenção quando é criança... quando ela está na escola que a minha sempre estudou em tempo integral desde um ano de idade... ela sempre ficou em creche integral... por alguns períodos que ela ficou em casa que eu fiz algumas adaptações foi com babá, ou seja, tinha sempre alguém para estar aqui cuidando dela, né, e fazendo esse... esse acompanhamento.”

(Entrevista 24, mulher, 46 anos)

Doméstico Ainda é Inato e Predominantemente do Feminino: Não Participação pelo Masculino do Espaço Doméstico

“Olha, é o seguinte... aqui em casa, assim, eu praticamente não tenho nenhuma habilidade de casa, digamos, tudo que vai fazer é a minha esposa. Não tem aquele negócio de... como ela ficou a vida inteira dentro de casa, as atividades sempre ela que ... dava um problema no encanamento, ela que tem lá o telefone do pedreiro, conhece as pessoas que arrumam, entendeu?! Aí, com minha vida em casa, né, essas coisas começaram a cair pra mim, só que como eu não tinha essa habilidade de saber qual é a medida do cano, trocar uma lâmpada, esse tipo de coisa, limpar a caixa d'água, cortar grama, entendeu, assim... e, aí, eu ia fazer, e aí ela ficava assim, querendo mandar ali, que ela que sabe, mas aí eu compreendo, é uma transição, né?! Hoje a gente já... aí eu peguei por exemplo a questão de, nós temos dois cachorros, (...) eu limpo a casa dos cachorros, coloco comida, eu cuido. Eu não gostava de cachorro e hoje os cachorros me adoram.” (Entrevista 4 - homem, 68 anos, participação financeira 100%, percepção de contribuição doméstica 15%)

“Não teve acordo para divisão de tarefas... Foi... na marra mesmo. Foi assim... Foi ela reclamando e eu, pouco a pouco... eu fui entendendo que... eu tinha que... ajudar mais dentro de casa.” (Entrevista 5, homem, 48 anos)

“É raro... e isso [preparar e servir refeições da família] fica mais com ela, tá... limpeza e cuidado... muito, fica mais com ela... quando eu estou sozinho eu dou conta, né?! Mas quando eu e ela estamos, ela faz.” (Entrevista 6, homem, 51 anos)

“Antes de eu começar a trabalhar, minha esposa já pede alguma coisa. Oh, faz isso por favor, e tal... Às vezes eu estou aqui no trabalho, dou uma paradinha, vou lá e faço. Hoje mesmo, só um exemplo, ela deixou uma roupa ali na máquina pra mim, né, eu já quando deixei ela no serviço, voltei e já coloquei pra lavar, entendeu? Aí depois só tem que ir pra estender, né... então, deu uma folguinha aqui, eu vou lá e sendo rapidinho eu intercalo, não é nada assim que vai impactar no meu serviço. Não é prioridade.... Eu tento priorizar aqui o serviço, né?! Tanto é que quando ela pede eu falava não. Se eu tiver um tempinho eu vou botar pra lavar, estendo às vezes. E se ela pede pra mim pra passar um pano na casa eu falei, oh, eu falo não, oh, se eu tiver um tempinho eu passo. (...) Porque no meu caso nem é todo dia, mas vamos dizer assim, como uma por três vezes na semana que eu fico em casa, é pouco tempo, é de 30 a 40 minutos no máximo e final de semana não ... no final de semana realmente aí é mais pesado. Eu sou é assim, eu prefiro não deixar tudo pra minha esposa, né, ela também trabalha todo pesado, né, então tem que fazer minha parte, também ajudar um pouco.”

(Entrevista 35 - homem, 31 anos, participação financeira 60%, percepção de contribuição doméstica dele 60%)

“É isso que eu tô te falando... eu acho que é isso mesmo, aquela história de... é demanda de doméstica... infelizmente no Brasil, sei lá, no mundo... acho que isso vem no colo da mulher... comum... não tem muito o que fazer... e trabalho... não, sou super tranquila... que vou trabalhar, eu gosto da novidade, não tenho grilo de ter trabalho... que eu acho muito encontrar, até brinco, acho... prefiro ter trabalho... e, assim, hoje em dia eu me sinto bem mas ... é ... sei lá... parece que é mais civilizado, sabe, assim... eu não estou... eu sinto falta da presença das pessoas, de sentar, conversar... porque aquela rotina, né, levanta, um banho, me arrumo... necessitava mistério do trabalho... se você está com pijama você continua, vai lá e vai trabalhar... me encontrar com ninguém... eu sempre fico lá mexendo nas coisas do jeito que eu estava dormindo e tal ... mas, assim, é saudade do convívio

social... de ter tipo meu momento, né, de sair pra comprar... o pessoal que trabalha e tal... de tipo olhar um igual... a minha filha vai pra escola e fala com pessoas ... digo, eu sinto falta mais ou menos ... não tenho, eu acho tão civilizado essa coisa de tipo assim qualquer problema... não tem que ... cada notícia... entendeu assim eu resolvi está tudo bem e tudo se resolve no final ... sabe? Eu consigo nem entregar o que eu tinha compromisso e assim eu resolvi minha vida sem ter que ficar dando notícia pra todo mundo, ótimo.” (Entrevista 47, mulher, 45 anos)

“Eu sentia que... eu tive mais... mas é porque, como eu estou aqui, por exemplo, meus cachorros fazem alguma sujeira aí eu vou lá já limpo... é aspirar a casa e fazer almoço. Tem a divisão, né, porque eu chamava meu marido: a gente vai fazer... aspirar também... é, tem que pedir... porque vai fazer, eu tenho que sair pedindo... mas como aquele negócio... assim... aí sou eu, né, não tem a ver com a pessoa, com o marido... é tipo assim: não, prefiro fazer logo... de quem está pedindo então eu já vou e faço... mas eu, eu acho que aumentou [a demanda doméstica] porque eu estou aqui, eu estou vendo... é diferente de quando você tá tomando fora, você volta a ter aquele horário... falar hoje às 6:00 eu vou aspirar e vou lavar a louça... não, você está trabalhando em casa... você lava a louça no meio do caminho ... você vê aquela bagunça... você vai lá e arruma ...ou ‘cê’ grita com o marido pra arrumar, né, mas acaba que não tem como... a não ser que a pessoa seja iluminada, a gente acaba fazendo mais... sei lá porque ... mas a gente acaba fazendo mais sim!” (Entrevista 25, mulher, 38anos)

“[Percentual de participação geral para as atividades domésticas?] 80% para mim e 20% para ele. [Como é isso para você? Pesado? Leve?] Não é leve não... eu acho que poderia ser é mais dividido! Mas... mas... é... vamos dizer assim... ele tem uma demanda muito maior no trabalho... não... é a dificuldade... mesmo antes de estar em teletrabalho, mesmo quando eu estava presencial, a dificuldade para ele se ausentar do trabalho... era muito mais difícil do que da minha parte, né, vamos dizer assim... então, assim, fácil não é... a gente quer as coisas mais divididas, mas, é a realidade... eu escuto: ‘não consigo sair’, ‘não tenho como’, então, você acaba absorvendo...” (Entrevista 12, mulher, 45 anos, participação financeira 50%)

“A minha esposa, ela sempre foi... ela gosta de cuidar da casa, né... apesar de trabalhar... tirar ela... ela cuida muito bem nesse aspecto do trabalho doméstico com a atividade profissional dela, né... é, eu... assim... eu procuro não... é... é... eu no começo... eu falava: ‘deixa eu te ajudar, vou lavar a cozinha’ ... dá uma né, até pra me desestressar, né, fazer algo diferente, né, eu tenho ajudado... talvez não um tanto necessário, tanto quanto fosse necessário, né, tem algumas coisas... tenho que... eu tenho... nós temos animais domésticos, tem gato, né, o bicho faz sujeira... não tem jeito, tem que limpar, alguém tem que limpar... então, procurar às vezes fazer essa tarefa, não é?! Então são... são algumas coisas assim que... mas eu acho que a gente tem... tem... é... se relacionado bem durante esse processo da pandemia, certo?! ... é ... eu não posso falar por ela, né” (Entrevista 52, homem, 57 anos)

“Se tivesse que dar um percentual geral assim para as tarefas domésticas... a minha esposa... aí eu diria que é cem por cento para ela, viu?! Para ela, as coisas da casa, que ela que cuida... muito difícil de eu intervir, a não ser em compra de supermercado que eu vou. Por ela, quando tem que ir em médico e tudo mais... assim, a parte da casa... aí é com ela isso aí... eu não, não me meto não. E ela trabalha fora, não, ela trabalhou muito tempo fora... mas ela aposentou e eu também aposentei, né?! Então, ela agora... ela fica em casa que tem... é... muito mais trabalhoso, né?! Pelo amor de Deus! Então, é difícil, mas sempre foi assim. Sempre ela cuidou da casa também e... sempre, mesmo ela trabalhando ela já cuidava da casa. (...) Eu faço assim uma ou duas horas mais ou menos, não passa disso. E final de semana também... final de semana é mais ... é ela... é mais lazer meu... eu tenho minhas atividades aqui, mexo com gravação, então já é coisa bem... e pior ainda, um dia eu diria que não é tanto, mas eu diria que [final de semana] é mais folga ainda, entendeu?!” (Entrevista 33 - homem, 67 anos, participação financeira “o meu salário é bem mais alto que o dela”, percepção de contribuição doméstica 0%)

“Caramba, é uma estimativa, pode ser por alto assim... Faço só um pouquinho [de tarefas domésticas]... quinze minutos, meia hora, eu faço duas horas. Faço porque na verdade, assim, a regra é que não trabalho sábado, domingo e feriado, então, eu procuro direcionar para o meu descanso,

pra o meu lazer e etc, né, então, assim, as tarefas domésticas vão entrar na medida da necessidade, entendeu?! Assim, quem mais se dá conta do que precisa fazer é minha esposa. (...) Eu acho que a responsabilidade é de todos que moram aqui, então, eu também sou responsável pelas tarefas domésticas, tá, porque eu quis te dizer que ela requer... que a mulher se dá mais conta disso do que o homem, né, então.. é... não querendo entrar em estereótipos masculinos, mas é uma realidade, então, assim... é... né... a gente, no final de semana, acaba que eventualmente tem que fazer também, né, então, tem que fazer e é normal, acho que isso tá claro também, é normal que no final de semana surjam mais coisas pra fazer e a gente vai fazendo, por exemplo, assim, você tem que, sei lá, arrumar a casa ou alguma coisa assim, tá... então a gente faz no momento, por exemplo, depois do expediente ou se eu ou alguém tem folga ou alguma coisa assim, ou está mais tranquilo... faz um pouquinho agora, depois faz um pouquinho, então, mas sempre priorizando a questão do trabalho em dia de semana. Se está em fim de semana eu te diria que ou descanso ou lazer. A gente tem, por exemplo, uma pessoa a cada quinze dias, faz o serviço mais pesado; já foi uma vez por semana, hoje é uma vez a cada quinze dias mais pela questão financeira também.” (Entrevista 10, homem, 58 anos)

“Ai, ele [o marido] é meio complicado... ele só sabe lavar louça, ai ai. Mas aí eu consigo... eu já falei pra ele, oh, tem que fazer escolhas, eu preferia faculdade então a casa vai ficando... o dia que dá pra limpar, limpa; o dia que não dá, não limpo. Mas isso seria do mesmo jeito se fosse no presencial ia ser a mesma coisa, talvez ia ser pior porque no presencial eu ia chegar correndo, eu ia mal fazer uma comida, né, hoje não... eu já tenho um esquema todo organizado... eu trabalho de manhã, meu filho chega da escola, ele almoça, a gente almoça junto, coisa que a gente não fazia, hoje a gente faz uma oração à mesa, a gente dá um tempinho, às vezes eu deixo ele [o filho] tirar um cochilinho, depois ele acorda e vai fazer o dever, aí eu vou cuidar de almoço, limpar a casa e quando eu termino, eu vou fazer os trabalhos da faculdade... Então, pra mim está sendo muito melhor. Geralmente eu faço o almoço de manhã mas quando não dá eu faço a noite, que aí eu já faço a marmitta pro meu marido e de manhã eu só esquento mas eu prefiro fazer de manhã porque aí ele come a comida novinha, né, até nisso melhorou porque eu e ele temos refluxo, então, como eu faço

comida todo dia, a gente quase não esquentar, comer a comida mais nova faz menos mal. (...) Ele é bem mais velho, ele vem de uma cultura que os homens ... sabe pra que serve os homens lá na casa? Pra carregar os pesos, para arrastar o sofá, carregar as vasilhas de plantas... por exemplo, eu vou lavar o quintal, eu vou lá e peço pra ele, 'oh, tira tudo que é pesado aqui pra mim pra eu limpar', ele faz isso... mas ele não sabe limpar casa, ele não sabe lavar banheiro ele... louça ele lava mas de vez em quando eu tenho que dar uma geral, que ele lava daquele jeito... que eu relavo mas eu não reclamo não, eu não reclamo não porque tem outras vantagens dele que vale a pena. (...) Minha mãe ensinou todo mundo [irmãs e irmãos] a se virar, a cuidar da casa, cuidar da sua roupa, tudo... e só que já na família do meu marido, a cultura é diferente, então, assim, nisso tem hora que às vezes eu fico um pouco brava, sabe, porque... é... eu sou assim, muito participativa e gosto muito de ajudar outros... não é que eu gosto de ser ajudada também, mas ele é assim... se você falar me ajuda com isso, me ajuda... tranquilo, ele ajuda... mas eu sou muito independente, eu não gosto de ficar esperando por ninguém as coisas, então, se tem uma coisa que fazer, eu vou lá e faço, então, assim, a colaboração que ele me dá é de outras formas... por exemplo, meu filho quando eu quero limpar a casa, ele vai lá fora com ele e anda de bicicleta, brinca enquanto eu vou limpar, então, pra mim está bom... porque às vezes tem mulher que quer que o marido faça tudo em casa, né?! Faz comida, passar roupa, lava roupa... aí eu acho as mulheres e as meninas mais novas de hoje muito despreparadas e vão dizer que eu sou machista, pode dizer, não estou nem aí... mulher ela tem um corpo diferente do homem, ela tem uma força diferente do homem e ela tem uma cabeça bem diferente do homem... até o modo da gente enxergar é diferente. (...) A carga maior está comigo por conta da cultura que eu tive e a vida que eu tive até dois anos atrás, eu era uma mãe solteira então eu tinha que fazer tudo dentro de casa, trocar a lâmpada, arrumar vaso, vazamento, essas coisas, entendeu? Então é uma coisa que já vem em mim, isso é individual, mas no geral eu acho que a gente se dá muito bem assim.” (Entrevista 19, mulher, 48 anos)

“Tem a minha mãe e o meu esposo, né... só que o meu esposo como ele trabalha na área de tecnologia de sustentação na rede Globo, então, ele acabou tendo assim um período acho que de no

máximo 3 meses que ele ficou em casa, depois ele teve que voltar ao trabalho, e aí, também quando ele fica aqui em casa ele entra ali pro outro escritório e se tranca ... é homem ... ele se isola da parte de casa e executa seu trabalho de causa... assim a gente não consegue porque o homem ele já é tipo assim naturalmente, né... da personalidade da maioria, né... é que mulher que se vira com filho... com... Comigo, ele só levanta meio-dia e pergunta 'A comida tá pronta?... Tá...'. Come, volta pro seu escritório lá e trabalho... e também o trabalho dele eles exigem que ele fique online né porque eles ficam em demanda de suporte de tecnologia então eles atendem todas as outras pessoas que estão em homeoffice, quando elas demandam ele tem que estar ali no chat tem que estar no Teams, né, ali para fazer essa resposta de imediato e solução... aí eles ficam eles batem ponto... ele bate.eu não bato eu sou funcionária pública então é diferente, né, eu sou funcionária pública com cargo porque outros funcionários públicos também mesmo em homeoffice, né, eles batiam ponto aí depois a gente também teve duas etapas do... dessa parte de home office. O homeoffice a gente tinha que cumprir a carga horária... não é de 8 ao meio-dia e às... cargas ... às 8:00 diárias, né, você tinha que estar ali disponível para a reunião para chamadas online na hora que quisesse... que é o que eu disse que foi mais difícil né 2020 por causa disso, que era um home office, né, aí quando eles mudaram isso para o Teletrabalho para... parte que eles chamam hoje de... eu esqueci... é por por demanda, né... é por demanda. Então eu posso não trabalhar o dia inteiro ou seja eu não preciso trabalhar o dia inteiro mas se eu atender a demanda que eu tenho semanal ou diária eu só não posso passar mais de 24 horas sem fazer digamos assim sem responder e-mail... então eu pego e, por exemplo, eu tenho médico de manhã, tenho alguma coisa para resolver pessoal então eu saio resolvo, aí quando dá duas horas da tarde eu sento trabalho até oito da noite... entrego o que eu tenho que entregar então isso daí melhorou pra gente nesse ponto, quando ele passou a ser por demanda." (Entrevista 24, mulher, 46 anos)

"Então, isso[divisão das tarefas domésticas]... isso vem mudando, né, ao longo do tempo... como a gente tinha empregada e pela minha ausência principalmente em casa quase todo o tempo... antes a gente tinha na empregada um suporte fundamental para as tarefas a serem feitas... isso foi

mudando, né, ao longo do tempo e algum ... aí com a migração também hoje a gente tem a diarista e tal ela não está aqui todo dia ... a gente tem por exemplo o cachorro, o cachorro ele é 80% da demanda tratada pelo meu marido e pela minha filha... é... e quando a gente teve um outro cachorro, 15 anos atrás, ele era praticamente 100% minha atribuição... então essa é uma diferença fundamental ... e cachorro é tratado agora... as coisas da casa... é aquilo... que por exemplo tem uma coisa são as tarefas lá lavar louça eu eu fico pentelhando todo mundo aqui para revezar a lavagem de louça mas na prática 80% sobra para mim ... às vezes meu filho, minha filha... laa-vaam alguma coisa mas não é ... roupa eu cuido do grosso, da questão da roupa de todo mundo... meu filho mais velho gosta de lavar a roupa dele então ele lava pelo menos as roupas mais especiais e tal ... limpeza da casa fica por conta da diarista ... cozinha é bem revezado ... cozinhar ... hoje ela [a diarista] tá aqui, ela cozinha ... tem dias que eu cozinho, tem dias que meu marido cozinha, minha filha às vezes cozinha também... então ... agora, a gestão que é algo que eu defendo muito como um trabalho que parece que não existe mas que consome muito da gente ... o que é gestão? É pensar o que cada um vai fazer ... é acompanhar se está fazendo ou não... é distribuir as atribuições com a diarista, por exemplo, se a desastrada tá fazendo... é prover os insumos para o trabalho acontecer seja o da diarista ou meu ... tem sabão para lavar roupa? Não tem sabão para lavar roupa, quem que compra o sabão?! Quem que paga o sabão?! Trabalho pior... é prioritariamente meu ... mas eu tenho feito um esforço e eu sei que esse esforço deriva muito de toda essa experiência de vida aí de vir para casa e ficar mais em casa ... eu tenho dividido mais com o marido a gestão ... e algumas coisas ele faz o gerenciamento. É, essa parte de insumos antes eu fazia muito... compras antes da pandemia eu fazia muitas compras de casa mas sozinha... hoje a gente faz todas as compras juntos, a gente mudou a operacionalização disso... a gente compra no Atacadão o grosso dos insumos para o mês e a gente sempre vai junto ... isso é ... isso é muito bom ... é, ele hoje é mais participativo nessa parte de gestão e de alguns assuntos a ponto de eu não participar. Então, assim... onde a gente mora hoje a gente tem que tirar o lixo levar embora para um lugar específico x no carro... quase toda vez é ele que tira aí leva ... é isso... não era assim, né, antes disso era com a empregada por exemplo, e a gente tinha uma

facilidade porque era na porta de casa que botava o lixo agora não... é... outras questões enfim... eu não, eu não cuido mais, eu não olho mais do ponto de vista da gestão porque a gente vem aprimorando essa divisão... é de responsabilidade sobre os temas, claro, que dependendo do assunto. A gente se reveza mas melhorou até o diálogo a esse respeito... é ... e eu acho que isso é em função da força da convivência. A gente tem 3 filhos com demandas muito diferentes em função das diferenças geracionais ... [filho mais novo entra no vídeo: você está falando o que é de mim? é aí eu estou vendo tô conversando aqui tô de olho tá tá bom senhor tá depois eu converso com você tá depois eu converso com você é aí ó e você conhece O Poderoso Chefinho do desenho animado ele acha que ele é poderoso ele é é eu não acho aham tá deixa eu terminar aqui] É o que acontece muitas vezes, essa atitude aí, né. E as diferentes atitudes oriundas aí dos diferentes perfis e faixas etárias ... hoje eu além do chamar mais para ele as vezes passo na frente pô dá um tempo pra sua mãe cara vem cá e tira do contexto entendeu isso eu acho que é resultado tanto da gente e não vai tanto da gente conviver mais, ter vivido desafios novos juntos, coisas que a gente não fazia antes pela distância dos trabalhos presenciais durante a semana mas também.. é... de eu largar mão porque eu tendia a ser mais centralizadora e não dá, gente, sem condições... ainda mais estando em casa, tendo que conciliar reunião de trabalho paralelo com cuidado de casa, paralelo com gestão de menino, paralelo com gestão das coisas da casa e da vida... é muita função.” (Entrevista 43, mulher, 46 anos)

Aporte Financeiro vs. Atividades Domésticas

“Como ela dorme até mais tarde, aí eu acordava cinco horas da manhã, né, eu acordo mais cedo, aí eu já aproveito e faço minha caminhada, já faço café. Aí quando ela levanta lá pra nove horas, eu já fiz o café, né, já dei uma arrumadinha ali pra ela né, aí no dia que ela acorda... aí a obrigação ficou pra mim. ‘Você não fez o café ainda?’ [risadas]. Fiquei com essa obrigação do café. E eventualmente também ajudo, faço uma graça com ela, às vezes lavo a louça do café ou da janta, ela vai ver novela e eu vou fazendo a digestão e lavo as louças pra ela, junto as mesas ali, ajudo um pouco. Ela que faz a comida. (...) Olha, o orçamento doméstico é meu, essa parte financeira eu que controlo. Aí eu dou os cartões para ela, que nós temos conta conjunta, né, tem cartão de crédito e tal.

Mas aí, é até mesmo por uma questão de educação financeira, eu dou dois cartões pra ela, né?! É só cartão de débito. Aí nós temos conta conjunta, ela compra o que quiser, entendeu?! Só que assim, Se ela for fazer um... ela tem assim, um limite que ela acha que ela pode comprar, então quando é uma coisa mais cara, aí ela sabe né, se ela deve comprar ou não, aí, se for assim, ela me consulta, entendeu?! Mas aí eu tirei o cartão de crédito, porque... até mesmo por uma questão de educação, né, ela tá se educando. Aí foi uma coisa que eu mudei, tem uns quatro meses... não, tem quase meio ano já. Porque os cartões de crédito ficavam acumulando muitas contas, entendeu, muitas parcelas a perder de vista. Então, quando a pessoa compra à vista... aí ela era a pessoa... quando você divide, é como se você não fosse comprar, mas só que você vai pagar, então aquilo vai acumulando, entendeu?! (...) Não, ela não trabalha, só em casa. Aí, assim, nós temos uma casa lá em Minas Gerais, na cidade onde ela nasceu. Minha esposa, assim, é aquela senhora da roça. Quando nós nos conhecemos eu não tinha muita instrução, e aí depois ela não quis estudar, e eu trilhei nessa área. Mas assim, ela me ajudou muito, apesar dela não ter estudo, mas ela é uma pessoa bem esclarecida, super comunicativa.” (Entrevista 4 - homem, 68 anos, participação financeira 100%, percepção de contribuição doméstica dele 15%)

“Preparar ou servir refeições da família é minha esposa que faz 100% de todas as refeições... limpeza ou cuidado de roupas e sapatos acho que é 70% ela, tá? ... pequenos reparos ou manutenção do domicílio é 100% eu tá ... a empregada que limpa a casa toda, limpa e arruma. Mas cuidar da organização da casa aí é acho que é 50 por cento para cada um, né? E fazer compras e pesquisar preços é 100% da minha mulher, 100% ela. [Vocês têm animais domésticos ou plantas?] Tem um cachorro, um gato, né, e umas plantas também tá então cuidar dos animais e plantas é 70% ela. [E sobre levar filhos para escola/curso, supervisionar a rotina escolar e acompanhar filhos e parentes em consultas médicas?] É 80% da minha mulher. [E gerenciar o orçamento doméstico e atividades cotidianas de empregados?] É 100% minha mulher. [Então, tá. Se você tivesse que dar um percentual geral assim para o todo, as tarefas domésticas, quantos por cento ela e quantos por cento você?] Deixa eu ver, acho que uns 60% para ela, 60 né? 40% eu. (...) [Você é o único responsável financeiro

do domicílio?] Sim. (...) Acho que o significado [de equidade] é procurar não sobrecarregar o outro. [Como você vê essa questão na sua vida hoje?] Eu acredito que não tenha sobrecarga não.”

(Entrevista 15, homem, 49 anos)

“2020 e 2021 foram bem pesadas porque... porque as tarefas de casa continuaram comigo todas, né, basicamente... levar menino, de passar, de lavar roupa, de cuidar ... tudo... é comigo! A parte do meu esposo é assim ... que eu delego... tem que... não posso fazer as coisas dele (...) sempre eu pedi... quando disse que a minha filha nasceu, né, eu deleguei as coisas dele pra ele... tipo lavar a roupa dele, é ele. Passar... ah ele tem tudo o que ele quiser dele... por exemplo, a coberta dele, a toalha dele... é ele que lava... então, assim, as coisas dele, ele que cuida.” (Entrevista 24, mulher, 46 anos, participação financeira 95%)

“Ela acaba fazendo 90% das tarefas [domésticas]. (...) No final de semana ela faz uma geral em casa... ficando comigo a lavagem de louças, cuidar do peixe, varrer e cobrir a cama. (...) Antes da pandemia eu não ajudava, fazia duas horas extra diárias e tivemos um período que trabalhava todos os dias sem descanso. (...) Eu ganho mais porém as despesas são altas... 100% meu salário no orçamento da família. Financeiramente minha esposa gasta muito e sempre me pede para ajudar a pagar as contas dela... Houve redução de renda, aliada a inflação e gastos não essenciais. Isso acabou com minha qualidade de vida... Aumento de salário abaixo da inflação e com imposto de renda e inss, acabei baixando meu salário. (...) [Sobre a distribuição das tarefas domésticas na sua casa, você acha que o percentual atual é o ideal?] Acho que poderia melhorar minha contribuição... porém... tem coisas que ela gosta de fazer, da maneira dela... como a organização.” (Entrevista 30, homem, 45 anos, participação financeira 100%)

Categoria III – Modificações na Dinâmica do Núcleo Familiar vs. Diferentes Significados de

Qualidade de Vida

Impactos Positivos e Negativos da Pandemia

“Muitas pessoas já estavam programadas para aquela rotina de chegar no escritório, bater papo com o coleguinha, aí você precisar resolver alguma coisa você vai na mesa da pessoa, aí depois

você dá uma procrastinada, depois faz o que tem que fazer, para, sai para almoçar, volta. Quando você foi pra casa, muitas vezes não tinha nem um ambiente formatado para que você pudesse cumprir a sua rotina. Então cansei de ver em reuniões criança gritando, barulho de obra... Se você não tem um ambiente formatado, você não tem uma estrutura emocional compatível. Modulação do ambiente não existiu na pandemia. Muitas pessoas pioraram suas relações, ficaram super estressadas, começaram a ficar doentes. Para mim não mudou absolutamente nada. Pelo contrário, melhorou porque menos contato inútil, mas prático... Quando eu preciso resolver alguma coisa, já mando e-mail. Em último caso faz uma reunião, uma chamada de vídeo com a pessoa para resolver essa coisa. Parou aquela conversinha de corredor.” (Entrevista 2, homem, 34 anos)

“É, a minha sensação é que eu tive a minha rotina sequestrada... porque eu deixava as crianças na escola, uma eu buscava meio-dia e outra eu buscava às três horas, eu tinha minha secretária que me auxiliava, aí, começou a pandemia eu fiquei sem secretária com três crianças, tendo que fazer aula e ainda no trabalho. O trabalho, graças a Deus, na área que eu estava, é... assim... deu uma diminuída na demanda que era estudo de viabilidade, projeto, então, com tudo parado não tinha demanda. (...) Assim, a casa foi compartilhada, eu trabalhava na sala e aí montei esse escritório no quarto... e aí, meados do ano passado, a gente montou, eu e meu esposo, outra estação na sala... e um fica trabalhando no quarto e outro na sala. Trabalhar na sala é um pouquinho mais difícil, que é um ambiente compartilhado, mas, as crianças eu deixo mais à vontade, né, porque tadinhas, não dá silêncio, ficam mais quietas, mas a gente se adapta... e eu me adaptei com tranquilidade, que pode estar caindo o mundo que se eu estiver concentrada não percebo nada. (...) Assim, meu esposo sempre me ajudou muito, mas a demanda dele não diminui e não diminui nunca... eu assumi mais coisas em casa, mas meu esposo é muito tranquilo. Ele me ajuda muito.” (Entrevista 18, mulher, 45 anos)

“As duas coisas [doméstico e trabalho] no mesmo ambiente físico foi um fator de muito estresse meu porque quando eu estou no trabalho, eu estou no trabalho... então, assim, como eu acho que deveria ter... eu-estou-no-trabalho... não deveria ser de tarefas domésticas então eu não

tenho que... não tinha que ser demandada por nada que estava acontecendo dentro da casa, porque eu estava dedicando meu tempo ao trabalho... mas não foi o que aconteceu... é um fator de sucesso para mim ... porque para mim naquele momento eu estava ocupada... porque atenção dividida para mim é um fator gerador de estresse. Eu funciono com uma demanda de cada vez... até porque no trabalho não é uma demanda só... No trabalho ele já me exige uma atenção dividida o tempo todo: é participando de várias reuniões ao mesmo tempo, é conversando, estando em uma reunião e participando de outra coisa ... a rotina do meu trabalho ele já é assim ele já é ... não é de você pegar uma atividade no início e com a atividade eu tenho o final então... A rotina do meu trabalho ela já me demanda uma concentração, né... um gasto de energia para eu trabalhar em várias frentes ao mesmo tempo... quando o doméstico vinha junto, somava nisso tendo uma outra frente, era um gerador de estresse certo!” (Entrevista 50, mulher, 43 anos)

“O principal impacto, realmente, foi conciliar atividades de casa com o trabalho em si, porque foi tudo muito novo e a gente se acostumou a trabalhar... em casa. Eu tenho um filho de 9 anos, ele estava na fase de alfabetização e eu ainda trouxe a minha mãe idosa pra morar comigo e dispensei a secretária por conta da pandemia, né, então foi muito difícil, muito sobrecarregado porque durante o dia eu ficava envolvida com o trabalho, com o meu filho, por volta das dezenove horas que eu desligava disso tudo e ia cuidar dos afazeres de casa, né, e aí eu ia até onze horas, meia-noite, às vezes até uma hora da manhã limpando casa. O meu esposo também estava em home-office e tinha ocasião que a gente não conseguia parar pra fazer almoço, a gente tinha que pedir, então, realmente, foi um período muito difícil. O primeiro mês, assim, foi muito difícil, né, porque eu fiz um isolamento bem à risca, vamos dizer, né, eu tinha três pessoas do grupo de risco na minha casa, então, nós realmente ficamos isolados o ano todo e quem saía de casa pra fazer compra quando era a necessidade, era eu... então, assim, foi um ano muito difícil. (...) As tarefas de casa ficaram quando dava e para quem desocupava primeiro... no horário do almoço, se fosse meu esposo, a gente iniciava fazer almoço, geralmente os cuidados com limpeza da casa ficavam comigo mesmo e tinha dia que eu não almoçava, tinha dia que a gente fazia aquela coisa ali mais ou menos pra minha mãe e pro meu

filho, aí, quando eu terminava de fazer o almoço já tinha que entrar em reunião, e foi assim os afazeres... praticamente era um se revezando para fazer o almoço, para fazer o jantar, a limpeza da casa geralmente ficava comigo à noite... no final de semana, a gente, né, conseguiu dividir melhor, eu e meu esposo, porque na verdade assim eu continuei pagando para a minha secretária, eu só realmente deixei ela em casa, né, assim, roupa... eu não passava roupa, mas a gente não saía de casa, então, roupas eu fui guardando porque eu não tinha tempo para passar roupas, a gente lavava roupa praticamente usava, sabe, as mesmas... essa aqui não precisa passar, então, lá vou... (...) A sensação foi de casa cheia, muito cheia... foi mesmo, com as ruas em volta vazias sim, até de carro. Casa cheia porque eu tinha demandas de privacidade que ficaram alteradas, assim, né, eu tinha uma necessidade com minha mãe idosa, eu tinha uma necessidade com uma criança, né, a gente teve que sim, meu esposo trabalhava na área de serviço, eu trabalhando em um quarto, então eu acho que essa sensação de casa cheia foi por isso, porque eram necessidades diferentes, né, demandas diferentes... eu tive situações com minha mãe que não entendia e queria sair, queria atenção e eu não conseguia dar essa atenção porque tinha que voltar para trabalhar, ela não conseguia entender isso... eu fazia o almoço, a gente almoçava e eu já entrava na aula, antes eu não tinha esse tempo, né, e às vezes tinha essa situação de eu ter que parar e atender uma demanda dela que não era uma demanda para o momento, então, assim, a sensação foi de casa cheia acho que por conta dessas situações diferentes que eu tive que administrar, entendeu?! (...) A minha mãe não ajudava, ela não tinha condições, já estava com 77 anos. Era na medida que quando dava um fazia e também não tinha muita cobrança em cima disso não, sabe, é de acordo com a demanda de cada um. Meu esposo até mais demandado do que eu no trabalho, então, as coisas foram acontecendo sabe assim... a pia agora tá cheia de louça, eu estou com tempo ia lá lavava ou agora eu posso... foi mais ou menos assim.” (Entrevista 12, mulher, 45 anos)

“Eu prefiro estar em casa...facilidade que eu tenho, oh, eu tenho toda intolerância à lactose, se dá um piriri aqui eu estou do lado do meu banheiro... lá no trabalho? Lá no trabalho eu tenho um programa que a gente atende aqui, a gente tinha que dar um clique lá pra dizer ‘tô indo ao banheiro’

então, assim... era muito restrito, não tinha privacidade. Aqui, eu não preciso arrumar meu cabelo, eu estou de meia que está um frio danado, eu estou de meia... eu posso ficar embrulhada na coberta se eu quiser e lá no trabalho não, era um ar-condicionado... enfim, eu vivia doente, eu vivia no médico, eu vivia tomando remédio, agora não... e outra, se me der, eu estou no período da menopausa, às vezes eu estou com os hormônios ... fica tudo revirado, e tem dia que dá um sono, por exemplo, bater um sono nove horas da manhã aqui, eu deito aqui na cama e durmo e acordo e continuo o trabalho de novo... eu vou fazer isso lá? Nunca!” (Entrevista 19, mulher, 48 anos)

“O primeiro impacto da pandemia foi isolamento, medo de ficar sozinho, ter que trabalhar de casa sem os colegas, insegurança pois não sabia o que ia acontecer comigo, incerteza. (...) O computador tive que emprestar pro filho, aí fica à toa, começa a pensar besteira, tristeza e aí percebi que não era só eu, começa a conversar com mais gente através do celular que foi o nosso grande aliado. Foi um impacto, insegurança como um todo, na questão do trabalho, da saúde. Eu em casa não tinha estrutura para trabalhar em home-office. (...) A pandemia foi uma experiência muito rica. Nós aprendemos um pouco sobre ter paciência um com o outro, porque ficar confinado causa que meio ficar nervoso, aí perde a paciência um com o outro. Mas também trouxe momentos de alegria como jogar baralho, passamos a conversar mais, mas de repente todo mundo se isolava nos quartos porque era um momento muito tenso. A minha mãe mora sozinha em outra cidade e eu fiquei desesperado com medo dela ficar lá sozinha sem apoio. Aí no período de pós vacinados, não teve ninguém que passou mal, só teve sintomas leves, então, sobrevivemos e saímos fortalecidos da pandemia.” (Entrevista 1, homem, 56 anos)

“Durante a pandemia o principal impacto foi uma mudança completamente imprevista na vida que foi trazer o trabalho para casa... eu nunca tinha trabalhado em home-office, né, e de toda a vida o meu trabalho, vamos dizer, formal, ele foi saindo de casa para trabalhar... e aí, de uma forma não planejada, compulsória... a gente precisou trazer o trabalho para casa! Eu digo a gente porque aqui em casa esse impactou 3 pessoas, né?! Eu, meu marido e meu filho mais velho, que tinha acabado de passar por um processo seletivo de estágio ele ia começar naqueles dias o estágio

presencial e isso acabou empurrando o início do estágio dele 6 meses pra frente ... então, assim, pra mim, né, trazer o trabalho para casa e conviver com esse novo desafio de ter o trabalho acontecendo dentro de casa junto com as coisas de casa... isso aí... foi... é... eu acho que foi, é, tudo decorreu disso, entendeu?! [...] Teve impacto ao longo do período todo... as coisas foram mudando... não é?! ... porque no primeiro a gente tinha uma empregada em casa... ficou um período sem né empregada então teve uma nova forma de lidar com as tarefas entre os membros da casa sim... mas ela não foi isonômica entre os cinco membros da família... [...] a demanda por eles estarem em home schooling foi tensa e intensa... o pequeno estava na educação infantil, a gente acabou tirando ele da escola... porque enviar ... ele estava com 4 do anos em 2020, a gente tentou fazer a sequência, né, online... não teve jeito... tanto pelo aspecto da ... porque por ser educação infantil exigia muito da gente, de mim... é, eu era a adulta que ficava por conta de acompanhá-lo ali e também nas eventuais atividades que tivesse pra ele fazer... eu percebi, eu não tenho perfil para isso, disposição, paciência, né, e... concorria em termos de horário com meu trabalho... então ficou inviável! Chegou depois de uns 2 meses de tentativa... a gente foi lá na escola rescindir o contrato... mas isso não era prudente, saudável pra ele... aí quando virou para o segundo semestre a gente contratou uma professora que vinha em casa ficar com ele e fazer atividades acadêmicas e a físicas e lúdicas... ela funcionava como professora e cuidadora, meio período do turno da tarde... isso funcionou muito bem mas só no ano 2020... aí 21 ele voltou para a escola presente. A minha filha... já no ensino fundamental 2, eu acho que ela foi muito impactada na prática com a migração de todas as aulas pro ambiente online eu não tinha também pela questão do meu trabalho e trabalhar em casa... uma questão de atenção e tal... não tinha condição de dar muito suporte. A escola rapidamente se adaptou... é dá um baita de um mérito, assim, é a essa forma de trabalhar, de usar plataformas e outros recursos digitais... os meninos em geral eu percebi que o ponto de vista de adaptação aos canais também pegaram muito bem agora a concorrência de atenção... a gente se ilude achando que eles vão ter foco total na aula quando na verdade está na aula mas está em 2-3 telas paralelas... estão fazendo chat paralelo... fazendo outras coisas enquanto a aula online está rolando... isso aí a gente colhe impactos disso até

hoje! No desempenho acadêmico, questão de atenção... enfim é foi isso para os meninos... foi isso que eu achei... baita do impacto romper com a coisa do presencial.” (Entrevista 43, mulher, 46 anos)

“Essencialmente criou-se uma rotina de reuniões online, era a reunião demais... eu olho a minha agenda daquele período eu tinha poucas vagas de agenda livre era um negócio impressionante mas era uma característica do projeto que a gente estava trabalhando naquele período ... o ruim para o trabalho funcionar alguém, não fui eu, alguém se dispôs a parar e fazer uma proposição de método de trabalho para aquela circunstância... era umas pessoas já com experiência de teletrabalho então eles trouxeram essa proposição a gente topou e funcionou muito bem ... isso ajudou a gente inclusive a modelar outros trabalhos que foram surgindo a partir dali, né, gente vamos parar e pensar como é que é o quê reorganizou semanal é isso é que você pensa antes propondo e isso traz uma facilidade ai não está funcionando vamos adaptar. E eu me utilizo desses aprendizados até hoje, de parar e pensar um pouquinho antes de propor o modus operandi como o trabalho vai acontecer comparado a experiências que eu vivia quando eu trabalhava 100% presencial... muitas vezes a certeza de você estar no lugar com outra pessoa que você pode acionar a qualquer momento, a gente deixa preguiçoso e planejar o como fazer... ah não a pessoa está ali é certo que eu vou ligar para ela e tirar a dúvida na hora que eu precisar... isso não funciona para todos os trabalhos então trouxe para mim uma noção mais concreta de... de previsibilidade, de disponibilidade das pessoas... se eu preciso, marco uma reunião semanal ou 2 vezes por semana com quem eu preciso conversar sempre ... chegou na véspera ou no dia, ó não tem assunto, desmarca... é melhor fazer isso do que não prevê precisar da agenda da pessoa e não reagendar, entendeu?! O colega com que eu trabalho diretamente fez um comentário na reunião que eu estava antes dessa aqui com você gente só um comentário essa reunião número 501 desse ano... muito... é muita reunião... quando você trabalha presencial você não faz tanta reunião não... reunião na acepção da reunião a isto é uma reunião as pessoas planejam pra ser eu nesse momento uma pauta né é diferente de eu ir lá na sua mesa deixa eu falar um negócio com você se equivale a um telefonema mas quando você vai para o home office muitas vezes você marca a reunião para resolver assunto

que poderia ser um telefonema para conseguir a agenda da pessoa isso não é ruim mas o número de reuniões e o tempo que a gente fica trabalhando em reuniões explodiu ... e aí às vezes passo o dia inteirinho em reuniões das 6-7 horas da noite espera aí que eu tenho que parar para trabalhar agora... reproduzir né ... ó é o distanciamento presencial criou um distanciamento por exemplo eu convivo mais com as pessoas com quem eu desenvolvo trabalhos em função da dos contatos previsíveis, né, há eu tenho reuniões constantes eu tenho assuntos para tratar com essas pessoas com quem eu tenho atividades em desempenho então eu me relacionei mais com essas pessoas aquelas que hoje não estou trabalhando diretamente se eu não for atrás você não forem atrás de me procurar eu não converso com essas pessoas entendeu que é diferente do presencial que você está lá você encontra no cafezinho no corredor no elevador já troca uma ideia do ponto de vista de network convivência o presencial é embatido eu ainda vou já tá eu já estou no híbrido então tipo amanhã eu vou lá na empresa e aí quando eu vou naturalmente se encontra com as pessoas no corredor troca uma ideia fala da vida nutre os relacionamentos o trabalho remoto exige mais da gente para nutrir os relacionamentos.” (Entrevista 43, mulher, 46 anos)

“A qualidade geral é que muitas pessoas não souberam lidar com essa situação. Muitas pessoas já estavam programadas para aquela rotina de chegar no escritório, bater papo com o coleguinha, aí você precisar resolver alguma coisa você vai na mesa da pessoa, aí depois você dá uma procrastinada, depois faz o que tem que fazer, para, sai para almoçar, volta. Quando você foi pra casa, muitas vezes não tinha nem um ambiente formatado para que você pudesse cumprir a sua rotina. Então cansei de ver em reuniões criança gritando, barulho de obra... Se você não tem um ambiente formatado, você não tem uma estrutura emocional compatível. Modulação do ambiente não existiu na pandemia. Muitas pessoas pioraram suas relações, ficaram super estressadas, começaram a ficar doentes. Para mim não mudou absolutamente nada. Pelo contrário, melhorou porque menos contato inútil, mais prático... Quando eu preciso resolver alguma coisa, já mando e-mail. Em último caso faz uma reunião, uma chamada de vídeo com a pessoa para resolver essa coisa. Parou aquela conversinha de corredor.” (Entrevista 2, homem, 34 anos)

“Ai, qualidade de vida ... eu consegui distribuir o meu tempo conforme as atividades que eu tenho de uma forma tranquila. Fica com... com qualidade realmente... então, eu almoçar com calma, é eu descer com a minha cachorrinha sem ter a pressão de ter que voltar aqui, subir, e aí eu consegui organizar minha casa em paz, eu consegui distribuir o meu tempo de uma forma mais tranquila porque eu sou muito agitada e eu fazia as coisas rápido... às vezes eu acabava até me machucando, né, fazendo comida, por exemplo, porque eu tinha pressa. Então qualidade de vida para mim é esse desacelerar... e eu voltar ter esse encontro comigo mesma de uma forma mais tranquila, em paz, conseguir conciliar tudo o que realmente é importante... eu enxergar o que é prioridade, o que é urgente e o que é importante ao longo do meu dia... sem adoecer... porque eu estava adoecida com aquele ritmo que eu vinha, né, tendo e eu percebi que não precisa isso que eu posso ter realmente uma qualidade de vida diferenciada e trabalhando dentro da minha casa sem misturar as coisas, né, sem roubar tempo de um para o outro.” (Entrevista 45, mulher, 48 anos)

“Assim no começo foi até né aquela coisa com umas férias compridas... assim, muito no começo não achei muito estranho não. Depois a coisa começou a ficar muito esquisita... eu acho que pra mulher de modo geral deve ter sido um inferno porque enfim a gente vive num país mega machista, né, que cai tudo nas costas da mãe, né?! Então, assim, isso foi complicado... assim... criança dando confusão, né, não querendo... não tinha escola, não tinha o que fazer, tinha que ficar com a criança, né?! Isso foi! Criança... um pouco para... enfim, foi complicado assim! Mas eu vejo, sim, aí... porque vida acabou que eu tive que ficar cozinhando pro meu marido... ele cozinha mas ele cozinha, na verdade, ele não cozinha... o que ele faz é de qualquer coisa que ele vai comer ... eu detesto isso... pra mim, de comer, comida tem que ter cara de comida, entendeu?! Então, assim, eu fiquei com sobrecargas... de ter que ficar me... cuidando de criança... cuidando de comida... coisa que eu falei... no meu normal não é mais do que... mas... é fora todo o resto, né?! Cuidar da casa, assim, em questão de limpeza também... ficou com a gente mas aí ele dividia um pouco melhor comigo. Mas assim ... pois é! (...) Durante todo o tempo, tipo aí está... eu assumi a coisa da unidade e fiquei com vida tipo... acho bom cozinhar até ... mas ter essa função foi difícil, entendeu?! Assim tem que ficar

pensando... é coisa de que toda mulher acaba que assume, né?! O que eu fico brincando que o casamento para homem no Brasil ele arruma empregada muito boa, né, a governança... sim, gente! Professora, cuida de tudo... e é isso aí ... enfim, não sei. Sei lá, eu desconheço ter algum casal que consegue ver esse papel muito cedo, assim, acho que estou pra conhecer... mas isso ainda há ou se o cara for Hero assim e aí ele cozinha muito bem em casa também mas não... mas assim, eu vejo que a mulher é quem segura o tranco de arrumar tudo na casa, né?! Saber que tem que comprar leite, tem que comprar suco, tem que comprar sabão, tem que, né... o dia da faxina ... isso aí, não sei... eu acho que isso é tudo com mulher! E se você tem filhos, eu tenho uma filha só ... só que na época ela estava com o pai quando começou a pandemia ela estava com de 4 anos, coitada, a minha filha em creche de repente, do nada, ela não... ela tinha que estar em casa... e não podia... ela sempre foi ótima essa coisa de socialização e tal, nunca teve problema mas aí começou... pois é ficar sozinho em casa com a gente... muita televisão... mas foi o que que aconteceu, né?! (...) Sei lá, acho que ele ficava um pouco com ela ... assim... mas ... ele tipo assim, cara, sei lá... coisas do Brasil... eternamente... não sei, pro homem trabalhar sempre é a prioridade, mulher se vira, né?! Então era meio na época da pandemia foi muito difícil assim hoje em dia ela voltou para a realidade na normal de ir para a escola, está bem mais tranquilo, né?!” (Entrevista 47, mulher, 45 anos)

“Praticamente para todo mundo conviver num apartamento pequeno aqui no sudoeste com 2 quartos e eu tinha que utilizar a mídia, né, processos pelo computador... a minha esposa também, a minha filha estudar também ... eram 3 pessoas ligando equipamento dentro de casa... teve que fazer um upgrade na rede de telefonia, né, de internet... os ambientes tinham que ser subdivididos, né, repartilhados... eu tinha que ficar na sala 1 hora, outra hora minha filha no quarto dela, minha esposa no quarto ... então foi uma confusão danada e isso teve um impacto muito sério e a gente teve que se se é reestruturar familiarmente. Aí teve um impacto financeiro, né, nisso tudo que a gente teve que investir em outras coisas mas depois sobrava dinheiro para nós... o que a gente tinha... por exemplo, a gente gastava dinheiro com transporte, gastava dinheiro com alimentação fora ... começou a economizar dentro de casa, né, então sobrou dinheiro para umas coisas... teve que investir

a princípio um computador mais eficiente... mais pra minha filha... e por aí vai... então mudou tudo completamente todo o processo de vida dentro de casa, fora de casa, né... passamos a conviver mais juntos... tem também seus stresses, né, iniciais ... pô, uma coisa você estar 3-4 horas por dia com... de convivência... de repente você passou 24 horas dentro de casa ... é bom... é... mas tem um lado ruim, tem adaptação, né... eu soube colegas meus que se separaram no meio da pandemia, de repente aquilo, né, mudou tanto que o cara não aguentou nem conviver mais com a mulher... imagina... nem a mulher com ele... se existe algum problema de relacionamento, negócio exacerbou ... e por aí vai.”

(Entrevista 23, homem, 52 anos)

“O meu sentimento, assim, maior foi mais ou menos lá pro início de abril de 2020 quando eu saí da minha sala e fui para o terminal de passageiros lá no aeroporto de Londrina e a gente não tinha ninguém nenhuma viva alma ... então, eu cheguei, sentei no meio do terminal do TPS sentei numa longarina lá e chorei ... porque é difícil de você ver um aeroporto que é um ponto de encontros vidas, idas e vindas, desencontros de pessoas... é esperança das pessoas poderem pegar um avião ir para muito longe e você vê um aeroporto vazio, sem nada ... a quantidade de pessoas dependendo daquele emprego e a gente entendeu o que é um sistema da aviação civil ... o que é um aeroporto ... e você não ter mais isso ... aí se sair assim pra fora TPS [terminal de passageiros], olhar você não vê um ônibus, você não vê um táxi, você vê as ruas desertas ... então, me deu um sentimento, assim... de... de desespero ... no sentido, assim, é... até quando isso vai... o que que vai acontecer?! Isso realmente está acontecendo?! Porque na história... nossa, eu nunca tinha imaginado que um país pudesse parar tal qual ocorreu na pandemia ... então meu sentimento foi de desespero, de desalento... naquele momento de ver a situação como estava. (...) Quando eu saí da operação para vir para trabalhar no administrativo eu já pensei na minha mesa... como é que eu iria trabalhar? Meu computador... lá na operação eu trabalhava com 3 telas, hoje estou trabalhando com computador, então, eu comecei a trabalhar um pouquinho assim meu psicológico no sentido de que eu não iria ter o mesmo rendimento e as mesmas ferramentas à disposição para desempenhar o meu trabalho... é, esse foi o início... agora, se me perguntar, assim... está tudo correndo assim maravilhosamente bem?

Não! A cabeça da gente às vezes não acompanha aquilo que você faz dentro do planejamento... eu sinto um certo desalento, um certo desespero de não produzir tanto quanto eu conseguia produzir quando estava na operação... quando eu estava na ativa, é... atendendo pessoas ...é, dentro de um aeroporto ... indo na pista, vendo as questões... segurança operacional ... era muito dinâmico... então esse dinamismo que você tem quando você está na ponta na operação a gente não tem em teletrabalho... você não vê, assim, um produto claro ao final do trabalho. Claro, você faz várias entregas, né, mas parece sempre que tem um delay em relação aquilo que que a gente fazia na operação... hoje trabalho por demanda.” (Entrevista 32, mulher, 53 anos)

“Acho que tem impacto negativo... no presencial, em caso de dúvidas, perguntava aos colegas e já era prontamente respondido... no telerabalho, tem vezes que fico sem resposta.(...) Foi complicado no início conciliar criança em casa, com o serviço tem vezes que continua difícil concluir uma atividade por depender de outros colegas ou dúvidas em algum assunto. No início da pandemia cuidando de criança que não dorme cedo e com dificuldade em se alimentar perdia muito tempo tendo que alguns dias específicos trabalhar até tarde da noite para compensar. [As tarefas domésticas foram redistribuídas?] Pior que não... e tivemos outros problemas que tem impacto até hoje... O meu sogro teve COVID duas vezes e acabou falecendo no aniversário da minha esposa. Ela engravidou e perdemos a criança 2 meses depois, já estava com mais de 6 meses não pudemos sepultar. [Momento difícil. Meus sentimentos pela perda.] O meu filho ficou traumatizado criando crise de pânico e estresse. A minha esposa está depressiva e com compulsão de compras...”

(Entrevista 30, homem, 45anos)

Aprendizados em Relacionamentos

“É, assim, acho que o maior choque que teve foi, assim, foi daquelas coisas, né, assim, por exemplo, assim... a minha esposa... ela já estava acostumada, né, a estar sozinha com o meu filho dentro de casa, e até o dia a dia dela ali já, né?! Aí quando eu vim pra dentro de casa, né, aí assim, por exemplo, meio que alterou, né, o dia a dia dela... aí a gente teve esse choque inicial, mas aí a gente foi se adequando, né?! (...) Então, por exemplo, nessa época a gente tava num apartamento,

né. Aí... eu acho, né, que até por conta da pandemia, que achava ali muito fechado... a minha esposa cismou que ela queria mudar para uma casa, né. Aí a gente foi e acabou mudando pra uma casa. É assim, mas assim, por exemplo... o meu filho, ele ficava muito preso dentro de casa, né, então ele queria sair. Aí você fala não, por exemplo, não vai poder sair agora né porque a gente tá numa pandemia... né, então, assim, ele foi quem eu acho que sentiu mais, tá? Por que? Porque ele queria brincar, né?! E não podia... sair de casa. (...) Por exemplo, assim, até nesse ponto, né, quem ajudou mais foi a minha esposa, né, que ela é pedagoga... Porque, assim, eles estavam tendo muita aula online, né? E a criança, ela não tem aquele foco feito a gente tem, né, quando acha no computador, ela tá indo na aula ali mas é... tá li... né, assim, por exemplo... [pensa] ela tá pensando em outra coisa. Ela tá ali na aula mas ela tá ali mexendo no mouse ali, mexendo em outra coisa, né, então assim... a gente tinha sempre que tá junto ali, né? Pra poder manter o foco. Né, assim, por exemplo, a nossa maior dificuldade foi essa, porque assim, por exemplo, não é só chegar 'Oh, a sua aula online começou... aí você senta aí e fica assistindo aula aí'. Não, a gente tinha que estar ali perto, ali para ele não perder o foco. (...) É... pra quem não fazia nada [ri levemente], aumentou [o tempo gasto com tarefas domésticas], né?! [gargalha].(...) É assim... por exemplo, oh... né... o que nisso tudo, né, eu tive que cooperar mais dentro de casa... né? E, né, a minha percepção de qualidade de vida, ela melhorou.” (Entrevista 5 - homem)

“No início a gente ficava muito em casa e não podia sair efetivamente, né, porque a gente tinha medo de ir ao mercado, tinha que inclusive lavar tudo que vinha de mercado, então, tinha medo da doença, enfim, né, da pandemia. E, claro, uma relação um tanto complicada... a gente vivia só com a família e até essa relação começar a mudar um pouco, né, porque assim, a vida inteira tu te relaciona com a tua família em determinados momentos e de repente isso virou o dia inteiro, né, então, vão se apresentar diversas situações, né, que a gente não está acostumado e tem que aprender a lidar com essa questão, né... a gente tem aqui em casa, por exemplo, sou eu, minha esposa e uma filha [de 12 anos à época], né, que também estava estudando em casa, então, aí começa assim, pedindo toda hora ajuda para as tarefas escolares e com isso a gente tinha que

interromper o trabalho, né, então, isso complica muito... e aí, tu tu tem que juntar esse negócio de tu tá em casa e ainda tem o serviço da casa pra fazer, então, tem que cozinhar, e tem que limpar, e coisa ... até a gente se organizar para que uma coisa não atrapalhe a outra, eu acho que levou algum tempo, né, para fazer então, assim... em casa foi bem complicadinho. Hoje, eu vou te dizer, assim, depois desse tempo todo, assim, a gente já está muito mais acostumado em casa do que efetivamente no trabalho presencial. (...) Durante a pandemia, não vou dizer pela família, tá?! , vou te falar por mim, eu tinha uma sensação mais de solidão do que de muita gente, entendeu né?! Porque bem ou mal, quando tu vai no trabalho, tu enxerga gente, tu conversa com pessoas, ou ... não que a gente não esteja conversando agora, por exemplo, mas no início da pandemia esse tipo de conversa não era a mesma coisa que uma conversa olho no olho, um aperto de mão, né?! A gente saía pro almoço, tu ia num restaurante, voltava... então tu te movimentava um pouco mais, enxergava mais pessoas. Situações diferentes, daqui a pouco tinha um casal discutindo no restaurante, entendeu, são coisas diferentes que aconteciam, no home-office se caiu numa mesmice, né, porque o que acontece no dia a dia sempre igual, né, é muito difícil acontecer alguma coisa diferente assim, num ambiente de home-office, né?! (...) Hoje, se eu tivesse que voltar para o presencial, eu não teria grandes problemas, né, de voltar presencial. Eu só acho que a empresa não quer perder, porque eu trabalho muito mais em casa do que se eu tivesse no ambiente de trabalho presencial, né.” (Entrevista 10, homem, 58 anos)

“Na minha opinião isso [as relações] foi a coisa mais chata porque eu sou muito comunicativo. É bom com os colegas de trabalho, a gente se dá bem, a gente brinca bastante dentro do que pode brincar. A gente troca ideia, trabalha junto, um ajuda o outro. Eu mesmo tenho dificuldade com informática porque eu já tenho 56 anos e não tenho a facilidade que um jovem tem. Quando eu estou aqui, porque nesse momento eu estou no aeroporto, eu fico híbrido de manhã em casa e a tarde no aeroporto. Então quando estou aqui e tenho alguma dificuldade, eu chamo um jovem muito mais safo que eu ele me ajuda. Já em casa eu fico sem condições, minha esposa não sabe também. Meus filhos já estão todos trabalhando agora no presencial e eu fico sozinho lá sem

saber me virar. Então, se eu pudesse escolher, eu trabalharia 100% no presencial por conta dos meus colegas, distrai mais, eu passo momentos agradáveis. Em casa não, em casa sou só eu e a minha esposa. Não é que seja ruim, mas aqui você tem mais contato. As relações interpessoais acontecem. A sociedade vai ter que estudar uma maneira de criar mecanismos das pessoas que trabalham em home-office ter obrigação de sair de casa uma hora para fazer convivência social se não vai ficar complicado. Lá em casa eu não tenho estação de trabalho, eu trabalho numa mesa de jantar. (...) Não... [não houve acordo quanto a divisão de tarefas]. Sim, como nós estávamos em casa, nós passamos a colaborar com os afazeres. Então a gente ajudava, assim, a minha esposa a fazer o almoço, a lavar uma louça... e também na limpeza da casa. Até nossa colaboradora que era uma pessoa idosa que ia lá uma vez na semana, nós cortamos com medo de contágio.” (Entrevista 1, homem, 56 anos)

“Intensificou a convivência, né, a gente era muito acostumada a passar boa parte dos dias ... é... fisicamente distantes por causa do meu trabalho presencial, do trabalho do meu marido que tem presencial e não tem ... ele já trabalhava parte do tempo de casa, né, então os meninos em casa o tempo todo causou alguns conflitos ... principalmente lá no início e tal ... mas nada nada grave ... acho que fez até bem pra gente enquanto... convivência familiar... de ficar mais tempo junto... naturalmente é... surgiram em alguns contextos alguns conflitos... ah, fulano está muito tempo no quarto... principalmente a filha não é adolescente é o meu filho que já é adulto que estava na faculdade ele já ficava... e passou a ficar muito tempo no quarto porque ele trabalha no quarto dele... mas nada que, assim... isso, pelo menos para mim, não é uma questão... é, em muitos aspectos isso ... é... foi positivo... porque a gente conseguiu tirar de letra essa coisa da convivência... eu eu sei de relatos né de outras famílias em que isso virou uma questão, né... ficasse esbarrando... delicada, estresse ... não sei o que... não, a gente acho que conseguiu levar essa parte numa boa ... a gente passou a cozinhar mais juntos... a gente passou a ter uma atenção compartilhada sobre as coisas da casa e do cuidado um pouco maior ... mesmo a divisão de tarefas não sendo isonômica que eu falei, por exemplo, surgiu um sexto elemento na família que é o cachorro, né, no meio da pandemia... é, eu

não sou a principal cuidadora do cachorro ... isso é fruto de mudanças de posicionamento minhas ... de não assumir ao mesmo tempo deles estando em casa... reconhecerem que não quiseram o cachorro?! Então cuida do cachorro, entendeu?!” (Entrevista 43, mulher, 46 anos)

“A pandemia ela fez com que a gente... é... entendesse... desse mais valor às pequenas coisas que a gente fazia de forma muito é automática... então, foi onde a gente conseguiu ver onde... o estilo de vida de cada um, as manias de cada um e o cuidado que você com que tem com cada um, as suas relações e tudo mais. Ah, tudo o que tinha de qualidades ressaltou pro lado positivo ... e tudo o que tinha de defeitos, falhas e gaps... aí, nas relações se destacaram, né... então, foi um esforço muito grande para as pessoas se adaptarem, né... eu costumo dizer o pessoal diz: ‘ah, você se separou da sua mulher por causa da pandemia?’ Disse, não, não... aquilo já era já era uma construção, já era uma relação nossa que a gente já vinha discutindo ... a pandemia não interferiu diretamente nisso, né, mas muito pelo contrário... a gente viu as qualidades do outro se ressaltar e de companheirismo, de conversar, de estar mais tempo juntos, e, viu também algumas... alguns gaps... a gente precisava, né, melhorar como pessoa, então, as relações... se que eram boas tornaram se mais sólidas... de relações que eram ruins, né, as pessoas descartaram... porque a pandemia não deixou muito espaço para você ficar nutrindo coisas negativas... e ao passo de as coisas positivas ressaltaram... então, em resumo, o que tinha de bom, ficou melhor... o que tinha de ruim, piorou. Então, é... é um... é uma fase... foi uma fase da vida da gente em que a gente conseguiu visualizar melhor o que tinha de bom e o que tinha de ruim... então, foi muito analisado... muito grande... as amizades verdadeiras e se solidificaram... os problemáticos apareceram mais... ainda quem era, quem era problemático ficou mais problemática ainda... quem era de apoiar, demonstrou maior apoio, né... eu vi grupos se organizando para ajudar terceiros que nem conheciam... pessoas que eram isoladas se isolaram mais ainda, recrudesceram ... então, é... tudo na crise a gente vê ressaltar, as características de cada um, então, na verdade, nada muda... só a lupa que aumentou... a gente enxergar isso mais nas pessoas.”

(Entrevista 23, homem, 52 anos)

Qualidade De Vida: Aspecto Físico (Saúde e Bem-Estar), Aspecto Relacional (Família e Laços Sociais – Trabalho/Amigos) e Aspecto Ambiental (Infraestrutura e Segurança)

“[Qualidade de vida] é o poder de ter escolhas, e ter contato com a natureza, ter tempo pra se cuidar.” (Entrevista 20, mulher, 42 anos)

“Olha, qualidade de vida é justamente poder estar bem consigo mesmo e poder sim ter autonomia na vida, isso é qualidade de vida pra mim... autonomia é a palavra.” (Entrevista 6, homem, 51 anos)

“Qualidade de vida é você... é um ambiente confortável, seguro para viver... é você ter acesso a sua alimentação... você tem acesso a alguns bens culturais que lhe dão prazer como livros, música e televisão... é... filmes, cinema... você ter boas relações afetivas... é... esposa, relações afetivas... segurança... é... financeira... e atividades prazerosas, ter prazer nas suas atividades diárias, eu acho.” (Entrevista 22, homem, 40 anos, participação financeira 30-35%)

“A saúde, principalmente, é a qualidade de vida pra mim. Se você tiver saúde, você está bem, você está feliz, você está tranquilo, você dorme bem, você acorda bem... É... a equidade... é... não... é difícil, né... porque cada um tem o seu lado e acha que está fazendo a sua parte, né, que está igual. Então, eu tenho a sensação de que tenho muitas tarefas, muito mais de que, no caso, né, meu marido, mas eu tenho também consciência de que eu tenho um controle melhor de tudo isso, então, pra mim fica leve... não é peso mas é uma carga maior, né, eu tenho uma carga maior sim mas não chega a ser peso porque eu tenho consciência dessa carga e eu faço com leveza porque quem comanda o pensamento sou eu, então, eu tenho consciência que eu fico assim, eu tenho meu livrinho de controle e tal. Mas se eu não fizer isso, pode ser que a gente, ou ele, se perca porque não tem essa facilidade e eu entendo isso dele, nem todo mundo sabe tudo, assim como ele tem facilidade para outros detalhes que eu não tenho. O ideal [na divisão das tarefas domésticas] seria 50% a 50% mas na prática, como na arte, não é assim... geralmente no geral em tudo está assim, 80% pra mim e 20% pra ele, entende? (...) Eu gerencio 100% [do orçamento doméstico] desde que nos casamos, há 38 anos, que é só colocar o alerta aqui, se ele deu um recado que está acabando, pode ficar, eu providencio a reposição. Ele

contribui [financeiramente] acho que 80% e eu 20%. (...) Antes eu fazia tudo, assim, nos dias de folga... e agora não. Agora, eu antes de começar a trabalhar coloco a roupa pra bater, então, agora está... bem diluído... meu trabalho... e meu marido ajuda sim: quando ele não está fora, ele ajuda... a gente acaba de almoçar, eu venho trabalhar e ele lava a louça, deixa em ordem lá e, às vezes ele traz um café para mim se eu estou aqui enrolada.” (Entrevista 8, mulher, 61 anos, participação financeira 20%)

“Interessante porque teve um lado bom, que eu fiquei um tempo ... pude dedicar a praticar, por exemplo, exercício físico, que eu gosto de transpirar. Então, como eu não podia sair pra rua, eu fazia exercício no meu quintal, tomava sol todos os dias, almoçava no horário certo, ajudava minha esposa a fazer almoço, uma comidinha mais saudável, mesmo assim preocupado com a balança e engordando. Mas como eu te disse eu tenho minha casa confortável, fazia meu exercício pela manhã, tomava todo dia meu sol – vitamina D, dormia depois do almoço, adoro uma rede – sou nordestino. A única tristeza era não poder passear, sair de casa... ficar confinado, essa é a palavra.(...) Qualidade de vida é ter tempo pra mim, morar num ambiente saudável, saúde e paz.” (Entrevista 1, homem, 56 anos)

Investimento em Si Mesmo

“Eu acho que eu gastava umas duas horas [de casa para o trabalho, ida e volta]. Sabe, eu acho que eu consigo fazer uma atividade física e eu fico tentando... porque isso foi uma coisa que eu reivindiquei para mim mesma, sabe, pelo menos uma hora do dia ... para mim! Justamente eu, como vou pegar esse tempo? Eu vou jogar pra casa, né, e para a família... ou, para o trabalho. E aí eu não consigo inserir uma atividade física, eu não consegui fazer de jeito nenhum.” (Entrevista 9, mulher, 39 anos)

“Final de semana, a gente... eu fico, né... basicamente eu reservo. Eu tenho algumas atividades que eu gosto de fazer pra mim, né, pra prazerosas pra mim... então, oh reserva uns 15 minutos por dia para ler e mais uns 15 minutos para tocar um instrumento musical que eu estou aprendendo... aí fora isso, quando eu consigo fazer isso ótimo, mas fora isso... no fim de semana...

não é... não é afazer doméstico... mas é voltado para a filha... pra bebê... é Pra Ficar Com Ela, entende?! Em um segundo está dormindo, às vezes tira uma soneca à tarde... aí eu ia lá e como fazer essas coisas que eu disse ou então assistir um filme? Só pra esclarecer, nós não temos babá nem empregada fim de semana, não tem babá nem diarista ... nada! Fim de semana somos só nós então ... é pra Luiza. [...] Oh, é difícil avaliar porque é porque aumentou [tempo de afazeres domésticos], aumentou muito ... porque por causa também do crescimento da minha filha, como eu disse, antes ela era um bebê era um bebezinho então ela exigia menos ... menos de nós, menos novamente e a minha esposa também estava em licença maternidade e passava mais tempo com ela ... agora isso é mais bem mais dividido mas acho que não por causa da pandemia porque eu já estava em teletrabalho quando eu trabalhava no escritório mesmo aí eu acho que tinha uma diferença porque as coisas eram mais programadas, eu fazia feira mas eu fazia feira ou no fim de semana ou então uma vez por semana à noite agora eu acho que parece que eu tenho a sensação que eu faço feira todo dia porque eu não faço feira grande ... porque por aplicativo... mas todo dia eu tô comprando alguma coisa e sempre no horário do trabalho, sempre durante o dia, então, acho que está... trabalho... atrapalha mais.” (Entrevista 22, homem, 40 anos, participação financeira 30-35%)

Mudanças para o Pós-Pandemia

“No âmbito doméstico, né, em especial na casa, é..., na verdade... como eu estou em casa... é... eu acabo ajudando minha esposa, eventualmente. O meu filho, então, por exemplo, eu levo e busco na escola... então, esses... é... teve essa mudança de rotina, mas em si foi absolutamente tranquilo... não teve... não teve... grandes impactos não, tá?! (...) Você diz essas tarefas domésticas? Isso na verdade não teve muita alteração. Eu sou um faz tudo, né, então eventualmente preciso consertar alguma coisa, eu conserto. A única diferença, lógico, é que o que eu destinava para final de semana às vezes eu consigo fazer alguma coisinha rápida, mesmo estando em teletrabalho... não... consigo fazer uma coisinha rápida em casa... mas assim... as tarefas domésticas... é ajudar a varrer alguma coisa... assim sim... isso eu sempre... isso é comum entre a gente. (...) A divisão de tarefas

continua a mesma, minha esposa já fazia [o almoço] pra ela e pro meu filho, agora só aumentou um prato a mais.” (Entrevista 17, homem, 48 anos)

“O fato de eu não ter voltado para o trabalho de presencial ... é ... coloca para mim esse elemento... ter a possibilidade de trabalhar de casa como um baita diferencial para possíveis tomadas de decisão ... eu abri mão de uma oportunidade de trabalho esse ano que me levaria a voltar para o presencial todos os dias por causa disso! Não foi o único fator, né, claro que teve coisas relacionadas a eu não ia ter ganho salarial... o assunto lá dessa oportunidade que surgiu... me era muito interessante... agora o fato de eu ter que trabalhar presencial pesou muito para descartar logo a oportunidade então... então é... independente dos desafios, funciona muito pra mim poder ficar mais tempo em casa. [...] Quanto ao espaço físico de casa, sim, a gente já tinha um Mini escritório porque o meu marido sempre manteve esse espaço toda a vida porque parte do trabalho dele ele sempre fez de casa, só que a gente precisou incrementar isso ... então, é porque eu passei a trabalhar 100% em teletrabalho e depois do fim das restrições eu adotei hoje estou em teletrabalho, né?! Então, assim, esse ambiente de escritório duplicou de tamanho, a gente hoje tem 2 espaços, né, pra isso, e o quarto do meu filho já pela idade dele e tudo, e, por ele começar a estagiar, também passou por uma adaptação para poder comportar o notebook dele, local dele de trabalho, então hoje a gente tem 3 Mini escritórios em casa.” (Entrevista 43, mulher, 46 anos)

“Hoje o meu contrato de trabalho... eu estou em home office... pra mim foi excelente porque se não fosse isso eu teria que eu estaria lotado em Brasília e a minha família aqui em Fortaleza. Eu tenho... a essa altura eu teria que ter saído da empresa ou então teria buscado uma sessão para algum órgão público aqui em Fortaleza e teria repercussões até financeiras para mim então nesse aspecto o home office é excelente: um pra como qualidade do trabalho, produtividade eu acho péssimo... eu preferia trabalhar no escritório. Eu gostava... começar... advogado inclusive eu gostava da... me arrumar para o trabalho... de colocar o paletó, gravata, de pegar o carro e dirigir pro trabalho e chega lá conversar com os colegas e sentar na minha na minha... meu computador, na minha mesa de trabalho e passar a manhã trabalhando e só parar na hora do almoço... depois voltar

trabalhar à tarde... eu gostava dessa rotina. Achava muito mais produtivo... é... muito mais prazeroso o trabalho presencial na empresa ... eu acho difícil me concentrar ... eu já tenho esse problema que foi diagnosticado né de TDHA aí em casa é muito mais difícil me concentrar tem muita interrupção... é... tem as tentações da casa com a televisão, a geladeira, sofá ... é mais difícil me concentrar... e trazem muitas interrupções que o meu trabalho sofre.” (Entrevista 22, homem, 40 anos, participação financeira 30-35%)

“Aí no final eu fico aqui trabalho de domingo a domingo sem horário sabe 3 turnos e tem o problema da família também... com uma família... viver em casa, né, então já tem que levar uma pessoa ali na escola, buscar ... e aí eu estou aqui em casa mesmo, né, então eu... eu faço esse trabalho! Então, assim, eu sou obrigado a parar meu trabalho para fazer coisas da casa também... então, assim, acaba que a gente fica disponível dentro de casa, né, como se... se eu tivesse aqui com meus filhos chamando, essa que eu trabalhando, né, então o que acontece ... eu não tenho um horário. Igual, não é no sistema normal ... sim, se você tem horário comercial, fora do horário comercial você faz suas coisas... aqui não, é tudo misturado... então, agora eu faço minhas coisas particulares dentro do horário comercial e no horário que deveria ser um horário que eu descanso, eu faço os trabalhos ... então existe mais horário... então... e aí, essa fase adaptação está muito difícil, mas, assim... Eu Acredito que no futuro vai melhorar, entendeu, eu acho, assim, comparando trabalhar presencial, trabalhar em home-office, eu prefiro trabalhar em home office... não é que... é muito mais flexível... assim, justamente por isso também, né, às vezes eu, alguém da família precisa, é preciso ir no hospital, precisa de uma ... de um auxílio, a gente vai rapidamente lá e já resolve tudo ... não precisa ficar preocupado, né, então a gente foi dando mais atenção para a família o tempo todo né.” (Entrevista 49, homem, 62 anos)